

PQ
9698.3
A65
A64
2001
Main

UNIVERSITY OF ARIZONA LIBRARY



3 9001 04192 3866

ADMIRÁVEL BRASIL NOVO

Ruy Tapioca

Rocco

Algumas pessoas, ao envelhecerem, apresentam exacerbações de traços desde sempre manifestos em suas personalidades: aprofundamento de angústias e preocupações; exagero de manhas e manias. Será que o mesmo pode acontecer a uma sociedade?

Brasil, 2045. Como será?

O excesso de carros e a conseqüente falta de vagas transformam a Lagoa Rodrigo de Freitas em estacionamento, a escassez de moradia faz surgir uma selva de prédios no lugar do Parque do Flamengo. O descaso com o meio ambiente leva à obrigatoriedade do uso de máscaras de oxigênio na ponte Rio-Niterói e o descaso com a qualidade dos programas de TV cria o vício pela mediocridade. Só as "nádegas cantantes" e as dançarinas de bundançaxé têm seu futuro assegurado, e há mais "inocupacionais" e vendedores ambulantes nas ruas do que possíveis fregueses.

Elementos presentes no ano 2000 em nosso país chegam ao extremo nesta acre alegoria de Ruy Tapioca.

Não é uma visão otimista, ao contrário, mas preenche de humor e sarcasmo, inteligentemente contrapontuada pela citação de trechos de *Brasil, país do futuro*, de Stefan Zweig. As possibilidades então vislumbradas por Zweig jamais se manifestaram. E quanto a estas que nos são aqui apresentadas?

ADMIRÁVEL
BRASIL
= NOVO =

Ruy Tapioca

ADMIRÁVEL
BRASIL
= NOVO =

Rocco

Rio de Janeiro — 2001

Copyright © 2001 by Ruy Tapioca

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Rodrigo Silva, 26 – 5º andar
20011-040 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: 507-2000 – Fax: 507-2244
e-mail: rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
ELISABETH LISSOVSKY

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T176a Tapioca, Ruy, 1947-
Admirável Brasil novo: romance / Ruy Tapioca. – Rio de
Janeiro: Rocco, 2001

ISBN 85-325-1230-5

1. Romance brasileiro. I. Título.

01-0092

CDD - 869.93
CDU - 869.0(81)-3

Para Tânia, Renata e Roberta,
é claro.



Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural,
nada deve parecer impossível de mudar.

Nada é impossível mudar – *Bertolt Brecht**

Estranhem o que não for estranho.
Tomem por inexplicável o habitual.
Sintam-se perplexos ante o cotidiano.
Tratem de achar um remédio para o abuso.
Mas não se esqueçam
de que o abuso é sempre a regra.

A exceção e a regra – *Bertolt Brecht**

* *Bertolt Brecht. Antologia poética.* Seleção e tradução de Edmundo Moniz. Rio de Janeiro: Elo Editora e Distribuição Ltda., 2ª edição, 1982.

*“Un pays nouveau, un port magnifique, l'éloignement de la mesquine Europe. Un nouvel horizon politique, une terre d'avenir et un passé presque inconnu qui invite l'homme d'étude à des recherches, une nature splendide et le contact avec des idées exotiques nouvelles.”**

(O diplomata austríaco Conde Prokresch Osten a Gobineau, em 1868, quando este hesitava aceitar o posto de ministro no Brasil)

Apud: ZWEIG, Stefan. *Brasil, país do futuro*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1941.

* “Um país novo, um porte magnífico, afastado da mesquinha Europa. Um horizonte político recente, uma terra do futuro com um passado quase desconhecido que convida os homens de estudos às pesquisas, uma natureza esplêndida e o contato com idéias exóticas modernas.”

1

UM FARTUM NAUSEABUNDO DESPERTOU O JORNALISTA Lázaro das Dores, antes do horário habitual, em cinzenta manhã de outono do Ano da Graça (ou da Desgraça, como ele preferia) de 2045. A inhaca, pestilencial, invadiu o quarto de dormir pela porta entreaberta do terraço que dava frente para a enseada de Botafogo. Ainda deitado, Lázaro estremeceu, careteou um esgar de nojo, preguiçou os dedos dos pés, esfregou os bugalhos com os nós dos indicadores, e praguejou baixinho — todas as manhãs, antes de levantar-se, costumava ficar entredormido na cama, entregue aos entressonhos, manhosando entre o real e o imaginário, devaneando na fronteira do consciente com o inconsciente, retardando, ao máximo, livrar-se do torpor. No átimo de tempo que antecedia o despertar, via-se envolvido, freqüentemente, no epílogo de um pesadelo recorrente, que há muito o perseguia: arrastavam-no, à força, seguro pelos braços, e depois erguiam o seu corpo, à beira de um abismo escarpado, onde o mar encrespado, no fundo abissal, espatifava-se contra as falésias maciças do que parecia ser um rochedo; ao longe, ele ouvia, perceptivelmente, o fragor dos metais de uma fanfarra que executava os acordes finais do Hino Nacional Brasileiro; nesse ínterim, sentia o corpo projetar-se no espaço, em queda vertiginosa sobre o oceano profundo; sobrevinha-lhe, então, insuportável sensação de enjôo e irreprimível ânsia de vômito. Antes de expelir a vomição, acordava, sobressaltado, suarento.

A mulher, deitada ao lado, ressonava mais ruidosamente que o normal. O ronco da turbina de um turbocóptero-táxi, que passara em vôo rasante sobre o edifício de sessenta andares onde residia, fê-lo soerguer o tronco, espantado. Do canto de sua boca escorria um filete de mingau-das-almas, de gosto repugnante. Expectorou um palavrão, limpou a babugem com as costas da mão, e olhou para o relógio eletrônico sobre o criado-mudo:

– Seis e quarenta da manhã, e esses tarados já estão disputando lotada! – boquejou, levantando-se.

Ainda mal acordado, calçou os chinelos, e arrastou-se, passos vacilantes, até a porta corrediça do terraço com o intuito de fechá-la. Um sol tímido, amarelo mortiço, envolto em uma bruma acinzentada, que rompia por trás dos morros de Niterói, fê-lo mudar de idéia. Lázaro descerrou a porta de vidro e contemplou a enseada de Botafogo, do quinquagésimo oitavo andar do edifício. “Uma baía de merda!”, desabafou para si, com azedume. Com efeito, larga extensão da orla da baía de Guanabara estava imersa, há décadas, sob espessa crosta de imundícies e de lixo, de cor castanha pardacenta. Espetadas sobre a superfície pastosa da baía avultavam dezenas de torres de aço – destinadas à exploração do gás metano que se desprendia da fermentação anaeróbica da matéria orgânica que lhe cobria quase toda a extensão das margens. “Até da bosta do povo eles já aproveitam...”, ruminou Lázaro, com acrimônia. Um rebocador, cuja chaminé regurgitava grossos rolos de fumaça, chamou-lhe a atenção: navegava pela enseada, lentamente, máquinas a toda força, a quilha da proa a talhar, com dificuldade, a massa pastosa de excrementos, deixando atrás da popa um sulco de água verde-negra, rapidamente coberto pela consistente papa de dejetos.

O céu cinza-chumbo que cobria a baía era freqüentado quase que exclusivamente por urubus, aos bandos, a realizar manobras de vôo sobre o mar de pestilências, compartilhando o espaço aéreo com os velozes turbocópteros de passageiros da Federação de Transportes do Rio de Janeiro.¹ A navegação na baía

¹ O serviço de barcas, aerobarcos e catamarãs da baía fora desativado em 2025, após a instalação das torres de exploração de gás metano e da extensa rede de gasodutos submarinos que as interligavam.

estava restrita a embarcações da Riobiogás e a rebocadores da Marinha, consequência do acúmulo de poluição industrial e de esgoto *in natura*, nela despejados durante anos.²

— Filhos-da-puta! — rosnou Lázaro, vibrando vigorosa banana para um dos gigantesos cartazes que encimavam as torres assentadas sobre a superfície da baía:

RIOBIOGÁS
TRABALHANDO COM ENERGIA RENOVÁVEL
PARA VOCÊ TER UMA VIDA MELHOR,
CIDADÃO-IRMÃO CONTRIBUINTE

Como soía acontecer todas as manhãs, a preamar provocava o revolvimento da camada de imundícies que flutuava sobre a superfície da baía, liberando miasmas mefíticos, podridões, cheiros insuportáveis, impregnando os ares dos megamunicípios e super-regiões circunvizinhas, não raro alcançando a zona rural e arrabaldes, dependendo da ação e do regime dos ventos.

Vísceras em revolução, nauseado, assaltado por horrível sensação de enjôo, Lázaro retornou para o interior do aposento, cerrando a porta do terraço. A secretária eletrônica sobre o criado-mudo piscava insistente luz vermelha, indicando a existência de mensagens gravadas. Para não despertar a mulher com os ruídos das gravações, decidiu ir ao banheiro antes de ouvi-las. Acendeu as luzes do lavatório e horrorizou-se com a cara amarrugada, barba por fazer, um par de olhos baços injetados, comprimidos no fundo de violáceas olheiras, a encará-lo no espelho. Cuspiu na pia os sobejos do repulsivo mingau-das-almas, enquanto as tripas barulhavam insólitas pieiras. “Estou apodrecendo...”, grunhiu enquanto escovava os dentes, evitando olhar a carantonha franzida de sono maldormido. Após espumar a cara

² A última medição das águas da baía revelara a existência de 11.330.000 coliformes fecais por 100 ml. O nível aceitável, somente observado em tempos imemoriais, era de 1.000 coliformes fecais/100 ml.

e rapá-la com o aparelho de barbear, animou-se um pouco: afinal de contas, o sujeito agora refletido no espelho, faces escanhoadas, não estava lá tão mal assim de aparência, para quem tinha apenas quarenta e cinco anos de idade; sobretudo naqueles tempos em que já se podia cogitar viver noventa e cinco anos, em média, sem grandes contratempos fisiológicos, e no gozo de razoáveis níveis de vigor físico e mental – graças a um composto de pílulas regenerativas japonesas, associado a uma dieta alimentar de fibras chinesas, descobertas no limiar do terceiro milênio. Cogitabundo, Lázaro encarou o rosto refletido no espelho por alguns instantes, gotas d'água a escorrer pelas faces barbeadas, tentando colocar em ordem os pensamentos baralhados.

– Uma ducha fria e uma xícara de café preto me tiram desse estupor... – rabujou, enquanto ligava o rádio do banheiro para ouvir o noticiário da manhã, fechando o boxê do chuveiro atrás de si:

... você está sintonizando o grande matutino Atalaia da PRKZ-Rionews, a rádio que só dá bola para a notícia, a única que distribui prêmios a cada duas horas para seus ouvintes, e que agora anuncia os destaques das principais notícias da edição desta manhã de sexta-feira, 21 de abril de 2045, feriado de Tiradentes: ... o presidente da República, o bispo evangélico Miron Marian, fez um pronunciamento à nação, ontem à noite, em rede nacional de rádio, televisão e Internet, exortando o povo brasileiro a continuar a apoiar a execução do Grande Plano de Salvação Nacional – GPSN –, e a redobrar a fé em Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, em prol da salvação da economia do país; ao final da mensagem, Sua Excelência encareceu à população recolher, sem atraso, o dízimo tributário recentemente aprovado pelo Congresso Nacional, transformado em lei complementar por ele sancionada; maiores detalhes sobre a fala do presidente da República no final desta edição... O governo federal deverá adotar pacote emergencial de medidas econômicas, em face da negativa do Parlamento Europeu em conceder novo empréstimo ao país... A espaçonave americana Pioneer XXXIX, equipada com possantes foguetes propulsores Saturno, de última geração, deixou ontem a órbita do planeta Marte, com quinze tripulantes, iniciando viagem de cinco meses de retorno à Terra, após permanecer doze meses no solo do planeta vermelho, onde instalou a Estação Marte

II, financiada por um consórcio nipo-americano... Dois turbocópteros piratas colidiram e caíram no mar, no final da tarde de ontem, quando sobrevoavam a Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, provocando a morte de vinte passageiros e quatro tripulantes; testemunhas que presenciaram o acidente foram unânimes em afirmar que as aeronaves voavam em alta velocidade, com a provável intenção de encurtar o tempo do trajeto Barra-Castelo, para disputar as gigantescas filas de passageiros do Copteroporto do Castelo, provocadas pelas greves dos empregados do trem-bala e do metrô; maiores detalhes do acidente ainda nesta edição... o ministro da Saúde Pública, o bispo-médico Heráclito Peçanha, criticou a transferência de verbas originalmente alocadas no orçamento de sua pasta para custeio de obras do Ministério da Infra-Estrutura Urbana. O ministro Heráclito Peçanha afirmou que aqueles recursos seriam empregados no Programa Nacional de Vacinação – Provacin, para erradicação dos surtos de dengue hemorrágica XXXIV, sarampo XXXI, meningite XXXII, varíola XXVII e cólera-morbo XXIX, que atualmente assolam as regiões norte, nordeste e sudeste do país; o ministro da Infra-Estrutura Urbana, bispo-engenheiro Godofredo Gastão, ouvido a respeito, justificou o remanejamento das verbas afirmando que aqueles recursos estavam sendo utilizados, prioritariamente, para a realização de obras de saneamento básico nas grandes capitais do país, justamente com a finalidade de combater as causas e focos daquelas epidemias endêmicas, infelizmente ainda não erradicadas do território nacional; segundo observadores da área da saúde, que não quiseram se identificar, existem fortes indícios de que tais verbas estariam sendo desviadas para financiamento da construção de condomínios de luxo nas cidades de Fortaleza, Recife, Salvador, Porto Seguro, Guarapari, Angra dos Reis, São Vicente, Guarujá, Camboriú e Torres, escamoteados sob a forma de projetos aprovados para a construção de resorts e spas geriátricos, naquelas localidades, para servidores públicos federais aposentados ...

– Ladrões! Súcia de bandidos! Cínicos! – trovejou Lázaro, debaixo do chuveiro.

... funcionários do Ministério da Infra-Estrutura Urbana, que também não quiseram se identificar, desmentem as denúncias, supostamente originárias da área da saúde, lembrando que ainda estão em curso as investigações da Comissão Parlamentar de Inquérito, res-

ponsável pela apuração do desvio de verbas do Programa Nacional de Vacinas de 2042, as quais teriam sido usadas na compra de aparelhos de CD-System, TVs de 215' e videofones para os principais hospitais das capitais dos Estados das regiões sul e sudeste... Ligue agora, amigo ouvinte, para a PRKZ-Rionews e ganhe um turbocarro importado: 0080090100, se você é a favor do fim da gratuidade do ensino público de 1º grau; 0080090200, se você é contra. Ligue agora! Ambas as opções concorrem ao sorteio eletrônico mensal...

– Patifes! Canalias! – vociferou Lázaro, enquanto se enxugava.

A indignação com os destaques do noticiário radiofônico o espertara do estupor que o acometia todas as manhãs: seus pensamentos, até então desarrumados e esparsos, ordenaram-se; o amargor da boca fora substituído por um travo na garganta; os olhos, antes embaciados, rutilavam áscuas de ódio. Num repente, os compromissos agendados para o dia, apesar do feriado, sobrevieram-lhe à mente: às nove horas da manhã, visita ao amigo e correligionário, professor Leodegário Saquarema, no megapresídio de segurança máxima da Covanca VI, em Niterói; às doze e trinta, encontro com a escritora Astrid Junqueira, no centro da cidade, para almoço e posterior ida ao Centro Cultural do Banco do Brasil, onde ela faria uma palestra sobre seu último romance; às dezoito horas, reunião com a Executiva Regional do Partido Ecolaboral,³ na sede da Vila da Penha, para discussão, votação e indicação dos candidatos do Rio de Janeiro às eleições majoritárias marcadas para o último trimestre do ano.

A mulher ainda dormitava na cama – faces besuntadas de creme, rolinhos na cabeça – quando Lázaro se vestiu e deixou o aposento. Antes de sair, engoliu à pressa um café expresso de máquina doméstica, comeu um par de bolachas de água e sal e – pressionado pelo horário do primeiro compromisso do dia – deu uma rápida vista-d'olhos no quarto das filhas, tempo sufi-

³ Partido político resultante da fusão dos *verdes históricos* com os *trabalhistas vanguardistas*, remotamente filiados, até o fim do segundo milênio, ao PV e ao PT, respectivamente.

ciente para tomar conhecimento do recado da mais nova, escrito num papel-adesivo, pregado à porta do cômodo:

Pai

Tenho de fazer uma resenha, para a cadeira de História da Literatura, sobre um livro muito antigo, intitulado *Brasil, país do futuro*, de um escritor austríaco chamado S. Zweig. Não achei essa velharia em nenhuma livraria. Disseram-me que só o encontraria, com muita sorte, num sebo ou num antiquário. Essa peça de museu não existe gravada nem em vídeo, nem em disquete, nem em CD. Ajuda-me a encontrar esse “alfarrábio medieval”. Obrigada.

Xandroca

A praia de Botafogo, como de resto todas as demais circunscritas pela baía de Guanabara, estava inteiramente cercada de elevadas grades, intervaladas por catracas eletrônicas, instaladas à época do advento dos *tíquetes-praia*, benefício trabalhista amplamente bem recebido pelos assalariados residentes no Rio de Janeiro – novidade implantada no primeiro mandato presidencial do bispo Marian. O acesso às praias da baía – permitido exclusivamente para a prática de cultos religiosos, futebol de areia, vôlei e assistência a shows de música sertaneja e pagodes, dado que os banhos de mar eram proibidos – somente era possível mediante a introdução de um tíquete magnético em quaisquer dos milhares de torniquetes eletrônicos instalados nos calçadões da orla marítima. Os *tíquetes-praia*⁴ – como eram conhecidos pela população – haviam sido criados com recursos subsidiados pelo Ministério do Desporto, Lazer e Cultura, para todos os assalariados cariocas, do serviço público e da iniciativa privada, optantes por aquela modalidade de benefício, alternativamente aos tradicionais tíquetes-refeição e mercado.⁵

Lázaro dirigia seu turbocarro popular, ano 2039, adquirido de segunda mão, pela pista do Aterro do Flamengo, em direção

⁴ Vale-lazer, era o nome oficial do benefício, criado por lei federal.

⁵ De acordo com as estatísticas governamentais, mais de 74% dos assalariados do Rio de Janeiro haviam optado pelos *tíquetes-praia*, desde a sua criação, em detrimento dos tradicionais auxílios-alimentação e mercado.

à ponte Rio-Niterói. Sempre inconformado com a instalação das horrendas grades que encerravam as borboletas eletrônicas, em torno da orla marítima da baía, desviava o olhar, deliberadamente, quando por ali transitava, para os anúncios luminosos dos *shopping centers* construídos onde, remotamente, existiram os jardins do Parque do Flamengo. Turbocarro de janelas fechadas, ar-condicionado no nível máximo, Lázaro praguejava contra a poluição visual, embora também imprecasse contra a auditiva: o rádio do carro, por mais que procurasse, infrutiferamente, música audível no dial, somente transmitia idiotices sertanejas, passalhões pagodeiras e oligofrênicos *raps*, sem falar na fastidiosa lengalenga dos apresentadores dos programas, a desfiar infundáveis mezinhas para cura de todos os males, além de ridículas simpatias, para finalidades várias. Irritado, desligou o rádio; preferiu meditar sobre as dificuldades financeiras por que vinha passando, que não eram poucas.

Naqueles difíceis tempos, eram remotíssimas as chances de se conseguir um emprego regular e formal;⁶ manter uma família e, em última instância, sobreviver, constituía um desafio que exigia sacrifícios diuturnos. Lázaro exercia sua profissão como chefe de redação do jornal *A Gazeta Carioca*, além de responder pela assessoria de publicidade e de imprensa de uma *igreja-empresa*, modalidade de pessoa jurídica muito comum àquela época. As remunerações havidas com tais ocupações eram insuficientes para fazer face às despesas com o orçamento doméstico, razão pela qual Lázaro abriu um pequeno escritório de corretagem imobiliária, em sociedade com um amigo argentino, exilado no Brasil – Bienvenido Pavan, por alcunha *El Negrero* –, fotógrafo de *A Gazeta Carioca*, para venda de lotes e de casas de praia, nas áreas confinadas da Região dos Lagos.

Uma placa de trânsito, suspensa em um poste em frente ao Monumento dos Pracinhas, provocou-lhe reação irada:

⁶ Eram tão raras as oportunidades de emprego, naqueles tempos, que, quando eventualmente ocorriam, os candidatos utilizavam-se de todos os recursos possíveis – criminosos, principalmente – para prejudicar os concorrentes. As autoridades policiais já tinham conhecimento da existência de *consultorias* especializadas em “fazer sumir, temporariamente, candidatos a emprego”. Esses candidatos só apareciam quando a vaga já estivesse preenchida.

É OBRIGATÓRIO
O USO DE MÁSCARA CONTRA
GASES NA PONTE RIO-NITERÓI
MULTA: 50 CRUZADOS REAIS NOVOS

Irritado, abriu o porta-luvas do turbocarro, maldizendo de tudo e de todos, e de lá retirou o equipamento, obrigatório pelo Detran/RJ, para os motoristas que transitassem pela ponte Rio-Niterói:

– Qualquer dia desses vão nos obrigar a engolir drágea anti-vomitiva para atravessar essa baía de bosta! – rabujou, para si.

O telefone celular tocou. Lázaro atendeu no viva-voz instalado no painel do veículo. Era a mulher, ligando de casa, alertando-o para um recado, gravado na secretária eletrônica, que ele esquecera de ouvir antes de sair. Com a voz esganiçada de sempre, já estressada pela manhã, a mulher lhe chamou a atenção: *“Foi o próprio Antônio Péricles quem ligou, pedindo, com voz aflita e preocupada, para você retornar a ligação o mais rapidamente possível: disse que tem uma bomba, com poder de estrago político equivalente à de Hiroshima, para participar à Executiva do Partido, em reunião extraordinária que ele vai convocar! Lembrou que você tem o número do celular dele. Ligue logo!”*, disse esgoelando, e desligou. Lázaro presumiu que só poderia tratar-se de assunto importante, de muita gravidade. Antônio Péricles – nada mais nada menos que o presidente do Partido Ecolaboral –, candidato derrotado à Presidência da República por duas eleições consecutivas, não era homem “de se afogar em pouca água”, como ele próprio alardeava: não convocaria uma reunião extraordinária da Executiva do Partido, num feriado, com a aflição e a urgência que lhe transmitira a mulher, por uma insignificância qualquer. Após identificar o número de Antônio Péricles na memória do celular, Lázaro tentou, por diversas vezes, retornar a ligação, mas a linha do presidente do Partido Ecolaboral permanecia ocupada. “Avaria grossa! Que diabos teria acontecido?”, indagou-se, curioso.

Antônio Péricles, por alcunha *Malfeito* – apodo posto por seus desafetos políticos, por ter nascido com dois defeitos físicos congênitos: puxava de uma perna, e tinha um braço avariado –, era um negro paraibano, engenheiro de sistemas computacionais, de origem muito humilde, que se destacara como líder sindical no episódio que ficara conhecido, no ano de 2020, como o Grande Movimento de Protesto dos Excluídos. Liderara, com ampla repercussão na mídia internacional, marcha pacífica de quinze milhões de desempregados e de trabalhadores rurais sem-terra, desde as grandes capitais das regiões sul, sudeste e centro-oeste, até a capital federal, iniciativa que lhe valera a indicação para o Nobel da Paz de 2021 (ganho pelo presidente de um país africano, que vendera, em leilão internacional, todos os bens patrimoniais públicos do Estado para matar a fome do seu povo). O caráter pacífico da marcha, aliado aos resultados positivos das negociações que Antônio Péricles levava a efeito com o governo federal, repercutira tão favoravelmente no mundo, que o líder sindical, para grande desconforto e constrangimento dos conformistas⁷ brasileiros, conseguira transferir, para o Rio de Janeiro, a liderança nacional dos sindicalistas de todo o país, sediada em São Paulo desde tempos imemoriais.

Expressivo número de veículos já rolava pelas pistas do Parque do Flamengo, em direção ao centro da cidade, apesar de os relógios marcarem pouco menos de oito horas da manhã. Desde tempos ignotos, considerável contingente de cariocas deixava o Rio de Janeiro para desfrutar dos fins de semana nas regiões Serrana e dos Lagos; com o feriado de Tiradentes, o movimento de veículos triplicara.

Lázaro dirigia pelas pistas do Aterro do Flamengo, absorvido com lucubrações sobre os percalços financeiros que, há muito, o afligiam, quando, inopinadamente, olhou para o espelho retrovisor e se deu conta de que um sedanturbo preto, janelas de vidro fumê fechadas (que impossibilitavam identificar

⁷ As designações conservadores (*direitistas*) e progressistas (*esquerdistas*), para definição de posições ou tendências político-ideológicas no Brasil, haviam caído de uso a partir do fim do 1º quartel do século XXI. Foram substituídas pelas expressões conformistas e inconformistas, respectivamente.

quem estava em seu interior), seguia-o desde que saíra da garagem do prédio onde morava, em Botafogo. A princípio, cogitou tratar-se de uma coincidência: para quem vinha da zona sul em direção à ponte Rio-Niterói, as pistas do Parque do Flamengo eram o trajeto mais procurado, conseqüência dos extensos e freqüentes engarrafamentos que ocorriam nas vias de acesso e nos interiores dos túneis Rebouças e Santa Bárbara. O que chamara sua atenção para o sedanturbo preto, além da aparência sinistra do carro, fora a circunstância de o veículo estar equipado com acessórios inusitados: uma câmara filmadora giratória, instalada no teto da carroceria blindada, além de outra, fotográfica, existente no lugar do espelho retrovisor lateral, do lado do carona.

O aviso luminoso de um gigantesco painel eletrônico, suspenso sobre uma torre, em frente ao Aeroporto Santos Dumont, desviou-lhe a atenção do sedanturbo preto:

O DETRAN/RJ INFORMA:
TRÁFEGO INTENSO, COM RETENÇÕES,
NA PONTE RIO-NITERÓI.
PEDÁGIO:
CRN\$ 5,00 (IDA)
CRN\$ 2,50 (VOLTA)

Ao sair da Perimetral e ganhar a pista que dava acesso à entrada da ponte, Lázaro viu-se preso em enorme engarrafamento. Nas cabines da polícia rodoviária ali existentes, turbomotoqueiros policiais, usando coloridas máscaras contra gases, fiscalizavam motoristas e passageiros para inspeção do uso do equipamento de segurança obrigatório.⁸ Lázaro, após afivelar a máscara na cara, recuperara um pouco o bom humor: duas

⁸ Naqueles tempos, era obrigatório apenas o uso de máscaras contra gases, na ponte Rio-Niterói. A exigência do uso de cintos de segurança havia sido abolida, a partir de uma decisão da Justiça, acatando ação popular movida por famoso jornalista.

crianças, rostinhos escondidos atrás de pequeninas máscaras coloridas, davam-lhe adeusinhos da janela traseira do turbocarro à sua frente. Lázaro respondeu aos acenos e devolveu o beijinho que a menor delas lhe jogara de surpresa.

Não se sabe como, nem de onde, dezenas de pivetes e meninos de rua (sem máscaras), aos gritos e correrias, surgiram entre os turbocarros retidos no engarrafamento, anunciando refrigerantes, cervejas, jornais e biscoitos. A manchete do jornal que um deles vendia, estampava, em letras garrafais:

IMPASSE NAS NEGOCIAÇÕES COM O BANCO MUNDIAL: VERBAS PARA DESPOLUIÇÃO DA BAÍA PODERÃO NÃO SAIR

— Os gringos não são mais trouxas: cansaram de ser roubados! — exclamou Lázaro, para si, voz fãnhosa e dissonante, escapada dos buraquinhos da máscara, à altura da boca.

Um pivete bateu, com insistência, no vidro do turbocarro, implorando que Lázaro o baixasse. Era um negrinho de uns oito anos, se tanto, calção rasgado, peito nu, descalço, corpo coberto de sujeiras.

— Tio, me dá um trocado aí pra ajudar lá em casa! — gemeu o menino, olhar perdido, a chupar o polegar enfiado na boca.

Lázaro baixou o vidro elétrico e deu uma moeda para o moleque. Ato contínuo, sobressaltado, fechou rapidamente o vidro, quando percebeu a chusma de vendedores ambulantes que se precipitara sobre o turbocarro, na tentativa de lhe vender alguma coisa, ou obter uma esmola. Um policial rodoviário, todo uniformizado de negro, encarapitado sobre possante turbomoto, dispersou a turba de pivetes, acionando ensurdecadora sirene.

Da entrada da ponte até o vão central, Lázaro gastara pouco mais de quarenta minutos, oportunidade em que desfiara toda

sorte de impropérios e praguejamentos contra o governo e os motoristas de fim de semana. Exasperou-se quando se surpreendeu trocando olhares aflitos e emburrados, escondidos detrás dos vidros das máscaras, com os passageiros dos veículos à sua volta. “Estou no pior dos mundos... Quem dera estar tendo um pesadelo...”, ruminou, enquanto sintonizava a rádio PRKZ-Rionews, emissora que só transmitia notícias, as vinte e quatro horas do dia:

... o sheik Ahmed Mustafá Mafamede, presidente da FIFA, sobre a candidatura da cidade de Riad para a realização do Torneio da Divisão de Honra⁹ da Copa do Mundo de Futebol de 2050... O corredor brasileiro Deoclécio Paixão chegou em 135º lugar na grande maratona de Nova York, melhor colocação entre os vinte e cinco atletas nacionais que se inscreveram na mais famosa das corridas das Américas...

“Se o Comitê Olímpico Internacional instituísse a prova ‘corrida com a polícia trás’, nenhum gringo teria vez...”, ironizou Lázaro, em pensamento, enquanto observava o malabarismo que o motorista do carro ao lado fazia para acender um enorme charuto, pondo e repondo a máscara contra gases, a cada baforada.

De súbito, Lázaro teve seu corpo bruscamente jogado para frente. Apoiou-se no volante, e olhou para o espelho retrovisor: o carro de trás havia batido, de leve, em seu pára-choques; era o sedanturbo preto, surgido no meio da confusão de veículos, sabe-se lá de onde. Lázaro girou o corpo para trás e viu um braço sair do vidro baixado do veículo, do lado do motorista, acenando-lhe um pedido de desculpas. Logo em seguida, o braço recolheu-se para o interior do sedanturbo e o vidro espelhado fechou-se; ato contínuo, Lázaro voltou-se para a frente, e ficou observando pelo retrovisor. A máquina filmadora instalada no teto da carroceria blindada, e também a câmera fotográfica localizada na lateral do veículo, apontavam as lentes para o

⁹ Desde a Copa do Mundo de 2024, vencida pela terceira vez pela Nigéria, a FIFA organizava o torneio em três divisões: *Divisão de Honra*, *Primeira A* e *Primeira B*. No ano de 2026 o Brasil havia sido rebaixado para a divisão *Primeira A*, em face da desastrosa participação que tivera na Copa do Mundo anterior.

seu turbocarro. Intimidado, Lázaro temeu que os distúrbios psicológicos e a crise de mania de perseguição que o acometeram, há dois anos, à época da prisão do professor Leodegário Saquarema, houvessem retornado sem aviso prévio. “Distúrbios neurovegetativos, associados a uma crise de hipocondria”, diagnosticara-lhe, à época, o médico parceiro da mesa semanal de pôquer. “Patologia muito comum entre os inconformistas, Lázaro. Relaxe. Tente enxergar e compreender, de forma menos crítica, a realidade que o cerca, os valores do mundo de hoje. Conforme-se!”, aconselhara o médico.

Ao passar pela praça do pedágio, Lázaro ainda tentara, pela undécima vez, telefonar para o presidente do Partido Ecolaboral. A linha continuava ocupada.

A GAZETA CARIOCA

RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 2045 — ANO XXX — Nº 9.893

"Socialismo de direita":

PUCB lança as bases da nova ideologia

O Partido Ultraconformista Brasileiro (PUCB), durante a campanha para as eleições presidenciais previstas para o final deste ano, distribuirá cartilhas à população esclarecendo os fundamentos e os princípios doutrinários da nova corrente ideológica conhecida como Socialismo de Direita. "A nova ideologia, concebida pela direção do PUCB, procura conciliar as virtudes do capitalismo com as do socialismo, desprezando as imperfeições de ambos os sistemas. Nós, do PUCB, fomos capazes de interpretar, com rara felicidade, a grande aspiração ideológica do povo brasileiro: a possibilidade de desenvolver um socialismo de mercado, combinado com um capitalismo totalitário, resolvendo, de uma vez por todas, antagonismos ideológicos que já levaram à morte milhões de seres humanos, em guerras, revoluções e revoltas armadas em todo o mundo. Estaremos dando um exemplo ao mundo da enorme criatividade do povo brasileiro, capaz de arrostar, simultaneamente, a selvageria do capitalismo financeiro e o estatismo virulento da doutrina socialista", declarou à reportagem o senador Amadeu Boaventura, candidato a Presidente da República, pelo PUCB, nas próximas eleições.

ENSINO FUNDAMENTAL

Escolas públicas de 1º grau poderão ser fechadas

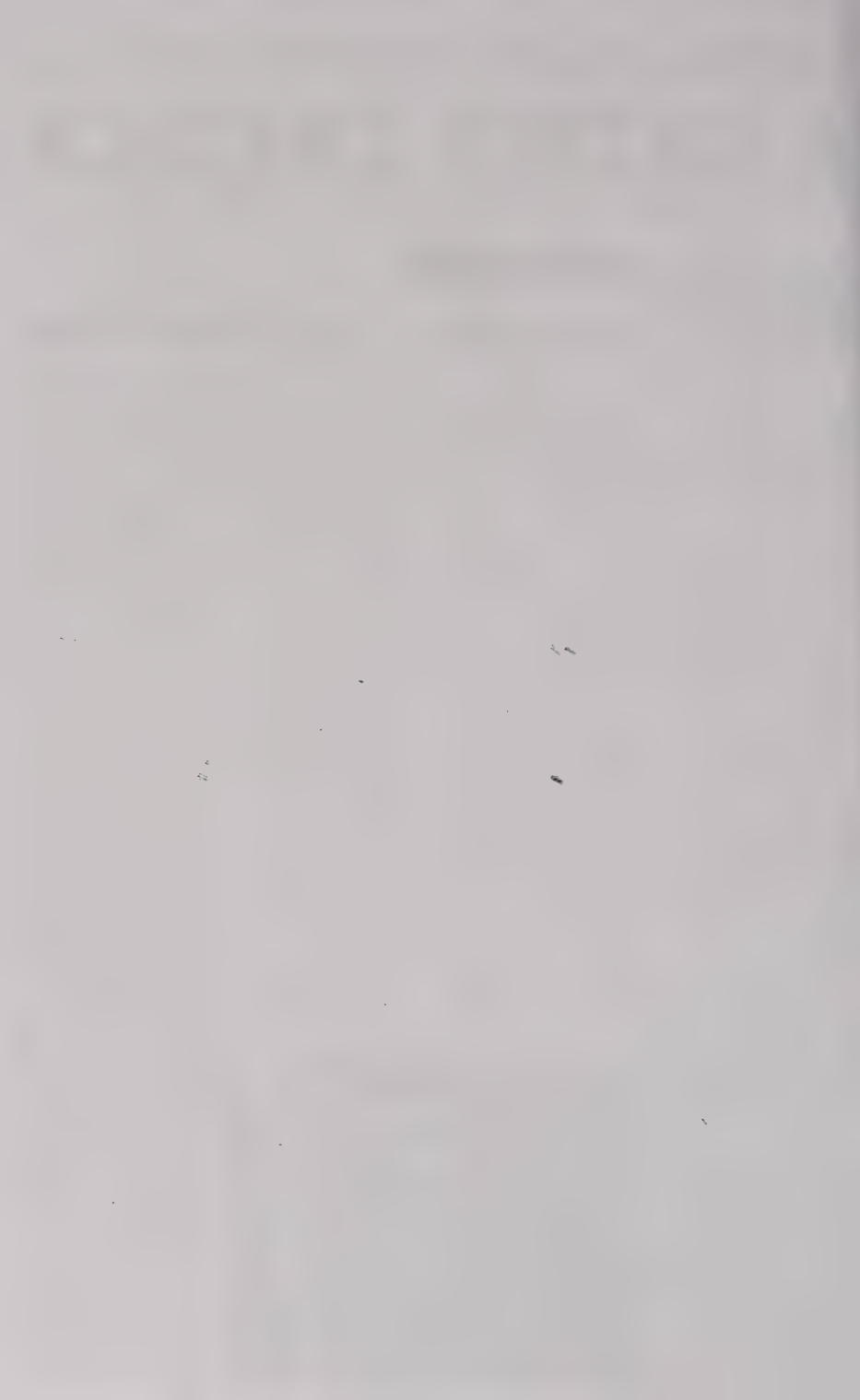
Projeto de lei do deputado evangélico Cagliostro Palhares, do Partido da Purificação da Nova Vida (PNV), que visa substituir o ensino fundamental, ministrado em escolas públicas pela educação via TV e Internet, foi aprovado, ontem, na Câmara dos Deputados, devendo seguir, agora, para apreciação e votação no Senado Federal. Os líderes dos partidos inconformistas denunciaram que a iniciativa tem por única e perversa finalidade compelir as pessoas pobres e de baixa renda a adquirir aparelhos de TV ou PCs, únicos meios de assegurar a

educação de 1º grau para seus filhos. O presidente da República, bispo Miron Marian, declarou-se francamente favorável ao projeto de lei: "Promoverá uma verdadeira revolução do ensino fundamental no Brasil, massificando sua difusão, eletronicamente, além de constituir método pedagógico moderno, porque não requer a presença de professoras primárias, merendeiras, auxiliares de ensino e bedéis. Acresça-se a estas vantagens, a enorme economia que os pais dos alunos passarão a ter, com a desnecessidade de gastos com transporte,

vestuário, alimentação, e o que é mais importante: as crianças serão educadas no âmbito do próprio lar. O país também economizará com a eliminação do custo de manutenção patrimonial das escolas, além, obviamente, das despesas com salários e encargos sociais dos professores e pessoal de serviços, o que contribuirá para a redução do déficit público, razões pelas quais entendo como prioritária e urgente a adoção da medida. Para viabilizar a implantação deste projeto, em âmbito nacional, vamos abrir uma linha de crédito popular, exclusiva para a população menos favorecida pela sorte, de forma a lhes possibilitar o acesso à compra de aparelhos de TV ou de microcomputadores conectados à Internet", declarou o presidente da República, aos jornalistas, em entrevista coletiva concedida, no final da tarde de ontem, no Palácio do Planalto, em Brasília.

NESTA EDIÇÃO

- 1 Bicheiros reivindicam aposentadoria de servidor público.**
- 2 Congressistas terão férias trimestrais.**
- 3 Fila flagrada sem TV: banco será punido.**
- 4 DETRAN/RJ sob intervenção para apuração de irregularidades.**
- 5 CBF tenta "tapetão", mas FIFA confirma seleção do Brasil na "segundona".**



2

-BOTOCUDOS! ALIENADOS! GENTE PÂNDEGA DE BAIXA extração! É o que os brasileiros sempre foram! – vociferou o professor Leodegário Saquarema, a folhear as manchetes dos jornais que Lázaro das Dores lhe comprara. – Vejam estas notícias: só escândalos, patifarias tributárias, crimes contra a sociedade, inadimplências fiscais, corrupção generalizada, políticas demagógicas, poder e ascendência da marginalidade sobre as pessoas de bem! A sociedade brasileira sempre aceitou tudo, Lázaro, até aterro! Está, há séculos, deitada eternamente em berço esplêndido, adormecida em profundo letargo! – complementou, rosto afogueado, a grenha hirsuta de cabelos grisalhos caída sobre a testa larga.

– O povo brasileiro nunca soube votar, Leodegário... – ver-rumou, com uma ponta de ironia, o doutor Sepúlveda Lobão, advogado do líder inconformista, também presente à sala de visitas do megapresídio de segurança máxima da Covanca VI, em Niterói.

Saquarema, irritado, deu um soco na mesa:

– Protesto! O povo brasileiro é o que mais sabe votar no mundo! Vota por identidade! Há séculos escolhe, com enorme competência e descortino político, os candidatos mais patifes, os ladrões contumazes, os velhacos de sempre, a caterva de políticos que sempre se eternizou no poder! – retorquiu, carótida aos pulos.

— ... e que, eleitos, transformam-se em algozes de seus próprios eleitores! — aduziu Sepúlveda Lobão, abrindo uma pasta cheia de papéis.

— Isso! É isso, Sepúlveda: faltava-me essa imagem! O brasileiro vota no próprio carrasco! Deve haver alguma explicação psicológica, sociológica, cultural, genética, histórica, ou tudo isso junto e misturado, sei lá, para justificar tanta sem-vergonhice coletiva! Tanta inércia moral! Tanta alienação política! Vejam o ridículo da minha situação: estou aqui preso por ter escrito uma inocente poesia, enquanto estão soltos os responsáveis por milhares de miseráveis que estão morrendo, agora, de sarampão, meningite, beribéri, fome, cólera-morbo, dengue hemorrágica e outras moléstias medievais! E estamos em pleno terceiro milênio! Na metade do século XXI! E essa escumalha ainda tem o desplante de reeleger um bispo evangélico, com nome de dupla sertaneja, para presidente da República! — vociferou o líder inconformista.

O advogado de Leodegário Ssquaremã, velho causídico dos políticos inconformistas, virou-se para Lázaro, piscou um olho, e redargüiu:

— Uma inocente poesia que continha ofensas, todas capituladas na Constituição Federal como crimes inafiançáveis, aos três Poderes da República, às Forças Armadas, aos símbolos da nação, às Armas da República e, como não bastasse, à própria Constituição Federal! Convenhamos, Leodegário: que se ofenda verbalmente, vá lá, palavras o vento leva, a memória vaporiza, o Direito contorna. Mas por escrito e assinado? É o mesmo que dar milho para bode, como diriam os antigos.

— E já estou terminando a segunda poesia, seu rábula, se é que você quer saber: intitula-se “A canalhice tem pátria”! — rebateu Ssquarema, agastadiço.

Lázaro resolvera intervir, conciliador:

— Acalme-se, professor. O recurso para seu novo julgamento já está no Supremo, com grande chance de êxito para revisão da sentença do anterior. A edição de outra publicação ofensiva ao país em nada o ajudaria: muito pelo contrário!

— Que se danem! Não me atingem mais a honra! Já fui preso dezenas de vezes, empastelaram-me dois jornais, subme-

teram a mim e a minha família a inúmeros vexames e humilhações, cassaram-me os direitos políticos e um mandato legislativo, sou considerado um dinossauro ideológico por esses ultraconformistas! Agora, só me matando, Lázaro! – reagiu Saquarema, furioso.

A poesia que condenara à prisão, por cinco anos, o professor Leodegário Saquarema, inconformista histórico, setenta e cinco anos de idade, poeta, jornalista e sociólogo, fora publicada em 2043. A mídia conformista (esmagadoramente majoritária no país) a denunciara com grande estardalhaço, pressionando o bispo Procurador Geral da República a abrir processo contra o velho líder inconformista. Saquarema fora julgado e condenado por crime inafiançável, previsto na Constituição Federal. A obra literária que motivara a condenação, pequena brochura de cento e vinte páginas, intitulava-se *Brasil: Uma superfluidade orgânica sólida travestida de nação*, jocosamente rebatizada pelos inconformistas brasileiros de *O toletão das Américas*. As cinco primeiras e únicas edições estavam esgotadas, e os poucos exemplares existentes nas livrarias haviam sido recolhidos por determinação do Ministério Público. Era voz corrente, no Rio de Janeiro, São Paulo e em Brasília, que até mesmo os criptoconformistas¹ históricos divertiam-se muito (diziam que às gargalhadas imparáveis) com a leitura do libelo poético do líder inconformista.

– Temos de acreditar, inarredavelmente, no processo histórico, professor! Não será com deboche ou ironia, que conseguiremos esclarecer as multidões e as massas de desempregados sobre as bases que fundamentam a doutrina do inconformismo... – ponderou Lázaro, voz embargada, pondo termo às zombarias de Leodegário Saquarema.

¹ O exercício contínuo do poder político pelos conformistas no Brasil, desde a independência do país, resultara em verdadeira atomização da corrente ideológica majoritária. Centenas de facções e grupos políticos, todos concorrentes ao poder, fragmentaram-se em dissidências conhecidas como *megaconformistas*, *ultraconformistas*, *extremo-conformistas*, *conformistas-evangélicos*, *sempre-conformistas*, *conformistas-moderados*, *puro-conformistas*, *arquiconformistas*, *conformistas-católicos*, *conformistas-ruralistas*, *conformistas-militares*, *criptoconformistas* e, até mesmo, uma impensável facção, conhecida como *conformistas-socialistas*, liderada por um pai-de-santo baiano.

O velho líder inconformista dobrara-se à admoestação: levou a mão à boca, tapando-a, abortando a aleivosia que lhe ocorrera. Ato contínuo, resfolegante, sentou-se na cadeira destinada aos reclusos:

— Você tem toda razão, Lázaro. Peço-lhe desculpas: deixei-me levar por indignação estéril. Estou com o vício do velho boi, aposentado por fraqueza, que passou a vida empurrando trave de moenda, sempre em voltas para o lado esquerdo. Quando o libertaram do serviço, o pobre do bicho só pastava dando voltas para aquele lado, até morrer.

Enquanto o doutor Sepúlveda Lobão estendia alguns papéis e procurações para Leodegário Saquarema assinar, Lázaro procurou levantar o ânimo do líder inconformista:

— Professor: há, hoje mais do que nunca, um forte mote político para mobilizar as classes trabalhadoras brasileiras: o desemprego tecnológico que, associado ao estrutural, ajudou a aprofundar, ainda mais, a recessão da economia. Estima-se que os desempregados formais e informais, além daqueles que jamais conseguiram o primeiro emprego, atingiram a cifra de oitenta e seis milhões de almas! Convenhamos, para uma população de duzentos e oitenta milhões de habitantes, é uma multidão de quase trinta por cento de desocupados e de não-trabalhadores em todo o país! Se considerarmos apenas a população economicamente ativa, são quase cinquenta por cento de desocupados!

— Deus do céu! — exclamou, surpreso, Leodegário Saquarema. — Populações esfaimadas, bem inferiores a essa, jogaram o planeta, no início e em meados do século passado, em dois conflitos mundiais!

Lázaro retirou uma ruma de papéis de sua pasta:

— Trouxe-lhe esta pesquisa, professor, feita por um grupo de estudantes universitários inconformistas, que será apresentada na próxima convenção nacional do Pecolab² — disse, estendendo as folhas para Saquarema. — Ela denuncia que quase cinco centenas de ocupações, postos de trabalho e profissões extinguiram-se, ou tornaram-se totalmente obsoletos e inúteis, con-

seqüência da globalização das economias mundiais e do desenvolvimento tecnológico desenfreado. Apenas para exemplificar, atente para o drama social das manicuras: sofisticadas máquinas americanas, montadas em Pequim, já fazem todo e qualquer serviço de retirada de cutículas, corte, lixação e pintura de unhas com esmalte, bastando para isso que o usuário introduza, simultaneamente, os dez dedos das mãos (há também dispositivos para os dedos dos pés) nos orifícios anatômicos reguláveis nelas existentes. Basta programar, eletronicamente, cor e volume do esmalte, estilo do corte das unhas etc. A operação completa leva um minuto e quinze segundos, se tanto! E essa maquininha dos diabos, encontradiça em qualquer biboca do interior de Minas, é um eletrodoméstico de menor preço que um espremedor de suco, porque é montado com mão-de-obra barata da China!

— Podia ser pior, meu caro Lázaro: essas diabólicas maquininhas poderiam também estar programadas para fazer fofoca e revelar inconfidências fesceninas para os usuários... Dizem que há quem vá às manicuras apenas para ouvir e falar mal da vida alheia... — ponderou, ar sarcástico, o doutor Sepúlveda Lobão.

— Não brinque, Lobão — recriminou-o Lázaro —, aparelhos como esse condenaram à extinção, ou à obsolescência, centenas de outras ocupações: massagistas, cabeleireiros, alfaiates, auxiliares de enfermagem (requeria-se apenas um médico, naqueles tempos, para monitorar centenas de pacientes em um hospital, à frente de um sofisticado videopainel de controle: as injeções eram aplicadas nos pacientes por meio de cateterismo eletrônico), guardas de trânsito, torneiros-mecânicos, bombeiros-hidráulicos, vendedores ambulantes (máquinas-camelôs automáticas, espalhadas por todos os cantos, vendiam todos os tipos de bugigangas), gráficos, bancários em geral (agências bancárias não possuíam funcionários: monitores de TV exibiam lindíssimas atendedoras, competentes para resolver qualquer operação bancária), porteiros de prédios (computadores abriam e fechavam, eletronicamente, edifícios residenciais e estabelecimentos), crupiês de cassino, limpadores de janelas, desentupidores de canos e pias (os dutos já eram autolimpantes, de fábrica), empregadas domésticas (as casas eram totalmente automatizadas), lava-deiras, passadeiras, eletricistas, mecânicos, e tantas outras ocupa-

ções que, acredito, essa impressionante pesquisa polarizará os debates na convenção do Partido Ecolaboral.

O professor Leodegário Saquarema folheava a pesquisa com intensa curiosidade e ar preocupado. Vez por outra interrompia a leitura e soltava um palavrão, engrolando um comentário desairoso ao governo, invariavelmente arrematado por: “Esses filhos-da-puta globalizantes! Rédua de bonifrates do capital estrangeiro!”

Lázaro prosseguiu com a apresentação da pesquisa sobre o desemprego tecnológico:

– E o fenômeno não se restringe apenas a ocupações semi-qualificadas: muitas profissões de nível superior foram simplesmente extintas pela multiinformática globalizada, transformando seus ocupantes em *paleontólogos ocupacionais*, como foi o caso dos arquitetos (computadores produzem soluções arquitetônicas conformistas de maior precisão, economicamente mais exequíveis), engenheiros calculistas, fonoaudiólogos (*softwares* interativos, de última geração, haviam revolucionado a terapia da palavra e a cura de gagos, disléxicos e dislálícos), nutricionistas (uma simples amostra de sangue, tirada por meio de um picote eletrônico num dedo, possibilitava a prescrição de recomendações dietéticas específicas e detalhadas, através de precisos relatórios computadorizados individualizados), contadores, estatísticos, militares (conflitos beligerantes resolviam-se com simples apertar de botões). De acordo com a pesquisa, o desenvolvimento tecnológico somente não prejudicava, totalmente, algumas ocupações ligadas às ciências sociais e humanas, além dos artistas em geral: escritores, pintores, músicos, escultores, cantores, atores e artistas de circo. Conclusão: a criação de novos empregos, ainda que o governo se dispusesse a empreendê-la, importaria na necessidade de desativar e sucatear colossal maquinário desempregador da população, o que certamente provocaria reações de protestos de nossos financiadores internacionais globalizados, fabricantes desses equipamentos, sem falar na previsível adoção de represálias e contramedidas econômicas por parte de nossos parceiros comerciais. O governo do *presidente-bispo*, está num beco sem saída... – concluiu Lázaro.

Sepúlveda Lobão soltou uma longa baforada, e alfinetou:

– O Brasil, das grandes capitais e cidades, só tem, hoje, quatro tipos de cidadãos: os desocupados (formais e informais), os funcionários do governo, os que conseguiram trabalho (e são controlados pelos ricos) e, obviamente, os ricos.

– E essas classes subdividem-se, cada uma delas, em marginais e não-marginais... Será que esses capitalistas miseráveis não enxergam que, há anos, eles só conseguem viver atrás das grades eletrônicas de suas mansões, em interiores de shopping centers vigiados, ou nas vias públicas, escoltados de seguranças por todos os lados, enquanto a marginália, de toda espécie, é quem tem livre trânsito pelos logradouros públicos, parques florestais, praias e nos lugares em que foi impossível, ou custoso, colocar gradeamento? – comentou Lázaro, indignado.

O professor Leodegário Saquarema ergueu-se da cadeira, alisou a grenha grisalha, e desandou a ir e vir pela sala de visitas dos reclusos, folheando a pesquisa. Repentinamente, estancou frente ao jornalista, e ponderou:

– Não resta a menor dúvida que a evidência e a gravidade desses números sugerem uma multidão potencial de desocupados, passível de ser politicamente mobilizada, pelo menos teoricamente; na prática, porém... – interrompeu, voltando a caminhar pela sala.

Lázaro e Sepúlveda Lobão entreolharam-se e indagaram, em uníssono:

– Porém?...

O líder inconformista tossiu, nervosamente, limpando traços inexistentes na garganta:

– Na prática, porém, não reagirão à mobilização: os brasileiros foram historicamente aculturados à obediência irrestrita aos governos, sem contestações; sempre aceitaram, acarneiramente, ordens dos superiores, desde os tempos da colonização; foram educados e convencidos de que se revoltar contra as autoridades constituídas é um contra-senso, uma indisciplina imperdoável, um comportamento que não consulta os valores da família brasileira, ainda que as causas sejam justas e o governo identificado como o principal responsável por suas vicissitudes individuais e coletivas.

Lázaro das Dores reagiu, irritado:

— Não aceito essa generalização odiosa e humilhante, professor! Protesto! Com todo o respeito que tenho pelo líder e companheiro, essa avaliação é conservadora, muito próxima da análise histórica feita pelos conformistas sobre a sociedade brasileira. Nosso povo precisa é de educação, de ser esclarecido sobre as políticas reacionárias e deletérias que lhe foram impostas por sucessivos governos conformistas, rebaixando o país para o quarto mundo em índices de qualidade de vida! O povo brasileiro precisa ser alertado de que se perder a capacidade de se indignar, de lutar por uma vida socialmente justa, perderá, definitivamente, se é que algum dia teve, o pouco respeito que ainda lhe têm o governo e a classe política!

Leodegário Saquarema reiniciou o ir-e-vir pela sala, mãos cruzadas às costas, semblante carregado. Decorridos um par de minutos, estancou frente ao jornalista, que permanecera sentado, e observou:

— Não tenho o direito de desestimulá-lo, ou inibir a motivação que você, desde jovem, manifesta pelas nossas causas, nem de lhe faltar com a minha consideração, Lázaro. Sabe você muito bem que seu pai, de quem guardo eterna saudade, me pediu, antes de morrer, para levá-lo para as fileiras do Pib,³ e orientá-lo na vida política. Hoje, você é a prova irrefutável e o melhor exemplo de que fui bem sucedido na tarefa: tornou-se um dos melhores quadros do Pecolab, como já o tinha sido do Pib. Entretanto, filho, considero-me, e não faço favor algum nisso, um homem falível, prenhe de idiossincrasias, com algumas falhas de personalidade, inerentes à natureza humana, as quais, nós, os inconformistas, erradamente, nos acreditamos imunes e infensos, porque convencidos da proteção e purificação de nossos atos e caracteres, acobertados sob o manto da nossa bandeira ideológica. Já muito vivi e sofri para sentir na carne essa fria verdade: a História é filha do tempo. Em toda a trajetória da minha vida como político, iniciada no fim do século e milênio passados, jamais percebi, e essa constatação para mim é muito dolorosa de

fazer, o povo brasileiro demonstrar vontade política para querer lutar contra as injustiças sociais que sempre existiram no país. Para lhe ser franco, Lázaro: desde que me entendo por gente, tanto nós quanto os conformistas, sempre preconizamos regimes de força para o Brasil, no intento de fazer valer a prevalência de nossas ideologias. A democracia para o Brasil sempre foi um regime político conturbado, mal assimilado pela população, ordinariamente submetida a economias de carestias, altíssimas taxas de inflação e mirabolantes planos de estabilização monetária, cíclica e habitualmente encomendados pelas elites, todos de resultados desastrosos, conseqüências sociais negativas, e as vítimas de costume. No século passado, sofremos quarenta anos de ditaduras, desde Vargas até os militares, e, nos sessenta anos seguintes, fomos vítimas de democracias de fachada, manipuladas por elites conformistas, em que testemunhamos toda sorte de anarquias econômicas, roubalheiras públicas, escândalos governamentais, além do agravamento das crônicas injustiças sociais do país. O abissal fosso entre a pequeníssima parcela de privilegiados e a multidão de excluídos foi, sempre progressivamente, cada vez mais fundo, e as desigualdades sociais crescentemente acentuadas com o desenvolvimento tecnológico e a globalização da economia mundial. O povo brasileiro, Lázaro, nessa quadra de tempo em que eu vivi, não deu mostras de querer alterar esse estado de coisas... — arrematou, expressão cava.

— Temos lideranças e quadros inconformistas capazes de alterar essa situação, professor! — reagiu Lázaro, enérgico.

Leodegário Saquarema ajeitou a cabeleira branca caída sobre a testa, fechou os olhos, apertou as têmporas com as palmas das mãos, como a querer livrar-se de incômoda dor de cabeça, e redargüiu:

— A única e remota chance que efetivamente tivemos de chegar ao poder, desde a independência do país, você nem nascido era: foi no final do milênio passado, quando dois homens, ambos com passado inconformista, disputaram, em dois turnos, a Presidência da República. E qual foi o resultado daquela eleição? Você deve ter-se informado a respeito: o vencedor, um intelectual com biografia progressista, foi inteiramente cooptado pelos conformistas da época, tornando-se o executor de

um dos mais reacionários programas de governo que o país, até então, jamais tivera. Vendeu todo o patrimônio público do país para o capital estrangeiro e para a iniciativa privada, dando início a essa famigerada globalização que até hoje nos escraviza. E pasme: ele foi reeleito, Lázaro, conseguindo, inclusive, emendar a Constituição da época, que não permitia a reeleição. E sabe de quem ele ganhou a reeleição? Do mesmo adversário, um ex-operário líder do inconformismo trabalhista, que ele derrotara na anterior, com um perverso detalhe adicional: ganhou sem precisar de segundo turno!

O doutor Sepúlveda Lobão, entre baforadas, ironizou:

– Nada mais conformista que um inconformista no poder... O próprio presidente da República, bispo Miron Marian, se diz um progressista, apesar de o Partido da Purificação da Nova Vida, ao qual é filiado e do qual é presidente de honra, possuir os quadros de políticos mais conservadores e reacionários do país.

Leodegário Saquarema deu um soco na mesa e vociferou:

– Fale o verdadeiro nome de batismo desse sacripanta, Sepúlveda! É Belmironeide Mariano! Miron Marian é nome de fantasia, que ele adotou por conselho de um pai-de-santo, numerólogo e internauta! Não faça o jogo desse marqueteiro evangélico de meia-tigela: o nome dele é *presidente-bispo* BELMIRONEIDE MARIANO, assim mesmo, horroroso e provinciano, feito nome de dupla sertaneja, como está na sua certidão de nascimento: o nome da mãe dele, se é que esse infeliz teve uma, era Neide, e o do pai, proecta múmia insepulta que ele conseguiu eleger como seu vice-presidente da República, é Belmiro! O nome verdadeiro desse *passa-sacolinha* deve ser repetido e reverberado, em alto e bom som, por todos os inconformistas, na imprensa, nas convenções partidárias, nas rádios e nas televisões! *Presidente-bispo* BELMIRONEIDE MARIANO! Dizem que o sacripanta baixinho sobe nas tamancas quando alguém lembra disso!

Enquanto Leodegário Saquarema discursava, aos gritos, Sepúlveda Lobão fez sinais para Lázaro, sem que o líder inconformista percebesse, sugerindo ao jornalista que o velho estava deprimido, magoado com a reclusão, e que a discussão deveria ser encerrada ali, para poupá-lo.

Fez-se breve silêncio na sala. Lázaro aproveitou para arrumar alguns papéis na pasta; Sepúlveda Lobão imitou-lhe o gesto.

– Hoje teremos Fla-Flu, no *Sernambetibão*,⁴ professor. Vão aproveitar o feriado de Tiradentes – desconversou Lázaro, aca-brunhado.

O líder dos inconformistas continuou a massagear as têmporas, de olhos fechados: não parecera ouvir o comentário. Decorridos alguns instantes de silêncio entre os três, Leodegário Saquarema perguntou as horas para o advogado.

– São doze horas: o tempo da visita já expirou. Voltarei na semana que vem, Leodegário, para colocá-lo a par da tramitação da papelada que você assinou hoje. Deixo aqui estes dois livros, além destas revistas, que devem suprir suas necessidades de leitura, pelo menos até o final da semana que vem, acredito.

Lázaro fechou sua pasta, olhou para o relógio e levantou-se da cadeira. Encaminhou-se em direção a Leodegário Saquarema e, apertando-lhe os ombros, disse:

– Vou secretariar reunião da Executiva Regional do Partido, ao final da tarde de hoje, na Vila da Penha. Voltarei aqui, no domingo, para comentar e analisar o resultado das votações e indicações dos candidatos do Pecolab às eleições do final do ano.

O líder inconformista permanecera quieto, sem esboçar reação, olhar perdido voltado para a janela gradeada da sala de visitas, por onde entrava um tímido fecho da luz do sol da manhã. Lázaro e Sepúlveda Lobão despediram-se de Saquarema, e dirigiram-se para a porta de saída, aberta pelo carcereiro. Antes de cruzá-la, ouviram, às suas costas, a explosão de uma gargalhada nervosa, a semelhar um cacarejo, seguida de um nervoso tossicar. O jornalista e o advogado voltaram-se, assustados com a reação de Leodegário Saquarema.

– O que foi, professor? Está se sentindo bem? Alguma coisa engraçada que o senhor tenha lembrado? – indagou Lázaro, sorriso meio sem graça pregado nos lábios.

⁴ Maior estádio de futebol do Rio de Janeiro, construído em 2027, na Barra da Tijuca. O estádio do Maracanã, obsoleto e com risco de desabamento, virara ruína histórica do século XX, a partir da inauguração do Big Niger, em 2026, o maior estádio do mundo, em Lagos, na Nigéria.

Leodegário Saquarema expectorou o finalzinho de tosse nervosa e respondeu, cara avermelhada pelo esforço:

– Nada de importante, filho, facécias de tempos idos, de épocas jurássicas. Ocorreu-me uma aleivosia dos conformistas, muito falada no século passado, ao tempo em que ainda os chamávamos de conservadores de direita: diziam eles que as esquerdas brasileiras eram tão divididas e desunidas, que só conseguiam se reunir na cadeia! Não é que aqueles sacripantas tinham razão? – respondeu, explodindo nova gargalhada, e sumiu pelo corredor, ladeado pelo carcereiro.

Astrid Junqueira exibia cara de poucos amigos, postada, em pé, na portaria de um megaprédio da avenida Rio Branco, quando Lázaro chegou para o encontro marcado.

– São horas? – indagou a escritora, assomadiça, em tom de recriminação, batendo o bico do sapato de salto alto no piso, braços cruzados.

Absorto, Lázaro deixou-se enlevar, por um átimo, pela generosa topografia do corpo da romancista – desde que a conheçera, num *vernissage*, encantara-lhe o ar petulante, o tom autoritário da voz rouca, o olhar fugidio, que lhe conferiam graça singular; sem falar na fascinante independência de atitudes, na ousada liberdade dos gestos largos que ela exibia. Como não bastasse, conjecturou Lázaro, durante o rápido transe a que se entregara, tratava-se de renomada escritora de romances policiais: todos, sem exceção, de grande vendagem. Os críticos literários a reconheciam como dona de uma poderosa prosa ultravanguardista, que os filólogos da época haviam classificado de inauguratória de uma nova escola literária brasileira: o romance-compacto minimalista.⁵

– Foi a ponte Rio-Niterói, filha: o maldito tira-e-põe das

⁵ Designativo de uma prosa compacta, seca, escoimada de excrescências e de impurezas literárias, de exasperante economia de palavras; estilo literário que preconizava impensável e complexa fraseologia, que tinha por meta prescindir (ou matar), quando possível, o sujeito, o verbo e o predicado; técnica narrativa muito apreciada e cultuada no Brasil, a partir do início do século XXI.

máscaras do Detran provoca retenções em todo o trajeto – desculpou-se, olhando o relógio.

Eram treze e vinte. Lázaro atrasara-se quase uma hora para o encontro.

Os vinte primeiros minutos do almoço – no terraço-restaurante do 80º andar de um megaprédio da avenida Rio Branco – transcorreram no mais absoluto silêncio entre os dois: Astrid Junqueira sempre requeria esse tempo mínimo de incomunicabilidade para se recuperar de qualquer contrariedade: demonstrando seu agastamento, pedira, ela própria, contrafeita, o cardápio ao *maître*, a quem também solicitara acender sua cigarrilha importada da Holanda, enquanto tamborilava na mesa com os dedos; não satisfeita, comandara ao garçom mais próximo uma dose dupla de uísque 45 anos, com um estalar de dedos; tudo isso sem sequer olhar para Lázaro, sentado à sua frente.

Passado o amuo, Astrid pousou, enfim, seus belos olhos castanhos sobre Lázaro; deu uma forte tragada na cigarrilha (deixando a fumaça azulada e aromática evolar-se sobre as faces, à Marlene Dietrich, a quem admirava e sempre assistia aos *cult movies*, em cineclubes), e indagou:

– Você vai assistir à minha palestra no CCBB?⁶

– Com certeza, filha: meu último compromisso, hoje, será somente às dezoito horas, na sede do Pecolab, conforme lhe adiantei por telefone.

– Já lhe disse que detesto quando você me chama de filha! – boquejou a escritora, olhando discretamente para os lados.

– Está bem, não chamo mais. Qual será o tema da palestra? – indagou Lázaro, desconversando, após sorver um gole de água mineral.

– Vou ler e comentar alguns trechos do meu último romance.

– O *Contudo*?

– Como você é avoado, hein Lázaro? Depois do *Contudo*! já escrevi o *Todavia*! de que, diga-se de passagem, você não se dignou a ler nem a orelha!

⁶ Centro Cultural Banco do Brasil.

– Ah, sim! Claro! O *Todavia!* ... Vou lê-lo, fil... Astrid, ainda esta semana, prometo. Falta-me tempo: trabalho doze horas por dia! De qualquer forma, você vai comentá-lo hoje à tarde no CCBB, não vai?

– O *Todavia!* não é o meu último romance, Lázaro! – objetou, irritada, a escritora.

– Não?

– Claro que não! Você não lê o caderno literário do jornal onde trabalha?

– Sou responsável pela chefia da redação do jornal, Astrid. O segundo caderno fica em outro andar. Sou responsável por um grupo azarado de jornalistas-operários, que correm atrás das notícias enquanto elas fogem deles feito o diabo da cruz, e habitualmente só param na porta dos jornais concorrentes!

Astrid Junqueira acelerou o tamborilar dos dedos na mesa, deu outra tragada na cigarrilha, e trovejou:

– É o *Em!* Lázaro! O *Em!*

– O *Em?* O que significa? A sigla de alguma organização criminosa? Um acrograma?

– Não, Lázaro! É a preposição mesmo! *Em!*

Incrédulo, Lázaro ficou a meio caminho entre esboçar um sorriso sem graça e exibir severa comissura labial:

– *Em?* Interessante... Lembro-me de ter visto título parecido nas estantes das livrarias. Confesso pensei tratar-se de alguma coisa ligada aos antigos Esquadrões da Morte, lembra-se? Como a crítica o recebeu?

– Só pode ser deliberada essa sua olímpica desconsideração com meus livros! Eu ganhei com o *Em!* nada mais nada menos que o *Trajanos Hipólito*⁷ de 2044, Lázaro!

– Sério? Parabéns, amor, fico feliz! Você merece! O conjunto de sua obra já faz jus ao Prêmio da Academia Brasileira de Letras!

– Você está de ironias comigo, Lázaro?

⁷ Trajanos Hipólito (1999-2030), considerado O *Brujo* da literatura minimalista, morreu, tragicamente, em um acidente na montanha-russa do Epcot Center, nos EUA. Deixara uma obra de 119 romances-compactos minimalistas (a maior parte deles de apenas um parágrafo), todos de grande sucesso editorial.

– Sabe muito bem que não, Astrid: já lhe disse, repetidas vezes, que fui educado, literariamente, aprendendo a gostar da prosa de nossos escritores jurássicos: Machado, Graciliano, Rosa, e outros medievais da literatura nacional. Que fazer? Passei a amar a nossa sofrida e vilipendiada língua através da prosa deles, por causa deles. A narrativa telegráfica, da qual você é a mais importante representante em nosso país, e que é imitada por quase todos os escritores brasileiros urbanos, nunca me encantou: jamais escondi isso de você. No entanto, devo reconhecer, algumas dessas obras lacônicas, e excessivamente compactas, são apreciáveis, de alguma forma. O seu romance de estréia, o *Mas!* por exemplo, é uma obra-prima em matéria de inventiva minimalista e expurgação frasal!

– Você não pode avaliar o esforço que foi escrever aquele romance, Lázaro: nós ainda nem nos conhecíamos. Originalmente, ele tinha perto de cento e oitenta páginas, as quais com muita luta, noites insones, consegui reduzir para vinte e cinco! Deus é quem sabe o quanto eu sofri!

– Eu imagino, mas deve ter valido a pena! *Mas!* foi um fenômeno literário! Teve uma vendagem sem precedentes! Chamou a atenção de toda a mídia, dos acadêmicos, do mundo cultural latino-americano! O grande *Mas!* – ufanou-se Lázaro, inconvincente.

Astrid Junqueira arqueou os sobrolhos e exibiu um sorriso muito próximo do que Da Vinci imortalizara:

– Quando converso literatura com você, fico sempre com a vaga sensação de estar sendo vítima de suas ironias... – desabafou, com um travo de irritação.

– Impressão equivocada, Astrid: sou irônico por atavismo, por cacoete profissional: é compulsivo, sei lá. Não sou jornalista por acaso: gosto do avesso dos fatos, do que está por baixo da linha-d'água: sou um profissional de coxia, um alfaiate de algebras. A linguagem e o discurso que utilizo são ferramentas de trabalho, cacoetes profissionais de um fuçador de notícias. Não uso desses artifícios com você: admiro seu trabalho, a crença no que faz, independente de minhas preferências literárias. Sabia que Machado, Graciliano, Lima Barreto, Rosa, apenas para citar alguns jurássicos, chegavam a levar até dois anos para

escrever um romance? Quanta diferença para os dias de hoje, em que um jovem escritor famoso, como esse tal de Hildegardo Ronaldo Alfredo, ou coisa que o valha (Deus me livre: até o nome é infame!), com apenas vinte e cinco anos de idade já tem dezenove romances-compactos minimalistas publicados! Graciliano Ramos, gênio literário que viveu apenas sessenta e um anos, escreveu não mais que quatro romances e dois livros de memórias, em toda a sua vida!

– Lázaro! Deixe de saudosismos! Você está falando de romancistas que viveram há cem anos! O Brasil de hoje é diferente, a vida é mais pragmática, o tempo passa mais rápido, as letras são eletrônicas, ágeis, voláteis. Não há mais espaço, nem tempo, neste mundo moderno, para prosas carregadas de devaneios literários, de introspecções herméticas, de elucubrações intertextuais! Os rouxinóis não existem mais, Lázaro! Só cantam em gravações de CD! A Mata Atlântica⁸ há muito foi extinta! A lua já está loteada há uma década, Lázaro! O Brasil de hoje tem outra leitura!

Lázaro escutou aqueles vaticínios como se lhe socassem a boca do estômago vazio. Sorveu, à sôfrega, todo o restante da água mineral; desalentado, vagueou os olhos lacrimejantes (efeito dos goles da água gaseificada) pelas mesas vizinhas, todas ocupadas. “Fauna variada e sortida. Provavelmente sou o único caipira desengonçado por aqui”, conjecturou. O restaurante, sofisticado, era freqüentado quase que exclusivamente por jovens executivos bem acompanhados, todos com ares de gente bem-sucedida, cabelos arrepiados brilhantes, besuntados de gel, tinturados de diversas cores (azuis, vermelhos, amarelos, púrpuras), trajando impecáveis ternos importados de linho – moda *paletódólmã*, de colarinhos plásticos coloridos, irrepreensivelmente abotoados com cintilantes camafeus masculinos. Suas acompanhantes, em grande maioria, usavam maquiagem *new dark* (faces

⁸ Em 2020, os últimos vestígios da Mata Atlântica brasileira, incluindo a flora, a fauna e toda a vegetação remotamente nela existentes, deixaram de existir, por causas diversas: corte indiscriminado de árvores, queimadas, garimpagem de aluvião, plantações clandestinas de maconha e papoulas, manutenção improdutiva de grandes latifúndios para especulação imobiliária, entre outras.

que branquejavam, esmaecidas com base alvacentas, em contraste com olheiras maquiladas de diversas cores, combinando com a cor dos cabelos, curtos e espetados); vestiam ternos-safari, macacões-tubinho, minissaia de gases superpostas coloridas e midishorts; calçavam borzeguins de napa colorida, botas de couro artificial de cano longo, tamancos plataforma de vidro inquebrável. “Podia ser pior: pelo menos a Astrid gosta de moda clássica...”, boquejou Lázaro, com os botões de sua camisa social de algodão encobertos pela gravata larga e comprida, inteiramente fora de moda.

– O que é que podia ser pior? – perguntou Astrid Junqueira, ao ouvi-lo pensar em voz alta.

Lázaro voltou a si, exibindo seu indissimulável sorriso sem graça:

– Se você também gostasse dessa moda horrorosa, tal de *new dark*.

– Pelo menos nisso concordamos: jamais usaria essa ridícula de maquiagem e roupas. Estou mais para *Casablanca* do que para *Blade Runner*! – comentou, exibindo, pela primeira vez no almoço, lábios sorridentes.

– Você está linda, como sempre, e muito elegante nesse *tailleur* pastel – disse Lázaro, enquanto suspendia o copo vazio, à guisa de brinde.

– E você deslegante como sempre: roupas amarfanhadas, cabelo em desalinho sobre a testa. Que fazer? Fui gostar mesmo assim... Há mais coisas no céu e na terra... Bah! Deixa pra lá! – desabafou, levantou o copo de uísque, retribuiu o brinde, e jogou todo o restante da bebida goela abaixo, como vira Marlene Dietrich fazer em *O anjo azul* (Ou fora em *Testemunha de acusação?*).

O auditório do CCBB estava quase lotado. Lázaro conseguiu achar uma poltrona vazia na penúltima fila. No palco profusamente iluminado avultava enorme mesa; a coordenadora do evento *PASSE UM FIM DE TARDE COM SEU ESCRITOR PREFERIDO* lia uma apresentação panegírica da escritora Astrid Junqueira; sentada a seu lado, a consagrada romancista

exteriorizava um ar *blasé* de quem já se acostumara com encômios: mãos cruzadas sob o queixo, olhar estudado, perdido no fundo do auditório. Concluída a leitura da biobibliografia da palestrante da tarde, o auditório prorrompeu em demorados aplausos, acompanhados por Lázaro. Astrid Junqueira ajeitou o microfone sobre a mesa e agradeceu a aclamação, voz pausada e estudada; lá trás, olhando o teto trabalhado em gesso do auditório, Lázaro jurava que a escritora, em seu imo, estaria dizendo para si: “Vocês não fizeram favor algum em me aplaudir...” Em seguida, Astrid Junqueira assestou desnecessários e elegantes óculos importados sobre o nariz (existiam, à época, eficazes lentes de contato descartáveis, que se dissolviam no próprio globo ocular, após vinte e quatro horas de uso, sem nenhum dano à visão do usuário), e passou a ler trechos, intercalados por comentários, sobre o seu último romance, *Em!*:

[...] explodi em seu plexo solar; rasguei gânglios, lacerei filetes nervosos; condoí-me: desviei da aorta: oportunistei-lhe a vida; segui, irresoluto: despedacei uma lasca de costela; perfurei, sem gravidade, a parte superior da pleura; furei o espinhaço: alojei-me, por fim, num buraco que fiz na alvenaria, debaixo de um lavor de São Jorge... A vítima infeliz agonizava, bugalhos arregalados, espantado, decumbente sobre o chão, *res nullius*... Meu chumbo desaquecia, progressivamente, no adobe frio. Senti saudades do estojo vazio, fumegante, disponibilizado na culatra do revólver que me deflagrara. [...]

O trecho lido, após reverencial silêncio de Astrid, desprezando os olhos do livro para fixar o auditório – como somente Bette Davis o fizera, no cinema, há cem anos – provocou demorados aplausos da platéia, acompanhados de uivos primais e excitados gritinhos histéricos, manifestações muito comuns naqueles tempos entre os jovens, principalmente nas assistências a shows de pagode, forró e música sertaneja. Lázaro observava, perplexo, o auditório em delírio, enquanto refletia sobre o teor do trecho do romance de Astrid Junqueira, que ela acabara de ler: “... um projétil que, deflagrado, narra, na primeira pessoa, a própria trajetória, e se condói da vítima, poupando-lhe a vida!...

Como não bastasse, nutria saudades pela cápsula do cartucho!... Deus do céu! E eles gostam!...", ruminou com amargor.

Terminadas as manifestações e aplausos, Astrid Junqueira passou a fazer comentários sobre o texto lido para uma platéia reverente e extasiada. Fez digressões sobre a prosopopéia, técnica narrativa de se conferir inteligência racional e sentimentos a objetos inanimados, recurso muito empregado na literatura infantil, apesar de absolutamente inédito e inovador em romances para adultos, particularmente em histórias policiais, onde o suspense, a urdidura da trama, o impacto de passagens chocantes, *vis-à-vis* a perplexidade dos protagonistas, requeriam absoluta seriedade do narrador, rigorosa verossimilhança dos personagens, não cabendo na trama qualquer espécie de ludismo. Lázaro ainda conjecturava sobre o trecho lido: "... o ponto de vista da bala que, deliberadamente, resolvera não dar cabo da vida da própria vítima..." Tentou afastar os insuperáveis preconceitos que nutria pelos romancistas de sua época, esforçando-se por descobrir arte no trecho do romance de Astrid Junqueira. Devaneou: lembrou-se dos velhos filmes de Alfred Hitchcock, que despertava o voyeurismo dos espectadores usando a câmera de filmar como um buraco de fechadura; evocou a boneca de pano e o sabugo de milho, que tinham vozes, no *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato; veio-lhe à mente Gregor Samsa, o personagem-inseto de Kafka, do magnífico *A metamorfose*; sobrevieram-lhe ao pensamento os cachorros e os porcos inteligentes de *A revolução dos bichos*, de Orwell; recordou a cachorra Baleia de *Vidas secas*, do velho Graça; o leão moribundo de um conto de Hemingway,⁹ em que o próprio animal descrevera, na primeira pessoa, o impacto de balas de rifle alojando-se em seu corpo; até mesmo de Brás Cubas, o defunto-narrador de Machado de Assis... "Mas, uma bala sentimental?... Com escrúpulos e maneirismos de um humano?... Qual!", concluiu as reflexões, soltando um muxoxo.

No *hall* de um megaedifício-garagem na avenida Rio Branco, após a palestra, Astrid segurou o braço de Lázaro, e olhou para o anel-relógio:

⁹ "A vida breve e feliz de Frances Macombe".

– São dezessete horas: ainda dá tempo para você dar uma passadinha no meu apart-hotel – propôs.

Lázaro passou a mão pelos cabelos desalinhados, conferiu as horas no grande relógio digital de parede do *hall*, e balançou a cabeça, negativamente:

– Não vai dar, Astrid: a reunião da Executiva do Pecolab é daqui a uma hora, e na Vila da Penha! Se eu for com você até o Leblon, para depois retornar para a zona norte, e no horário do *rush*, só vou chegar lá pelas oito da noite! – contrapôs, lamentando-se.

Astrid largou o braço de Lázaro com rompante, despedindo-se com um seco “Então, até depois!”. Deu-lhe as costas, e dirigiu-se para as filas dos elevadores.

– Astrid! Espere! Posso passar lá após a reunião, se você estiver de acordo – propôs Lázaro, temporizador.

A romancista estancou os passos, voltou-se, e premiou Lázaro com um largo sorriso – provavelmente inspirado nos muitos que Rita Hayworth arreganhara para Glenn Ford em *Gilda*:

– Desde que você não se atrase muito – boquejou, com a voz rouca, balançando o dedo indicador em riste.

Lázaro caminhou ao seu encontro, enquanto remexia os bolsos do paletó. Achou um pedaço de papel, desdobrou-o e indagou:

– Sabe onde posso encontrar um alfarrábio arqueológico intitulado *Brasil, país do futuro*, de um tal de S. Zweig?

Astrid exibiu esplêndida fileira de dentes:

– Tente nos sebos nas cercanias das ruínas do Paço Imperial, na Praça XV. Lá existem toneladas de publicações antediluvianas. Procure pelo sebo do *seu* Jaime: habitualmente ele fica lá até mais tarde, imerso debaixo daquelas pilhas de papéis e livros velhos, disputando-os com as traças.

Despediram-se, trocando beijos nas faces, e encaminharam-se para filas diferentes no *hall* dos elevadores: seus turbocarros estavam estacionados em pavimentos distintos.

No interior do veículo ainda estacionado, Lázaro tentou novamente ligar para Antônio Péricles, mas a linha do presidente do Pecolab continuava ocupada, o que o intrigou. Enquanto procurava fugir do trânsito do centro da cidade, já intenso àque-

la hora, resolveu tomar a direção das ruínas do estádio do Maracanã, com o intento de pegar a avenida Brasil, cortando caminho pela Quinta da Boa Vista e por São Cristóvão.

Ligou o rádio do turbocarro para relaxar: as emissoras só transmitiam ave-marias eletrônicas, noticiários de clubes de futebol e cultos evangélicos. Lázaro torceu para a entrada da transmissão obrigatória de *A Voz do Brasil*,¹⁰ programa governamental há mais de um século no ar.

O trânsito de veículos, intenso e engarrafado, como soía acontecer toda sexta-feira à tarde, dera um nó, difícil de desatar, à altura do Museu Ferroviário (antigo prédio da Central do Brasil, abandonado, em ruínas, iluminado por elegantes luzes cor púrpura). Lázaro só conseguiu sair do engarrafamento cinquenta minutos depois. Ao passar pelos escombros do estádio do Maracanã (preservados como relíquia do século passado, iluminados por gigantescos holofotes de luzes amarelas, que lhe conferiam dignidade veneranda), ruminou para si: “O Coliseu carioca...” Atravessou a ponte nova para São Cristóvão, construída sobre a via expressa para turbocoletivos da Fetranspor/RJ (antiga via permanente da ferrovia Central do Brasil); à altura do portão do sítio arqueológico da Quinta da Boa Vista, Lázaro foi obrigado a frear, brusca e abruptamente: o sedanturbo preto que o seguira durante a manhã, fechou-lhe a frente, provocando enorme alarido com o som estridente dos pneus travados, derrapando no asfalto, forçando-o a parar. Ao tentar abrir a porta do turbocarro para tomar satisfações, Lázaro foi empurrado de volta para o interior do veículo por quatro brutamontes, saídos do interior do sedanturbo, todos usando óculos escuros, trajando ternos e gravatas pretos, crânios raspados e luzidios. Imobilizaram-no no assento do motorista e pressionaram-lhe o rosto com o que parecia ser um pano embebido em morfina.

¹⁰ Em tempos imemoriais, *A Voz do Brasil* tinha uma hora de duração, com abertura e fechamento musical de *O guarani*, de Carlos Gomes. A partir do governo do bispo evangélico Silas Mateus de Tadeu, no ano de 2019, o programa passou a iniciar a transmissão à hora da Ave-Maria, com duas horas de duração, tendo como abertura e fechamento musical um *pot-pourri* de músicas evangélicas.

3

RONCO DAS TURBINAS DE UM BOEING MEGAJUMBO, com capacidade para mil passageiros, que aterrissara no Aeroporto Internacional Tom Jobim, despertara Lázaro, sobressaltado. Tentou soerguer o tronco, num gesto instintivo, mas desistiu: uma dor de cabeça aguda, acompanhada de horrível sensação de mal-estar, o empurrara de volta ao leito, caindo de costas sobre um colchão fofo. O teto espelhado do cômodo refletia a imagem do seu corpo nu, prostrado sobre uma cama redonda de motel. A boca tinha um gosto de azinha-vre; sentia intensas tonteiras e náuseas; a bexiga inchada doía; afligia-lhe exasperante vontade de urinar. Teve ímpetos de fazê-lo ali mesmo, deitado, tamanho o entorpecimento das pernas, aliado à insuportável sensação de quebradeira por todo o corpo. Tentou reagir e erguer-se; o corpo nu estava molhado de suor, apesar de o ar-condicionado do quarto estar no nível máximo. Conseguiu, após muito esforço, apoiar as plantas dos pés descalços sobre o carpete e sentar-se no leito. Enquanto apertava as têmporas com as mãos, cabeça baixa, escutou abafados gritos e gemidos femininos. Voltou-se para a parede às suas costas e identificou a origem da gemedeira: a TV do quarto, suspensa no teto, exibia um filme pornográfico.

Ao tentar levantar-se, caiu sobre o carpete; com dificuldade, engatinhou até o banheiro; escorou-se na parede do vaso sanitário e deu vazão à intensa e demorada micção. “Que dia-

bos fazia ali, nu, naquele quarto de motel?”, perguntou-se, enquanto fitava o rosto desfigurado, no espelho do lavatório.

Zonzo, escorou-se nas paredes, caminhou vacilante até a porta do box do chuveiro, abriu a torneira da ducha, enfiou-se debaixo do jato de água fria, deixando-a escorrer por sobre a cabeça e o corpo suados. Aos poucos sentiu os pensamentos, até então baralhados, ordenarem-se; a memória, antes estilhaços de um mosaico partido, juntava os cacos, reconstruindo, aos poucos, a lembrança dos momentos que antecederam a perda de consciência: sons de pneus derrapando; um veículo preto fechando-lhe a frente; vociferantes carantonhas de quatro gorilas carecas, dois brancos e dois negros, a gritar impróprios e a esbofetear-lhe as faces; um pano branco empapado de clorofórmio, ou coisa que o valha, pressionando-lhe a cara; gritos abafados e inaudíveis; o apagão...

Ainda não refeito, Lázaro sentou-se no piso do box do banheiro e deixou o jato d'água bater-lhe forte, diretamente sobre a cabeça e a nuca; permaneceu assim, por alguns minutos, até que ouviu o telefone do quarto tocar. Arrastou-se, corpo molhado, de volta à cama; sentou-se no piso junto à mesinha-de-cabêceira e retirou o fone do gancho. Uma voz feminina, com sotaque nordestino, esganiçou do outro lado da linha:

– Recepção, bom-dia. São onze e meia da manhã: gostaríamos de lembrar que a partir do meio-dia começa outra diária. O senhor pretende sair ou permanecer no quarto?

Lázaro, ainda confuso, balbuciou:

– Quem estava... A diária já foi... paga?

– Já, sim senhor, até o meio-dia. A partir das doze são mais CRN\$ 25,00 por novo período de oito horas.

Lázaro segurava a ponta do lençol com uma das mãos, enquanto enxugava a água que escorria dos cabelos:

– E... quem... pagou?

– Não sei, não senhor. Peguei no serviço hoje de manhã. O senhor entrou ontem, no final da tarde; seus acompanhantes saíram na madrugada de hoje, e deixaram dois períodos pagos. É o que está registrado aqui, para o quarto 104, na tela do micro – explicou a recepcionista.

Cabeça latejando de dor, Lázaro fez um esforço de memó-

ria para lembrar do número do telefone do doutor Sepúlveda Lobão. Passou-o à recepcionista, pedindo que ela própria fizesse a ligação e a transferisse para o quarto quando completada. Escoados escassos cinco minutos, que para Lázaro tiveram a duração de uma eternidade, o telefone tocou de volta.

– Graças a Deus! Onde você está, homem? – indagou o advogado, voz aflita, como se já soubesse de seu desaparecimento.

– Num motel... – boquejou Lázaro. – O diabo... é que nem perguntei... à recepcionista... o endereço...

– Os motéis têm o costume de colocar um cardápio em cima da mesa-de-cabeceira ou sobre o frigobar. Procure por aí: você deve encontrar o nome e o endereço na capa do menu. Dá para verificar? Você está bem? – indagou o advogado, preocupado.

Lázaro pediu que o advogado aguardasse no aparelho, enquanto corria os olhos pelo cômodo. Com efeito, um cardápio jazia sobre a mesa-de-cabeceira oposta ao lado em que Lázaro estava sentado.

– *Honey Lips...* é o que está escrito... aqui. Fica na Presidente Dutra... na Rio-São Paulo... – balbuciou Lázaro, cardápio sobre o colo, fornecendo ao advogado o endereço completo do motel e o número do quarto.

– Fique onde está. Não saia daí em nenhuma hipótese; não mexa em nada até eu chegar. Vou ligar para sua mulher, agora mesmo, para tranquilizá-la. Procure manter a calma: já estou indo para aí.

Lázaro colocou o fone de volta no gancho, e retirou-o novamente.

– Recepção, bom-dia – atendeu a recepcionista.

– Gostaria que... me trouxessem um café preto... forte – pediu Lázaro.

– Sim senhor, em dez minutos. O senhor vai permanecer no quarto depois do meio-dia?

Lázaro respondeu que sim, tendo o cuidado de alertar a recepcionista de que o advogado Sepúlveda Lobão estava a caminho do motel, e pedindo que o conduzissem ao seu quarto, tão logo ele chegasse. A recepcionista registrou o pedido emitindo, inadvertidamente, um grunhido de mofa, ao desligar o telefone.

“Como não bastasse, ainda passo por bicha insaciável e devassa...”, ruminou Lázaro, recolocando o aparelho no gancho.

Após enxugar o corpo com uma toalha, Lázaro rasgou um saco plástico que continha um roupão, vestiu-o, e deitou-se na cama. Desligou a TV, expectorando um palavrão, ao flagrar uma cena escabrosa de zoofilia entre uma ninfeta nua e um cavalo. “Pornô paulista e rural...”, resmungou.

O garçom trouxera um café quase frio, com gosto de suco de cabo de guarda-chuva, meia-hora depois do tempo prometido pela recepcionista. Lázaro cuspiu-o na pia do lavatório, deramando o resto do bule de café no vaso sanitário.

Sepúlveda Lobão chegara ao motel acompanhado de um detetive da polícia civil e de um médico. Enquanto o primeiro começou a examinar de imediato o quarto, borrifando objetos com um *spray*, lacrando-os posteriormente em pequenos sacos plásticos, o segundo procedeu a minucioso exame médico de Lázaro: auscultou-lhe o coração, tórax, ventre e as costas, com um estetoscópio; tirou-lhe a temperatura e a pressão; recolheu uma amostra de sangue, com uma seringa descartável, injetando-a num pequeno tubo de vidro, vedado com uma tampa de borracha. Em seguida, o médico recomendou que Sepúlveda Lobão pedisse à recepção um copo de leite, biscoitos e frutas, para retirar Lázaro do jejum a que estava submetido a quase dezoito horas.

Enquanto se alimentava, recostado na cabeceira da cama, Lázaro indagou do advogado:

— O que aconteceu, Sepúlveda?

O advogado, enfiado numa roupa esporte, acendeu um cigarro:

— Segundo testemunhas, você foi seqüestrado, em frente ao portão do sítio arqueológico da Quinta da Boa Vista e, provavelmente, foi trazido inconsciente para cá. O seu carro está aí fora, na garagem do quarto, à primeira vista intacto.

O médico pediu para Lázaro abrir o roupão: queria examinar-lhe o pênis e o ânus.

— E isso é necessário? — indagou Lázaro, perplexo.

— É rotina, nesses casos, Lázaro. É preciso saber se houve molestos ou agressões sexuais — adiantou-se o advogado.

O médico o examinou e não constatou nenhuma anormalidade. Lázaro recompôs-se e perguntou:

— E quem você acha que fez isso, Sepúlveda?

O advogado puxou uma tragada mais forte, limpou o fumo preso na ponta da língua com as pontas dos dedos e respondeu:

— Fizeram a mesma coisa com a mulher do Antônio Péricles, no final da tarde de ontem. Deixaram-na inconsciente num motel da Rio-Petrópolis. Ela está bem. Já está em casa, com o marido e os filhos.

— A mulher do Antônio Péricles, também? Então a coisa foi política, Sepúlveda... — exclamou Lázaro, tremebundo.

— Tudo leva a crer, mas não vamos nos precipitar. A polícia, gente da nossa confiança, vai averiguar, discretamente, sem alarde, e descobrir os responsáveis por esses crimes.

— E com que propósito essas violências foram cometidas, Sepúlveda?

— Intimidação, futuras chantagens, provavelmente. A primeira impressão é que seqüestraram vocês, levaram-nos desacomodados para quartos de motéis, para tirar fotos, ou filmá-los em cenas constrangedoras, talvez deitados na cama com acompanhantes. É o que está parecendo, porque nem você, nem a mulher do Antônio Péricles, ao que tudo indica, foram submetidos a sevícias ou a violências sexuais. Tampouco lhes roubaram os pertences, dinheiro, cartões de crédito, documentos ou os carros. O procedimento dos seqüestradores seguiu idêntica rotina, em ambos os casos.

— O senhor, por acaso, está concorrendo, atualmente, a algum emprego ou posto de trabalho? — indagou o detetive a Lázaro, enquanto fazia anotações num bloco.

— Não, por quê?

— É causa comum para crime recorrente nos dias de hoje: candidatos a emprego, como recurso para assegurar a contratação para a vaga em aberto, contratam marginais para seqüestrar, sumir temporariamente ou chantagear candidatos concorrentes à mesma posição, tamanha a escassez de oferta de trabalho — respondeu o policial.

— Não posso acreditar num absurdo desses... — espantou-se

Lázaro, atônito, procurando os olhos de Sepúlveda Lobão para confirmar a veracidade daquela aberração social.

O advogado olhava pela janela do quarto do motel. Voltou-se para Lázaro, deu uma forte tragada no cigarro, e ficou soltando argolinhas de fumaça pela boca, ao tempo que levantava os ombros, espichava os beijos e mostrava as palmas das mãos:

– Efeitos da globalização, meu caro. Postos de trabalho, nos tempos que correm, têm tanto valor quanto cocaína ou dinheiro vivo.

PARLAMENTO EUROPEU NEGA NOVO EMPRÉSTIMO AO GOVERNO BRASILEIRO

BRUXELAS (AP) – O *premier* do Parlamento Europeu, o atual Chefe do Gabinete de Ministros da Itália, Federico Cilegari, recomendou aos membros do mais alto colegiado de decisões estratégicas dos países da Europa, com sede nesta cidade, a não aprovação do novo pedido de empréstimo solicitado pelo governo brasileiro, de vinte bilhões de euros, destinado a estabilizar a economia do maior país sul-americano. O *premier* Cilegari denunciou que o governo do presidente Miron Marian tem desrespeitado, reiteradas vezes, o dispositivo da constituição brasileira de 2039 que prevê a independência do Banco Central na condução da política mone-

tária do país. O ministro italiano alertou, ainda, para o fato de o governo brasileiro ter descumprido todas as metas para ajuste fiscal, redução do déficit público e corte nas despesas públicas, recomendadas pelo Fundo Monetário Internacional e pela Auditoria Internacional do Eurobank para o quadriênio 2041/2044. Observadores estrangeiros acreditam que o Parlamento Europeu deverá designar uma comissão de alto nível para negociar, com o próximo governo brasileiro, o cumprimento de exigências adicionais, para concessão de novos empréstimos ao país. A notícia causou irritação nos meios empresariais e políticos brasileiros.

Exibiam caras patibulares os ministros do Conselho de Segurança da República, convocado, extraordinariamente, pelo presidente Miron Marian, em manhã ensolarada do dia 23 de abril de 2045, domingo, em Brasília. Na sala de reuniões ministeriais do Palácio do Planalto, os oito membros do Alto Colegiado de Segurança Nacional aguardavam a presença do presidente da República, enquanto liam o *clipping* da Secretaria de Comunicação Social, que reproduzia as diferentes versões da imprensa sobre a decisão do Parlamento Europeu de impor exigências adi-

cionais ao Brasil para concessão de novos empréstimos. O general Êrico Krammer, ministro da Segurança Interna, gaúcho agastado, era o mais irritado entre os presentes. Tipo gerniânico, sangüíneo, perto de dois metros de altura, cabelos grisalhos à escovinha espetados na calva vermelha, o militar não conseguia dissimular a contrariedade e o desagrado com as notícias do *clipping*; mexia, nervosamente, o corpanzil no assento da cadeira, enquanto expelia o ar das bochechas, que inflava e desinflava, a intervalos curtos, olhos azuis a rutilar fagulhas de ira.

– Uma ignomínia! – guinchou o general, bufando de ódio.

O pastor Bruno Cardoso, titular da Pasta de Justiça e Ordem Social, sentado à frente do militar na mesa ovalada, advertiu-o:

– Acalme-se, general. O protocolo nos impede de fazer comentários sobre assuntos que ainda serão objeto de deliberação do Conselho.

O ministro dos Cultos Evangélicos, sentado ao lado do general Krammer, assentiu com a cabeça, referendando a observação do colega.

O militar não conseguiu conter a irritação:

– Ora, pastor... perdão, ministro Cardoso. O que está em jogo aqui é a soberania do Estado! Para o inferno com esses escrúpulos de consciência, com esses protocolos criados por burocratas empedernidos! É absolutamente inaceitável essa intromissão do Parlamento Europeu em nossos assuntos internos! Jamais, em tempo algum, está aí a História para provar, o Brasil permitiu a mais leve ingerência estrangeira na condução dos seus negócios de Estado! Eu, à época da redação da Constituição de 2039, alertei o presidente Marian, e a comissão de notáveis que a elaborou, que a sugestão do Parlamento Europeu de fazer constar, no texto constitucional, a subordinação da condução da política monetária do país a um Banco Central independente, se acatada, teria elevadíssimo preço a ser pago no futuro! Aí está: a fatura nos está sendo cobrada seis anos depois!

O ministro da Fazenda, bispo Alcebiádes Trancoso, ainda lia o *clipping*, quando interveio:

– Não nos impuseram nada de ignominioso, general. O que o Parlamento Europeu está exigindo é o estrito cumprimento do texto constitucional, que soberanamente elaboramos e pro-

mulgamos, relativamente à execução da política monetária do país. É forçoso reconhecer, e falo com conhecimento de causa: não estamos cumprindo a Constituição Federal *ipsis verbis*, neste aspecto. O presidente Marian, a partir da enfermidade que acometeu seu pai (o bispo Belmiro Mariano, vice-presidente da República e presidente do Banco Central), obrigando nosso venerando e decano pastor a licenciar-se de suas responsabilidades constitucionais, hoje aqui presente e, graças a Deus, já recuperado, avocou para si a condução da política monetária do país, e não tem feito segredo disso a ninguém, nem à mídia internacional. Recentemente, embora sem sucesso, desafortunadamente, o presidente Marian comandou pessoalmente uma intervenção do Banco Central no mercado de câmbio, para compra maciça de dólares e de euros, na tentativa de pôr cobro ao descalabro especulativo que estamos vivendo nos mercados financeiros do Rio e de São Paulo. Nosso venerando vice-presidente, a quem aproveito e dou agora as boas-vindas, feliz com sua recuperação, foi, e sempre será, um homem ligado à fé, à prevalência do espírito sobre a matéria, à caridade entre os homens, virtudes necessárias e elogiáveis, porém insuficientes para enfrentar esse selvagem mercado financeiro brasileiro!

O bispo Belmiro Mariano – pai do presidente Miron Marian –, senhor de avançada idade, completamente calvo, mãos trêmulas postas sobre a mesa, ainda convalescendo de longa enfermidade, estava sentado no lugar reservado ao vice-presidente da República. Com dificuldade, ergueu a mão trêmula, e solicitou um aparte. Todos à mesa silenciaram-se, reverentes. Fio de voz vacilante, quase inaudível, o vice-presidente iniciou sua fala:

– Obrigado pelas palavras carinhosas e os votos de boas-vindas, bispo Trancoso. Permitam-me, caríssimos irmãos, esta breve achega, que espero contributiva, para este douto debate: precisamos, mais do que nunca, nesses tempos atuais, acreditar nas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, elevando nossas preces para que Ele ilumine nossas ações e condutas. Estou perto de completar um século de vida, muito próximo de despedir-me deste mundo, para ir morar, assim espero, nos domínios do Criador. Há muito aprendi que um homem deve viver a sua época... Quando eu nasci, ó Senhor quanto tempo faz isso!, o

Brasil perdia uma copa mundial de futebol para o Uruguai, em pleno estádio do Maracanã recém-inaugurado, hoje uma ruína histórica do Rio de Janeiro. Nos quarenta e cinco anos seguintes àquele desastre, nosso brioso país conquistaria quatro títulos mundiais de futebol, para imensa alegria do povo brasileiro, sempre orgulhoso e ufano das glórias conquistadas por nossa pátria em campos estrangeiros. Ressalte-se, ainda, que naquela gloriosa quadra de tempo abismamos o mundo com a pujança de duas de nossas mais apreciadas artes populares: nossa inimitável música popular explodiu no planeta, o *sertanoforrogode*, coadjuvado pela dança baiana que igualmente deslumbrou o mundo, a *bundançaxé* (*assdance*, no exterior), que deu oportunidade a milhares de brasileirinhas, louras, morenas, mulatas e negras, de ganhar a vida encantando as platéias da Europa e das Américas, exibindo o vigor de nossa raça, o talento da nossa arte popular... Infelizmente, caríssimos, a vida também nos ensina que tudo que sobe, desce: é a lei da gravidade, impossível de ser revogada, porque da lavra de Deus, também atuante sobre o destino das nações... Desafortunadamente, estamos há mais de cinquenta anos sem ganhar um título mundial de futebol, e o que é o pior: fomos rebaixados para a *segundona* da FIFA, depois daquele fiasco na Copa de 2024, em que perdemos, de goleada (Deus até hoje não atendeu minhas preces para me desmemoriar daquele vexame!) do Gabão, das Ilhas Maurício, do Sri Lanka e de Luxemburgo, obrigando-nos a voltar mais cedo para casa, humilhados... Mas quem sabe não nos aguardam novas glórias, nos próximos cinquenta anos? Tenho a teoria de que o Brasil é um país ciclotímico: de cinquenta em cinquenta anos ele avança, galhardamente, e recupera a alegria perdida, nos surpreendendo com novas conquistas!

Os ministros do Conselho de Segurança ouviram o vice-presidente com reverência e atenção, inclusive o general Krammer, que aquietara o corpanzil na cadeira, e mantivera as bochechas desinfladas por todo o tempo da peroração do bispo Belmiro Mariano.

O pastor Adaauto Júnior, ministro da Reengenharia da Coisa Pública e da Qualidade de Vida da Cidadania, o mais jovem membro do Conselho, aparteceu:

— A visão otimista, que o excelentíssimo senhor vice-presidente tem para com o nosso país, é exemplar. O principal desiderato de nosso ministério, tanto o político, quanto o pastoral, é trabalhar para que estados de espírito benignos, como esse cultuado pelo bispo Belmiro Mariano, por toda a sua longa vida, contaminem toda a sociedade brasileira. É com esse propósito que meu ministério recomenda o emprego de programas de educação e de treinamento para a sociedade brasileira, que contemplem essa mensagem ufanista, saudavelmente positiva sobre o futuro do Brasil, principalmente na propaganda dirigida aos inconformistas e aos *inocupacionais*.¹ É preciso ter sempre presente, em nossos corações e mentes, uma visão otimista do Brasil do porvir: um otimismo saudável, exuberante e entusiasmado com o futuro, atavismo característico de nosso povo; um estado de espírito de superior qualidade de pensamento, aliado a uma generosa crença nos nossos governantes, e robusta fé nos destinos deste gigantesco, rico e maravilhoso país!

O vice-presidente da República, tossicando, olhos marejados d'água, bateu palmas inaudíveis, mãos trêmulas, em agradecimento à intervenção do pastor Adaauto Júnior, enquanto boquejava vacilantes “Apoiado! Apoiado!”. O ministro dos Cultos Evangélicos benzeu-se, ergueu a mão direita espalmada em direção ao jovem colega de ministério e o abençoou:

— Que Nosso Senhor Jesus Cristo estenda suas bênçãos sobre este país e seu povo, ministro Adaauto Júnior. Sábias palavras as suas! Feliz é o governo que tem colaboradores de seu jaez, com visão tão moderna e generosa para com os desassistidos.

O general Krammer voltara a inflar as bochechas e expelir sopros de ira. Balançava negativamente a cabeça, quando retorquiu:

— Nossa segurança interna não pode ser assegurada somente com a ajuda de Deus, senhores! Precisamos ajudá-lo para que Ele nos ajude! A Gendarmaria Nacional² precisa ser ree-

¹ Neologismo criado pelo ministério da Reengenharia da Coisa Pública e da Qualidade de Vida da Cidadania, para designar a grande massa de desocupados do país, vítimas dos desempregos tecnológico e estrutural, e da globalização da economia mundial.

² As polícias militares haviam sido extintas, em todo o país, no ano de 2039, tendo sido criada a Gendarmaria Nacional, à semelhança da força de segurança francesa.

quipada para poder enfrentar, com eficácia, essa onda de violência e de protestos nas cidades, manipulada por esses inconseqüentes e baderneiros inconformistas! Nossas tropas multimodais de fronteira precisam ter os soldos melhorados, em face dos flagrantes desníveis remuneratórios, comparados aos pagos pelas tropas estrangeiras vizinhas. Não se esqueçam que argentinos, paraguaios e bolivianos ganham em dólares, e os nossos, em cruzados reais novos! Todavia, não quero afastar-me do motivo maior do meu inconform... ou melhor, da minha revolta: essa absurda e intolerável intromissão do Parlamento Europeu em nossos assuntos internos! O país não pode ser ultrajado com tamanha humilhação, por certo engendrada por esse criptocomunista *signore* Federico Calegari, inimigo declarado do Brasil, inacreditavelmente eleito primeiro-ministro do gabinete italiano, e, para pasmo geral, *premier* do Parlamento Europeu!

O ministro da Caridade aos Pobres, bispo Leovegildo Fortunato, vice-presidente do Partido da Purificação da Nova Vida – PNV, resolvera intervir no debate:

– Nosso ministério vem tentando sensibilizar o excelentíssimo presidente da República para que revigore o Grande Programa de Salvação Nacional – GPSN, em bases e núcleos paroquiais, reencetando a prática de arrecadação de óbolos espontâneos, em cada templo e igreja, de quaisquer correntes ou doutrinas. A transformação do dízimo em imposto da União tem provocado crescente esvaziamento das caixas de auxílio e das *sacolinhas*, em todos os templos. Somos de opinião, salvo melhor juízo, que ainda não se esgotaram as economias da gente humilde e assalariada que é descontada do dízimo na fonte. Acredito, piamente, e reafirmo: essa gente ainda tem reservas de poupança para ajudar o país a sair dessa crise que passamos, sem precedentes na História.

Nesse íterim, os alto-falantes da sala de reuniões ministeriais do Palácio do Planalto passaram a transmitir *Les Quatre Saisons: L'Hiver, allegro con molto-largo-allegro*, de Antonio Vivaldi, sonorizada por um sintetizador eletrônico: era o aviso, ritualizado pelo cerimonial da Presidência da República, de que o presidente Marian estava prestes a ingressar na sala de reuniões.

Após breve instante, um senhor em torno de sessenta anos, baixa estatura, ombros largos, cabelos e bigodes tingidos de *negro asa-de-graúna*, a contrastar com alvíssimo *slack-dólmã* de colarinho plástico cor-de-rosa (abotoado com um camafeu que ostentava as Armas da República), sapatos brancos com salto plataforma, adentrou solene, exibindo contagiante sorriso de simpatia, na sala de reuniões ministeriais. Todos os ministros do Conselho levantaram-se de seus assentos. O bispo Miron Marian postou-se, de pé, frente à cabeceira da mesa ovalada, esticou os braços, palmas das mãos voltadas para cima, como a dar graças aos presentes, cerrou os olhos miúdos encimados por espessas sobranceiras, e engrolou uma jaculatória; ao término da breve oração, abençoou os presentes e solicitou que retomassem seus lugares à mesa.

– A paz do Senhor esteja convosco – exclamou o bispo Marian, descerrando as pálpebras.

– E contigo também – replicaram os membros do Conselho, em uníssono.

O bispo Miron Marian limpou a garganta, tomou um gole de água mineral importada, e iniciou a reunião:

– Senhores ministros do Conselho de Segurança da República, bom-dia. Não é do meu feitio convocar ministros para trabalhar em dias de descanso, particularmente no dia do Senhor, mas o governo da República não tem férias: o país não pára, à semelhança dos coletivos de antigamente, para que o governo o conserte. Somos obrigados, nos tempos atuais, a consertar o turbocóptero em pleno vôo! O motivo principal da convocação extraordinária deste egrégio conselho, como todos já devem ter tomado conhecimento, por meio do *clipping* da Secretaria de Comunicação Social, prende-se à recente decisão do Parlamento Europeu de não aprovar o empréstimo que solicitamos ao Eurobank, no valor de vinte bilhões de euros. Tal negativa – interrompeu para sorver mais dois goles de água mineral – importará em, pelo menos, um par de consequências, ambas danosas para o Brasil: uma, de natureza política; a outra, obviamente, com repercussões diretas na já combatida situação econômico-financeira do país, e na sua estabilidade monetária. Já não constitui matéria controversa a inten-

ção de o Partido da Purificação da Nova Vida, com o honroso apoio dos senhores, e de largas parcelas da sociedade brasileira esclarecida, reconduzir-me para novo mandato presidencial, concorrendo às eleições presidenciais previstas para o final deste ano. Embora, no meu mais profundo imo, não desejasse o terceiro mandato, dado que muito já sacrifiquei o convívio com minha família, além de me causar grande sofrimento o afastamento compulsório a que fui submetido do ministério pastoral na Igreja da Purificação da Nova Vida, da minha querida Cachoeiras de Macacu, fui persuadido, pelos mais expressivos segmentos da sociedade de nosso amado país, a subordinar meus interesses pessoais e familiares às necessidades superiores do Estado, e aos reclamos da sociedade brasileira, oferecendo, mais uma vez, provas do meu patriotismo e profundo amor pelo Brasil.

O vice-presidente da República, olhos rasos d'água, não resistiu e solfejou vacilantes "Apoiado! Apoiado, filho querido!", enquanto batia palmas inaudíveis com as mãos trêmulas.

O bispo Marian, sensibilizado com o entusiasmo do pai, exibiu esplêndida dentadura, num sorriso de agradecimento e reverência filial.

Em seguida, o presidente da República discorreu longa análise sobre a grave crise econômico-financeira do Brasil, que ele atribuía a causas estruturais, ao ultrapassado modelo federativo (defendia o Estado unitário), aos gastos excessivos com o funcionalismo público, aos rombos sucessivos e históricos da Previdência Social, à necessidade de reformas estruturais urgentes (política, fiscal e previdenciária), ao elevado valor do salário mínimo (US\$ 50, à época), aos maus hábitos de consumo do povo brasileiro, aos especuladores do mercado financeiro.

— É forçoso reconhecer: vivemos, como a batizaram nossos economistas, uma *arquiéstagflação*, além de um estado crônico de inocupação social, que resulta em perigoso avanço do movimento inconformista. Precisamos, com urgência, de um fato político de efeito galvanizador junto à sociedade brasileira, algo capaz de impactar e comover as massas, despertando o seu ufanismo vocacional, hoje estranhamente entorpecido... — interrompeu para novos goles de água mineral, assumindo uma

expressão grave, nas raras vezes que apagava o contagiante sorriso dos lábios – ... um *Oscar* para um filme nacional, um título internacional para um esporte coletivo, um pugilista humilde que arrebate um cinturão mundial, um prêmio literário internacional para um dos nossos talentosos romancistas compacto-minimalistas... Por que razão, meu Deus, um brasileiro até hoje não ganhou um Nobel? De capoeira, que fosse! de educação física! de dança! Enfim: precisamos de um fato político relevante, que nos dê tempo e fôlego para enfrentar o futuro aziago que se nos avizinha... É disso que necessitamos, com urgência! Além de muita sorte, caríssimos irmãos e companheiros de trabalho! – arrematou, sorvendo o restante da água mineral, voltando a exibir o indefectível sorriso contagiante de simpatia (segundo os especialistas em *marketing* político eleitoral, seu principal fator de desequilíbrio entre os adversários políticos, além de incrível sorvedouro de votos junto ao eleitorado brasileiro).

O presidente Marian pigarreou, limpou a garganta, enrugou o sobrecenho, e prosseguiu:

– Com a negativa do Parlamento Europeu de nos conceder novo empréstimo, a questão política insere-se em cenário de maior dramaticidade e pessimismo, dado que, de imediato, se nos apresenta uma questão de ordem pragmática: sem os recursos financeiros provenientes do empréstimo do Eurobank, não há como financiar nossa campanha eleitoral para as eleições presidenciais que se aproximam, a nos acenar com custos astronômicos! Eu bem que alertei os legisladores constituintes de 2039: a idéia de tornar não-obrigatório o voto, no país, traria gravíssimos prejuízos à sociedade. Está aí o resultado: as campanhas eleitorais no Brasil são as mais caras do mundo! Custa-nos os olhos da cara tirar um eleitor de casa para votar! Não conseguiria eu, junto aos banqueiros, industriais, capitalistas e os grandes ruralistas, nossos fiéis amigos e correligionários, de ideologia e fé religiosa, os recursos necessários para aquele fim: estão todos combalidos de finanças, dado que caíram muito as vendas de seus produtos e serviços no mercado interno, e eles não têm competitividade internacional para exportar. Nessas horas, temos de reconhecer: não há emprego, por consequência não há renda para consumo; há um enorme déficit fiscal; e entramos

naquele círculo vicioso da economia, que sempre nos é explicado, por nossos ilustres economistas formados no exterior, com palavrório e neologismos inusitados, e a preços de consultoria e aconselhamento que nos custam os olhos da cara! Cientes de nossas dificuldades, meus caros irmãos e companheiros de trabalho, nossos principais adversários políticos (os bispos de igrejas evangélicas de outras vertentes religiosas, também registradas como partidos políticos) já saíram à frente com suas campanhas para a eleição presidencial que se avizinha. E estes, não se iludam, são nossos mais perigosos adversários, pois não há que temer, sequer preocupar-se, com o Pecolab, com o Pib, e muito menos com essa irresponsável FMR do B,³ oposição anarquista que estamos cansados de surrar nas urnas, há anos, e que jamais fizeram moessa ao nosso glorioso PNV.

O ministro da Reengenharia da Coisa Pública e da Qualidade de Vida da Cidadania, contrito, ergueu o dedo indicador da mão direita, solicitando um aparte ao bispo Marian.

– Pois não, pastor Adauto Júnior – aquiesceu o presidente.

O jovem ministro limpou a garganta, ajeitou o camafeu – que abotoava o colarinho de plástico *verde café-robusta* de seu paletó-dólmã – e aparteou:

– Consta, senhor presidente, e falo com base em indícios apurados por nosso Ministério, que o Partido da Comunhão com Cristo-PCC e o Movimento de Libertação das Almas do Brasil-Molab estariam em negociações com organismos transnacionais de investimento para obtenção de vultosos fundos de campanha, inclusive submetendo os nomes de seus candidatos à Presidência da República ao crivo de capitalistas transnacionais globalizados, que se apresentam à mídia internacional como seus referendários.

O bispo Marian metamorfoseou seu famoso sorriso em severa comissura labial:

– General Krammer! – exclamou, dirigindo-se ao ministro da Segurança Interna. – Não recebi nenhum informe ou relató-

³ Frente de Mobilização Revolucionária do Brasil. Agremiação político-partidária revolucionária, de matiz ultra-inconformista, ironicamente alcunhada pela classe média brasileira de *Furiosos Moleques Rebeldes do Brasil*.

rio reservado sobre esse fato! O que está havendo com a sempre expedita ação dos arapongas da CBI?⁴

O militar inflou as bochechas, e soprou o ar, couro cabeludo enrubescido:

– Senhor presidente: já tivemos oportunidade, preteritamente, de esclarecer a Vossa Excelência que nós, do Ministério da Segurança Interna, e também da CBI, trabalhamos com informes e informações, mas somente estas chegam ao conhecimento do presidente da República, porque refletem conhecimento de largo e amplo espectro, rigorosamente averiguado e fundamentado, resultante do sopeso, avaliação e análise crítica de um conjunto de informes. Indícios, como bem ressaltou o ministro Adauto Júnior, são vestígios, sinais, impressões do tipo *consta que*, tão ao sabor e gosto dos políticos e jornalistas brasileiros, mas que não caracterizam uma verdade concreta: apenas sugerem uma versão ainda não comprovada dos fatos, uma especulação que necessita ser investigada. Não pode nosso ministério, tampouco a CBI, suprir o mais alto magistrado do país com avaliações fundadas em suposições especulativas.

– General Krammer, reconheço e louvo sua abnegação e competência para com os assuntos de segurança, mas lhe peço que deixemos esses tecnicismos metodológicos para os economistas, que vivem a nos entulhar de *papers* e relatórios complicados, eivados de neologismos pernósticos e de estrangeirismos. Insisto: nossos adversários políticos mais perigosos bebem da nossa mesma fonte: consultam e pregam pelo mesmo livro, que não é a Constituição Federal! Por inúmeras vezes encareci ao deputado Pernambuco Natanael, nosso ministro Chefe da Casa Civil,⁵ que tentasse uma articulação política com os partidos evangélicos mais robustos, no intento de buscarmos uma con-

⁴ Central Brasileira de Inteligência. Agência governamental, integrada por oficiais da reserva remunerada do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e da Gendarmaria Nacional, estruturada nos moldes da CIA americana.

⁵ Pernambuco Natanael, político profissional nordestino, mais conhecido como *Camaleão Anfíbio Dourado*, conseguiu o feito de participar de todos os governos da República, desde 2025, quadra de tempo em que se revezaram no poder quatro facções políticas de conformistas-evangélicos, todas reciprocamente adversárias e arquiinimigas.

vergência de entendimentos em torno de interesses comuns. Quem sabe um pensamento político único? Por que não o sonho de um partido evangélico único? Desafortunadamente, o nosso ministro Chefe da Casa Civil, apesar de sua notória e reconhecida capacidade de articulação política, não logrou obter êxito na missão que lhe foi confiada: nossos co-irmãos de igrejas-partidos não se contentam mais em compartilhar o poder com ministérios, nem com cargos públicos de direção, muito menos com apoios políticos que não se traduzam em recompensas materiais. Querem o meu lugar!

— Não passarão! — apartou o general Krammer, soprando o ar das bochechas.

Inopinadamente, o secretário particular do presidente da República — não por coincidência o filho mais velho do bispo Marian — adentrou à sala de reuniões trazendo no rosto uma expressão grave, faces empalidecidas, portando uma folha de papel presa à mão trêmula, e a entregou ao pai.

O presidente Miron Marian leu para si, com vagar, o conteúdo da informação que lhe fora passada, enquanto os ministros observavam rigoroso e angustiado silêncio, em face da expressão de pânico exibida pelo filho do presidente. Ao concluir a terceira leitura da nota, o mais alto mandatário do país esboçou um esgar de pavor e aflição, como se não acreditasse no que havia lido. Ato contínuo, franziu o sobrecenho, cerziu os lábios e cerrou as pálpebras — como se uma dor aguda lhe trespassasse o peito —, e vociferou uma rabugem ininteligível, emitida sob a forma de um som cavo e roufenho, deixando sobresaltados os ministros ali presentes.

4

LÁZARO DAS DORES CONSEGUIRA, FINALMENTE, COMUNICAR-se com Antônio Péricles, por telefone, dois dias após o seqüestro de que fora vítima. O jornalista, ainda traumatizado com a violência que sofrera, atendeu a ligação do presidente do Pecolab enquanto assistia, na sala de visitas do seu apartamento – na companhia da mulher, das filhas e de Bienvenido Pavan, o amigo argentino que o visitava –, aos dois programas dominicais de maior audiência da televisão brasileira (simultaneamente, por meio do sistema PIP de imagens sobrepostas). No quadro maior, o *Showzão do gordalhufo Paulão Transformer*; no menor, o *Pagodão Forrozeiro do Axé Sertanejo*, show de auditório apresentado por Constança Ballesterio, a musa da Nova Paulicéia.

– Ainda estamos muito traumatizados aqui em casa, e avalio que você deva estar também, companheiro – lamentava-se o presidente do Pecolab.

– O importante é que estamos vivos! Estou tentando ligar para você desde a manhã do dia dos seqüestros. Como está a Maria da Conceição? – indagou Lázaro.

– Está dormindo, ainda sob o efeito de sedativos. Ela vai recuperar-se, espero que sem traumas psicológicos. E com você, tudo bem?

– É mais provável que eu adquira grave problema psíquico se continuar a assistir à televisão aos domingos – respondeu

Lázaro, balançando negativamente a cabeça, em desaprovação às cenas que a tela da TV exibia.

A conversação telefônica prolongou-se por alguns minutos, oportunidade em que Antônio Péricles, revelando tensão e estado estressante, desculpou-se com Lázaro por não lhe adiantar, pelo telefone, o assunto da reunião extraordinária da Executiva do Pecolab, que ele convocara para a tarde do dia seguinte:

– Será na casa do senador Ferreirinha da Gamboa, e pedi que dela participassem toda a bancada de deputados federais do Pecolab, além dos prefeitos, do partido, dos municípios do Rio de Janeiro e de Porto Alegre.

– O assunto é assim tão momentoso que justifique a convocação de toda essa gente? Tem a ver com os seqüestros de que eu e a Maria da Conceição fomos vítimas? – insistiu Lázaro, curioso.

– Não, companheiro. Nada a ver com a violência que vocês sofreram: o assunto é político, e da maior gravidade. Temos que analisá-lo com muito cuidado, porque é tema delicado que afeta, diretamente, os destinos do Pecolab e, principalmente, os do país! Aguardo você lá, amanhã, sem falta, Lázaro. Até mais, companheiro – respondeu, e desligou.

Na tela da TV, o gordalhufo Paulão Transformer – cidadão idoso, imensamente obeso e afeminado, cara maquilada de boneca, equilibrando alta e basta peruca ruiva na cabeça – sacudia suas fartas adiposidades pelo palco, enfiado num traje curtíssimo de bailarina clássica. O mais famoso animador de programas de auditório da televisão brasileira liderava, aos gritos histéricos, um concurso que tinha por propósito escolher as nádegas mais feias, entre mendigos recolhidos debaixo dos viadutos do centro da cidade do Rio de Janeiro. No quadro menor da tela do aparelho de TV, sobreposto ao maior, uma senhora, loura oxigenada, em torno dos setenta anos, usando um shortinho curto que lhe deixava a popa das nádegas flácidas e caídas à mostra, comandava um desfile de moda íntima, para lançamento de nova *griffe* inglesa, apresentado por jovens modelos, de ambos os sexos, enquanto bailarinas adolescentes, em biquínis sumários, dançavam a *bundançaxé*, no fundo do palco.

– *Fenómeno! De la cinta abajo, toda vieja tiene veinte años!* – gracejou o argentino Bienvenido Pavan, sentado no sofá da sala, provocando risos na mulher e nas filhas de Lázaro das Dores.

– Deixa de falar bobagem, Pavan! Essa múmia insepulta nunca se deu ao respeito, nem quando era jovem! Agora, depois de macróbia, fica exibindo, todos os domingos, essas pelancas esticadas, querendo passar por mocinha! É ridícula! Um nojo! – vociferou Lázaro.

– *Ni hermosa que todos alaben, ni fea que a todos espante! Ocho o ochenta importan poco en la cuenta! Mira, Lazarillo:* a televisão brasileira é a mais bem produzida do mundo! Transforma miseráveis, desassistidos, infelizes e criaturas hediondas em atrações que dão audiência! O Brasil é o país mais ecumênico do mundo, o mais democrático, não tem preconceitos de classe, tampouco é racista! Seria impensável um programa de TV, desse nível, *en mi Buenos Aires querido!* – ironizou Bienvenido Pavan.

– A televisão da tua Buenos Aires querida nem geração local tem mais, Pavan: estão todos desempregados, e teus patricios só assistem a programas produzidos em Miami, em castelhano, e a enlatados europeus! – redargüiu Lázaro.

Bienvenido Pavan, por alcunha *El Negrero*, ex-periodista argentino, *izquierdista*, exilara-se no Brasil há três anos, desde que recebera ameaças de morte do grupo político que ascendera ao poder na Argentina – adeptos da igreja New Liberty. Perseguido pelos *derechistas* argentinos, estava foragido no Rio de Janeiro quando procurou o amigo Lázaro das Dores, com quem travara amizade durante a cobertura jornalística da Copa do Mundo de Futebol de 2042, nas Ilhas Fiji. Lázaro o ajudou empregando-o como fotógrafo de *A Gazeta Carioca*. Para complementar os apertados orçamentos domésticos, Lázaro e Pavan haviam registrado pequena sociedade imobiliária – que só funcionava nos fins de semana – para corretagem de casas e terrenos de praia, na *região confinada* dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. A idéia partira do próprio Pavan, ao término do seu primeiro ano como clandestino no Brasil, quando cansara de viver de subempregos e de expedientes (garçom de botequim de subúrbio, ambulante de livrinhos esotéricos e de vidrinhos de essências florais, segurança e leão-de-chácara de termas, pipoqueiro de shopping center, vendedor de softwares piratas e, por último, à época em que reencontrara Lázaro, camelô especialista em troca de baterias para relógios de pulso). A vocação para corretagem imobiliária, Pavan descobrira por acaso: robusta

viúva balzaquiana carioca — *una macanuda ricachona*, como o argentino a chamava — desafiara-o, em uma conversa de bar, a vender um terreno insalubre e pantanoso, de propriedade dela, na localidade de São José de Imbassahy, não muito perto da lagoa de Maricá, trambolho fundiário que o mais ingênuo e neófito dos adquirentes de imóveis não aceitaria nem de graça, para evitar o pagamento de impostos. Pavan conseguira vendê-lo, surpreendentemente, a bom preço, um dia após o desafio! “Quantos sacrificios *más* imporá a Providência a *nosotros*, pobres *desempleados*, *desgraciadamente nacidos de izquierda!*”, ufanava-se Pavan, em seu portunhol peculiar, comemorando a façanha na companhia de um estupefacto Lázaro, num botequim da *região confinada* da Praça XV. A partir desta primeira venda, o argentino passara a ser procurado por muitos proprietários de imóveis encalhados e invendáveis, que lhe ofereceram polpudas comissões. “Mas como você consegue vender esses trambolhos, Pavan, pois nem se dá ao trabalho de ir até a região dos Lagos para vendê-los? Só vejo você em bares, sempre *borrachol!*”, indagara-lhe Lázaro, ensimesmado com o êxito daquelas vendas bem-sucedidas. “*Por supuesto, Lazarillo*: vendo para os *compañeros* que comigo bebem, *después do trabajo*, à hora das bravatas, quando já estão todos *borrachos*, precioso momento em que *los hombres* e *las mujeres* estão mais felizes, corajosos e arrogantes, a arrostar o autoritarismo cotidiano de seus *jefes* e patrões; no preciso átimo de *tiempo* em que aceitam todos os desafios que lhes provocamos!”, respondera o argentino, arqueando os sobrolhos e alargando os bugalhos.

Lázaro despediu-se de Antônio Péricles, desligou o telefone, e retornou para a sala, expressão carregada, intrigado com a reunião extraordinária da Executiva do Pecolab, convocada para o dia seguinte. “Por que motivo Antônio Péricles não lhe adiantara o assunto? Qual a razão daquele tom de excitação que percebera na voz do presidente do Partido?”, indagava-se.

— Por que estás com ar tão preocupado, *hombre?* — indagou-lhe Pavan.

— Jamais senti o Antônio Péricles tão misterioso e evasivo. O mais curioso é que o percebi excitado, como se estivesse prestes a enfrentar um grande desafio, na expectativa do acontecimento de algo de grave e grandioso — respondeu Lázaro.

– *Quien* sabe ele tomou conhecimento de que a FIFA decidiu-se, no *tapetón*, por *supuesto*, pelo retorno do Brasil à *primeirona*, na próxima Copa? – ironizou Pavan.

– Não brinque, Pavan: a coisa deve ser séria. Sinto presságios no ar – redargüiu Lázaro, ao tempo em que observava a mulher e as filhas estalarem gargalhadas em frente ao televisor.

Bienvenido Pavan nem prestara atenção à última observação de Lázaro, pois fora atraído pela imagem sobreposta no aparelho de TV: Constança Ballester, para delírio do auditório, que explodira em aplausos e gritos de regozijo, adentrara na passarela improvisada de seu programa, em trajes íntimos (de calcinha e sutiã).

Irritado com o espetáculo de mau gosto exibido pelos dois programas de TV (campeoníssimos de audiência, em todo o território brasileiro, naquele horário), Lázaro levantou-se do sofá e dirigiu-se para o terraço do apartamento. Abriu a porta corrediça e, antes de fechá-la atrás de si, ainda ouviu o argentino gritar, eufórico e debochado, enquanto a mulher e as filhas rebejavam-se de rir com o concurso das nádegas mais feias:

– *Fenómeno!*

À reunião da Executiva do Pecolab, no terraço da cobertura do senador Ferreirinha, na Gamboa, compareceram todos os dirigentes e políticos convocados. Lázaro fora um dos últimos a chegar, minutos antes do horário apazado. Antônio Pércles recepcionava a todos, ao lado do dono da casa, ressumando ares de depositário de uma mensagem do oráculo de Delfos, enquanto recebia abraços de solidariedade, em desagravo à violência de que sua esposa fora vítima. Lázaro também fora objeto de manifestações de desafronta e carinho.

– Muito gostaria que o professor Saquarema estivesse aqui presente para ouvir a opinião dele sobre a bomba que vou anunciar... – murmurou o presidente do Pecolab, ao pé do ouvido de Lázaro, enquanto trocavam abraços.

– Não seja por isso: podemos consultá-lo em visita ao presídio, amanhã mesmo, caso você julgue conveniente – sugeriu o jornalista.

– Com certeza. Vamos combinar, após a reunião, nossa ida a Niterói – anuiu Antônio Péricles.

Após aguardar, por breve instante, a chegada da deputada federal Clarimunda da Rocinha, Antônio Péricles solicitou aos presentes que se acomodassem nas cadeiras em torno das mesinhas de bar que cercavam a churrasqueira do terraço, encarecendo, em seguida, a atenção de todos:

– Companheiros, como sempre foi do meu feitio, vou direto ao assunto objeto da convocação desta reunião, sem delongas: fui procurado, três dias atrás, em minha residência, por dois dirigentes de duas das principais organizações não-governamentais européias, a *NetherlandAid* e a *Christians & Poors* – a primeira, holandesa, e a segunda, inglesa –, instituições que, em conjunto, já desembolsaram, só neste século, recursos superiores a US\$ 5 bilhões em programas de erradicação da pobreza no mundo, notadamente na África, Ásia e América Latina. Essas duas ONGs européias, além da substancial ajuda financeira que fornecem aos países do terceiro mundo, exercem grande influência nas deliberações do Parlamento Europeu, principalmente na aprovação da concessão de empréstimos a países em desenvolvimento, caso do Brasil. Pois bem: a recusa da aprovação de novo empréstimo financeiro ao nosso país, como amplamente noticiado pela mídia, ocorreu em razão do *lobby* feito por aquelas duas instituições, no sentido de o Parlamento Europeu aguardar o resultado das gestões que seus dirigentes fariam junto aos líderes dos principais partidos políticos brasileiros, na tentativa de persuadi-los a aceitar exigências políticas para a concessão de novos empréstimos ao Brasil. Para meu grande espanto e surpresa, os dois dirigentes daquelas ONGs comunicaram-me a principal das exigências estabelecidas pelo Parlamento Europeu: o próximo presidente da República, a ser eleito no final deste ano, só poderá se habilitar a obter empréstimos do Eurobank se o presidente do Banco Central do Brasil, por ele nomeado, for um representante filiado e indicado pelo Pecolab!

– Epa! – exclamou o senador Ferreirinha da Gamboa. – Eu ouvi bem? Os gringos estão querendo um inconformista para tomar conta da chave do cofre de um governo conformista?

– Exato, senador, por mais incrível que isso possa parecer:

os dirigentes daquelas duas ONGs vieram nos consultar se aceitaríamos participar, na qualidade de avalistas morais e gestores da política monetária do país, de um governo conformista, eleito pelo povo brasileiro! – respondeu o presidente do Pecolab.

– Diabos! Não seria mais próprio e lógico que eles apoiassem a eleição de um candidato do Pecolab para presidente da República? – indagou o senador.

Os presentes à reunião explodiram em gargalhadas, inclusive Antônio Péricles, que não se conteve, e respondeu entre risos:

– Seria mais fácil um rico ir para o céu, depois de ter visto um camelo passar pelo buraco de uma agulha, do que o povo brasileiro votar num inconformista para a Presidência da República, senador! Os europeus já sabem que somente os conformistas chegam à Presidência do Brasil, quer pelo voto, quer pela quartelada, desde a Proclamação da República, em 1889. Como diz, com muita propriedade, o professor Leodegário Saquarema: o brasileiro é o povo que mais sabe votar no mundo: escolhe a dedo, há séculos, com rara coerência e descortino político, os candidatos da sua conservadora conveniência, sem erro! Os europeus não jogariam dinheiro fora apoiando uma candidatura inconformista, fadada à derrota desde o seu nascedouro. O povo brasileiro é muito previsível, senador! Os europeus são mais éticos que os americanos, posto menos pragmáticos: querem forçar os conformistas a nos entregar a chave do cofre, para assegurar exaço e correta aplicação dos vultosos recursos que seriam emprestados ao Brasil. Seríamos, nós do Pecolab, os avalistas morais e gestores desse empréstimo: os europeus não agüentam mais levar calote do Brasil!

Lázaro das Dores, estupefacto com aquelas revelações, trocou olhares preocupados com Sepúlveda Lobão.

– Pelas barbas do profeta! como diriam os antigos – redargüiu o senador Ferreirinha da Gamboa. – Requisitar um inconformista para gerir o tesouro de um governo conformista é o mesmo que convocar santa Edwiges para sanear as finanças do inferno! E os *passa-sacolinhas* que, há décadas, ganham todas as eleições presidenciais neste país, aceitariam essa humilhação?

– A questão aqui em causa, senador, não é se os evangélicos aceitariam ou não aquela exigência: estamos aqui reunidos para

avaliar se o Pecolab admitiria participar, na condição proposta pelos europeus, de um governo conformista! — respondeu Antônio Péricles.

Grande burburinho e discussões paralelas instalaram-se entre os presentes, como soía acontecer em todas as reuniões do Pecolab. A deputada federal Clarimunda da Rocinha — uma negra gorda, alta, afamada pediatra da megafavela da Rocinha — esbravejou:

— Absurdo! Jamais darei o meu voto para que o Pecolab participe dessa súcia governista instalada em Brasília, cater-va de exploradores de pobres carentes e ignorantes, récu de salafrários tributaristas de dízimos! São todos uns descarados, uns pusilânimes!

A nova trazida por Antônio Péricles causara grande agitação entre os membros integrantes da Executiva do Pecolab, que passaram a digladiar-se em acirradas pugnas verbais: contra-argumentos eram apresentados aos gritos; perdigotos eram lançados à farta; carótidas intumescidas saltavam de pescoços rubros de indignação e de ira; dedos indicadores eram vibrados para cima em pantomimas de repúdio; cabeludíssimos impropérios eram vociferados por bocas arreganhadas e raivosas. Antônio Péricles, atônito, tentara conclamar todos à ordem, enquanto Sepúlveda Lobão, que não participava das discussões, deslocara-se da cadeira em que estava acomodado e fora sentar-se ao lado de um desalentado e perplexo Lázaro das Dores.

— Inacreditável... — murmurou Lázaro para o advogado. — Ainda estou meio aparvalhado com essa ousadia do Parlamento Europeu: a que ponto chegou o nosso pobre país! O que você está achando disso, Sepúlveda?

O advogado acendeu um cigarro, puxou uma forte tragada e soltou a fumaça para cima, sob a forma de argolinhas, enquanto refletia sobre a resposta:

— A proposta do Parlamento Europeu não deve ser analisada apenas pelos aspectos morais e técnicos da gestão de nossas finanças públicas, Lázaro. A exigência da nomeação de um representante do Pecolab para presidir a mais importante autarquia federal do país transcende aquelas conotações: obriga o país a uma promiscuidade de alianças e coligações partidárias para a compo-

sição de candidaturas à Presidência da República, pois a atual Constituição Federal estabelece que é da competência privativa do vice-presidente da República a supervisão da política monetária do Brasil, através de um Banco Central independente.

– É fato, Sepúlveda. A exigência interfere, diretamente, na soberania do Estado. Os europeus resolveram dar tratamento de choque para estancar a corrupção no Brasil! – comentou Lázaro.

As acaloradas discussões e manifestações dos presentes sobre as exigências do Parlamento Europeu haviam assumido proporções de bate-bocas de estádios, quando Antônio Péricles, ao perceber que havia perdido o controle da condução do encontro, resolvera intervir com energia:

– Companheiros! Uma questão de ordem! Uma questão de ordem! – gritava, debalde, enquanto batia no tampo de uma mesa com um cinzeiro de ferro.

Não sendo atendido em seu chamamento à ordem – alguns debates já estavam perto de descambar para as vias de fato –, Antônio Péricles, iracundo, resolvera apelar:

– Silêncio, porra!

O grito, esbravejado com vigor incomum, surtira efeito equivalente ao de um tiro de revólver disparado no interior da nave de uma igreja: fez-se, de imediato, assustado e comprido silêncio entre os presentes, que, perplexos, bugalhos arregalados a olhar para o líder inconformista, retornaram para as cadeiras onde estavam sentados.

Antônio Péricles depositou o cinzeiro de ferro sobre o tampo da mesa, com estrépito, quebrando a calada abrupta:

– O companheiro Sepúlveda Lobão pediu a palavra. Todos os demais que quiserem apartear, ou dela fazer uso, deverão suspender a mão, inscrevendo-se – disse em tom moderado de voz, enquanto empunhava um caderninho e nele escrevia os nomes dos que, pela ordem, levantavam o braço.

Sepúlveda Lobão, que permanecera sentado todo o tempo, ao lado de Lázaro das Dores, deu início à sua intervenção:

– Companheiros: temos que refletir, com patriotismo, responsabilidade e senso crítico, sobre essa inusitada proposta europeia de intromissão velada na soberania do nosso país. Não quero desconsiderar, ou mesmo olvidar, o estado de caos políti-

co e de corrupção deslavada a que chegou o Brasil. O povo brasileiro, que desde os primórdios da República foi sempre dominado por elites retrógradas, além de dirigido por vários governos corruptos e reacionários, está, hoje em dia, prisioneiro de messianismos e fanatismos religiosos, porque não encontrou alternativas políticas para superar o estado de desajustamento social em que sempre viveu, e que se agravou, ainda mais, com a globalização das economias. Longe de mim querer simplificar a análise do problema social e cultural que atinge nossa sociedade, tampouco eleger explicações racionalizadas sobre suas causas e efeitos. Não obstante, julgo conveniente, antes de nos posicionarmos sobre a decisão do Parlamento Europeu, alertar para algumas premissas e peculiaridades que ela encerra: sabemos todos que, por dispositivo constitucional, é da competência do vice-presidente da República a supervisão da política monetária do país, através de um Banco Central que deveria ser independente, mas não é, pelas razões que todos já sabemos. Tal circunstância nos remete para uma formalidade legal: o Parlamento Europeu, com a evidente preocupação de pôr cobro ao descabro das finanças públicas e à corrupção endêmica no Brasil, está empurrando os partidos políticos brasileiros para uma forçada promiscuidade de alianças partidárias, com vistas às próximas eleições presidenciais. A eventual adoção da exigência do Parlamento Europeu importará na obrigatoriedade de o partido vencedor das eleições ter de convidar um representante do Pocolab para ocupar o cargo de vice-presidente da República!

“Inimaginável!”; “Ridículo!”; “Inconcebível!”; “Seria a oficialização do Brasil como a República Federativa da Casa-da-Mãe-Joana!”, vociferaram, indignados, alguns dos presentes.

— Ordem! Ordem! — expectorou Antônio Péricles, enquanto Lázaro das Dores afundava-se ainda mais na cadeira, balbuciando, acabrunhado: “Meu Deus! Se ao menos eu pudesse ter certeza de estar no meio de um pesadelo... Estou no pior dos mundos...”

Sepúlveda Lobão deu duas fortes baforadas no cigarro, apagou-o no cinzeiro sobre a mesa, aguardou a diminuição do burburinho, e prosseguiu:

— Entretanto, não seria ocioso recordar, companheiros, que

o objetivo principal de qualquer partido político é ascender ao poder! Claro está, essa verdade é melhor assimilada quando o poder em causa não precisa ser compartilhado, ou melhor: quando exercido em sua plenitude, com apoio e ajuda de cor-religionários, de pessoas que comungam da mesma ideologia, sem a necessidade de dividi-lo com antagonistas políticos. Não obstante, a prática da democracia nos ensinou, e a custo aprendemos, notadamente em âmbito municipal, a fazer alianças partidárias com partidos conformistas, acordos que propiciaram ao Pecolab eleger, nas últimas eleições, prefeitos de megacidades, como foram os casos do prefeito Marronzinho do Guaíba, em Porto Alegre, e do prefeito Bastos Freitas, do Rio de Janeiro, ambos aqui presentes. Nós, do Pecolab, como de resto todos os partidos inconformistas, é forçoso reconhecer, sempre fomos derrotados crônicos e contumazes em todos os pleitos havidos, até hoje, para a Presidência da República, restando-nos a obrigação, e não o consolo, de enxergar e avaliar, com lucidez, a realidade da sociedade em que vivemos: só um cidadão muito ingênuo, desprovido de discernimento para avaliar a ambiência política, social e cultural à qual, há séculos, está submetida a sociedade brasileira, infantilmente visionário, acrescentaria eu, acreditaria ainda ser possível, em nossos tempos, eleger um presidente da República filiado a um partido inconformista! Infelizmente a história e a estatística estão aí para comprovar essa crua e dolorosa verdade: tivemos 156 anos de governos conformistas, ininterruptos, desde a Proclamação da República!

— Pela ordem: o senhor Antônio Péricles permitiria que eu apartearse o nobre companheiro Sepúlveda Lobão? — interveio o prefeito eleito do megamunicípio do Rio de Janeiro, pastor Bastos Freitas, presidente do Diretório da Regional Fluminense do Pecolab, pertencente a uma das raras igrejas evangélicas não transformadas em partidos políticos.

Antônio Péricles consultara Sepúlveda Lobão, que aquiesceu ao pedido.

Bastos Freitas era um negro de meia-idade, professor universitário na Faculdade de Letras da Universidade do Estado, pastor da Igreja Evangélica de Deus no Reino da Terra, que adquirira notoriedade política ao filiar-se ao Pecolab, ele-

gendo-se o vereador mais votado do Rio de Janeiro, por dois mandatos consecutivos, com a divisa “Evangélico bom é evangélico inconformista”.

— O nobre companheiro, insigne advogado doutor Sepúlveda Lobão, vai me permitir discordar de alguns pontos de sua falação, ainda que, em tese, eu concorde com a maioria das premissas e conclusões aqui enunciadas por Vossa Senhoria — principiou, erguendo-se da cadeira. — Sim, não há dúvida: a meta institucional de um partido político é o poder, chegar a ele para pôr em prática o seu ideário, o seu programa partidário, a sua visão do mundo e da sociedade. Mas, companheiros, não podemos olvidar que há um limite para alcançar essa legítima aspiração: existe uma fronteira intransponível, pelo menos para os homens de bem, para o alcance daquele desiderato: refiro-me à ética, à subordinação e respeito aos valores morais, à coerência e obediência aos princípios humanos de dignidade, decência e honestidade, que devem nortear as ações e atitudes dos homens honrados! Não podemos nós, principalmente os homens públicos, exercer uma práxis que negue ou antagonize o nosso discurso político, ainda que o alcance do poder só seja possível por meios espúrios! Concordo que as alianças políticas feitas pelo Pecolab, nas últimas eleições, com partidos conformistas do Rio de Janeiro, principalmente o Conformista Liberal e a Democracia Social e Cristã, viabilizaram a minha eleição para a Prefeitura do Rio de Janeiro. Ressalte-se, no entanto, que não fomos, em nenhum momento, compelidos a modificar o programa de governo aprovado pela Executiva do nosso Partido, tampouco tivemos de adaptá-lo às conveniências partidárias daquelas agremiações coligadas, para viabilizar as alianças havidas. O ônus que nos foi cobrado, e que cumprimos, foi a nomeação de dois indicados por aquelas agremiações partidárias para as Secretarias de Turismo e da Indústria Naval. Agora, situação bem diferente seria participar de um governo federal conformista, sabemos nós como eles agem e se comportam quando estão no poder!, na qualidade de responsáveis pela gestão de uma autarquia federal que, constitucionalmente, deveria ter independência para conduzir a política monetária do país, mas que, na realidade, nada mais é que o quartinho dos fundos da residência do presidente

Miron Marian, que lá instalou o próprio pai! Se aceitássemos tal papel, alternativa que repudio com veemência, fariamos, conscientemente, parte de uma farsa, pois os conformistas brasileiros, de quaisquer matizes ou facções, jamais tiveram quaisquer escrúpulos de consciência em transigir com valores morais e éticos, principalmente quando se trata de dinheiro ou poder!

Lázaro das Dores, emocionado com as palavras do pastor Bastos Freitas, soerguera o corpo que estava afundado na cadeira. Por um átimo, desviara o olhar e a atenção para contemplar o arrebol da tarde: luzes noturnas, ao longe, encimavam as torres da Riobiogás; soprava rara brisa fresca, propiciando temperatura agradável e reconfortante. Do terraço da cobertura da Gamboa descortinava-se privilegiada visão da baía e de uma fulgurante boquinha da noite: luzes multicoloridas iluminavam a ponte Rio-Niterói; as praias, feericamente iluminadas, semelhavam colares de pérolas; a superfície da baía branquejava com o clarão da lua cheia. “A noite encobre as podridões que produzimos durante o dia; a natureza recupera o seu encanto...”, cogitou Lázaro, meditabundo.

Todos os vinte e cinco presentes à reunião, à exceção de Lázaro das Dores, inscreveram-se para apartear o advogado Sepúlveda Lobão. Após terem feito uso da palavra, a reunião encerrou-se, subitamente, sem qualquer conclusão consensual, como soía acontecer em quase todos os encontros da Executiva do Pecolab. Sepúlveda Lobão não replicara nenhum dos argumentos interpostos, tampouco avançou sobre o que já havia dito, restringindo-se a comentar formalidades legais e processuais a respeito de coligações partidárias, de conformidade com a legislação eleitoral vigente; o prefeito do Rio de Janeiro, em intervenção final, aprofundara seus receios e preocupações com a preservação dos valores morais e éticos da sociedade brasileira; a deputada federal Clarimunda da Rocinha fora às lágrimas, em sua derradeira intervenção, esbravejando emocionado discurso de oposição à exigência do Parlamento Europeu, que ela reputava “indecorosa, pusilânime, desmoralizante para o Brasil, no concerto internacional das nações”.

Poder-se-ia debitar o encerramento antecipado do encontro — eram apenas onze horas da noite — ao avançado da hora,

aos irritantes debates tautológicos e inconclusos, característica histórica das reuniões do Pecolab, ou até mesmo ao candente discurso da representante da megafavela da Rocinha pelo precipitado clímax do evento. O motivo real do cancelamento da reunião, no entanto, tinha sido bem mais prosaico: o senador Ferreirinha, dono da cobertura, morador da Gamboa há mais de trinta anos, tivera o cuidado de avisar a todos, ainda em tempo hábil, que o Serviço Hidrológico da Marinha previra para as 23:17h o horário de início da segunda preamar daquele dia, o que provocaria, como sabido, o fenômeno batizado pelos cariocas de “bate-merda” (revolvimento dos dejetos da baía pela cheia da maré), que resultaria, rapidamente, no empestejamento da atmosfera de todas as regiões em torno da baía, por um mau cheiro mefítico, insuportável.

Um dos presentes à reunião, que estivera por bom tempo trancado em um dos banheiros do terraço, padecendo de distúrbios intestinais, chegara a propor – gritando de dentro do reservado – que todos poderiam usar as máscaras do Detran, como alternativa para a continuação do encontro. A sugestão sequer fora considerada. Despediram-se todos, apressados.

Lázaro não conseguiu conciliar o sono, quando se deitou para dormir, após a reunião da Executiva do Pecolab. Tentou distrair-se vendo televisão, no quarto, deitado na cama; por mais que acionasse o controle remoto do aparelho de TV, mudando os canais, impacientemente, nenhum programa lhe despertara interesse: os canais exibiam a programação noturna habitual: shows de conjuntos de *sertanoforrogode*, com seus indefectíveis passistas – a cometer passinhos miúdos e a exhibir exuberantes fileiras de dentes sadios – acompanhados de inevitáveis louras e mulatas saracoteantes, alcunhadas pela mídia de *nádegas cantantes*; entrevistas com artistas de novela em fim de carreira, a revelar intimidades de suas vidas privadas; cultos evangélicos em profusão, intervalados por consultórios espirituais conduzidos por pastores terapeutas; quadros de *strip-tease* de modelos, massagistas e garotas de programa, mais conhecidas, à época, como *facilitadoras de centros de lazer*; talk-

shows apresentados por bichas velhas e *socialites* de abastadas famílias, a entrevistar vedetes aposentadas, políticos oportunistas, cientistas exóticos, lésbicas *macharronas* divulgando seus últimos sucessos musicais; padres funk-roqueiros, a disputar maratonas musicais com duplas sertanejas evangélicas, e grupos de pagode com adeptos do candomblé; e, *last but not least*, o grande sucesso da televisão brasileira: os famosos programas das *pegadinhas*,¹ que proporcionavam a maior audiência televisiva em todo o mundo (52 pontos de média diária, em todo o Brasil, o que representava, à época, algo em torno de 100 milhões de telespectadores).

– Transformaram-nos em animais! Em bestas-feras televisivas! – ruminou Lázaro para si, quando desligou o aparelho de TV, enfiando-se debaixo do lençol.

– Pára de se mexer na cama e de reclamar, Lázaro! Vá para a sala curar sua insônia e me deixa dormir! – grunhiu a mulher, cara besuntada de creme voltada para a parede.

Acabrunhado, Lázaro levantou-se, dirigiu-se até a cozinha para pegar um copo de água e retornou para o banheiro do quarto, onde engoliu meio comprimido de um ansiolítico, fitando-se no espelho do lavatório. Sentia-se fraco, deprimido. Não encontrava respostas para suas inquietações. “Meus nervos estão em frangalhos...”, lamentava-se, encarando-se no espelho. A violência do seqüestro de que fora vítima, aliada ao quase permanente estado de fragilidade psíquica em que ultimamente vivia, resultante da realidade que o oprimia, contribuía para o agravamento da sua adinamia há tempos diagnosticada pelo médico, companheiro de mesa de pôquer. Há muito deixara de fazer sexo com a mulher; Astrid Junqueira também reclamava dos largos períodos de abstinência sexual a que ele, com frequência cada vez maior, a submetia; raras eram as noites de sono bem-dormido,

¹ Programas de TV que exploravam – expondo ao ridículo – *inocupacionais*, pessoas pobres, transeuntes e desempregados, que trafegavam por vias públicas das principais capitais brasileiras. A exitosa experiência televisiva brasileira, originária do século passado, fora inspirada em famosa filosofia de marketing da mídia: “Brasileiro se compraz e adora ver o semelhante exposto ao ridículo, porque se sente psicologicamente aliviado, além de recuperar a auto-estima, cotidianamente perdida.”

ausente de pesadelos. Sepúlveda Lobão, preocupado com o permanente estado de prostração do amigo, recomendara-lhe um psicanalista freudiano, inconformista histórico, médico pobretão que morava no subúrbio do Rocha: “Doutor Artemidoro de Daldis: ele é um craque, Lázaro. Trata-se de psicanalista freudiano ortodoxo, ridicularizado por seus pares porque ainda adota a técnica de terapia baseada na interpretação dos sonhos. Procure-o. Ele está pobre, mora longe, tem poucos clientes, mas jamais se deixou seduzir pelos modismos e modernismos das teorias de auto-ajuda e de assistência espiritual que enriqueceram tanto charlatão neste país de pacóvios. Coitado do doutor Artemidoro: acho que ele é o único psicanalista carioca que mora no subúrbio!”, comentou o advogado.

Já eram quase três horas da madrugada quando Lázaro, cansado de folhear revistas e jornais na sala, resolvera deitar-se, novamente. A mulher ressonava fortemente. “Que pieira...”, boquejou, com pesadume. A nuca e os ombros doíam-lhe, reclamando descanso. “Por que todo ser humano escolhe o mesmo lado da cama para dormir, e nele permanece, `sem mudar, por toda a vida?”, indagou-se. Cansado, virou-se para o lado, e dormiu.

Não transcorrera muito tempo, quando começou a ouvir, ao longe, os acordes finais do Hino Nacional Brasileiro; surpreendeu-se sentado no assento de um imenso turbocarro, cercado por gendarmes e militares – fardados de negro e de verde-oliva – escarranchados sobre possantes turbomotocicletas; afligia-lhe aguda cefaléia, conjugada com horrível sensação de enjôo, que lhe provocava engulhos; o fragor dos metais da banda militar aproximava-se cada vez mais, enquanto gaivotas e urubus planavam no céu, paralisados, fustigados por forte ventania. Vigorosas mãos apertaram-lhe os braços e arrancaram-no do veículo, arrastando-o – zozzo, com ânsia de vômito – até a beira de um abismo, onde ergueram o seu corpo e o arremessaram no espaço; mergulhou fundo no mar pardacento e bravio. Antes de expelir o vômito que subia, irreprimível, pelo tubo digestivo, despertou espavorido, suarento – como de hábito.

Lázaro das Dores e Antônio Péricles haviam combinado encontrar-se, na manhã do dia seguinte, no escritório do advo-

gado Sepúlveda Lobão, na avenida Rio Branco, de onde seguiam, em um turboutilitário do Pecolab, para o megapresídio de segurança máxima da Covanca VI, em Niterói. O jornalista pegara um turbocarro-táxi em Botafogo, e após ficar retido por hora e meia em vários engarrafamentos, conseguira saltar, irritado, em frente às ruínas históricas do Paço Imperial, na Praça XV. Lázaro olhou para os escombros do que, remotamente, fora o palácio dos governadores e dos vice-reis – cercados por tapumes e cavaletes do Serviço de Patrimônio da União –, e lembrou-se da sugestão de Astrid Junqueira para procurar, em um dos sebos das cercanias, o “alfarrábio arqueológico” solicitado pela filha mais nova. Mas desistiu: estava muito atrasado para o encontro apressado. Ato contínuo, apertou o passo pela rua da Assembléia, em direção à principal artéria do centro do Rio de Janeiro, encontrando sérias dificuldades e obstáculos para andar com rapidez: as calçadas estavam tomadas por camelôs, que mercavam toda sorte de bugigangas e comestíveis. O cheiro nauseabundo dos *churrascos gregos*, preparados e consumidos em plena via pública, àquelas horas da manhã em que o gosto do café ainda estava na boca, era algo que repugnava o jornalista. Desocupados e desempregados ali faziam a sua primeira refeição do dia – para muitos, a única –, exatamente à hora em que vendedores ambulantes anunciavam, aos berros, promoções-relâmpago de sanduíches e refrescos, a preços bem abaixo dos cobrados pelas máquinas automáticas instaladas em quiosques eletrônicos,² nas esquinas do centro da cidade. Turbas de pivetes maltrapilhos já disputavam as ruas e calçadas com os transeuntes, às primeiras horas da manhã; executivos bem trajados – alguns seguidos, à distância, por roliços seguranças – seguravam maletas metálicas (de cores que combinavam com as das vestes) pelas alças presas aos pulsos por algemas douradas e prateadas – jóias finas, de elevado custo, de uso muito comum à época, reveladora de status social para quem a portava. Tão expressiva era a quantidade de pessoas que transitava pelo centro

² Cabines eletrônicas de conveniência, que substituíram as antigas charutarias, bombonieres, jornaleiros, cafés, lanchonetes de *fast-foods*, pipoqueiros e livrarias do centro da cidade.

da cidade, principalmente nos dias úteis, que a prefeitura resolvera instalar sinais reguladores de controle de tráfego humano, de funcionamento articulado com os de trânsito de veículos. Nos entroncamentos de logradouros de maior afluência, de passagem exclusiva para pedestres, as multidões eram tão compactas que duas duplas de guardas de tráfego humano, no alto de sinaleiros instalados em pequenas torres, controlavam – por meio de megafones, sinais e sirenes – o fluxo das massas humanas que se cruzavam, não raro aos trancos e aos tapas, para conseguir prosseguir em seus trajetos. Em vésperas de datas tradicionalmente festejadas pelo comércio (dia das mães, namorados, natal, carnaval e feriados santos), era habitual os transeuntes – principalmente entre os mais tímidos, idosos e crianças, impossibilitados de usar da força física para romper os grossos contingentes humanos que entupiam as ruas – serem arrastados por hordas humanas, até um quilômetro, para sentidos opostos aos que se dirigiam. Os repórteres dos noticiários das televisões adotavam como rotina, em face da grande audiência e sucesso que tais entrevistas despertavam, flagrar, na Cinelândia, estupefactos passantes que tinham por destino a Praça Mauá, e vice-versa, vítimas daqueles irresistíveis arrastões.

Uma pequena aglomeração humana, concentrada na esquina da avenida Rio Branco com a rua São José, chamara a atenção de Lázaro: executivos bem trajados, tomados de intensa curiosidade, acotovelavam-se e empurravam-se, ansiosos por adquirir uma novidade anunciada, aos berros, por um vendedor ambulante, no centro do círculo fechado. Lázaro olhou para o anel-relógio, preocupou-se com o adiantado da hora, mas não resistiu à curiosidade: subiu em um banco próximo ao círculo humano, no intento de descobrir que diabo de novidade era aquela, capaz de chamar tanta atenção – além de provocar brigas e cotoveladas entre executivos de classe média alta, desviando-os de seus trajetos de trabalho. Para seu grande pasmo, o objeto de tanta curiosidade e disputa eram prosaicas e antigas imitações, em cerâmica, de fezes humanas, com que jovens e adolescentes, desde passado remoto, costumavam constranger e troçar dos colegas de escola.

EUROPA EXIGE PARTICIPAÇÃO DO PECOLAB NO PRÓXIMO GOVERNO

BRASÍLIA (AN) – O Parlamento Europeu aprovou deliberação, proposta pelo *premier* italiano Federico Caelegari, condicionando a concessão de futuros empréstimos do Eurobank ao Brasil – a partir do próximo governo a ser eleito – à nomeação de um representante do Pecolab para a presidência do Banco Central. A inusitada decisão, que causou grande perplexidade nos meios políticos e financeiros de todo o mundo, implicará, na prática, na necessidade de o Pecolab – seja qual for o partido do presidente eleito nas próximas eleições presidenciais – ocupar a Vice-Presidência da República, e cujo cargo, por expressa disposição da Constituição Federal de 2039, está subordinado àquela importante autarquia federal. É da competência privativa do vice-presidente da República, como reza a Carta Magna em vigor, a responsabilidade pela condução da política monetária do país, por meio da atuação de um Banco Central independente do Executivo. A ousada e inédita deliberação do mais Alto Colegiado Europeu – jamais exigida ou imposta, por qualquer organismo internacional de financiamento a um país soberano, desde a criação da ONU – causou grande comoção nos meios políticos e empresariais brasileiros, que a julgaram ultrajante para o país. Dirigentes do Pecolab, após realizarem diversas reuniões plenárias da Executiva com os delegados do Partido, de todo o país, deliberaram, por votação unânime, que o Pecolab terá candidato próprio, e não fará alianças políticas, com vistas às eleições presidenciais marcadas para o mês de outubro deste ano. O presidente do Pecolab, Antônio

Péricles – presentemente sem mandato legislativo – instado pelos repórteres a pronunciar-se sobre a possibilidade de o candidato do Pecolab, na hipótese de derrota do partido no 1º turno das eleições, candidatar-se como vice-presidente na chapa de um dos dois partidos vencedores do primeiro pleito, foi peremptório: “Não haverá segundo turno nas eleições de novembro: o Pecolab elegerá o próximo presidente da República no primeiro turno! Sem o Pecolab, o país continuará de pires na mão, a *arqui*estagflação se transformará em *mega*estagflação, o povo continuará a morrer de fome por falta de trabalho, os minguados capitais internacionais de arribação, ainda hospedados no Brasil, irão sumir, tão logo se convençam de que o país não terá mais crédito junto a organismos internacionais de financiamento. Temos consciência da importância histórica que o Pecolab adquiriu com essa inconcebível e desrespeitosa deliberação do Parlamento Europeu, a qual repudiamos, mas que não nos inibirá de lançar um candidato próprio à Presidência da República! O povo brasileiro terá a necessária sensibilidade política, nas eleições de outubro deste ano, para sufragar nas urnas o candidato do nosso partido!” O presidente do Pecolab não quis confirmar se concorrerá como candidato do partido às eleições presidenciais de outubro. Analistas políticos avaliam que o Pecolab poderá participar, no 2º turno, de coligação partidária com um dos partidos vencedores do 1º turno, com candidato à Vice-Presidência da República. A legislação eleitoral em vigor permite.

5

O PRESIDENTE MIRON MARIAN CONVOCARA O Conselho de Segurança da República para nova reunião extraordinária, no dia seguinte à confirmação da decisão do Parlamento Europeu.

— Não passarão! — vociferou o general Krammer, sacudindo a folha do *clipping* que continha a notícia.

— Acalme-se, general — advertiu-o o bispo Leovegildo Fortunato, ministro da Caridade aos Pobres. — Vamos aguardar a presença do presidente Marian para avaliação da matéria. Na última reunião deste Conselho, o pobre do homem teve uma comoção nervosa, que o impediu de continuar os trabalhos, agora sabemos a razão. Vamos ter paciência e emprestar ao presidente nossa irrestrita solidariedade nesse momento aflitivo.

— Um negrão baderneiro, como esse *Malfeito*, a dar as cartas no cenário político brasileiro, não é motivo suficiente para tirar um cristão, católico, evangélico, ou até mesmo um macumbeiro, do seu estado normal, ministro? — replicou o general Krammer, inflando e desinflando as bochechas. — E o senhor vem me pedir calma!

— *Malfeito* não tem chances políticas, general: o povo brasileiro já deu provas suficientes de equilibrado senso político, rejeitando-o, por duas vezes, nas urnas. Antônio Péricles, ou qualquer outro candidato inconformista à Presidência da República, estará sempre fadado à derrota eleitoral desmoraliz-

zante. Conhecemos nosso querido povo, graças a Deus! – interveio o pastor Adauto Júnior, ministro da Reengenharia da Coisa Pública e da Qualidade de Vida da Cidadania.

O general Krammer, sentado à frente do ministro Adauto Júnior, espinhaço curvado sobre a mesa de reuniões ministeriais do Palácio do Planalto, replicou, enquanto balançava nervosamente as pernas:

– Nem me passou pela cabeça tal absurdo, ministro Adauto. Seria impensável, diria mesmo ridículo e humilhante para o Brasil, ter um negralhão como aquele, aleijado, inconformista, baderneiro, e, ainda por cima, macumbeiro, como presidente da República! O que me preocupa, deveras, é a importância que a Europa dá àquele homem e à caterva de baderneiros que ele lidera! Os hipócritas políticos do Parlamento Europeu ungiram aquele negro infeliz, e o seu partido, a partir da marcha desordeira que eles comandaram, em 2020, pândega ruidosa que, desafortunadamente, não foi devidamente reprimida pelo então presidente da República, bispo Silas de Tadeu. Fosse eu, naqueles tempos, o ministro da Segurança Interna, a tal marcha bagunceira sequer chegaria à divisa do Estado de Goiás, quanto mais a Brasília! Dispersava aquela corja com um batalhão de *turbourutus*! Infelizmente, à época, eu era apenas um tenentinho de cavalaria, servindo num quartel de fronteira com a Bolívia.

As Quatro Estações, de Vivaldi, irrompeu, no soflagrante, pelos alto-falantes da sala de reuniões ministeriais, interrompendo a fala do ministro da Segurança Interna. Sem aguardar o término da música – conforme previa o protocolo do Palácio do Planalto –, o presidente Miron Marian, trajando um *slack-dólmã* de brim cáqui, ingressou no recinto, trazendo uma expressão grave nas faces empalidecidas. Sem esboçar, por um mínimo fragmento de tempo que fosse, o famoso e votado sorriso, o bispo Marian repetiu o ritual de saudação aos ministros do Conselho, engrolou as jaculatórias de praxe, e pediu que todos tomassem seus assentos na mesa de reuniões ministeriais.

– Bons-dias a todos, caríssimos, embora eu duvide muito que venhamos a tê-los doravante... De plano, gostaria de justificar a ausência do vice-presidente da República, meu querido pai, nesta reunião: o bispo Belmiro Mariano está chefiando a

delegação brasileira de futebol *masters*, ora em viagem a Lagos, na Nigéria, onde vai disputar o campeonato mundial daquela modalidade. Elevemos nossas preces ao Senhor para que Ele nos ajude a ganhar, pelo menos, esse *caneco*, na África, trazendo um pouco de alegria para o nosso povo, nesse difícil transe político por que passamos.

O presidente Marian interrompeu a fala para sorver dois goles de água mineral, e prosseguiu:

– Não tenho conhecimento, na História moderna dos povos, de um país que tenha sido submetido a tantas humilhações, justamente por nações amigas, tradicionais parceiras comerciais, como está sendo o Brasil, nesta quadra de tempo. Que fizemos nós para merecer tanta exprobração internacional? Por acaso não implantamos, além até do que nos foi exigido, todas as receitas e medidas econômicas recomendadas pelo FMI, unanimemente referendadas por nossos economistas conformistas? O que eles querem mais? Do nosso sofrido povo já cortamos a gordura, a carne, estamos a lhe raspar os ossos... O que esses gringos querem? Que aspiremos, via bomba de sucção, o restinho do tutano do povo? Não o faremos, senhores, para tudo há um limite! Somos homens de fé! Sempre acreditaremos, respeitaremos e confiaremos nos semelhantes: não podemos infligir mais sacrifícios ao nosso povo tão combalido! O que esses políticos europeus nunca vão entender, tampouco os americanos, que há muito não nos ajudam em coisa alguma, é que o Brasil, como de resto toda a América Latina, sofre de problemas estruturais que remontam a épocas coloniais, cujas soluções não estão capituladas nos manuais do FMI e do Eurobank!

O general Krammer, que aquietara o corpanzil na cadeira e ouvia, com percuciente atenção, a fala do presidente da República, suspendeu o indicador, respeitosamente, solicitando um aparte.

– Pois não, ministro Krammer – aquiesceu o presidente.

– Não entendem os europeus a índole pacífica do nosso povo, presidente: somos gradualistas, não queremos nos desenvolver abruptamente, queimando etapas essenciais, que precisam ser cumpridas, com vistas ao nosso pleno desenvolvimento como nação. Enquanto eles, os civilizados e superdesenvolvi-

dos europeus, assassinam, até os dias de hoje, presidentes e primeiros-ministros, fazem guerras religiosas, promovem holocaustos raciais e porfiam radicalismos contra seus governos, o povo brasileiro prossegue no seu inarredável e atávico pacifismo, dando exemplos e mostras ao mundo de sua infinita tolerância para com seus governantes, sem intransigências, sem deflagrar conflitos fratricidas, a assombrar o mundo com nosso jeito de arrostar as vicissitudes da vida, cantando e dançando, inventando ritmos e coreografias, com alegria e fé nos destinos da nossa grandiosa pátria!

— Bela intervenção, ministro Krammer: Vossa Excelência fez judiciosa e concisa avaliação do pacífico e ordeiro povo brasileiro — disse, retomando a palavra, o bispo Marian. — Vossa Excelência só faltou aduzir, entre tantas outras virtudes do nosso povo, a inquebrantável fé que nossa gente maravilhosa tem em Nosso Senhor Jesus Cristo; a inequívoca vocação para fazer caridade com o próximo; a nímia e incansável capacidade do brasileiro em se resignar perante as adversidades! Rogo-lhes, no entanto, senhores ministros, que me permitam pôr de lado essas considerações, para analisarmos, objetivamente, o cenário político e as conseqüências decorrentes da ignominiosa deliberação do Parlamento Europeu, e também da decisão da Executiva do Pecolab de sustentar candidatura própria para as eleições presidenciais deste ano.

Em seguida, o presidente Marian estendeu-se em longa e detalhada análise sobre as possíveis conseqüências daquelas decisões sobre o pleito de outubro:

— ... eleições demasiadamente próximas, desafortunadamente, para que pudéssemos, ainda em tempo hábil, tentar rever a legislação eleitoral ou emendar a Constituição Federal, conforme desabafo do ministro Chefe da Casa Civil, Pernambuco Natanael, a quem entreguei a análise do problema, político fantástico e imaginoso, herói nacional que faz política as 24 horas do dia, até dormindo! Este, sim, um profissional ímpar da política! Confessou-me o ministro Natanael, sem pejo, que quando pede a bênção à própria mãe e ela lhe responde “Deus te abençoe, meu filho”, ele consegue enxergar nesta resposta uma manifestação política! O homem é muito competente!

Ao final da sua fala, o presidente Marian ressaltou três conclusões, todas da lavra do político Pernambuco Natanael – católico ferrenho, um dos raros ministros não-evangélicos do governo do bispo Marian –, as quais o presidente, didaticamente, assim enunciou:

– A primeira avaliação de Pernambuco Natanael, em face das sinalizações sobre o cenário do pleito que se avizinha, é que o Pecolab manterá a estapafúrdia idéia de sustentar a candidatura própria para o primeiro turno das eleições presidenciais, em razão de não poder desmoralizar-se junto ao seu minguido, porém barulhento, eleitorado, aguardando de camarote o seu desenlace; a segunda avaliação é óbvia: como é previsível e sói acontecer, o Pecolab será inevitável e fragorosamente derrotado no primeiro turno. Pelas previsões do nosso ministro-chefe da Casa Civil, chegariam eles a, no máximo, 2,2% do eleitorado do país, o que representaria o 13º lugar no *ranking* dos partidos. Com esse pífio resultado, o Pecolab, em razão da deliberação do Parlamento Europeu, ver-se-ia na contingência de, forçosamente, barganhar e escolher a aliança partidária que melhor atendes-se seus interesses, entre os dois partidos vencedores do primeiro turno. Segundo Natanael, três agremiações políticas estariam disputando, voto a voto, aquelas duas vagas: o nosso querido PNV, o Molab e o PCC, as três *igrejas-partidos* de maior expressividade junto ao eleitorado nacional, nas últimas eleições.

– E o que nos daria a certeza de que o Pecolab faria aliança partidária com um dos dois partidos vencedores do primeiro turno, senhor presidente? – indagou o ministro da Fazenda, bispo Alcebiades Trancoso.

– O poder! A possibilidade de exercê-lo de alguma forma, ministro! Eles não resistiriam! A importância que foi conferida ao Pecolab pelos europeus, com repercussão mundial, dá aos inconformistas enorme poder de barganha: sabem eles, direitinho, que sem a presença dos capitais internacionais em nossa economia, o Brasil sofrerá do descrédito internacional, o que promoverá a desmoralização de nossas instituições, além de inevitável desestabilização política do país. Sabe-se lá que outras tragédias sociais mais não se abateriam sobre nós! A Europa colocou o Pecolab como crupiê das próximas eleições do Brasil:

ele é o partido político que dará as cartas! Transformaram o Pecolab, no jogo de buraco político, no coringa para a batida! — respondeu o presidente Marian, revelando forte crença nas avaliações do ministro Pernambuco Natanael.

O general Krammer, visivelmente nervoso — inflava e desinflava as bochechas com velocidade maior que a habitual —, solicitou um aparte ao bispo Marian, que, com um gesto, pediu que o militar aguardasse o término de sua avaliação:

— O que se impõe, agora, a nós do PNV — prosseguiu o bispo Marian —, é fazer um dever de casa simples, posto oneroso: temos de trabalhar muito para que o PNV seja um dos dois partidos vencedores do primeiro turno, e isso vai nos custar cortar a própria carne, porque não dispomos de recursos de terceiros para a campanha, como é o caso do Molab e do PCC, que estão com a burra cheia de dólares para a campanha eleitoral. Pois não, general Krammer, alguma observação?

— Ignomínia! A que ponto chegamos, senhor presidente! — desabafou o militar. — Uma súcia de baderneiros, anarquistas, *esquerdóides*, a dar as cartas na política do Brasil!

— Não vamos nos deixar levar por emocionalidades, general — redargüiu o presidente. — Para tudo na vida há jeito, principalmente para nós, evangélicos. A pobre da Igreja Católica, consciente de sua fraqueza doutrinária, teve de criar, no Paraíso Celestial deles, um departamento de casos impossíveis, designando São Judas Tadeu para chefiá-lo! Nós, da Igreja da Purificação da Nova Vida, não temos esse problema! Tudo para nós é possível, com a única e exclusiva intercessão de Nosso Senhor Jesus Cristo, sem intermediários! Mas, senhores, há ainda um terceiro ângulo do problema, também magnificamente analisado pelo ministro Natanael, que eu gostaria de lhes trazer para reflexão: temos de envidar todos os esforços políticos para que o engenheiro Antônio Péricles seja, efetivamente, o candidato do Pecolab para as eleições presidenciais de outubro. Após sopesarmos todas as possibilidades políticas do desempenho do Pecolab, concluímos que Antônio Péricles seria o perigo menor para nós; aliás, ameaça nenhuma: trata-se de um derrotado atávico, perdedor crônico; como não bastasse, homem de cor, não-evangélico, inconformista e, *last but not*

least, portador de deficiências físicas, particularidades que o tornam inelegível para o povo brasileiro, como sabemos. Não obstante, ele seria o candidato ideal para nós, porque político fraco de urna, aliado perfeito para a coligação que teremos de intentar com o Pecolab, para o segundo turno, com vistas a ganhar as eleições e colher os efeitos políticos por nós desejados. E por que tanta preocupação em fazer do *Malfeito* o candidato do Pecolab à Vice-Presidência da República, em coligação com o PNV, perguntariam os senhores? Por uma simples e perigosa razão, senhores ministros: não podemos correr riscos com a possibilidade de uma candidatura do prefeito eleito do Rio de Janeiro, pastor Bastos Freitas, do Pecolab, à Presidência da República. Dado que ele também é homem de cor, tão inconformista quanto o *Malfeito*, trata-se, porém, de um ministro evangélico, cuja igreja está com crescimento relativo de crentes superior ao das três grandes *igrejas-partidos* do Brasil. Uma possível indicação do pastor Bastos Freitas às eleições presidenciais de outubro, alteraria, sobremaneira, o cenário e o quadro político que lhes tracei.

— Até que ponto, senhor presidente? A Igreja de Deus no Reino da Terra, à qual pertence o pastor Bastos Freitas, não tem a expressão nacional da Igreja da Purificação da Nova Vida, nem da Igreja de Libertação das Almas do Brasil, tampouco da Igreja da Comunhão com Cristo — ponderou o ministro Alcebíades Trancoso.

— Mas foi com essa inexpressiva igreja que o pastor Bastos Freitas foi eleito prefeito da megacidade do Rio de Janeiro, ministro, derrotando os candidatos daquelas três *igrejas-partidos*! O efeito da onda messiânica e esotérica, e da ambiência mística que envolve todo o território nacional, projetando os evangélicos para o primeiro lugar na confiança dos brasileiros, conferindo-nos total credibilidade, também é usufruída pelo Bastos Freitas, não se esqueçam! Ele também é evangélico, foi eleito pelo eleitorado mais esclarecido do país, com um bordão político muito bem bolado, que calou fundo no eleitorado carioca: “Evangélico bom é evangélico inconformista.”

O general Krammer, irritadiço, mexia o corpo na cadeira, transparecendo grande contrariedade, ao final da fala do presi-

dente. O bispo Marian, notando o agastamento do militar, indagou se ele gostaria de fazer algum comentário sobre o assunto.

– Apenas um, Excelência: não passarão!

O professor Leodegário Saquarema, sentado à mesa da sala de visitas do presídio de segurança máxima da Covanca VI, ouvia a síntese que Antônio Péricles lhe transmitia, em conversa reservada, sobre a reunião da Executiva do Pecolab, realizada no dia anterior. O velho líder inconformista escutava atento, expressão serena, olhos postos no chão, rosto apoiado na munheca fechada; vez por outra, cerrava as pálpebras, como se estivesse a sopesar as palavras e os fatos que lhe eram diligentemente pingados, ao pé do ouvido, pelo presidente do Pecolab. Lázaro das Dores, Sepúlveda Lobão e Bienvenido Pavan – este ali presente para fotografar e documentar a reunião para *A Gazeta Carioca* – assistiam, à distância, sentados na outra extremidade da longa mesa, ao relatório resêrvado boquejado por Antônio Péricles para o velho líder inconformista.

Bienvenido Pavan armara a máquina para disparar a primeira foto, quando foi impedido por Lázaro:

– Agora não, Pavan. Essa imagem pòde ser objeto de exploração negativa pela imprensa conformista: a cena daqueles dois, aos cochichos, faz lembrar as audiências concedidas por Don Corleone, personagem mafiosa de famoso filme do passado, baseado em não menos famoso romance, sobre a máfia italiana. Os jornalistas brasileiros de política são quase todos velhos: muitos devem ter assistido àquele *cult-movie* um caminhão de vezes.

Para agravar os receios e precauções de Lázaro, o professor Leodegário Saquarema resolvera fazer indagações e sussurrar conselhos no ouvido de Antônio Péricles, mantendo o rosto apoiado na cunha formada pelos dedos polegar e indicador estendidos.

– Tem razão, Lázaro: a imagem lembra mesmo o Marlon Brando, em *O poderoso chefe* – comentou Sepúlveda Lobão, enquanto soltava, pela boca, argolinhas de fumaça do cigarro.

Terminada a conversa reservada entre Leodegário Saqua-

rema e Antônio Péricles, este acenou para que Lázaro, Lobão e Pavan, sentados na outra ponta da mesa, se aproximassem.

O professor Leodegário Saquarema ajeitou a grenha grisalha sobre a testa, limpou a garganta e solicitou que todos se acomodassem nas cadeiras em torno da cabeceira. Cruzou os dedos das mãos sobre a mesa e falou, com voz roufenha e pausada:

— Um político brasileiro reacionaríssimo, do passado remoto, arguto observador da política, costumava dizer: “Política é como nuvem: você olha, vê uma forma, semelhante a alguma coisa; daí a instantes, olha de novo, e a forma da nuvem já se transformou em outra coisa.” Tal ainda sói acontecer, companheiros, como observava a velha raposa mineira dos antanhos, na quadra política que vivemos. Não tenho dúvida, presumo que tampouco os senhores, constituir um ultraje essa decisão do Parlamento Europeu de interferir nos assuntos internos do país! É uma ignomínia! Não obstante, a experiência nos ensina que colhe da política os melhores frutos quem sabe refletir e explorar, pacientemente, as oportunidades que se apresentam, sejam elas quais forem, ainda que ocorram sob a forma de agressões e humilhações. Os sábios sempre nos ensinaram: a primeira atitude a ser tomada é absorver o golpe, assimilar a dor, recuperar a respiração, porque a luta continua: logo em seguida, a crise passará, a dor irá embora, a respiração voltará ao normal; aí, então, dá-se conta de que o tempo fruiu, inexoravelmente, a vida continuou a mesma, contudo acrescida de um dado novo: a agressão, da qual fomos vítimas, irá gerar fatos políticos, cujos desdobramentos poderão trazer benefícios para a nossa causa, subsídios para o atingimento do nosso desiderato ideológico, desde que judiciosamente analisados, inteligentemente explorados. A um andarilho de boa-fé, perdido nos caminhos da vida, não é defeso montar um cavalo encilhado, que passa na estrada, trotando sozinho, pedindo montaria. Assim é que, analisada esmiuçadamente a situação, seus efeitos e conseqüências, assenhorados do tempo e da razão, temos de cuidar do devir político, deixar que, sutilmente, nossos adversários políticos percebam o que nós percebemos; o jogo político, então, instalar-se-á, como de praxe, com mútuas ofertas e concessões. Se acreditamos na doutrina inconformista, se achamos justa a nossa causa, em política

jamais nos assistirá a razão burra de protestar, apenas para exemplificar, contra um adversário político que empunha uma bandeira do Pecolab. Soube, pelo Antônio Péricles, que um político do Molab, evangélico nordestino, conformista furioso, pretende apresentar um projeto, na Câmara Federal, que visa acabar com a pobreza no Brasil. Temos de encarar tal fato como um presente dos deuses! Esse infeliz conformista, seja lá qual foi o motivo oportunista que o inspirou, em vez de contribuir para o agravamento do problema, como fazem seus correligionários políticos, diuturnamente, está indo ao encontro do nosso ideário partidário, desfraldando uma bandeira histórica do Pecolab: acabar com a miséria no Brasil! Alvissaras! Lembrem-se de que Jesus Cristo, filho de Deus, adrede sabia quem era Judas Iscariotes, antes de aceitá-lo como um dos Seus. Sabia Jesus que Iscariotes, servil ao dinheiro, seria útil, com o gesto de traição que cometeu, à nobre causa que Ele defendia! Estava ali, vislumbrou Jesus, uma rara oportunidade pedagógica para reforçar a Sua filosofia de vida entre os homens. Jesus jamais recusou o apoio de Iscariotes, tampouco o inscreveu no rol dos inimigos da Sua causa.

Entusiasmado com as idéias que lhe assaltavam em jorro, o professor Leodegário Saquarema levantou-se da mesa, cruzou as mãos para trás, e iniciou o habitual ir-e-vir pela sala, à frente dos visitantes.

— Tire a foto agora, Pavan! — ordenou Lázaro.

— *Fenómeno!* Se estivéssemos em *mi Buenos Aires querido*, lá me impediriam de bater esse flagrante, *por supuesto!* — ironizou o argentino, enquanto preparava a máquina para a foto.

— Por quê, Pavan?

— Porque essa postura do *señor* Saquarema, mãos cruzadas para trás, caminhando furioso de um lado para o outro, grenha hirsuta sobre a testa, era a imagem predileta, e a mais fotografada, do general Leopoldo Galtieri, *nuestro* herói de *Las Malvinas!* — respondeu, enquanto batia o flagrante.

Verve inspirada, Leodegário Saquarema, a recordar os tempos dos virulentos discursos de palanque, que pronunciara nas principais capitais do país, nas diversas campanhas promovidas pelo Pecolab — como as do “Emprego já”, “Do fim da carestia”,

“Do fim da corrupção nos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário”, “Da inconstitucionalidade da cobrança do dízimo tributário”, “Da extinção do *tíquete-praia*”, entre tantas outras –, fez uma brilhante análise da conjuntura nacional e internacional; discutiu o papel do Pecolab em ambos os contextos; sugeriu estratégias de luta para as eleições presidenciais do final do ano; previu as reações da sociedade brasileira em face das últimas decisões do Parlamento Europeu; manifestou suas preocupações com a duradoura e longa onda de religiosidade, esoterismo e interesse por literatura de auto-ajuda, que corrompia os valores da sociedade brasileira, condenando-a a uma espécie de inércia moral:

– Absurdo! E essa idiotice fenomenológica da religiosidade de massa, do interesse exacerbado por esoterismos, da subordinação a messianismos começou lá pelo fim do milênio passado, mais ou menos à época do desmonte do Estado, gerenciado pelo tal presidente da República, de passado progressista e iniciativas reacionárias! Aquele infeliz, coveiro do Estado brasileiro, ainda teve o desprate, quando instado a explicar a razão da radical mudança quanto às idéias que defendia no passado, de recomendar que esquecessem o que ele antes havia dito e escrito! Bem feito: entrou para a História como o anti-Marx, como o fundador do socialismo de direita! Como o precursor do capitalismo totalitário! Após os dois mandatos presidenciais desse infeliz, os movimentos religiosos, atentos à atávica carência afetiva e emocional, aliada à falta de descortino político da elite e da classe média brasileiras, ganharam espaço e passaram a dominar, por meio de espantosa proliferação de templos religiosos, que extinguíram e tomaram o lugar de milhares de cinemas, teatros e casas de espetáculos, o cenário político do país, culminando o processo com a eleição do primeiro bispo *passa-sacolinha*, o famigerado Silas Tadeu, em 2019. E esse fenômeno, não por coincidência, surgiu à mesma época em que se iniciou grave e profundo processo de mediocrização cultural da sociedade brasileira, especialmente na literatura, com o advento dos romances-compactos, e da tirânica e maciça publicação de livros esotéricos e de auto-ajuda; na televisão, com a apologia da indigência cultural dos programas de auditório, da frivolidade das

entrevistas, da exploração cretina das alienantes e lacrimogêneas novelas brasileiras, das *pegadinhas* que expunham ao ridículo os miseráveis e os *inocupacionais*; na música, com o surgimento de ritmos e letras imbecis, cantados por grupos idiotizados, de danças acanalhadas; no teatro, com a encenação de peças idiotas, vazias de conteúdo, reacionaríssimas, como essa tal de *O sono profundo*, em cartaz na maior casa de espetáculos do Rio, em que os dois únicos personagens, os mais respeitados ator e atriz do teatro brasileiro, dormem, a sono solto, durante uma hora e meia, à base de tranqüilizantes, em pleno palco, enquanto o público, abestalhado, e em absoluto silêncio, consome baldes de pipoca na platéia, a ressumar ares intelectuais, acreditando estar participando de uma “experiência cênica de vanguarda”; na imprensa, com a inovação jornalística brasileira do emprego dos textos mínimos, sob o argumento de que o brasileiro não gosta de ler parágrafos extensos, entendidos pelos grandes jornais como aqueles que superam “três dedos” de enunciado; no cinema, com a produção de filmes alienantes...

Arfante e emocionado, o velho político inconformista interrompeu o discurso, abruptamente. A vermelhidão das faces, o espinhaço empertigado, a carótida aos pulos denunciavam-lhe o estado de excitação. Ato contínuo, ajeitou os cabelos desalinhados sobre a testa, limpou a garganta, e olhou para os quatro ouvintes, sentados à mesa, estupefactos. Em seguida, dirigiu o olhar para o carcereiro Miltão – sentado em uma mesinha ao lado da porta de saída – que, indiferente, lia um jornal popular, enquanto comia *biscoitinhos de engarrafamento*.¹ Leodegário Saquarema, mais calmo, voltou a sentar-se, e retomou a fala:

– Desculpem-me o entusiasmo e o discurso pessimista. Não tenho com quem trocar idéias neste presídio: aqui só estão recolhidos ladrões de galinha e descuidistas... Mas, retornemos à questão das eleições presidenciais que se aproximam: vou declarar agora a vocês, antecipadamente à reunião plenária do Pecolab, que decidirá quem será o nosso candidato à Presidência

¹ Assim eram conhecidos, à época, os biscoitos de polvilho que ambulantes de trajeto mercavam nos megaengarrafamentos de turbocarros, no Rio de Janeiro.

da República, o meu voto: é para o Antônio Péricles. É ele quem reúne as melhores virtudes, é ele quem une o partido, é nele que as bases depositam as esperanças para derrotar essa esotérica escumalha de *passa-sacolinhas*, e liderar a volta do Brasil ao seu grandioso destino como nação!

– O tempo da visita acabou, seu Leo! – gritou o carcereiro levantando-se, apontando para o relógio pregado na parede, enquanto dobrava o jornal que lia.

Leodegário Saquarema estalou uma gargalhada, que ecoou por toda a sala:

– Meu tempo já acabou há muito tempo, Miltão!

O sebo Brasil ocupava o térreo e o segundo andar de um sobradão em ruínas, na travessa do Comércio, região confinada da Praça XV, centro do Rio de Janeiro. O comércio de livros usados – como de resto a indústria editorial em geral, em franca decadência em todo o país – era visto como um costume medieval, devido, principalmente, a agressivas campanhas publicitárias da Internet, que comparava o hábito de ler livros de papel² a anacronismos como as feiras livres, somente existentes nas regiões confinadas da cidade: os próprios cariocas reconheciam que defendiam, menos por excentricidade do que por resistência cultural, a preservação do patrimônio, dos hábitos e dos costumes do Brasil colonial. Não raro, feirantes que mercavam dentes de alho, molhos de louro e de coentro, ramos de arruda e saquinhos de orégano, arranjados sobre frágeis barracões de madeira no meio da rua, falavam em fones-vídeo celulares, e deslocavam seus teréns em turboutilitários de última geração. Embora a maioria da população encarasse essas atividades comerciais como descontemporâneas, medievais, insalubres, elas ainda eram toleradas no centro do Rio, na *região confinada* da Praça XV, e no seu entorno de ruelas apertadas e de sobradões oitocentistas. Nessas regiões, a polícia e a sociedade haviam

² A propaganda da Internet, à época, estava dirigida para a leitura de vídeos-livros eletrônicos, gravados em sofisticados softwares, que exalavam essências aromáticas e tinham fundo musical, como no cinema.

segregado os *descontemporâneos*, marginália que ainda cultuava abjetos hábitos e costumes de um passado remoto e atrasado: discursar contra o governo no meio da rua; tomar café e cerveja, em pé, em balcões de botequim; telefonar em horrendos e antiquados orelhões; dar trocados para pivetes vendedores de balas; comer pastel com caldo de cana; ler jornais pendurados nas bancas; fazer fezinhas no jogo do bicho (à época estatizado); discutir futebol com estranhos; e que tais.

O *seu* Jaime – livreiro octogenário de alvíssimas cãs, inconformista histórico, maledicente e injustamente apodado de “rebento da Redentora”, por ter nascido no famigerado ano de 1964 – escondia-se no fundo do andar térreo do sebo de sua propriedade, entre pilhas de papéis mofados, alfarrábios poeirentos e livros velhos, dividindo, com traças e cupins, o insalubre espaço, iluminado pela luz mortiça de uma luminária.

– Bom-dia – cumprimentou-o Lázaro.

– O senhor acha, mesmo? – respondeu o livreiro, sem tirar os olhos, protegidos, por uma pala, da claridade molesta do papel que lia.

Lázaro sorriu e, para testar o velho, replicou:

– O senhor tem razão: do jeito que as coisas estão, vamos acabar pedindo esmolas.

– A quem, senhor? – fulminou o velho, levantando a cabeça, sorriso de escárnio nos lábios, encarando Lázaro com um par de olhos miúdos, atrás de grossas lentes.

– Consta que esse diálogo se deu entre o escritor Graciliano Ramos e o crítico literário Carpeaux – comentou Lázaro, envolvendo o sorriso.

– Meia verdade – replicou o livreiro. – A primeira parte, realmente, foi uma conversa do velho Graça com o Carpeaux, na redação do *Correio da Manhã*; a segunda parte, foi um comentário do Graciliano com o escritor José Lins do Rego, na livraria José Olympio. Em que lhe posso ser útil?

Lázaro catou nos bolsos o papel com a informação:

– Por acaso o senhor teria um livro chamado *Brasil, país do futuro*, cujo autor é...

– Zweig, Stefan Zweig – antecipou-se o livreiro. – Acho que sim, devo ter um exemplar perdido na tumba alfarrábica.

– Tumba alfarrábica? – indagou Lázaro, perplexo.

– É como chamo o segundo andar: é lá que guardo a literatura do período jurássico. Se o senhor tiver tempo, e não se importar em ir até lá comigo, podemos dar uma olhada. O livro é para o senhor mesmo?

– Não, é para minha filha. Trabalho exigido pela faculdade.

– Estranho... – boquejou o livreiro, erguendo-se da cadeira e apontando para Lázaro uma escada velha de madeira, que dava acesso ao segundo pavimento.

– Estranho, por quê? – indagou Lázaro, subindo os degraus, lentamente, atrás do velho.

– O interesse da faculdade nesse tipo de literatura. É um livro ufanista sobre o Brasil, apologético sobre o futuro do país. Foi escrito por famoso romancista austríaco, há cem anos, creio. Não muito tempo depois da publicação do livro, ele se matou, junto com a mulher, em Petrópolis.

– O homem suicidou-se? Por que motivo?

O livreiro parou no segundo lance da escada, arfando, para descansar. Retirou a pala que lhe protegia os olhos da claridade, e passou a mão sobre a calva suada.

– Desgosto com o mundo, com a vida, parece. Ele era um judeu, fugido do nazismo que grassava na Europa, à época. Os intelectuais gozadores assacam que foi por arrependimento, em decorrência das bobagens que ele escreveu sobre o futuro do nosso país, no tal livro.

– É um livro de ficção? – indagou Lázaro, ajudando o livreiro a vencer os últimos degraus, segurando-o pelo braço.

– Oh, não! É um livro de homenagem que ele resolveu dedicar ao país, depois de uma visita que aqui fez, no século passado. Se não me trai a memória, é uma espécie de ensaio visionário, bem ufanista, sobre o futuro do Brasil. Julgava ele que o país era a esperança do mundo. Ele encantou-se com a nossa maneira de ser, com a amorosa e pacífica confraternização entre nossas diferentes raças e etnias; achava-nos um modelo de sociedade e de país, a ser imitado pelas demais nações do planeta.

– Então é um livro de ficção mesmo... – ironizou Lázaro.

O livreiro estalou uma gargalhada tossicada, típica de quem tem os pulmões arruinados:

— Tem razão, senhor, absoluta razão: é, com certeza, uma obra ficcional, e das mais desvairadas e imaginosas! Creio que nem Júlio Verne se atreveria a escrevê-la! Fosse ainda vivo o senhor Zweig, para testemunhar o tipo de sociedade e de país em que resultou o Brasil, ele voltaria a suicidar-se: só que, agora, de raiva e de desgosto!

Decorridos pouco mais de trinta minutos de procura, respirando bolor e bafio de coisa velha, ao meio de muita poeira e umidade, o livreiro, após escarafunchar uma pilha de brochuras antiqüíssimas, exclamou, tossegoso:

— Aqui está! Ei-lo! — expectorou, batendo a poeira da capa do livro, enrugado e amarelecido pela ação do tempo, que desentranhara de uma pilha.

Lázaro abriu a capa e leu o frontispício:

— *Brasil, país do futuro*, de Stefan Zweig. Tradução de Odilon Gallotti, 1941. Editora Guanabara, rua do Ouvidor 132, Rio de Janeiro. Nossa! Como é velho! Mais de um século!

Lázaro ajudou o livreiro a descer as escadas, e retornaram ambos para o escritório do andar térreo. Seu Jaime embrulhou o livro em um papel comum, fechando-o com fita adesiva.

— Aqui está. Espero que sua filha tire dele algum proveito.

— Assim espero. Quanto lhe devo?

— Não tenho a menor idéia. Pague o que o senhor achar justo: sinto-me como o pescador que achou os originais de *Os manuscritos do Mar Morto*, e mandaram que ele fizesse preço.

Lázaro pagou com uma nota de vinte cruzados reais novos — o equivalente ao preço de um livro novo.

— Obrigado, isso não vale tanto. Nem pela antigüidade, tampouco pelo conteúdo: é uma fantasia literária sobre um país, que não se concretizou, apesar de escrita por um grande escritor.

Lázaro ia retirar-se, quando lembrou-se do diálogo que mantivera com o livreiro ao chegar no sebo:

— O senhor também gosta de ler Graciliano Ramos?

— Com certeza. Não nascem mais escritores como aquele. Não me canso de fazer releituras de *São Bernardo*, de *Angústia*, de *Vidas secas*, de *Infância*, das *Memórias do cárcere*... Como escrevia bem o homem! Folgo em saber que o senhor também apreciava o velho Graça — respondeu o livreiro.

— É meu autor preferido. E na literatura de hoje? O senhor vê algum talento despontando, algum autor da craveira de um Graciliano?

O livreiro estalou uma gargalhada, arrematada por uma tosse encatarrada:

— Não consigo nem ver literatura hoje, quanto mais talentos... Ignorantes apedantados escrevem para analfabetos deslumbrados. Existe uma autora aí, premiadíssima, que os críticos estão ungindo como gênio literário, uma tal de Armênia, Ismênia, Astrid, de não sei o quê, romancista imbecil que não consegue conceber nem um título decente para os seus livros, imagine frases! A infeliz usa conjunções e preposições para dar títulos aos seus romances! Fico a imaginar o conteúdo de suas obras!

Lázaro dissimulou o constrangimento, desviou o olhar para as prateleiras e estantes, repletas de livros velhos, e desconversou:

— Como está o mercado de livros usados?

— Horrível, como sempre. Brasileiro gosta mesmo é de ler coluna social, notícias esportivas, revista de fofocas; assim mesmo se o texto não tiver mais que três dedos... Sobrevivo de vendas marginais para saudosistas de boa literatura e para colecionadores de revistas antigas, com fotos de mulheres peladas. A propósito: quem foi que indicou o meu sebo para o senhor?

— Ninguém. Eu estava passando aí na frente... — mentiu Lázaro, vexado.

— Perguntei porque é cada vez mais raro alguém ultrapassar aquela porta para olhar os livros — comentou o livreiro.

— É lamentável, mesmo. Por que o senhor acha que o brasileiro lê tão pouco?

O livreiro contornou a secretária, abriu a caixa registradora com estrépito, e guardou a nota com que Lázaro pagara o livro. Em seguida, voltando a colocar a pala sobre a testa, respondeu:

— As elites e os governantes deste país sempre trabalharam em prol da elevação crescente dos níveis de alienação e de analfabetismo da sociedade. Desenvolveram eles, deliberadamente, um mercado riquíssimo para o consumo de esoterismos, submissão a fanatismos religiosos, cultura ao fisiologismo e muita alienação política. Hoje em dia, só gosta de ler neste país quem quer se libertar desses grilhões, infelizmente a minoria da popu-

lação. Para não ir muito longe: só na cidade de Buenos Aires há, hoje, mais bibliotecas do que em todo o território brasileiro!

– E os poucos que ainda têm o hábito da leitura, hoje só o fazem via Internet – aduziu Lázaro.

– Eles sempre inventam meios para manipular a escolha de textos e de informação para a população. O senhor é jornalista?

– Sou, por quê?

– A própria imprensa brasileira também contribuiu, historicamente, para o estado de alienação política e de indigência cultural a que chegamos. De uma certa maneira, ela também fomentou esse mercado de alienados e ignorantes, privilegiou o jornalismo de chapa branca, sempre a favor dos governos, seus principais anunciantes. Seus coleguinhas inventaram, cem anos atrás, o tal de colunismo social, forma imbecil de escrever mal e pouco sobre o que o povo mais gosta de ler: coscuvilhices da vida privada das elites e da classe artística. Um turco do século passado, ou um árabe, não sei bem ao certo, dizem que absolutamente analfabeto, na língua de origem e em português, foi um dos precursores desse tipo de jornalismo, muito apreciado por ignorantes deslumbrados. Ficou riquíssimo e fez bem-sucedida carreira literária, sendo analfabeto em português e na língua de origem! Só no Brasil isso seria possível!

– Infelizmente, não posso discordar do senhor. Entretanto, considero contraproducente apenas constatar essas aberrações sociais e culturais do povo brasileiro, e nada fazer para corrigi-las. Tanto quanto me é permitido e possível, procuro criticar essas distorções, levando-as ao debate político, propondo alternativas e sugestões para a superação dessas mazelas que afligem nosso povo.

– O senhor é filiado a algum partido inconformista? – indagou o livreiro.

– Sim, ao Pecolab.

– Ah, logo vi. Também fui militante político da FMR do B, no passado. Depois que envelheci, desisti. Levava mais tempo discutindo e batendo boca com o pessoal do meu próprio partido, do que com os adversários políticos. Lembro que no tempo da minha militância política na FMR do B, andava por lá um sociólogo *ad hoc*, hoje já morto, inconformista gozador,

muito espirituoso. Troçava ele que a maior dificuldade do brasileiro era enquadrar-se em um dos muitos *ismos* – capitalismo, comunismo, socialismo, liberalismo, positivismo etc. – importados do exterior, para classificação da ideologia do nosso povo. Depois de muito pesquisar e analisar as inclinações políticas do brasileiro, ele concluiu que somente duas correntes de pensamento dividiam a preferência do nosso povo: o *não-estou-nem-aí-ismo* e o *pouco-se-me-dá-ismo* – concluiu o livreiro, rindo e tossindo muito.

De volta à rua, Lázaro acenou para uma turbovan que seguia em direção à zona sul.

– Vai pela praia de Botafogo? – perguntou Lázaro ao motorista.

– Claro, amizade. A turbovan vai por onde o passageiro pede, e não pelo trajeto de *cata-mendigos* feito pelos turbocoletivos da Fetranspor. Vamos entrando, acomode-se, antes que um colega pirata o carregue daí à força.

– Vou ficar no megaprédio das *igrejas-empresas*, em Botafogo. Que história é essa de carregar passageiro à força? – indagou Lázaro, acomodando-se no assento ao lado do motorista.

– Sabia não? Agora é moda: as turbovans e os turbotáxis piratas, depois que o governo resolveu arrochar a fiscalização e a repressão, estão seqüestrando passageiros parados nos pontos dos turbocoletivos, obrigando-os a pagar o triplo da tarifa normal! – respondeu o motorista, estalando uma gargalhada acanhalhada, camisa aberta até a cintura, exibindo um peito cabeludo ornado com uma enorme medalha de são Jorge.

– E a gendarmaria nacional, não está reprimindo esse crime? – indagou Lázaro, incrédulo.

O motorista da turbovan acendeu um cigarro e cacarejou nova gargalhada:

– Os próprios agentes da gendarmaria é que são os proprietários das turbovans e dos turbotáxis piratas! Eles fazem bico, para complementar os salários de fome, depois que largam o serviço.

– Mas isso é um absurdo! Onde é que já se viu um passageiro ser coagido a viajar em transporte coletivo? E se ele não aceitar? – perguntou Lázaro.

– Morre, ué! Fica estiradinho no ponto, com uns balaços alojados na cabeça, até a chegada do rabecão, que, diga-se de passagem, demora pra burro para chegar!

– E o comando da gendarmaria, o que faz?

– Nada. Alega que não tem dinheiro para dar aumento de salário à categoria.

– Isso é um crime hediondo! É assalto à mão armada!

– O senhor é daqui mesmo, ou é de fora? – perguntou o motorista, ensimesmado.

– Daqui mesmo, por quê?

– Soube não? Deu na Internet: mês passado, um passageiro de um turbocóptero da linha Recreio-Castelo reclamou da falta de troco com o comissário-trocador, dizendo que não ia pagar a passagem, o coletivo em pleno vôo.

– E o que aconteceu? – perguntou Lázaro, assustado.

– Soube não? Jogaram o passageiro para fora do turbocóptero, de uma altura de dois mil metros! O infeliz se esborrachou no concreto do megaestacionamento da Rodrigo de Freitas.³ Virou uma pasta socada de carne e osso!

Lázaro afundou-se no assento, faces empalidecidas, enquanto o motorista continuou a matraquear outros casos exóticos, entremeados por gargalhadas, sobre o trânsito e o transporte de passageiros no Rio de Janeiro. “Meu Deus!... Que país é esse?... Só posso estar vivendo num mundo de pesadelo...”, murmurava Lázaro para si.

– A turma aqui não se aperta não! *Dízimo* *pedagiado*, é o que os caras dizem que cobram nas turbovans piratas. O senhor escutou o que eu disse, ou está se distraindo com a paisagem? – perguntou o motorista a Lázaro, quando o percebeu absorto, olhando para fora, olhos postos na selva de prédios, edificada no local que um dia foram os jardins do Parque do Flamengo.

³ Os graves problemas decorrentes da superpopulação nos bairros da zona sul do Rio de Janeiro, aliados ao déficit de garagens residenciais e de estacionamentos, provocaram a necessidade de aterramento e asfaltamento da Lagoa Rodrigo de Freitas, no ano de 2019.

NOVE CANDIDATOS CONCORRERÃO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA NO PRIMEIRO TURNO

BRASÍLIA (AN) – O Tribunal Superior Eleitoral confirmou o registro de nove candidaturas à Presidência da República Federativa do Brasil, em conformidade com a legislação aprovada para as eleições gerais marcadas para o final do ano, cuja votação, em primeiro turno, está prevista para o dia 6 de outubro de 2045, sexta-feira. São eles: o bispo evangélico Miron Marian (PNV), atual presidente da República; o bispo evangélico Laudelino Cândido (Molab); o bispo evangélico Hieráclito de Carvalho (PCC); o engenheiro Antônio Pércles (Pecolab); o metalúrgico Lenine da Estação Finlândia (FMR do B); o empresário e senador Amadeu Boaventura (PUCB);⁴ o coronel da reserva e bispo evangélico Anfilófilo Secundino (PCM do B);⁵ o espiritualista Raimundo da Barroquinha (PCS);⁶ e o deputado federal e sindicalista Casiano Conceição (PIB). São seis candi-

datos de partidos conformistas – inclusive o atual presidente da República, que concorre ao 3º mandato presidencial – e três candidatos de partidos inconformistas (Pecolab, FMR do B e PIB). Na hipótese de o candidato vencedor do primeiro turno não alcançar a maioria absoluta dos votos válidos, os dois candidatos mais votados irão para o segundo turno, admitida a recomposição de chapas para candidatos à vice-presidência da República, por meio de coligações partidárias, inclusive com a inclusão de candidatos derrotados no primeiro turno, conforme previsto na legislação que regula as eleições gerais de 2045. A propaganda eleitoral dos candidatos, através da Internet, rádio, televisão, imprensa e outros veículos promocionais iniciará-se a semana que vem, nos dias e horários que serão divulgados, amanhã, pelo TSE.

⁴ Partido Ultraconformista Brasileiro.

⁵ Partido dos Conformistas Militares do Brasil.

⁶ Partido Conformista Socialista.

6

A SEDE DA COMPANHIA DE SALVAÇÃO DAS ALMAS DO BRASIL – Cosab ficava no 66º andar do megaprédio das *igrejas-empresas*, não muito distante do edifício de apartamentos onde Lázaro das Dores residia. Tratava-se de uma Orbup,¹ modalidade de empresa sem fins lucrativos – isenta, portanto, do pagamento de impostos e tributos federais, estaduais e municipais –, que explorava planos funeral e de saúde para seus associados contribuintes, além de concessionária de famosa e concorrida loteria estadual, conhecida como *Bingadinha das Almas*, espécie de jogo do tipo loteria de raspagem, vendida em bancas de jornais e shopping centers.

Lázaro das Dores trabalhava na Cosab, há um ano, como chefe da assessoria de comunicação social; fora contratado, inicialmente, como profissional *free-lancer*, para estruturar e liderar campanha publicitária de suporte promocional para o lançamento da mais revolucionária loteria de raspagem do Rio de Janeiro. O sucesso alcançado com a campanha fora tão estrondoso – os cartões laminados eram disputados a tapa pelo público, em todos os pontos de venda do Rio –, que os dirigentes da Cosab, um grupo de espanhóis que explorava hotéis, casas de jogos e restaurantes sofisticados no Rio de Janeiro, resolveu

¹ Organização Beneficente de Utilidade Pública.

convidá-lo para trabalhar na Companhia, como executivo responsável pela área de imprensa e publicidade, oferecendo-lhe um razoável salário. Apenas um dos dirigentes da Cosab fora voz discordante da contratação de Lázaro: o deputado estadual, e banqueiro do jogo de bicho, Aricleuzo Fonseca, o *Ari das Mãos Limpas*, como era mais conhecido. O motivo da discordância era sabido: o deputado tinha um sobrinho – jovem espadúdo, fisiculturista, cara infestada de crateras causadas por uma bexiga mal curada –, que ele empregara na Cosab, com a intenção de, mais tarde, indicá-lo para a chefia do órgão para o qual Lázaro fora contratado. A vinda de Lázaro para a Cosab atrapalhara os planos do *deputado-bicheiro* e do sobrinho apadrinhado.

Após desembarcar da turbovan – o motorista boquirroto despedira-se oferecendo seus serviços num cartão que continha e-mail, fax e site na Internet –, Lázaro entrou no escritório da Cosab pouco antes das dez da manhã. Depositou sobre a mesa o livro que comprara no sebo, retirou o paletó, pendurando-o no cabide, e pediu um café para a secretária.

– *Seu* Lázaro, esta é a quinta vez neste mês que o Rodolfo dos *Bíceps* chega mais cedo que o senhor no escritório – boquejou dona Felicidade, enquanto servia café para o chefe.

– E daí, dona Felicidade? Essas coisas acontecem, não se programam! – retrucou Lázaro, irritado.

Dona Felicidade deu a volta à mesa, aproximou-se de Lázaro para não ser ouvida, deixou escapar um olhar de sorrato para Rodolfo dos *Bíceps* – que, a distância, sentado na sua baia do *landscape*, dissimulava não observá-la – e murmurou:

– Armam-se, sim senhor! Em todos os dias que o senhor chegou atrasado, inclusive hoje, aquele cara de chocolate crocante granulado dirigiu-se à sala do doutor Estevão, às nove em ponto, e o trouxe até aqui, a pretexto de pedir alguma autorização de urgência, com o evidente propósito de que o diretor constatasse a ausência do senhor. Em pelo menos duas dessas cinco vezes, o doutor Aricleuzo também estava presente, exibindo na cara aquele inapagável ar debochado, abalando-se toda hora para o banheiro, com aquela mania maluca que ele tem de lavar as mãos!

– Está bem, dona Felicidade. Vou ficar atento. Agora traga-

me o relatório das vendas da semana passada das loterias de raspagem do Rio.

Lázaro sabia das intrigas e tramas de *Ari das Mãos Limpas*, mancomunado com o sobrinho para derrubá-lo. No entanto, revelava tibieza de ânimo, falta de vontade para enfrentar uma situação como aquela. Não se considerava um competidor. Convencera-se – quem sabe não desenvolvera mecanismo psicológico de defesa?, indagava-se – a não reagir a intrigas engendradas por quem não nutria consideração ou respeito; entendia que tomar qualquer atitude seria rebaixar-se, faltar com respeito à própria consciência; não admitia comportar-se como um pobre de espírito, nivelando-se aos inimigos do escritório. “Se viesse a perder o lugar que ocupava na Cosab por consequência daquelas baixarias, era porque nem a Cosab, tampouco o cargo, o mereciam”, é o que dizia para si, e para os amigos mais chegados que o alertavam sobre as perfídias maquinadas pelo *deputado-bicheiro* e seu sobrinho.

Após confrontar as vendas da última semana da *Bingadinha das Almas* com as loterias de raspagem concorrentes – e constatar a manutenção da liderança da loteria da Cosab pelo oitavo mês consecutivo – Lázaro deu um visto nas folhas dos relatórios, jogando-as na caixa de saída. Em seguida, sentindo-se um pouco tenso, procurou relaxar: encaixou a coluna no espaldar da cadeira, cruzou as mãos sob o cachaço, esticou as pernas, e cerrou as pálpebras, por um átimo. Veio-lhe à mente a história do duplo suicídio do escritor Stefan Zweig e da mulher, em Petrópolis, narrada pelo velho livreiro. “Por que razão se abalara aquele escritor austríaco de tão longe, em meados do século passado, para revelar ao mundo a descoberta de um país, de uma sociedade latino-americana, que ele classificara e julgara, exemplo de desenvolvimento pacífico, paradigma de esperança para um mundo devastado pelo ódio e pela loucura?”, perguntara-se.

Lázaro desembrolhou o livro que comprara no sebo, e iniciou a leitura da introdução:

[...] Imaginava que o Brasil fosse uma república qualquer da América do Sul, que não distinguimos bem umas das outras, com clima quente, insalubre, com condições políticas de intranquilidade

e finanças arruinadas, mal administrada e só parcialmente civilizada nas cidades marítimas, mas com bela paisagem e com muitas possibilidades não aproveitadas — país, portanto, para emigrados ou colonos e, de modo algum, país do qual se pudesse esperar estímulo para o espírito. Uma visita de dez dias a tal país parecia-me suficiente para quem não é geógrafo, colecionador de borboletas, caçador, sportsman ou negociante. Demorarei lá oito ou dez dias e depois regressarei depressa, assim pensei, e não me envergonho de confessar esse meu modo insensato de pensar. Acho mesmo importante fazê-lo, porque ele é mais ou menos o mesmo que ainda é corrente nos círculos europeus e norte-americanos. O Brasil, no sentido cultural, ainda hoje é uma terra incógnita como, no sentido geográfico, o foi para os primeiros navegadores. Muitas vezes fiquei surpreso de ver que idéias confusas e deficientes mesmo as pessoas cultas e interessadas por coisas políticas possuem sobre esse país que, indubitavelmente, está destinado a ser um dos mais importantes fatores do desenvolvimento futuro do mundo.² [...]

— Com licença? — exclamou um senhor corpulento, batendo à porta do gabinete de trabalho de Lázaro, acompanhado de outro, ambos trajando terno e gravata, à moda antiga.

— Pois não, doutor Estêvão. Faça o favor de entrar! — convidou Lázaro, interrompendo a leitura, erguendo-se da cadeira.

— O doutor Magalhães ficou verdadeiramente entusiasmado com o plano de lançamento e com o sucesso alcançado pela *Bingadinha das Almas*, e fez questão de conhecê-lo pessoalmente, Lázaro! — disse o principal dirigente da Cosab, apresentando-o ao visitante, orgulhoso.

O sucesso estrondoso da *Bingadinha das Almas* (vendia mais que todas as demais concorrentes juntas) Lázaro creditara a um desses dias em que agiu e pensou como um conformista típico. Convencera-se de que tinha de aprender a sobreviver, pelo menos profissionalmente, em conformidade com o cipoal de leis, regras, costumes e hábitos de uma sociedade tradicionalmente conformista, como a brasileira: se dela discordava, ideologicamente, dela teria, forçosamente, que compreender os anseios, os

gostos, a ética, os hábitos de consumo. “Sou inconformista, mas não sou burro!”, era o que respondia quando lhe cobravam coerência de atitudes, os negócios apertavam, ou premiam-no dificuldades financeiras. A bem-sucedida idéia que Lázaro engendrara, para diferenciar a *Bingadinha das Almas* das loterias de raspagem concorrentes, era muito simples: tivera o cuidado (sutil genialidade, de acordo com os especialistas de marketing) de consultar a lógica de consumo e a ética do brasileiro, expressa na máxima tupiniquim: “Procure levar vantagem em tudo, até nas perdas!” Todos ganhavam com a idéia de Lázaro: os concessionários da loteria, os consumidores que nunca perdiam – o mote da campanha promocional era: *Bingadinha das Almas*: a loteria que você compra e nunca leva prejuízo: Ganha até quando perde! –, e, por tabela, a prefeitura do Rio de Janeiro. Explica-se: Lázaro propusera aos dirigentes da Cosab que, antes do lançamento da *Bingadinha das Almas*, firmassem um convênio com a prefeitura do Rio de Janeiro, com o fito de habilitar e validar todos os cartões daquela loteria para que também pudessem ser utilizados como *tíquetes-praia* (vale-lazer), nos torniquetes das grades que cercavam as praias interditadas da baía de Guanabara. O preço de lançamento de cada cartão fora de CRN\$ 3,00 (o valor de cada *tíquete-praia* era de CRN\$ 1,00). Ganhavam todos com a idéia: a prefeitura do Rio, que assegurava, antecipadamente, maciça assistência aos shows de pagode, música sertaneja e de *bundança-xé*, que patrocinava nas praias interditadas da baía, além de embolsar CRN\$ 1,00 por *Bingadinha* utilizada, repassado pela Cosab; o consumidor, mesmo não premiado, ganhava de qualquer maneira, tendo direito de acesso aos shows populares nas praias interditadas da baía, além da Cosab, que auferia lucros astronômicos com a venda do produto.

– Diabólico! É o ovo de Colombo em pé, sem quebrasuras! É idéia digna de um Arquimedes! de um Galileu! de um Da Vinci! de um Newton! – comentou o visitante, dono de uma rede de bingos no Rio e em Brasília, após as explicações dadas pelo diretor-superintendente da Cosab.

– O Lázaro é a mais recente aquisição da Cosab! É o nosso mais valioso patrimônio humano! – ufanou-se o doutor Estêvão. – E pensa que ele se jacta disso? Qual! Quando se toca

no tema, desconversa, muda de assunto, fala de outras coisas, elogia os auxiliares! Olha como ele reage com timidez!

– Parabéns à Cosab! Quem tem uma idéia dessas, doutor Estevão, conhece a fundo a alma do consumidor brasileiro! – comentou o dono da rede de bingos, impressionado com a estratégia de lançamento da loteria.

Não era bem timidez o termo mais adequado para definir o estado de espírito de Lázaro, quando lhe teciam loas à inteligência pelo sucesso mercadológico da *Bingadinha das Almas*. Era acabrunhamento mesmo, vergonha de si próprio. “Como pude criar tal monstruosidade, meu Deus?”, perguntava-se, quase que diariamente, ao retornar para casa, após o trabalho. O próprio pessoal do Pecolab – a ala mais radical do partido, à esquerda – chegou a censurá-lo, em reunião reservada da Regional/RJ do partido.

– Você tem compromisso com um passado de lutas, Lázaro! Politicamente correto e culto, como você é, não lhe é lícito aproveitar-se da histórica ingenuidade e da conhecida alienação do brasileiro, ajudando esses neocapitalistas ibéricos a enganar o povo com essa loteria fajuta! – advertiu-o o professor Leodegário Saquarema, numa das visitas de Lázaro ao presídio.

Do círculo mais chegado de amigos, os únicos que não viam contradição entre as atividades profissionais de Lázaro com as de secretário regional/RJ do Pecolab eram Sepúlveda Lobão e Bienvenido Pavan.

– Você é assalariado na Cosab, não é? Vive do que ganha para prover a família. Sendo serviço honesto, que não ofenda os valores morais e a dignidade humana, não vejo contradição. Você não faz parte do grupo de capitalistas ibéricos que banca essa loteria – confortou-o o advogado.

– *Una candela al santo y dos al diablo que puede tanto! También el diablo va a Misa!* Muito cuidado, Lazarillo: lo que entra en tu bolsa mal ganado, el diablo se lo llevará por otro lado... – ironizou Pavan, apoiando-o.

À noite, já em casa, não tendo encontrado a filha mais nova para lhe entregar o “alfarrábio jurássico” que ela lhe pedira, Lázaro resolvera continuar a leitura do livro de Stefan Zweig:

[...] E com surpreendente velocidade desvaneceu-se a presunção européia que muito superfluamente trouxera como bagagem. Percebi que havia lançado um olhar para o futuro do mundo.

[...] Quando o navio zarparou — era uma noite estrelada e, apesar disso, essa cidade com seus colares de pérola formados pelos focos de luz elétrica tinha um brilho, mais belo e mais misterioso do que as estrelas — estava eu certo de que não era pela última vez que via esta cidade e este país e sabia bem que propriamente nada vira ou em todo o caso não vira bastante. Fiz o propósito de logo no ano seguinte voltar, mais bem preparado e para permanecer maior tempo, para outra vez e mais intensamente experimentar a sensação de viver no que se está desenvolvendo, no porvir, no futuro, e então gozar mais conscientemente a segurança da paz, a boa atmosfera hospitaleira. Mas não pude realizar a minha intenção. No ano seguinte ainda continuava a revolução da Espanha e pensei comigo: espera, até que se tenha uma época mais tranqüila... Em 1938 deu-se a queda da Áustria e de novo esperei um momento de mais calma. Em 1939 efetuou-se a da Checoslováquia, depois ocorreu a invasão da Polônia e em seguida teve início a guerra de todos contra todos, na nossa Europa suicida. Cada vez mais veementemente era o meu desejo de me retirar do mundo que se destrói, e de passar algum tempo no mundo que se desenvolve de maneira pacífica e fecunda; afinal cheguei de novo a este país, mais bem preparado do que anteriormente, a fim de tentar fazer dele uma pequena descrição. [...] Passei cerca de meio ano neste país e precisamente só agora sei que, apesar de toda a diligência em aprender e de todo o viajar, ainda não posso dizer que conheço o Brasil e sei também que uma vida inteira não bastaria para conhecê-lo. Não vi uma série de Estados, dos quais cada um é tão grande como a Alemanha e a França ou maior do que elas. [...] Não visitei as colônias alemãs de Santa Catarina, cujas casas antigas, diz-se, têm pendurado o retrato do imperador Guilherme e cujas casas novas, ao contrário, têm o retrato de Adolfo Hitler, nem as colônias japonesas do interior de São Paulo, e não posso dizer com seguran-

ça a ninguém se realmente algumas tribos indígenas das matas virgens são canibais.³ [...]

“Esse Zweig era um puro, meu Deus...”, murmurou Lázaro para si, quando a mulher entrou no quarto.

– Onde foi a Alexandra? – indagou Lázaro, fechando o livro.

– Você vai ver daqui a pouco – respondeu a mulher, sentando-se na cama, controle remoto do televisor preso à mão.

A TV exibia um multishow:⁴ no quadro instantâneo apresentado, um mágico mascarado fazia a levitação de uma loura despida para um auditório desanimado, que aplaudia a função, burocraticamente. A mágica iniciara com a loura vestida, mas a audiência – controlada on-line pelo diretor de TV – caíra dramaticamente. O diretor de TV ordenara, *incontinenti*, pelo ponto eletrônico, que a loura se despisse rapidamente, ambos no ar (ela e o quadro), sem os salamaleques morosos de um *strip-tease* clássico. O nível de audiência reagira, mas não o suficiente para disputar com o canal que liderava o horário. O quadro, instantaneamente retirado do ar, fora substituído por uma *pegadinha*: belíssima e opulenta loura, em São Paulo, e não menos bela e fornida mulata, no Rio, ambas trajando minúsculos biquínis, abordavam – na avenida Paulista e na avenida Rio Branco, respectivamente, ao início da tarde de um dia útil – senhores idosos, necessariamente acompanhados de suas mulheres, saudando-os com abraços, beijinhos e esfregações, como se já os conhecessem de outros carnavais. A audiência dera picos fantásticos quando as velhinhas reagiram, desferindo guarda-chuvas nas modelos contratadas, ou quando os velhinhos apanharam a valer de suas companheiras, em plena via pública. O quadro não

³ *Brasil, país do futuro* (op. cit.)

⁴ A concorrência pela audiência entre os canais de TV, naqueles tempos, era tão acirrada – as avaliações eram instantâneas, medidas por sofisticados aparelhos eletrônicos instalados nos domicílios dos telespectadores –, que roteiros e atrações eram alterados com a programação no ar. Os multishows, programas criados ao gosto do telespectador brasileiro, exibiam, simultaneamente: religião, sexo, pegadinhas, noticiário, *strip-teases*, pagodes, *bundanxaxé*, culinária, fofocas da classe artística, reportagens policiais, entre outros quadros muito apreciados pelo público, em todo o Brasil.

conseguira ficar no ar mais que três minutos: a concorrência às oito horas da noite era selvagem. Constança Ballesterio, a septuagenária musa da Paulicéia, aparecera na tela da TV, de calcinha e sutiã, para ensinar a fazer um suflê de camarão, numa cozinha improvisada, enquanto do outro lado do palco, adolescentes seminuas, acompanhadas de rapazes de sunguinha, brincavam de apanhar bolinhas de gude, jogadas no fundo de uma piscina de fibra de vidro transparente. Tratava-se de ousada experiência do canal de TV – testar a audiência, com a programação no ar, misturando culinária com jovens semidespidas, a se esfregarem em rapazes idem, submersos numa espécie de aquário humano. Aproveitando a oportunidade e o espaço, Constança Ballesterio – enquanto mexia a panela do suflê – contava coscuvilhices fesceninas sobre artistas de TV, além de fazer *merchandising* dos produtos dos patrocinadores.

Lázaro empalidecera: o diretor de TV fechara a imagem no rosto de uma das adolescentes mergulhadas na piscina:

– Mas aquela é a Alexandra! – guinchou Lázaro, enquanto observava a filha, em biquíni sumaríssimo, ser agarrada, por trás, por um negrão de sunguinha, que tentava impedi-la de apanhar as bolinhas de gude no fundo da piscina.

– Até que enfim você reconheceu a Xandroca, hein? Ela não está uma gracinha, Lázaro? Ah, meu Deus, quanta emoção! Quem diria... A Xandroca no programa de TV da Constança Ballesterio! É muita felicidade para uma mãe! – ufanou-se a mulher de Lázaro, cara besuntada de creme, bugalhos arregalados de excitação, recostada nos travesseiros da cama.

Lázaro, acabrunhadíssimo, não conseguira esboçar qualquer reação, por um par de minutos. Basbaque com o que via na TV – lábio inferior em prolapso, boca entreaberta de pasma –, vira ruir, naquele instante, o castelo de esperanças profissionais que sonhara para a filha mais nova. A filha mais velha formara-se em arquitetura, embora trabalhasse como *vendeuse* numa boutique de shopping center: jamais conseguira emprego na profissão. Lázaro não queria ver a filha mais nova vítima das mesmas frustrações e angústias da irmã mais velha, sempre às voltas com crises de depressão e tratamentos psicanalíticos, justamente pelo fato de o mercado de trabalho de arquitetos, no Brasil, ser o

mais restrito do mundo. A globalização das economias mundiais, aliada ao avanço da informática, pulverizara centenas de ocupações e profissões, compelindo considerável parcela da população a viver, quase que exclusivamente, do comércio e de serviços. Lázaro persuadira a filha mais nova a estudar comunicação social; convencera-a de que possuía bons relacionamentos e alguma influência nos meios jornalístico e publicitário, fatores essenciais para se conseguir uma vaga num jornal, ou numa agência de publicidade, ainda que tal fenômeno fosse uma raridade no Rio de Janeiro.

— E você permitiu que a Alexandra fosse participar dessa esibórnica, mulher? — trovejou Lázaro, indignado, desafoando desapontamento com a imagem da filha no televisor.

— Ora, Lázaro, lá vem você com seus preconceitos contra a classe artística! A Xandroca, menininha ainda, já levava jeito para dançar a *bundança*; desfila em escola de samba desde os treze anos; foi convidada para ser modelo por um sem-número de agências! São toques do destino, *insights*, sinais esotéricos dos caminhos que ela deve seguir! Isso dá muito dinheiro, Lázaro! Muito mais que o jornalismo que você está forçando a pobrezinha a estudar! — retorquiu a mulher.

— Isso não dá futuro nenhum, mulher! Será que você não enxerga? Essas meninas, *nádegas cantantes*, ou coisa que o valha, são sempre exploradas por essa marginália de pseudo-empresários, somente enquanto têm tetas firmes e traseiros empinados, e ainda são jovens! Essas inocentes não enxergam, inebriadas com a satisfação de vaidades narcisísticas a remotíssima possibilidade de alcançar a fama, que a vida de dançarina ou de modelo é como a de jogador de futebol, ou de *facilitadora de centro de lazer*: têm de aproveitar a fase, enquanto são jovens, porque depois é só descaso, indiferença, solidão, falta de oportunidade de trabalho digno e regular para sobreviver, vida adulta e velhice infelizes!

— Muitas fazem fortuna, Lázaro! Ficam famosas, ganham programas próprios de TV, recebem uma dinheirama para trabalhar em campanhas publicitárias! Veja a Constança Ballestero: é velha, mas nem parece. Quem tem dinheiro fica sempre jovem, poderosa! Ela já foi até convidada para candidatar-se ao governo

de São Paulo! Essa mulher é recebida até pelo presidente da República, Lázaro! Pelo papa! — replicou a mulher, excitada.

— Balelas! Só uma parcela reduzidíssima, que não chega a menos de meio por cento, dos jogadores de futebol, das dançarinas e das modelos, ganha salário decente, mulher! A grandíssima maioria passa fome, mora mal, não tem dinheiro nem para se locomover num turbocoletivo! Tudo isso é ilusão, fogueira de vaidades! Não posso concordar que uma jovem, principalmente minha filha, troque uma vida profissional, cujo sucesso dependerá do que ela investir na cabeça, por outra que dependa de remexelos na bunda! — vociferou Lázaro, inconformado.

Alexandra ganhara a competição da piscina no programa de TV de Constança Ballesterio: a tela do televisor a exibia — orgulhosa, água escorrendo pelos cabelos — segurando no alto, como um troféu, o saquinho de bolinhas de gude que conseguira apanhar no fundo da piscina, apesar dos esforços que o negralhão de sunguinha — postado ao seu lado, exibindo a expressão mais estúpida que Lázaro jamais vira um ser humano transparecer — fizera para evitar. Constança Ballesterio largara o suflê e fora pessoalmente coroar a rainha da piscina, sob gritos e aplausos do auditório.

Lázaro preferiu não assistir: levantou-se da cama, indignado, e foi tomar um ansiolítico no toalete do quarto. Contemplou, por algum tempo, com azedume, o rosto amargurado refletido no espelho. Em seguida — enquanto a mulher dava gritinhos de regozijo na cama, com a premiação da filha na TV —, descerrou a porta corrediça da varanda do quarto, debruçou-se sobre o parapeito, e distraiu-se com as luzes da enseada de Botafogo e das praias de Niterói, vistas do 58º andar do edifício onde morava. Uma angústia dilacerante tomara-lhe o peito. Apesar de todos os esforços que envidara, não conseguira evitar que os modismos de futilidade e de mediocridade que assolavam a classe média brasileira fizessem vítimas em sua própria família.

A noite estava deslumbrante; os raios da lua cheia banhavam de prata toda a enseada de Botafogo; soprava uma brisa fresca que empurrava para o oceano o mau cheiro costumeiro. Contrariando seus hábitos, Lázaro sorveu o ar da noite num hausto vigoroso que lhe excitou a pituitária. Espirrou seguidas vezes.

Aliviado, peito menos afrontado, deixou-se devanear. Ocorreu-lhe – enquanto as turbinas dos turbocópteros da Fetranspor, em velocidades acima das permitidas, roncavam sobre o edifício – uma poesia de Bertolt Brecht, dramaturgo alemão, do milênio passado, a quem tanto admirava:

*É o tambor que vai adiante,
os carneiros em seguida;
os carneiros dão a vida
pelo desfile brilhante,
e fazem mais um favor:
dão o couro pro tambor.*

A GAZETA CARIOCA

RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 2045 - ANO XXXI - Nº 10.009

Desprivatização dos serviços públicos será a pedra de toque da campanha eleitoral

A campanha para as eleições presidenciais deste ano será marcada pela intransigente defesa, por parte da maioria dos candidatos, da reestatização dos serviços públicos. Empresas estatais e concessões de serviços públicos, privatizadas na última década do milênio passado, poderão voltar ao cenário nacional, em decorrência do estado de deterioração e da ineficiência dos serviços públicos, principalmente nos setores de energia elétrica (geração, transmissão e distribuição), mineração, ferrovias, petróleo, correios e telégrafos, portos e aeroportos, telecomunicações, transporte urbano e metrôviário. O clamor da sociedade contra as autoridades do governo, pelo absoluto descaso dos concessionários privados com a gestão dos serviços públicos prestados à população, é preocupação de todos os partidos políticos, inclusive os conformistas, que elegeram o tema da desprivatização dos serviços públicos como decisivo para a definição das eleições presidenciais, de outubro deste ano. Já há, inclusive, políticos defendendo a criação

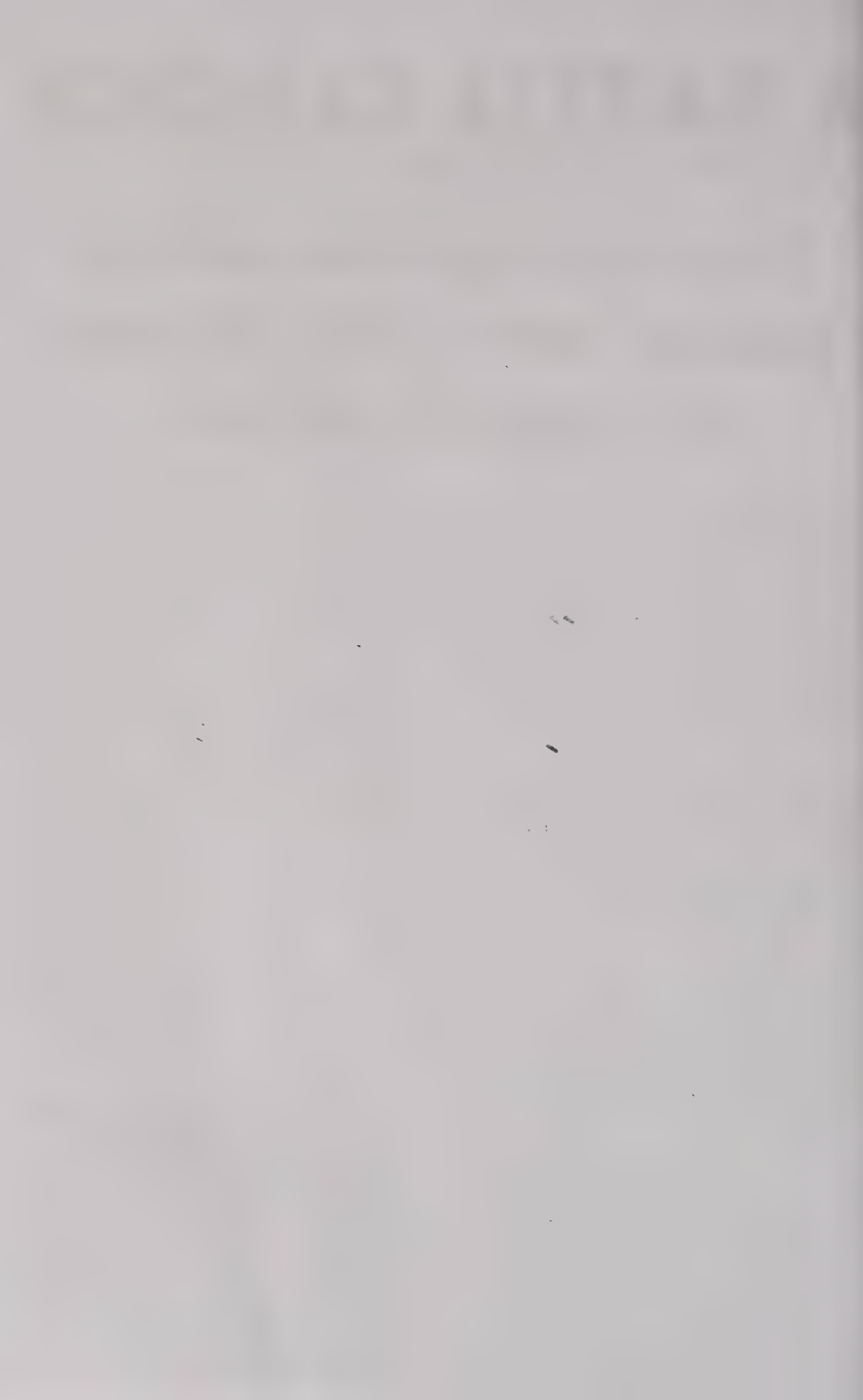
da Enerbrás, Minasgás, Ferrobás, Oleobrás, Fonebrás, Metrobrás, Gasbrás, além de outras estatais, para resolver o grave problema da gestão dos serviços públicos, em todo o país. "Não se trata mais de um problema ideológico entre conformistas e inconformistas: a paciência do povo brasileiro com o descalabro dos serviços públicos, desestatizados há mais de cinquenta anos, chegou ao fim. O político que quiser se eleger ou se reeleger, terá de defender, intransigentemente, a desprivatização dos serviços públicos", foi o que declarou o ministro chefe da Casa Civil, Pernambuco Natanael. O professor Leodegário Saquarema, líder político do Pecolab, ainda cumprindo pena por crime contra os Poderes da República - em consequência da autoria de poesia considerada ofensiva à Constituição Federal - declarou à *Gazeta Carioca*: "Essa história de estatização x privatização dos serviços públicos constitui antiga e cíclica tramóia dos governos conformistas, acumpliciados às elites brasileiras, ambos mancomunados com o capital estrangei-

ro. Os governos brasileiros até hoje - todos, sem exceção - sempre venderam a prego vil, na bacia das almas, as propriedades do Estado, para os seus apaniguados sócios, nacionais e internacionais, da iniciativa privada. Agora, como sempre sói acontecer, pretendem e vão reestatizá-los, provavelmente com o pagamento de polpudas indenizações, utilizando recursos do Erário, aos concessionários inadimplentes, os quais deveriam estar todos na cadeia, pelo crime de dilapidação do patrimônio público, pelas roubalheiras que perpetraram contra o país e contra o povo brasileiro. Essa esbórnia, a que os traidores da pátria dão o pomposo título de dilema da estatização x desestatização dos serviços

públicos, repete-se, recorrentemente, de cinquenta em cinquenta anos, em ciclos absolutamente previsíveis e planejados: o problema é que o brasileiro tem memória curta, principalmente na hora de votar, sufragando nas urnas essa corja de vendilhões do país. Quem paga a conta dessa espoliação é sempre o povo infeliz e pobre, que não tem como fugir dos tributos escorchantes que lhes são impostos por essa *soi disant* elite, conformista, carcomida e perversa. Quando esgotam o arsenal de espúrias manobras civis, que habitualmente usam para engabelar o povo, chamam os milicos e pedem uma quartelada, cinicamente chamada de revolução, em nome da restauração da moralidade pública."

NESTA EDIÇÃO

- 1 Detran altera sinais de trânsito: verde, agora é para parar; vermelho, é para seguir. Costumes e hábitos do povo prevalecem, dizem os legisladores.
- 2 Vândalos, a bordo de um turbocóptero, grafitam óculos no rosto da estátua do Cristo Redentor.
- 3 Jogo do bicho, na contramão dos tempos, será desestatizado: bicheiros reclamam.



7

 DOUTOR ARTEMIDORO DE DALDIS RECEPCIONARA Lázaro das Dores, dia e hora aprazados, na porta da casa do psicoterapeuta, subúrbio do Rocha, perto do Clube dos Suboficiais e Sargentos do Exército. O médico – trajando bermuda colorida e camisa de meia, calçava alpercatas de couro e tinha a cabeça coberta por um boné com o escudo do Flamengo – exibia uma hirsuta barba grisalha, que lhe caía até a altura do esterno; os cabelos encaracolados, também esbranquiçados, sobejavam, abundantes, pelas laterais do boné e iam até os ombros; encarapitado sobre o oblongo nariz, usava uns óculos de pequenas lentes redondas, sem hastes, à maneira dos antigos *pince-nez*; pregada na cara, uma expressão interrogativa, posto afável, de quem demonstrava curiosidade por qualquer coisa em que pousasse os olhos. Lázaro surpreendera-se com a aparência do doutor Artemidoro, mas não se deixou levar por preconceitos estéticos. Fora Sepúlveda Lobão quem lhe recomendara o psicanalista, e o advertira de suas excentricidades.

Para agravo das surpresas de Lázaro, o doutor Artemidoro não o conduzira para nenhum consultório ou gabinete de trabalho no interior da residência: levava-o direto, por uma entrada lateral, para o quintal da casa.

– Tenho uma criação de galinhas e de porcos que gostaria que o senhor desse uma olhadela: é coisa rara de se ver hoje em dia. A propósito: o senhor já viu, alguma vez na vida, uma

galinha botar um ovo? – indagou-lhe o médico, apontando um banco de madeira, debaixo de frondosa mangueira, para Lázaro sentar.

– Para lhe ser franco, doutor, não me recordo. Só lembro de ter visto ovos acondicionados em caixas de isopor, arrumadas em gôndolas de supermercados – respondeu Lázaro, sentando no banco.

– E uma galinha viva? Há quanto tempo o senhor não vê? – insistiu o médico, acomodando-se no banquinho de madeira de um balanço, suspenso por cordas amarradas nos galhos da mangueira.

– Faz muito tempo também... Acho que eu era um garoto ainda... – respondeu Lázaro, hesitante, enquanto arregalava os bugalhos, curioso, observando uma galinha gorda que, a dois passos de onde ele estava, ciscava o chão, cercada de pintinhos.

O doutor Artemidoro ajeitou os óculos sem hastes sobre o nariz, empurrou o boné mais fundo sobre a cabeça, e começou a impulsionar o balanço com os pés, mãos agarradas às cordas:

– O senhor sabe o que mais atemorizou os primitivos silvícolas brasileiros nos primeiros contatos com os tripulantes da esquadra de Cabral, há 545 anos? Às galinhas! Os bugres borraram-se de medo quando viram a primeira! – gritou o médico, enquanto ria, balouçando-se.

Lázaro não riu, nem exibiu semblante de quem estava satisfeito com a recepção que tivera, tampouco com o rumo da conversa. “Estranha anamnese...”, ruminara para si.

– O senhor, algum dia na vida, já se divertiu num balanço como este? – esgoelou o médico, pernas esticadas para a frente, balangando no ar.

– Que eu lembre, não – resmungou Lázaro, acabrunhado.

– Foi o que imaginei – redargüiu o médico, freando o balanço. – O senhor deve ter nascido no início do século, eu presumo. Por conseguinte, salvo engano de minha parte, seus pais devem ter pertencido à geração shopping center.

– Geração shopping center?

– Assim a batizamos na Sociedade Brasileira de Psicanálise: foi uma geração surgida no fim do milênio passado, ainda hoje tem muitos adeptos, que cometeu o gravíssimo erro de se afastar

da natureza, seduzida por um consumismo desenfreado; isolavam-se, como ainda hoje o fazem, em megaprédios refrigerados, equipados com passadiços eletrônicos e escadas-rolantes. Viviam dentro desses palácios de consumo o dia inteiro, e lá faziam tudo: alimentavam-se em gigantescas praças de alimentação; divertiam-se em cinemas, teatros e centros de brinquedos eletrônicos; passeavam pelas alas refrigeradas das lojas; namoravam; contemplavam os anúncios luminosos das vitrines; extasiavam-se com chafarizes artificiais; faziam negócios; reuniam a família; frequentavam cultos religiosos; tudo sob a proteção de seguranças, inclusive nos estacionamento dos turbocarros, à época chamados de automóveis. Foi a partir dessa geração que síndromes psíquicas e paranóias coletivas começaram a ser investigadas e estudadas pela SBP. Algumas delas muito importantes, tanto do ponto de vista médico quanto de saúde pública.

— Síndromes psíquicas e paranóias coletivas, doutor? — indagou Lázaro, curioso.

— Sim, importantíssimas, como a *Síndrome do Shopping Center*, a *Paranóia da Internet* e a *Neurose da Promoção-Relâmpago*, entre outras, apenas para exemplificar. Algumas delas, nos estágios mais avançados, chegam a levar suas vítimas à loucura.

— E quais os sintomas dessas patologias, doutor? — indagou Lázaro, olhando assustado para um câgado que cruzava o quintal, lentamente, evadido do galinheiro.

O doutor Artemidoro erguera-se do balanço e sentou-se ao lado de Lázaro para responder:

— A *Síndrome do Shopping Center* é menos grave que a *Paranóia da Internet*, embora tenha, do ponto de vista médico, a mesma importância: no início da patologia, o doente caracteriza-se por apresentar um estado mórbido de absoluto deslumbramento por imagens visuais, notadamente as coloridas; alguns de seus portadores chegam a atingir estados delirantes quando se deparam com anúncios luminosos de vitrines; passam, então, a sofrer de compulsão obsessiva por compras; a partir desse estágio da doença, a vítima começa a exibir um semblante estupidificado, de um sonhador em estado de vigília. Quando são compelidos a retirar-se dos shoppings, pelos seguranças, à hora do fechamento dos estabelecimentos, os portado-

res dessa síndrome só o fazem a contragosto, revelando comportamento agressivo e irascível; ao retornarem às suas residências, após um dia inteiro de bater pernas pelas alas e praças de alimentação dos *shoppings*, têm dificuldade para conciliar o sono, consequência da carência de ouvir sons que se assemelhem ao burburinho dos megacentros de compra. Já existem, hoje em dia, CDs que reproduzem sons, barulhos e gritarias característicos de *shopping centers*, e que são prescritos pelos médicos como terapia para o sono para os casos mais graves. As seqüelas que essa síndrome acarreta nas vítimas resultam em transtornos psíquicos severos: os portadores, em estágios mais avançados da doença, sofrem de graves processos de regressão a idades infantis. Eu mesmo já tratei de um paciente, idade em torno de quarenta anos, que, em crises mais agudas, chorava e falava como uma criança, quando se deparava com uma vitrine de roupas finas para homens, principalmente se os artigos estivessem em promoção ou em liquidação.

— E a *Paranóia da Internet*? Como se comporta o portador? — indagou Lázaro, ainda impressionado com o câgado que passeava, lentamente, pelo quintal.

O doutor Artemidoro levantou-se do banco, dirigiu-se até o meio do quintal, suspendeu o câgado com as mãos, colocou-o de volta no interior do galinheiro — de onde o bicho evadira-se, por um buraco na tela aramada — e voltou a sentar-se ao lado de Lázaro:

— Constitui patologia psíquica de maior gravidade, como já disse, porque produz transtornos mais severos no paranóide portador, além do fato de atingir, principalmente, larga parcela de jovens e adolescentes, o que é de se lamentar, embora adultos aposentados e idosos também estejam entre as vítimas habituais dessa grave paranóia coletiva. A vítima da *Paranóia da Internet* geralmente apresenta comportamento de um sonado: o paranóide internauta típico exhibe sempre um olhar esgazeado, perdido; habitualmente, permanece com os lábios entreabertos, característicos dos parvos; revela semblante de um ser apalermado; sofre, recorrentemente, de disfunções oftamológicas precoces, consequência dos longos períodos de exposição frente ao computador. Como se isso não bastasse, considerável

contingente dos vitimados padece de severas complicações do aparelho digestivo, e também do urinário, principalmente prisão de ventre e cistite, em decorrência de adiarem, com contumácia, a ida ao banheiro, para dar vazão às necessidades fisiológicas reclamadas pelo organismo: preferem, paranoicamente, permanecer navegando na Internet. Há casos mais graves, inclusive de ocorrência de anorexia nervosa, pela recusa insistente em se alimentar, pelos mesmos motivos; por outro lado, existem paranóides que comem, o dia inteiro, diante do computador, na maioria das vezes alimentos nutricionalmente pobres, provocando deficiências protéicas e vitamínicas importantes no organismo – respondeu o médico, olhos voltados para o alto da mangueira.

– E o que vem a ser a *Neurose da Promoção-Relâmpago*, doutor? Também é grave? – indagou Lázaro, basbaque com as informações reveladas pelo médico.

O doutor Artemidoro observava um casal de pombos que namorava, arrulhando sobre um telheiro, quando respondeu:

– Do ponto de vista psicológico, nem tanto, se comparada com as patologias que citei, dado que seus portadores, geralmente donas-de-casa e senhoras idosas, também sofrem de transtorno psíquico mais importante, a *Neurose dos Preços Altos e Salários Baixos*, muito encontradiza nas classes média e pobre brasileiras. No entanto, a *Neurose da Promoção-Relâmpago* provoca importantes lesões ortopédicas em seus portadores, ocasionadas pelas correrias desenfreadas que promovem nos interiores de lojas de departamento e de supermercados, na sofreguidão de conseguir adquirir artigos em *promoção-relâmpago*, anunciados nos altofalantes daqueles estabelecimentos. Constitui patologia de mais efeitos traumatológicos do que psíquicos: suas vítimas, normalmente, padecem do histórico, e nunca resolvido, desequilíbrio entre preços e salários no Brasil.

– Estou verdadeiramente impressionado com essas síndromes psíquicas coletivas: sendo jornalista, afeito a pesquisas, jamais li algo a respeito. Existe muita literatura sobre o assunto, doutor?

– Sobre a *Paranóia da Internet*, sim: ela é observada e estudada no mundo inteiro. Todos os seus portadores apresentam os

mesmos sintomas mórbidos e aparência geral de apatetamento. Relativamente às demais, não há muita literatura a respeito, visto que são observáveis somente em países cronicamente pobres, ou em vias de desenvolvimento, onde surgiram e proliferaram sociedades *neoconformistas emergentes*, consequência da globalização das economias mundiais, caso do Brasil.

— E, por acaso, nosso país é campo de estudo de alguma síndrome psíquica coletiva exclusiva, isto é, só observável no Brasil?

O doutor Artemidoro estalou uma gargalhada:

— É claro! Como o senhor adivinhou? Nós, os brasileiros, sofremos mais caracteristicamente de síndromes psíquicas coletivas do que a maioria dos europeus, asiáticos e americanos do norte, porque somos uma sociedade originária de uma brutal colonização, cuja economia baseava-se em cruel regime de escravidão humana, sob patrocínio e incentivo governamentais. Os efeitos dessas origens despóticas foram devastadores no povo brasileiro, tanto do ponto de vista psíquico quanto do sociológico, como também do cultural e do político: desafortunadamente, essas funestas origens contribuíram, sobremaneira, para brutalizar, infantilizar e alienar o povo brasileiro, amesquinhando-o, subjugando-o a uma perversa visão do mundo e do próximo, aculturando-o a valores morais espúrios. No passado, estou escrevendo uma tese a respeito para a SBP, o povo brasileiro sofreu, coletivamente, e ainda hoje existem largas parcelas da sociedade brasileira que padecem deste mal, da *Síndrome da Casa-Grande & Senzala*, patologia psíquica desconhecida dos cientistas e estudiosos europeus e americanos.

— *Síndrome da Casa-Grande & Senzala*? Que diabo vem a ser isso, doutor?

— Trata-se de complexa patologia psíquica coletiva, cujos sintomas mais característicos são: pronunciada mania de grandeza, compulsão por explorar os mais humildes, vontade irrepri-mível de cometer violências e torturar antagônicos de qualquer natureza (ideológicos, clubísticos ou de crenças religiosas), tendência para adular os mais fortes e escorraçar os mais fracos. Seus portadores são reconhecíveis pela vontade recorrente de bater com a mão no peito, ou apontar o dedo indicador para

cima, esgoelando frase característica, quando contrariados em suas vontades: “Sabe com quem está falando?” Trata-se, como disse, de doença psicológica, de origem sociológica e cultural, de difícil tratamento e remota cura. A *Síndrome da Casa-Grande & Senzala* é um exemplo típico de transtorno psíquico coletivo só encontrado no Brasil.

– E, mais recentemente, surgiu alguma paranóia coletiva importante, no Brasil?

– A mais importante delas, com o início da globalização das economias mundiais, há uns quarenta e cinco anos, e seus efeitos vêm se agravando até os dias de hoje: a classe médica a batizou de *Paranóia do Emprego sob Ameaça*. Trata-se de cruel e insidiosa neurose coletiva, que fragiliza psiquicamente seus portadores e abre possibilidades para que eles padeçam, simultaneamente, de outras síndromes, como a do pânico, dos temores mórbidos, da perda da auto-estima, da compulsão pela autocomiseração, do culto exacerbado aos chefes e superiores, entre outras. Em estágios mais avançados da doença, seus efeitos são horríveis, podendo inclusive levar o paranóide ao suicídio: os que dela padecem, ficam com a aparência de zumbis, de mortos-vivos. Chegam ao absurdo, coitados, de até cumprimentar cachorros na rua; dispensam tratamento de “Vossa Excelência” a qualquer pessoa, inclusive a animais domésticos. Conheci um paranóide, pobre infeliz, que recebeu a cagada de um pombo sobre a cabeça, em plena avenida Rio Branco, e cuja reação, na hora, pasme, foi: “... não foi nada: trata-se de um pobre animalzinho de Deus, que não conseguiu controlar o esfíncter anal...” Seus portadores são seres totalmente fragilizados: vivem à mercê das vontades de terceiros – respondeu o médico.

– E no mundo, doutor Artemidoro, surgiu alguma síndrome psíquica coletiva importante, nos últimos tempos?

O médico levantou-se do banco, afundou o boné sobre a abundante cabeleira encaracolada, e retornou para o balanço. Impulsionou-o com os pés até que atingisse boa altura, deixando-se balouçar por um bom pedaço de tempo, como se estivesse refletindo sobre a resposta. Passados alguns instantes – durante os quais só se ouvia o gemer das cordas roçando no galho da mangueira –, o médico freou o balanço, desenterrou o

boné da cabeça, ajeitando-o numa posição mais confortável, e tornou a sentar-se ao lado de Lázaro.

— Sim, ocorreram várias, mas a mais importante, talvez por conta da multidão de vítimas que atingiu, foi a *Síndrome da Queda do Muro de Berlim*. Meus pais, ambos já falecidos, inconformistas ortodoxos, foram por ela afetados, e morreram desgostosos com os rumos tomados, a partir de então, pela humanidade, após a derrota do socialismo de Estado, da economia centralizada, praticado pela União Soviética, que entrou em derrocada no final do milênio passado. As vítimas dessa importante síndrome foram, em sua grande maioria, pessoas honestas, de elevado caráter, com generosa visão coletivista do mundo, refratários ao sistema capitalista, inimigos dos cultos ao individualismo exacerbado, à sociedade de consumo — respondeu o médico.

Após o doutor Artemidoro ter providenciado sucos e frutas da época — servidos numa mesa localizada debaixo de um caramanchão existente no fundo do quintal —, Lázaro foi convidado a acompanhá-lo até o gabinete de trabalho do médico, no interior da residência.

O consultório — um amplo quarto, nos fundos da casa — localizava-se num cômodo claro e arejado; pendurados em cada uma das quatro paredes existiam quadros com fotos das três principais personalidades da psicanálise (Freud, Lacan e Jung), além de uma gravura de um sábio da Antiguidade. No centro do aposento avultavam duas redes de dormir, estendidas, de abas rendadas, perpendicularmente dispostas, suspensas por argolas presas às paredes. Não havia cadeiras, nem mesas, tampouco cômodas ou sofás, apenas um aparelho de som sobre o piso. O ambiente era simples e rústico, posto agradável.

O doutor Artemidoro, munido de um bloco de notas e de um lápis, deitou-se em uma das redes, pedindo a Lázaro que fizesse o mesmo na outra.

— Tire os sapatos e as meias, deite-se, e sinta a agradável sensação de arrastar as solas dos pés descalços no fundo da rede — recomendou o médico, enquanto garatujava anotações no bloco.

Ainda acabrunhado — embora com o espírito mais desarmado —, Lázaro descalçou os sapatos e as meias, e deitou-se de fren-

te para o médico. Enquanto aguardava o psicoterapeuta terminar de escrever no bloco de notas, permaneceu em silêncio, desfrutando da prazerosa sensação de arrastar as solas dos pés no tecido da rede, ao tempo em que observava as fotos dos ilustres psicanalistas, penduradas nas paredes, demorando-se mais na gravura do sábio da Antiguidade, que ele não conseguira identificar.

— Meus pais me batizaram em homenagem a ele — observou o médico, ao perceber que Lázaro hesitava indagar quem era a figura da gravura. — Chamava-se Artemidorus de Daldis, e era considerado a maior autoridade na interpretação dos sonhos, na Antiguidade. É autor da *Oneirocritica*, obra clássica no gênero, estudada pelo doutor Sigmund Freud. Quanto às fotos dos outros três, creio que o senhor os conhece: são as figuras centrais da psicanálise, no século XX. Coloquei-os frente a frente, para que, metafórica e simbolicamente, parem de embirrar e rabujar entre si sobre as teses, supostamente conflitantes, que defenderam sobre a psicanálise, e para que compreendam que sem a visão de cada um deles os estudos da psicologia e do comportamento humano estariam hoje muito atrasados, considerada a literatura disponível.

— E o senhor, como psicoterapeuta, consegue conciliar a visão de todos eles sobre a psicanálise? — indagou Lázaro, curioso.

— Por certo: sou um psicanalista ecumênico, heterodoxo, aglutinador de teses e opiniões. Se o doutor Freud não cuidou da investigação do inconsciente coletivo, como Jung o fez, este não seria capaz de desenvolver seus estudos sem os fundamentos da psicanálise, criada por aquele. O doutor Sigmund Freud é, sem dúvida, o pai da psicanálise, mas o doutor Carl Jung, seu discípulo, por certo é o pai da psicossociologia.

— E a que corrente da psicanálise o senhor se filia? — insistiu Lázaro.

— A todas elas e a nenhuma delas. Quem mais contribuiu para o estudo da matemática: Pitágoras, Euclides, Newton ou Pascal? E para a pintura: Van Gogh, Rafael, Degas ou Monet? São indagações ilógicas, sem sentido. Todos contribuíram, cada um com sua visão do mundo. O conhecimento não reside apenas na verdade, mas também no erro. Acho que foi Jung quem disse isso — respondeu o doutor Artemidoro.

O gorjeio de uma sabiá-laranjeira, cujo canto foi atravessado pelo trinado de um canário-da-terra, interrompeu o doutor Artemidoro, que se calou e cerrou as pálpebras – assumindo atenção percuciente, como se estivesse escutando uma ária de Mozart –, deleitando-se com o chilreio dos pássaros.

Quando o canto das aves silenciou, o doutor Artemidoro despertou do transe a que se entregara, dobrou os joelhos sobre a rede, apoiou o bloco de notas sobre as pernas, e indagou de Lázaro:

– Muito bem: sei que o senhor é jornalista, chama-se Lázaro das Dores. Preciso agora de que o senhor me forneça alguns dados pessoais: estado civil, data de nascimento, se tem filhos, se mora com a família, sua ocupação principal, coisas assim.

– Nasci em 28 de abril de 2000, aqui mesmo no Rio, tenho 45 anos, formei-me em comunicação social em 2023, mesmo ano em que me casei; tenho duas filhas, uma adolescente e a outra maior de idade, moro com elas e com a minha mulher em apartamento próprio, em Botafogo; sou chefe de redação do jornal... – Lázaro foi detalhando, por bom pedaço de tempo, resumida biografia de sua vida, sem, no entanto, revelar as razões que o motivaram a procurar o psicanalista. Este, tampouco indagou de Lázaro, até aquela altura do encontro, sobre os transtornos que afligiam o jornalista.

– E o preço das consultas, doutor? O senhor poderia me informar quanto cobra por sessão? – indagou Lázaro, transido de constrangimento, logo após fornecer os dados pessoais que lhe pedira o médico.

– Não se preocupe – respondeu o psicoterapeuta, sem tirar os olhos do bloco de notas –, o senhor poderá pagar sem nenhum sacrifício extraordinário. Cobro, por sessão, o correspondente a 20% do que o paciente ganha por um dia de trabalho em sua ocupação principal. Exemplo: se o cidadão percebe CRN\$ 2.200,00 mensais de salário, esta quantia corresponde ao ganho de CRN\$ 100,00 por dia útil de trabalho: portanto, cobraria CRN\$ 20,00 por sessão deste paciente, o equivalente ao preço de um romance. Se, por exemplo, trata-se de paciente abastado, que perceba CRN\$ 22.000,00 por mês, cada sessão lhe sairia por CRN\$ 200,00, o preço de uma coleção de livros

de um autor famoso. Se o paciente estiver desempregado, caso da grande maioria dos meus, ou não tiver renda, adoto o mesmo critério: aplico 20% sobre zero: não cobro nada. Razoável, o sistema, não acha?

— Justo, generoso, sem complicações — concordou Lázaro.

— Isto posto, vamos ouvir as razões que o levaram a procurar-me: feche os olhos, recoste a cabeça na almofadinha que está espremida atrás de suas costas, e continue a esfregar as solas dos pés no fundo da rede, enquanto estiver falando.

Lázaro procedeu como o doutor Artemidoro recomendara. Para sua surpresa, conseguira colocar para fora, de um jorro, um chorriho de vicissitudes e problemas psíquicos que o afligiam: suas angústias existenciais; o permanente estado de insatisfação com a vida; os temores mórbidos que o perseguiram, e que se agravaram após o estranho seqüestro de que fora vítima; sua absoluta descrença nos destinos do país, além da profunda inadaptação com os hábitos e pensamentos da sociedade em que vivia; a decepção com a monotonia da vida familiar; a enorme frustração que lhe dera a filha mais nova, querendo tornar-se bailarina de um grupo de pagode; entre outros transtornos.

— Considero-me um descontemporâneo cultural, político e social, doutor, e o que é mais grave: tudo isso, somatizado, resulta em várias disfunções orgânicas: inapetência sexual, cefaléias diárias, dificuldade em conciliar o sono, falta de apetite, irascibilidade... — desabafou Lázaro, após enumerar os problemas que o afligiam.

— Caso típico de *poliesculhambose* psicossomática — observou o doutor Artemidoro, com um sorriso nos lábios, minimizando a gravidade da sintomatologia descrita por Lázaro. — A propósito: o senhor costuma lembrar-se dos seus sonhos?

— Nem preciso, doutor: só tenho um único e recorrente sonho, há três anos.

— Um único e recorrente sonho? — surpreendeu-se o médico. — Descreva-o para mim, por favor.

Lázaro ajeitou-se na rede, alongando e cruzando as pernas; entrelaçou as mãos sob o cachaço, cerrou as pálpebras, e respondeu:

— Vejo-me sentado no assento de uma turbolimusine, para-

da num local bem elevado, ao lado de pessoas de que não consigo distinguir as feições. O veículo está cercado por soldados e gendarmes, encarapitados sobre possantes turbomotocicletas, com as sirenes ligadas; gaivotas voam, paradas no ar, fustigadas por fortes ventos contrários. Nesse ínterim, começo a escutar, tocados por uma banda ou fanfarra, os acordes finais do Hino Nacional Brasileiro. De inopino, pessoas que também não consigo distinguir, seguram meus braços e arrancam-me para fora do veículo, arrastando-me até a beira de um abismo, onde o mar furioso, no fundo, espatifa-se contra os rochedos. Lembro que, antes de ser jogado lá de cima, de grande altura, ouço umas gargalhadas; aí, então, sinto meu corpo projetar-se no espaço, mergulhando no mar bravio; já no fundo, ao espernear para voltar à superfície, ouço um grito de dor, ao longe. Sobrevém-me, então, irreprimível vontade de vomitar. Quando o engulho chega-me à glote, desperto, banhado em suor.

O doutor Artemidoro escrevia rápidas anotações no bloco, procurando registrar, com fidedignidade, as palavras que Lázaro utilizara para descrever o sonho. Após terminar o registro da narrativa, voltou-se para Lázaro, e solicitou:

— Repita a descrição do sonho. Não se preocupe em guardar coerência com a narrativa original: descreva-o com as palavras e imagens que lhe vierem à cabeça.

DEBATE HOJE NA TV DECIDE QUEM VAI PARA O 2º TURNO

BRASÍLIA (AN) – A operadora da maior rede de televisão por assinatura do Brasil, a líder em audiência CSB/NCB/ Life transmitirá, hoje, em rede nacional, o último debate entre os candidatos a presidente da República, antes das eleições marcadas para a próxima sexta-feira, 6 de outubro de 2045, feriado nacional. O superintendente da maior rede de TV por assinatura da América Latina, Stephen McPherson, lamentou que as eleições no Brasil somente se realizem em dias úteis,¹ em face das insatisfações que alterações na “grade” habitual da programação causam entre anunciantes e telespectadores. “Estamos nos capítulos finais das duas novelas de maior audiência na TV brasileira – *A filha do clérigo* e *Corpo de aluguel* –, cujos adiamentos causarão, obviamente, inúmeras reclamações à nossa emissora. Apesar dessas contrariedades, envidaremos todos os esforços para que o debate desta noite seja um sucesso, e que alcance índice de audiência que justifique o elevado investimento levado a efeito pela nossa organização, líder mundial em notícias”, afirmou o alto executivo da rede televisiva.

Neste último debate na TV, antes das eleições da próxima sexta-feira, somente participarão os cinco candidatos mais votados nas pesquisas de opinião realizadas entre 1/9/2045 e 30/9/2045, no Rio e em São Paulo, pela www//KMPPGN@data.pesquisas, a saber: o bispo evangélico Laudelino Cândido, do Movimento de Libertação das Almas do Brasil (Molab); o bispo evangélico Hieráclito de Carvalho, do Partido da Comunhão com Cristo (PCC); o bispo evangélico Miron Marian, do Partido da Purificação da Nova Vida (PNV); o senador Amadeu Boaventura, do Partido Ultraconformista Brasileiro (PUCB); e o coronel da reserva e bispo evangélico Anfilóbio Secundino, do Partido dos Conformistas Militares do Brasil (PCM do B). Os candidatos dos partidos inconformistas (Pecolab, FMR do B e Pib), além do candidato Raimundo da Barroquinha, do Partido Conformista Socialista (PCS), não convidados para o debate, entraram com recurso no Tribunal Superior Eleitoral – TSE, para impedir a realização do programa. O TSE, em reunião plenária, decidiu pela improcedência do recurso.

¹ A partir da Constituição Federal promulgada em 2039, que definiu como não-obrigatório o voto no Brasil, o TSE decidiu que as datas de realização de eleições deverão incidir sempre às sextas-feiras, de forma a despertar no eleitor o estímulo para votar, em clima de feriado prolongado, estratégia para combater o elevado índice de abstenção entre os eleitores brasileiros.

8

LÁZARO DAS DORES CONSEGUIRA CREDENCIAIS ESPECIAIS para que ele, Sepúlveda Lobão e Bienvenido Pavan assistissem – nos estúdios da rede de TV CSB/NCB/Life – ao debate entre os cinco candidatos a presidente da República melhor colocados nas pesquisas de opinião. Quando os três ingressaram no auditório-estúdio onde se realizaria o encontro, maquiadoras e cabeleireiros davam os últimos retoques nos candidatos – já no palco, debaixo de fortes luzes, sentados atrás de pequenos púlpitos individuais. Assessores políticos e seguranças borboleteavam em torno dos candidatos; estes, de quando em quando, entrefitavam-se, dissimuladamente, trocando carantoinhas sisudas, na expectativa do início do debate.

– O que aqueles *hombres* tanto discutem na primeira fila do auditório, *Lazarillo*? – indagou Bienvenido Pavan, apontando para uma aglomeração humana num canto do estúdio, onde todos discutiam, em altos brados.

– Provavelmente regras e critérios para o debate: ordem do sorteio das intervenções e das perguntas, réplicas e tréplicas, direito de resposta caso um candidato seja citado por outro, coisas do gênero – respondeu Lázaro.

– *Fenómeno!* Tiveram todo o tempo do mundo, antes do debate, marcado com mais de um mês de antecedência, e só agora, na hora de iniciar o programa, é que discutem isso? *Los brasileños* são realmente *muy extraños*...

— Somos o país das decisões de afogadilho, Pavan — interveio Sepúlveda Lobão, acendendo um cigarro. — É da índole do nosso povo deixar tudo para a última hora: principalmente pagamento de impostos, cumprimento de compromissos, deveres e obrigações. Aqui, tudo que é importante, ou inadiável, é quase sempre postergado, deixado para o fim, habitualmente. Os argentinos também não agem assim?

— *Por supuesto que non!* Em meu país somos mais práticos, mais pragmáticos: os que detêm o poder é que decidem tudo! *Los otros* aceitam, incondicionalmente, na esperança de um dia ascenderem ao poder, para exigir *lo mismo!*

Lázaro acomodou-se na poltrona do auditório, ligou a bateria de um *laptop*, apoiando-o sobre as pernas, e começou a digitar os primeiros registros dos arranjos do estúdio e da postura dos candidatos, antes de o debate entrar no ar:

... o coronel-bispo, do PCM do B, recusou-se a tirar os óculos escuros do rosto, apesar de alertado por seus assessores que os reflexos das luzes do estúdio nas lentes, além da imagem sisuda, poderiam prejudicá-lo; o presidente da República, bispo Miron Marian, do PNV, não despregou dos lábios o famoso sorriso desde que entrou no estúdio; o líder das pesquisas, bispo evangélico Laudelino Cândido, do Molab, permaneceu, o tempo todo, ressumando expressão de um congregado mariano; o senador Amadeu Boaventura, do PUCB, procurou dissimular o rotundo e proeminente ventre, escondendo-o atrás de volumosa pasta de papéis, que fazia questão de exibir, acintosa e ameaçadoramente, para os demais candidatos; o bispo evangélico Hieráclito de Carvalho, do PCC, é o candidato com a postura mais discreta, embora trajado com um slack-dólmã cor de abóbora berrante, fechado no gogó por um colarinho plástico vermelho marseille...

— Cinco minutos para entrar no ar! — esgoelou alguém no palco-estúdio, cara espremida por um gigantesco *headphone*.

— Pavan, tire umas fotos do estúdio, com os candidatos ainda sendo maquiados, para possíveis *faits divers* do Caderno 2 — ordenou Lázaro, enquanto digitava algumas observações no *laptop*. — De preferência, flagre a carranca enfezada do coronel-bispo Anfilóbio Secundino, com aqueles ridículos óculos escuros, e

também a pança rotunda do senador Boaventura, que ele tenta esconder com a pasta de dossiês, de provas e acusações, que diz ter contra todos os outros candidatos – acrescentou.

– *Perro ladreador nunca es bon mordedor*, é o que nosotros argentinos achamos de políticos boquirrotos e fanfarrões em *mi país* – escarneceu o argentino.

– Mas você saiu corrido de lá, Pavan: nos dias de hoje, também mordem os cães ladradores da sua Buenos Aires querida – ironizou Lázaro.

– *No hay cosa más socorrida que un dia trás otro!* – replicou o argentino, levantando-se para bater as fotos.

Ao ser anunciada a contagem de dez segundos para o programa entrar no ar, o auditório reduziu o burburinho, progressivamente, e silenciou.

– Programa no ar! – gritou um assistente da produção.

O jornalista âncora do encontro cumprimentou os telespectadores, enalteceu o caráter democrático do debate, justificou a não-participação dos candidatos menos votados nas pesquisas de opinião, teceu loas à direção da emissora “pela coragem cívica de persistir na intenção de promover o debate, a despeito de opiniões contrárias vindas de pessoas sinceras, porém radicais”, e finalizou a apresentação elogiando o povo brasileiro por sua efetiva participação nos esforços para consolidação do processo democrático no país.

– Diabo de processo que não se consolida nunca! Parece fratura óssea de velho osteopático... Escuto essa ladainha há mais de trinta anos, Sepúlveda! Esse processo democrático brasileiro deve sofrer de osteoporose em último grau: jamais se consolida! – desabafou Lázaro, manifestando irritação.

– A linguagem do âncora é típica de quem fala por espasmos, papagueando o que vem à mente, por impulso, por vício de verbalizar antes de pensar. Aposto que à época da Proclamação da República, e nos cinquenta anos que a seguiram, a expressão mais recorrente da classe política devia ser “a necessidade de consolidação da República”, tanto quanto à época da deflagração da *Redentora*, e nos vinte anos de ditadura que a seguiram, milicos e civis golpistas guinchavam pela “necessidade de consolidação do processo revolucionário”. Você tem razão, Lázaro:

Somos um país cujas instituições políticas são realmente *osteopáticas*: apresentam atávicas dificuldades para se consolidar, a menos dos caracteres da elite e da classe política: estes são sempre trans-fugas, oportunistas, voláteis... – redargüiu Sepúlveda Lobão.

– Psiu! Silêncio! – admoestou-os alguém, sentado na fileira da frente.

O âncora do debate anunciou – com a ênfase e a emoção de quem revelava uma novidade – a primeira pergunta, formulada pelo departamento de jornalismo da emissora, a ser respondida, em dois minutos, por todos os candidatos: “Quais as primeiras medidas que o senhor tomará, caso eleito, nas 48 horas seguintes à data de sua posse como presidente da República?”

– *Fenómeno!* Nos bons tempos de *mi país*, há quarenta anos, *los periodistas argentinos* faziam *la misma pregunta* para os candidatos à Presidência! *Muy creativos los periodistas brasileños...* – sussurrou Bienvenido Pavan, sorriso irônico nos lábios.

Realizado o sorteio para a ordem das respostas, coube ao candidato do PCM do B, coronel Anfilófilo Secundino, escondido atrás das grossas lentes de seus óculos escuros, responder em primeiro lugar:

– Concidadãos e concidadãs do meu país: boa-noite! Peço-vos licença para entrar em vossos lares, com a humildade que nos ensinou Nosso Senhor Jesus Cristo e com a coragem que aprendi, em trinta anos de vida militar, em que tive a honra e a fortuna de ter sido sempre o primeiro da turma: desde o Colégio Militar até a Escola de Comando do Estado-Maior do Exército! Serei breve e objetivo na minha resposta: vou decretar medidas moralizantes e do interesse público, para todo o país, nos campos da justiça, dos transportes, da educação, da saúde pública, da previdência social; tomarei imediatas providências para geração de novos empregos, principalmente para os *inocupacionais* e para melhoria dos salários da classe trabalhadora, incluindo os funcionários públicos civis e militares; decretarei o congelamento, por um ano, dos preços dos aluguéis e dos planos de saúde; promoverei a implantação de programas de melhoria de vida para os aposentados, e também para proteção à criança carente e desassistida; combatarei, sem tréguas, a criminalidade e o tráfico de drogas; lutarei diuturnamente contra a inflação e contra a cares-

tia; baixarei medidas para incremento do desporto nacional; decretarei a desprivatização dos serviços públicos essenciais, com imediata criação de empresas estatais para explorá-los, de conformidade com o interesse público; providenciarei o reaparelhamento das Forças Armadas e da Gendarmaria Nacional; decretarei a desestatização dessa chaga social que é o jogo do bicho, hoje infelizmente travestido de loteria federal, mas que no meu governo voltará a ser contravenção penal...

– Seus dois minutos já expiraram, coronel – interveio o âncora.

– Positivo. Para finalizar: nós, do PCM do B, somos amplamente favoráveis ao ingresso, no país, de capitais estrangeiros produtivos, bem como não nos furtaremos, se eleitos, a fazer alianças ou coligações com agremiações político-partidárias, ainda que ideologicamente antagônicas do nosso ideário partidário, mas que comungam, como nós, do PCM do B, do imperativo dever de colocar os interesses da pátria acima de qualquer outro. Tenho dito.

Bienvenido Pavan não conteve um comentário, sussurrado no ouvido de Lázaro das Dores:

– O coronel Anfilóbio, *por supuesto*, pretende fazer em dois dias *más do que el Creador fez em siete!*

O candidato seguinte, pela ordem do sorteio, foi o bispo evangélico Laudelino Cândido, do Molab, líder nas pesquisas de opinião. Sem apagar do rosto, em nenhum momento, a expressão de congregado mariano que Lázaro lhe atribuíra, respondeu à indagação como se estivesse pregando no púlpito de uma igreja: mão direita espalmada sobre a Bíblia, perorou, com voz pausada e fanhosa, um chorrilho de decretos e providências, que não diferiam muito das enunciadas pelo coronel Anfilóbio Secundino, à exceção de uma medida diferencial: prometeu transformar o dízimo tributário da União, implantado no governo do bispo Marian, em título de capitalização, isto é: ao final de cada período de doze meses de contribuição, o contribuinte seria restituído do montante principal recolhido no período, atualizado monetariamente. Durante os doze meses de contribuição, o contribuinte concorreria, mensalmente, ao sorteio de milhares de casas e apartamentos e de turbocarros nacio-

nais. Ao final de sua intervenção, o bispo Laudelino Cândido também se declarou favorável a que o Molab fizesse alianças ou coligações com outras agremiações partidárias, na hipótese de um segundo turno, “com vistas a viabilizar a captação de capitais estrangeiros, essenciais para retirar o país da bancarrota financeira em que se encontra”, concluiu, abençoando e pedindo a Deus por todos os brasileiros.

Neste momento, o âncora interrompeu o programa e pediu o intervalo comercial, oportunidade em que assessores políticos, maquiadores e cabeleireiros precipitaram-se sobre os candidatos, com sugestões de discurso e recomendações de correção de imagem e de postura, em face das respostas e propostas dos candidatos concorrentes.

– Repare, Sepúlveda: o ministro Pernambuco Natanael está cochichando, feito um louco, com o bispo Marian. Que diabo de sugestão aquela raposa nordestina estará a pingar nos ouvidos do presidente da República? – indagou Lázaro, curioso.

– Com certeza tem a ver com a proposta de transformação do dízimo tributário, apresentada pelo bispo Laudelino Cândido. É só aguardar a hora da intervenção do bispo Marian, e checar se meu palpite está certo ou não – respondeu o advogado.

O senador Amadeu Boaventura, do Partido Ultraconformista Brasileiro, era o candidato respondente da vez. Carantinha feroz voltada para a câmera da TV, dedo indicador apontado para cima (gesto que fez Lázaro evocar a *Síndrome da Casa-Grande & Senzala*), mão esquerda empunhando a pasta de dossiês que, segundo ele, continha gravíssimas acusações, com provas, contra todos os candidatos, o senador vociferou:

– As providências que tomarei, nas primeiras 48 horas de governo, serão todas de ordem moral, ética e ideológica, com vistas a, entre outros efeitos, sepultar, de uma vez por todas, essa onda de religiosidade mercantilista em que está mergulhado nosso país; pôr fim a essa odiosa e abjeta prática de malversação dos dinheiros públicos, esbulhados do contribuinte; varrer com a demagogia e a improbidade dos últimos governos deste país. Vou abrir inquéritos judiciais, solicitar comissões parlamentares de investigação de todos os atos deste governo, graças a Deus em fim de mandato! – trovejou, enquanto bramia no ar a pasta de

dossiês. — Vou enviar mensagem ao Congresso pedindo a extinção desse imposto espúrio e inconstitucional, que é o famigerado dízimo tributário, escoimando-o de vez do Sistema Tributário Nacional. Vou executar um programa de governo com fundamento no *socialismo de direita*, sistema político identificado com as características e aspirações do povo brasileiro, ideologia *avant-garde* que se traduz na rejeição, simultânea, à selvageria do capitalismo, combinada com a abominação ao estatismo do modelo socialista, aproveitando somente as virtudes, escoimadas suas imperfeições técnicas, dos dois mais importantes sistemas políticos criados pelo homem, ao longo da História. Implantaremos no Brasil um *socialismo de mercado*, conjugado e irmanado com um *capitalismo totalitário*! Por oportuno, e como minha intervenção já está a se esgotar, afirmo, com veemência, que o PUCB não fará alianças ou coligações partidárias, de espécie alguma, com qualquer partido inconformista, na hipótese da necessidade de um segundo turno para as eleições presidenciais! O PUCB não vai enlamear a sua heróica trajetória de luta pelo conformismo político, fundado no respeito à família, à propriedade privada, aos costumes e tradições do povo brasileiro, à irrestrita confiança nas nossas Forças Armadas e em nossos parceiros comerciais internacionais, por conta dessa abjeta e humilhante recente decisão do Parlamento Europeu, que constitui espúria ingerência em nossa soberania de país livre! Moralização da máquina administrativa, e fim da impunidade para os corruptos, serão os lemas do meu governo! — concluiu, vibrando a pasta de dossiês, ameaçadoramente.

— *Fenômeno!* — boquejou Bienvenido Pavan, sentado ao lado de Lázaro, enquanto batia fotos do senador. — Este *homem* é um assombro! Conseguiu enfiar Carlos Marx, Engels, Adam Smith e Keynes dentro de um mesmo saco, fechou-o, sacudiu-o e o entregou a Papai Noel com a incumbência de ofertá-lo à ONU, no próximo Natal!

Sepúlveda Lobão soltou um sorriso de escárnio, inclinou-se para Lázaro, e comentou:

— Esse senador fanfarrão fez uma aposta de alto risco para o PUCB. Essa de ignorar, por pura bravata, a exigência do Parlamento Europeu de participação do Pecolab no próximo gover-

no, foi muita ingenuidade política. Os candidatos que o prece-
deram não passaram recibos de bobos: deram claros recados que
farão alianças com o Pecolab, na hipótese de um segundo turno.
O povo brasileiro pode ser considerado historicamente conser-
vador e reacionário, mas não idiota.

– Ele quis radicalizar com um velho discurso político, ba-
tendo firme nos *passa-sacolinhas*, ameaçando-os com inquéritos
judiciais, bravatas bem a gosto do eleitor brasileiro. Em vez de
caçar marajás do serviço público, propõe-se a exemplar os bis-
pos corruptos. Eleitor brasileiro, de uma certa forma, sempre
gostou desse tipo de discurso na televisão. A jogada dele pode
funcionar – redargüiu Lázaro.

O bispo Hieráclito de Carvalho, do Partido da Comunhão
com Cristo (PCC), resolvera radicalizar o discurso, açulado por
assessores políticos no intervalo do debate. Cara balofa, boche-
chas vermelhas, corpo obeso estufando o *slack-dólmã* cor de abó-
bora berrante, repetira, pausadamente, as propostas básicas dos
candidatos antecedentes, principalmente as formuladas para as
áreas da saúde, educação, transportes, combate à criminalidade,
prometendo o fim da impunidade para os corruptos e os pode-
rosos; comprometeu-se a implantar programa de reajustes sala-
riais periódicos, para todas as classes trabalhadoras, com base na
média da inflação do período, entre outras propostas. A partir
desse trecho do discurso, como que tomado por uma sanha dia-
bólica, o bispo, resumando o semblante de um celerado,
ergueu-se da cadeira, abriu a Bíblia ao meio e começou a sacudi-
la no ar, com uma das mãos, exatamente como o faziam os pas-
tores evangélicos norte-americanos, em programas de televisão:

– Hereges! Os que governam este país são todos uns here-
ges! Enquanto não expiarmos nossas culpas e pecados, seremos
dominados pelo Diabo, pelo *Coisa-Ruim*, que já vem nos gover-
nando há tempo, disfarçado na pele de um cordeiro, por abso-
luta falta de fé em Nosso Senhor Jesus Cristo! – guinchou o
bispo Hieráclito, apontando o dedo indicador da mão que não
brandia a Bíblia, na direção do bispo Miron Marian. Este, sem
esboçar a menor reação, permaneceu exibindo expressão inaba-
lável (as câmeras de TV o focalizavam), não desfazendo, em
nenhum momento, o instigante sorriso, parecia engessado nos
lábios, que exibia desde que ingressara no estúdio.

– O homem surtou, Lázaro, na frente das câmeras! – comentou Sepúlveda Lobão, atônito com a abrupta transformação do discurso e do comportamento do candidato do PCC.

– Dispare várias fotos, Pavan! Quero essa crise de logorréia fotografada em seqüência para a edição de amanhã! – ordenou Lázaro para o argentino.

O âncora do programa, visivelmente nervoso, resolvera intervir, polidamente, alertando o candidato do PCC de que os dois minutos já se haviam esgotado.

– E o senhor também é um herege! – vociferou o bispo Hieráclito, ainda de pé, dedo indicador apontado para o âncora. – Filho de Lúcifer! Filhote dele! – gritou, voltando a apontar o dedo indicador para o bispo Marian, sentado à sua direita.

Rapidamente, o âncora pediu o intervalo comercial e o programa saiu do ar, embora o candidato do PCC, contido por seus assessores políticos, continuasse a esbravejar contra o bispo Marian, a quem se referia como o Diabo travestido de bispo evangélico.

Instalara-se um tumulto de pequenas proporções no estúdio, durante o longo intervalo comercial que a produção do programa resolvera colocar no ar. Assessores políticos, maquiadores e cabeleireiros esbarravam-se no palco, insultando-se mutuamente. Após a intervenção de algumas pessoas sensatas, a confusão no estúdio foi apaziguada, e os ânimos serenados – oportunidade em que o bispo Hieráclito tomou um estabilizador psíquico, providenciado por sua assessoria. Nesse ínterim, Sepúlveda Lobão alertou Lázaro para o fato de que o ministro Pernambuco Natanael atravessara o estúdio, pressuroso, com uma folha de papel presa à mão, entregando-a ao jornalista que ancorava o debate. Este, após lê-la, convocou, de imediato, os principais assessores políticos dos candidatos para um *briefing*, iniciando-se, a partir de então, acalorada discussão.

– Vamos para o palco, Pavan! Vamos lá ver de perto que diabo é que está acontecendo: o bate-boca está solto! – gritou Lázaro, levantando-se da poltrona do auditório, espavorido.

– *También el diablo va a Misa! Una candela al santo y dos al diablo que puede tanto!* – ironizou o argentino, enquanto seguia atrás de Lázaro.

O motivo da discussão entre os assessores políticos dos can-

didatos e a produção do programa era um recurso, interposto pelo ministro Pernambuco Natanael, reclamando o direito de o bispo Miron Marian dispor de dois minutos de réplica adicionais aos dois assegurados para a sua resposta, em razão de ter sido citado, nominalmente, pelo candidato do PCC.

— Mas o bispo Hieráclito Carvalho somente se referiu ao Diabo! — ironizou o coordenador político da campanha do senador Amadeu Boaventura, dirigindo-se ao ministro Pernambuco Natanael. — A não ser que o seu candidato, enfiando a carapuça, sinta-se nominalmente atingido pela referência!

Pernambuco Natanael, inabalável, replicou, de imediato:

— O candidato do PCC, e este fato foi flagrado pelas câmeras e por todos aqui presentes, apontou o dedo para o presidente da República quando se referiu ao Diabo! Pelo regulamento do debate, o candidato citado tem direito à réplica, de tempo equivalente ao concedido para a citação! Exijo o cumprimento do regulamento assinado por todos os candidatos!

Durante a discussão — o programa ficou fora do ar —, o bispo Miron Marian conservara a serenidade, sem desfazer o instigante sorriso nos lábios. Permaneceu sentado em sua cadeira, protegido por seguranças, enfiado num alvo e elegante *slack-dólmã*, que branquejava debaixo das luzes do estúdio, contrastando com os cabelos e bigode escuros, tingidos de *negro asa-de-graúna*. Quando o fotógrafo argentino dele se acercou para bater umas fotos, o bispo Marian, sem desarmar o sorriso, ofereceu-lhe o lado do rosto que considerava de melhor ângulo.

— *Una expresión más circumspecta, ahora, señor presidente!* — encareceu o argentino, impressionado com a inalterabilidade expressional do candidato do PNV.

Bienvenido Pavan não lograra êxito com o seu pedido: o bispo Marian, intransigente, em nenhum momento desfizera o sorriso dos lábios; provavelmente não o faria nem que porventura o acomesse, naquele momento, a mais lancinante dor de dente. O argentino resolveu retornar ao auditório, voltando a sentar-se ao lado de Lázaro:

— *Fenómeno!* Já conheci no mundo *muchas caraduras, Lazarillo*, mas igual a este, nunca! *Caramba!* — boquejou o fotógrafo, impressionado.

O debate, finalmente, retornara ao ar. O âncora do programa desculpou-se com os telespectadores e explicou as razões da demora do intervalo comercial: as discussões sobre o recurso interposto pela assessoria política do candidato do PNV, exigindo o direito de réplica, por ter sido citado pelo candidato do PCC.

— A produção do programa, à luz do regulamento do debate, assinado por todos os candidatos, entendeu que o candidato do PNV terá direito a dois minutos de réplica à citação de que foi objeto, após usar os dois minutos a que tem direito para responder à pergunta dirigida a todos os candidatos — declarou o jornalista.

— Quero ver, *ahora*, se esse *caradura* consegue falar com aquele sorriso engessado na cara! — sussurrou Bienvenido Pavan, ao pé do ouvido de Lázaro.

Após ler sumariada biografia do bispo Miron Marian — como procedera com os candidatos precedentes —, o âncora do debate passou a palavra ao candidato do PNV, reiterando-lhe o direito de usar quatro minutos para a resposta, em face da referência feita à sua pessoa, na resposta do candidato do PCC.

O bispo Marian, surpreendentemente, postou-se de pé, em frente ao pequeno púlpito, esticou os braços para a frente, palmas das mãos voltadas para cima, como a dar graças aos presentes (repetia o ritual que iniciava as reuniões ministeriais, no Palácio do Planalto), cerrou os olhos miúdos, desfez (finalmente, para alívio de todos) o sorriso dos lábios, e engrolou uma breve jaculatória, abençoando a todos:

— A paz do Senhor esteja convosco. Postulo um terceiro mandato de presidente da República, porque me compeliram a essa decisão, contrariamente ao desejo da minha família, e à vontade do meu rebanho da minha saudosa Cachoeiras de Macacu, milhões de brasileiros que, por dois mandatos consecutivos, sufragaram meu nome nas urnas. Prometo continuar a buscar, diuturna e incessantemente, a felicidade do povo brasileiro, mantendo a paz em todo o território nacional, exatamente como procedi nesses últimos dez anos. Os meus governos foram, e o próximo também o será, voltados para a potencialização das características culturais do nosso grandioso povo, promovendo eventos que enalteçam nossa cultura, incentivando com isso o turismo interno e externo, hoje uma das principais fontes de

receita e de riqueza do país. Nas primeiras 48 horas do meu governo, se reeleito, decretarei que os feriados de carnaval, já para o próximo ano, tenham a duração de quinze dias, cujas festas realizar-se-ão, em todo o território nacional, sempre na segunda quinzena de fevereiro, com vistas a propiciar o incremento da nossa indústria turística; proporei ao Congresso que a jornada semanal de trabalho de qualquer trabalhador, no Brasil, seja ele da iniciativa privada, ou funcionário público, civil ou militar, termine ao meio-dia das sextas-feiras, e só inicie ao meio-dia das segundas-feiras, reduzindo em oito horas a atual carga semanal de trabalho, o que ensejará a geração de novos empregos, principalmente para a sofrida classe dos *inocupacionais*; prometo realizar, no Brasil, a Copa Mundial de Futebol da Fifa, em 2050, voltando a sediá-la em nosso país, um século depois, de forma a assegurar nosso retorno à Divisão de Honra, da qual nunca deveríamos ter saído, tetracampeões mundiais de futebol que somos!; prometo propor ao Congresso Nacional a criação da lei Miron Marian de Cultura, para financiar e subsidiar o cinema e o teatro nacionais, a produção de nossas festas populares, a editoração de livros a preços populares, o incentivo à descoberta de novos talentos, no canto, na dança, nos jogos de sinuca e de baralho, e no futebol, principalmente, através do Projeto *Onde está você, futuro artista nacional?*, financiando bolsas de estudo de até dez salários-mínimos mensais (com direito a vale-transporte, vale-refeição e *tiquete-praia*), a milhares de brasileiros, jovens e velhos, hoje sem opção de trabalho. Me perguntariam os senhores: e de onde viriam os recursos financeiros, para financiar tão grandioso projeto cultural? Exatamente das contribuições recolhidas do *dízimo tributário*, cujas receitas seriam carimbadas para aplicação privativa e exclusiva em projetos culturais...

Neste momento do discurso do candidato do PNV, Lázaro das Dores olhou para Sepúlveda Lobão, piscou o olho, e, apenas com movimentos labiais, pronunciou: “Bingo!”

O âncora do debate alertou o candidato do PNV que ele já consumira três dos quatro minutos de resposta a que tinha direito.

– Obrigado, senhor âncora. Aproveitarei este minuto final para empenhar a minha palavra, autorizado que fui pela cúpula do meu partido, de que convidarei o presidente do Pecolab, o

eminente engenheiro e sindicalista Antônio Péricles, para integrar minha chapa, na qualidade de candidato a vice-presidente da República, na hipótese da necessidade de um segundo turno para as eleições presidenciais – exclamou o bispo Marian, olhos marejados de emoção, convicto de que fizera boa figura.

– O senhor ainda tem trinta segundos – alertou-o o âncora.

– Pois prefiro usá-los desta forma... – retrucou o bispo Marian, sentando-se na cadeira, voltando a exhibir nos lábios o sorriso arreganhado, onde avultava profusa, ordenada e branquejante fileira de viçosos dentes. E nesta postura permaneceu (encarando as câmaras de TV), até esgotar-se o seu tempo de resposta.

Bienvenido Pavan, sentado ao lado de Lázaro, no auditório, não se conteve:

– Mas que *caradura!* Esse sujeito, quando faz a barba, suja a pia de serragem e de lascas de maçaranduba! *Fenómeno!* – boquejou ao pé do ouvido de Lázaro.

– O cara-de-pau desse bispo Miron Marian, mancomunado com o ministro Pernambuco Natanael, que há anos acende uma vela para Deus e outra para o Diabo, com a mesma fê e devoção, venceu, com certeza, esse debate, de lambujem! – comentava Lázaro, no interior da turbovan da *Gazeta Carioca*, na companhia do advogado Sepúlveda Lobão e do fotógrafo Bienvenido Pavan, após o término do programa de TV.

Os três seguiam, alta madrugada, pelas pistas do Aterro do Flamengo, em direção ao edifício-sede do jornal, localizado na Praça Mauá, centro do Rio de Janeiro, onde o jornalista e o fotógrafo permaneceriam – para trabalhar na reportagem sobre o debate –, e o advogado pegaria o seu turbocarro, que deixaria estacionado na garagem do prédio.

– Também acho – concordou Sepúlveda Lobão, dando baforadas no cigarro. – O bispo descarado foi arguto e preciso: aquele cínico conhece a fundo a alma do eleitor brasileiro! Por mais abjetas e cretinas que tenham sido suas propostas de governo, temos de lhe tirar o chapéu: quinze dias de feriados para o carnaval; redução da jornada semanal de trabalho, para fins de geração de empregos; lei de incentivo cultural que beneficia a

classe artística e que cria, com bons prêmios, o maior programa de calouros de que até hoje se teve notícia neste país; tudo isso complementado pela realização, no Brasil, da Copa do Mundo de Futebol, de 2050, permitindo que o país retorne à Divisão de Honra da Fifa, sem a necessidade de disputar a vaga no campo! Convenhamos, foram golpes de mestre! Subestimei aquele *passa-sacolinha* e o seu ministro *camaleão Anfíbio Dourado*...

— Já desconfiava, *hace tiempo*, que *los brasileños* armariam alguma *trapaceria*, no *tapetón*, por *supuesto*, para voltar à *primeirona* da Fifa... — ruminou o argentino, dormitando no último banco da turbovan.

— Vá dormir, Pavan, e deixe de gracinhas! — repreendeu-o Lázaro. — E não se esqueça, Sepúlveda, que o bispo safado foi o único candidato a, corajosamente, convidar o Pecolab, de público, para uma coligação partidária, com vistas ao segundo turno, já de olho na grana do Eurobank!

Sepúlveda Lobão, como de hábito, fumava e soltava rosquinhas de fumaça no ar, enquanto analisava o desempenho do bispo Marian no debate:

— E o mais incrível: em nenhum momento o bispo Marian, na rodada de perguntas do pinga-fogão, revidou às ofensas que lhe assacaram o senador Boaventura e o bispo Hieráclito de Carvalho! Quanto mais o candidato do PCC o chamava de *Filhote de Lúcifer*, e o senador Boaventura o apodava de *Passa-Sacolo Tributário*, o cínico do bispo Marian exibia, impassível, o mesmo sorriso de propaganda de dentifício! Convenhamos: o sem-vergonha, além de espertíssimo, é muito cara-de-pau!

Lázaro das Dores, *laptop* ligado sobre o colo, conferia os registros que fizera durante o debate. Soltou um grunhido de irritação e desabafou:

— Não tenho mais dúvidas que esse cretino conseguiu reverter as expectativas que lhe eram contrárias, e também as preferências do eleitorado. Já pressinto cheiro de terceiro mandato consecutivo no ar...

— Não vamos nos precipitar. Como ensinam os mineiros: resultado de gravidez, mineração e eleição, só depois da apuração... — ironizou o advogado.

MIRON MARIAN E AMADEU BOAVENTURA DISPARAM NA FRENTE DAS PESQUISAS APÓS DEBATE NA TV

RIO DE JANEIRO (AN) – As pesquisas eletrônicas instantâneas realizadas durante o debate na TV, ontem à noite, entre os cinco candidatos à Presidência da República mais bem colocados na preferência do eleitorado brasileiro, apontaram a vitória do bispo Miron Marian, do PNV, com 42% das preferências dos telespectadores. Os demais candidatos obtiveram os seguintes percentuais de votação: 34% das preferências para o senador Amadeu Boaventura, do PUCB; 12% para o bispo Hieráclito de Carvalho, do PCC; 9% para o coronel Anfilóbio Secundino, do PCM do B; e surpreendentes 3% para o bispo Laudelino Cândido, do Molab, líder nas pesquisas de opinião, até a hora do início do debate. Segundo experientes analistas políticos, a reversão na preferência do eleitorado foi causada, inequivocamente, pelo impacto das inusitadas propostas de medidas governamentais, de fortíssimo apelo popular, apresentadas pelo bispo Miron Marian, quando respondeu à indagação “Quais serão as primeiras medidas que o senhor tomará, caso eleito, nas 48 horas seguintes à data de sua posse como presidente da República?”, formulada a todos os candidatos, pela produção do programa. O candidato do PNV prometeu, já para o ano que vem: carnaval de 15 dias de feriados consecutivos, em todo o país; realizar, no Brasil, a Copa do Mundo de Futebol de 2050, o que importará no automático retorno do país à Divisão de Honra da Fifa, como país-sede; reduzir a jornada semanal de trabalho, de todos os trabalhadores, extinguindo o expediente da tarde das

sextas-feiras e o da manhã das segundas-feiras, cumulativamente, com vistas à geração de novos empregos para os *inocupacionais*; aplicar as vultosas receitas provenientes do recolhimento do *dízimo tributário* exclusivamente em projetos culturais, voltados para os jovens (canto, dança e futebol) e para os mais velhos (jogos de baralho e de sinuca). Analistas políticos atribuíram o 2º lugar do senador Amadeu Boaventura nas pesquisas à atuação agastadiça do candidato do PUCB, durante o programa, quando prometeu divulgar – embora não o tenha feito durante o debate – as provas que diz possuir de práticas de atos de má-fé, corrupção e de gravíssimos desvios de conduta moral de alguns dos candidatos à Presidência da República – “Há até boiões enrustidos no meio!”, gritou em uma de suas intervenções –, ameaçando-os com uma pasta de dossiês, que brandia no ar. Segundo especialistas em *marketing* político, o convite feito pelo bispo Miron Marian, ao vivo, ao sindicalista Antônio Périces, para que ele integre, como candidato a vice-presidente, a chapa coligada PNV/Pecolab, para o 2º turno, foi avaliado como iniciativa de grande descortino político, decisiva para a vitória do candidato do PNV. A necessidade de realização de um 2º turno para as eleições presidenciais é tida como certa pelos analistas políticos mais experientes do país. Os candidatos do PNV e do PUCB deverão disputar a Presidência da República, no 2º turno.

Lázaro das Dores – Chefe de Redação.

9

LÁZARO DAS DORES FORA CONVOCADO EM CASA, POR telefone, para uma reunião urgente, no dia seguinte, às sete e meia da manhã, no gabinete do diretor-superintendente da Cosab. A princípio, ressabiado, desconfiara do horário e da pressa: raras vezes surpreendera o doutor Estevão – dorminhoco incorrigível, pouco afeito ao trabalho – antes do meio-dia no escritório. Mas se sentia tão cansado, depois que atendera a ligação, que dormiu, logo em seguida, sem ter tempo de se preocupar, apesar de o aparelho de TV estar ligado em alto volume – a mulher, deitada ao lado, assistia a uma novela.

O edifício-sede da Cosab distava uma estação de metrô do prédio residencial de Lázaro, razão pela qual o jornalista resolveu deixar o turbocarro na garagem. As estações do metrô cariocas tresandavam a olores de excrementos humanos;¹ as paredes e revestimentos (inclusive os tetos) eram cobertos de grafites com dizeres obscenos e parvoíces típicas de delinquentes juvenis, feitos com *jet-spray* de diversas cores. Os vagões das composições também eram todos pichados, tanto externa quanto internamente, fenômeno que explodira na cidade – e que se espalhara

¹ A inexistência de banheiros públicos nos logradouros do centro, da zona norte e da zona sul do Rio de Janeiro havia inspirado um grupo de vereadores cariocas a votar uma lei municipal – sancionada pelo prefeito da cidade, em 2025 – obrigando o concessionário da Companhia do Metropolitano do Rio a construir banheiros em todas as estações da linha principal (zona norte-centro-zona sul-Barra).

por todo o país –, principalmente entre os adolescentes e os jovens, a partir da realização de um festival mundial de grafites, no Rio de Janeiro, patrocinado por indústrias químicas e revendedores de tintas. Irritado, Lázaro recusara a oferta que lhe fizera um camelô, na entrada da Estação Botafogo, para que ele adquirisse, por CRN\$ 1,00, um *narizinho cheiroso* – nome pelo qual era conhecido pequeno dispositivo de isopor, sob a forma de um nariz (preso por elástico em volta da cabeça), que exalava aromas de framboesa, canela, camomila e sândalo, entre outros, à escolha do freguês. O dispositivo – *must* do verão do ano de 2040 – obtivera tamanho sucesso de vendas, que enriquecera um grupo industrial paulista, de Cubatão, que o utilizara, experimentalmente, entre os empregados de uma usina beneficiadora de lixo.

O doutor Estêvão – bugalhos rútilos de zanga, aparência agastadiça – fazia cara de pouquíssimos amigos, quando Lázaro ingressou no gabinete do diretor-superintendente da Cosab.

– Bom-dia, doutor Estêvão. Recebi o recado, ontem à noite, de que o senhor gostaria de reunir-se comigo, hoje, neste horário – cumprimentou-o Lázaro, fechando a porta atrás de si.

– Sente-se, por favor, senhor Lázaro – respondeu o dirigente, sem encará-lo, enquanto fingia analisar alguns papéis sobre a mesa.

Após um breve instante em silêncio – oportunidade em que o jornalista percebera o embaraço do dirigente em revelar o motivo da convocação da reunião –, o doutor Estêvão, visivelmente constrangido, abriu uma das gavetas da secretária, retirou um envelope pardo de seu interior, depositou-o sobre a mesa, e cruzou as mãos sobre ele.

– Senhor Lázaro... – balbuciou, enquanto parecia catar palavras, aqui e ali, para iniciar a conversa. – Como é do seu conhecimento, a Cosab é uma organização beneficente, de reconhecida utilidade pública, fundada por um conselho de curadores constituído por homens de fé religiosa, de ilibadíssima reputação, que foi criada para explorar planos funeral, de saúde e de previdência complementar, dirigidos, principalmente, para a população humilde, o que nos impõe o dever irrenunciável de responder à altura a confiança que nos é depositada por milha-

res de clientes e associados. Sempre tivemos muito cuidado no recrutamento de nossos funcionários, de quem exigimos rígida conduta moral e reputação ilibada.

Lázaro de imediato avaliara – com faro de repórter de jornal – que alguma coisa de grave acontecera, dado que o doutor Estêvão não conseguia dissimular o nervosismo, enquanto discorria – faces coradas, despeito no olhar – longo e protocolar discurso sobre os princípios éticos e as virtudes morais que norteavam as ações e empreendimentos da empresa que dirigia.

– ...e, finalmente, nos decidimos a bancar uma loteria de raspagem, razão da sua contratação, sobre a qual muito lhe somos gratos pelo sucesso comercial e mercadológico alcançado...

– Doutor Estêvão, por favor... – interrompeu-o Lázaro, já angustiado com os rodeios do homem para entrar no assunto principal. – Queira me perdoar, mas vá logo ao ponto: qual a razão de o senhor ter me convocado à pressa para uma reunião, num horário em que nem o contínuo ainda chegou para trabalhar?

O dirigente, tomado de surpresa com a franqueza da intervenção de Lázaro, descruzou as mãos e estendeu o envelope pardo para Lázaro:

– Estas fotos, as quais recebemos anexadas a uma carta anônima, ameaçando-nos torná-las públicas caso a Cosab não o permita em 24 horas!

Lázaro abriu o envelope e sacou de seu interior uma dúzia de fotos coloridas, tamanho 20x30 cm, que o exibiam, completamente nu, deitado numa cama, nas mais diversas e bizarras poses, acompanhado de dois negralhões igualmente nus e bem dotados, e de um pederasta vestido apenas com ligas de dançarina de cabaré, em cenas que sugeriam uma orgia bordelenga entre homossexuais.

Lázaro, ao passar as fotos, sentiu um frêmito de mal-estar que lhe percorreu todo o corpo, como se tivesse sido atingido por forte pancada na nuca. Quando deparou o último flagrante, horrível sensação de enjôo tomou conta de si, acompanhada de aguda dor de cabeça e vertigens.

– O senhor está se sentindo bem? – indagou o doutor Estêvão, preocupado com a reação de Lázaro, rosto escondido atrás das mãos espalmadas. – Quer que eu ligue para o pronto-

socorro do andar térreo? O setor de urgências funciona as 24 horas do dia.

– Não... não há necessidade... – bocejou Lázaro, passando um lenço sobre a testa porejada de suor gelado.

Ao perceber que Lázaro se recuperava aos poucos do choque, o dirigente levantou-se da poltrona atrás da secretária, acendeu um charuto, contornou a mesa e foi sentar-se numa cadeira ao lado de Lázaro. Aproximou-lhe a boca do ouvido e sussurrou:

– O senhor não precisa se preocupar com a divulgação dessas fotos, tampouco com a publicidade de suas preferências sexuais... Sou homem discreto e compreensivo, sei que o senhor é casado, tem duas filhas já mocinhas, longe de mim fazer uso de...

– Eu não sou homossexual, doutor Estêvão! – reagiu Lázaro, indignado, descobrindo o rosto transtornado que escondia com as mãos. – Isso tudo foi uma farsa, armada para me prejudicar aqui na Cosab, e sabe Deus em que outros lugares mais! Fui vítima, há dois meses, de um seqüestro, que até hoje está sendo investigado, sem sucesso, pela polícia. Chegamos a conversar, eu e o senhor, sobre o assunto nesta mesma sala, não está lembrado?

– Sim, estou lembrado... O senhor agora me deixou um pouco confuso... Está querendo me dizer que essas fotos são montagens, feitas por seus seqüestradores para chantageá-lo? – indagou o dirigente, ressumando ares de descrença na versão de Lázaro.

– Eu não disse que são montagens, doutor Estêvão... Eu fui drogado por meus seqüestradores. Não estava consciente quando essas fotos foram batidas! – retrucou Lázaro.

O dirigente, transparecendo incredulidade, pegou as fotos que Lázaro jogara sobre a mesa, passando a examiná-las, minuciosamente, com uma lente que retirou de uma das gavetas da secretária. Esquadrinhou todos os flagrantes, um a um, com percuente atenção, detendo-se nas expressões estampadas nos rostos dos fotografados.

– Essa bicha sem-vergonha, que usa ligas nas pernas cabeludas, está bem acordada e animadinha, senhor Lázaro, e parece divertir-se à beça com a festa! Quanto aos negralhões... Bem, tirante esses impressionantes *pés-de-mesa* que eles exibem entre as

pernas, parecem-me bem normais, quero dizer: estão bem conscientes de seus papéis na *festinha*... No tocante às expressões exibidas pelo senhor – comentou, com uma ponta de ironia, vistas quase encostadas na lente, enquanto passava as fotos –, queira me perdoar a objeção, mas não revelam fisionomias de quem está fora de si, alheio ao que ocorre à sua volta... Neste flagrante – disse exibindo-o para Lázaro –, o senhor até aparenta estar revirando os olhinhos de satisfação... Esses negralhões, por acaso, desculpe-me a indiscrição, chegaram a violentar o senhor?

– Claro que não, doutor Estêvão: fui examinado, ainda na cama do motel para onde os seqüestradores me levaram, por um médico-legista – respondeu Lázaro, enquanto balançava a cabeça.

– Louvados sejam todos os santos, senhor Lázaro! Caso tivesse ocorrido violência sexual, creio eu, não haveria meios cirúrgicos capazes de lhe restituir o esfíncter anal... Esses homens são uns aleijões! – comentou o doutor Estêvão, visivelmente impressionado com os membros avantajados dos negralhões.

– Espero que, ao menos hoje, você não tenha esquecido o remédio contra disfunção erétil, não é? – indagou Astrid Junqueira, de chofre, na porta do seu apartamento, após ter dado passagem a Lázaro, que a procurara, transtornado, após a reunião com o dirigente da Cosab.

– Estou arrasado, Astrid. Perdi meu emprego na Cosab, duas horas atrás, e você ainda me vem cobrar excelência erétil? Convenhamos! Hoje, nem com três comprimidos de *Ergapen* o *falecido* sobe, minha filha... – desabafou Lázaro, jogando-se no sofá da sala.

– Já disse que fico possessa quando você me chama de filha! Não sou sua filha! Sou sua namorada! Ou devia ser, sei lá... Faz tanto tempo que desse mato não sai cachorro... – vociferou, olhando, com ironia, para a braguilha de Lázaro, enquanto baforava uma cigarrilha holandesa.

– Isso, debocha! Abre a janela da sala e grita para a vizinhança que o broxa do seu namorado já chegou! Quem sabe um vizinho piedoso, preferencialmente jovem, potente e bem-

dotado, não bate à sua porta, oferecendo os préstimos para quebrar o seu galho?

A escritora, iracunda, arremessou uma almofada, com violência, na direção de Lázaro, que se esquivou a tempo de não ser atingido; em seguida, Astrid correu para o quarto, cobrindo o rosto com as mãos.

Lázaro deixou-se ficar, por alguns instantes, absorto, sentado no sofá, olhando para o chão, enquanto escutava os soluços da amante no quarto.

— *Poliesculhambose* psicossomática... — ruminou para si, erguendo-se e dirigindo-se ao bar do apartamento. — ... não é para qualquer um não... *Poliesculhambose* psicossomática... É preciso ter dramas a dar com o pau, e uma vidinha bem chinfrim, para padecer de um coquetel de patologias como esse...

Lázaro serviu duas doses duplas de uísque, enquanto ouvia os soluços da escritora no quarto. Sorveu uma dose generosa da bebida e, segurando dois copos, dirigiu-se para o aposento da amante, que estava deitada de bruços sobre o leito.

— Vamos lá, moça. Perdoe-me, fui grosseiro — desculpou-se, sentando à borda do leito. — Vamos beber um pouco para arrosar os azares e frustrações da vida. Não está sendo fácil viver neste país, principalmente para os que ainda têm algum resquício de consciência... Beba comigo uma dose deste uísque: pelo menos ele parece ter cara de honesto...

A escritora desvirou o corpo, ergueu-se da cama, segurou o copo que Lázaro lhe estendera, e com três goles, bebeu todo o seu conteúdo.

— Vá com calma, Astrid. Isso não é refrigerante.

— Quero tomar um porre! Prepare outra dose dessa para mim — pediu, olhos lacrimosos.

— Daqui a pouco. Vamos deixar essa dose ser assimilada por suas entranhas; depois a gente continua a beber. Afinal, estamos de lugares trocados: eu é quem deveria estar sendo confortado por você; quem perdeu o emprego aqui fui eu; eu é que fui seqüestrado e humilhado; eu é quem tem uma filha adolescente, que sonha ser uma *nádega cantante*; enfim, eu é quem sofre de *poliesculhambose* psicossomática, segundo meu analista.

— Não dramatize, Lázaro. Não sou a primeira, nem serei a

última pessoa a tentar lhe abrir os olhos. Vou falar pela enésima vez: viva sua época, curta seu tempo, não reme contra a maré, não ande na contramão da história e da sociedade em que você vive. O Brasil não é a Suíça, Lázaro. Já está cientificamente comprovado: as sociedades que vivem nas zonas tropicais do planeta sofrem, mais que quaisquer outras, os efeitos dos raios solares: por essa razão têm comportamentos distintos daquelas que habitam regiões mais frias. Os povos que vivem na zona tropical revelam lassidão, preguiça, têm mais inclinação pelo culto do corpo, pela sensualidade, são mais suscetíveis ao ludismo, são mais impulsivos que reflexivos; é sabido e comprovado que os homens civilizados degeneram nos climas tropicais, e que se desenvolvem, sobretudo, nos climas temperados e frios. Temos de aceitar esses determinismos climáticos e geográficos da natureza, sem precisar sofrer de complexo de inferioridade, rejeitando as espúrias teses que defendem a superioridade racial dos povos do Hemisfério Norte. Somos um povo alegre, miscigenado, musical, dançarino, deliciosamente preguiçoso, místico, futebolístico (pelo menos já fomos mais no passado!), não-beligerante, puro, amante da natureza, multirracial, festeiro, ecumenicamente religioso; buscamos, sofregamente, mais do que qualquer outro povo, atingir o compromisso existencial de busca da felicidade.

— Sua visão sobre o povo brasileiro, Astrid, confrontada com a minha, é equivalente à da avaliação do abacaxi, feita por um otimista e por um pessimista: aquele, só vê o sumo, o interior da fruta, o doce de suas entranhas; este, só considera o exterior, a casca áspera e dura, as folhas serrilhadas do caule, a dificuldade de segurá-lo com as mãos nuas sem se machucar — redargüiu Lázaro, irônico.

Astrid Junqueira voltou a deitar-se no leito, de costas, cruzando as belas pernas. Ajeitou o travesseiro sob a nuca e, após algum refletir, indagou:

— Por que a Cosab o demitiu?

Lázaro retirou o envelope pardo, dobrado no bolso lateral do paletó, estendendo-o à escritora:

— Ameaçaram a diretoria da Cosab de divulgar essas fotos, caso eu não fosse demitido em 24 horas, a contar de ontem, data da entrega do envelope.

Astrid assestou uns óculos pequenos sobre o nariz, sentou-se no leito e retirou as fotos do interior do envelope.

– Que é isso? Que horror, Lázaro! Que brincadeira é essa? Você virou boiola?

– Deixe de falar bobagens! Quando essas fotos foram tiradas eu estava inconsciente, drogado por meus seqüestradores! Elas foram batidas de encomenda, para me prejudicar na Cosab: isso foi coisa do *Ari das Mãos Limpas*, para beneficiar o sobrinho, a quem prometeu o meu lugar na Companhia.

– Nossa! Isso é real? Realmente existe, Lázaro?

– Do que você está falando?

– Das *coisas* dessa dupla de negrões! Jamais pensei que pudessem chegar a esses tamanhos! São uns aleijões!

– Astrid! Eu aqui sofrendo de *poliesculhambrose* psicossomática, recém-desempregado, a auto-estima nas profundas dos infernos, e você interessada em discutir o tamanho das *coisas* desses miseráveis?

– Perdoa, querido, mas não é toda hora que a gente tem a oportunidade de constatar fenômenos bizarros como esse: isso não passa nem no Discovery-Pornô!

– Repita a descrição do sonho que o senhor relatou na sessão anterior – solicitou o doutor Artemidoro, deitado na rede, bloco de notas e lápis presos às mãos.

Lázaro, deitado na outra rede, arrastava as solas dos pés descalços no tecido, olhos semicerrados.

– Os sonhos são tão reveladores assim, tão importantes para a psicanálise, doutor? – indagou Lázaro, sem abrir os olhos.

– Freud descobriu que todo sonho tem uma estrutura psíquica que tem um sentido, e pode ser inserida num ponto designável nas atividades mentais da vida de vigília. Sim, eles são importantes, senhor Lázaro: a psicanálise é baseada na técnica de interpretação dos sonhos – respondeu o médico, olhos postos na foto do doutor Sigmund Freud, pregada na parede.

– Não consigo entender como a interpretação do conteúdo de um sonho pode ajudar a compreender a vida de vigília.

– Todo o material ideacional que compõe o conteúdo de

um sonho deriva, de algum modo, da experiência do indivíduo, ou seja: foi reproduzido ou lembrado no sonho. Relativamente ao passado imediato, o que reaparece em nossos sonhos são, basicamente, as impressões casuais da vida cotidiana. As atividades psíquicas mais intensamente despertas são as que dormem mais profundamente.

— E se o indivíduo não sonha, doutor, ou não consegue se lembrar dos sonhos que tem?

— De acordo com Freud, nada que tenhamos possuído mentalmente uma vez pode se perder inteiramente. Todo indivíduo sonha; a questão da lembrança do conteúdo onírico está diretamente ligada à atuação da censura no estado de vigília: quando o indivíduo desperta do sono, a censura de vigília recupera sua força plena, de imediato, e tende a eliminar tudo o que dela foi subtraído durante o estado de sono. Esta é a explicação, digamos, técnica, para o esquecimento dos sonhos.

— E se o ser humano não conseguisse sonhar, doutor, o que aconteceria?

— Um indivíduo privado da capacidade de sonhar ficaria, com o passar do tempo, mentalmente transtornado, dado que um grande volume de pensamentos incompletos, não-elaborados, acumular-se-ia em seu cérebro, sufocando os pensamentos que deveriam ser processados em sua memória como conjuntos completos. Os sonhos têm a serventia de válvulas de escape para o cérebro sobrecarregado. Eles possuem o poder de curar e aliviar os indivíduos.

— E o contrário, doutor?

— Como assim?

— O indivíduo que só vive sonhando?

— Segundo Schopenhauer: “os sonhos são uma loucura breve; a loucura é um sonho longo”. A intensificação do estado recorrente de sonhar é o que chamamos de loucura, um fenômeno patológico anormal. Mas, não se preocupe, senhor Lázaro: o sonho não é um fenômeno patológico, não pressupõe nenhuma perturbação do equilíbrio psíquico, não deixa como seqüela nenhuma perda da eficiência.

— Uma última curiosidade, doutor: por que sonhamos? qual é a finalidade do sonho?

– Os sonhos representam a realização de desejos reprimidos, recalcados, desejos que buscam realizar-se, daí a sua importância para a psicanálise: os sonhos são atos psíquicos tão importantes quanto quaisquer outros. A função do sonho é ser guardião do sono. Podemos voltar, agora, ao relato do seu sonho recorrente?

Lázaro tornou a fechar as pálpebras, ajeitou o corpo na rede e cruzou as pernas:

– Gaivotas e urubus estão voando, parados no ar, fustigados por fortes ventos contrários. O lugar em que estou é alto, muito alto. Estou sentado no interior de um turbocarro grande, provavelmente uma turbolimsine, na companhia de outras pessoas, elegantemente vestidas. De repente, ocorrem barulhos, semelhantes a explosões, muito próximas a mim. Turbo-motocicletas cercam o veículo com as sirenes ligadas; começo a escutar os acordes do Hino Nacional Brasileiro, tocados por uma banda. Sinto náuseas, enjôos; seguram meus braços, e arrancam-me do veículo; arrastam-me até a beira de um abismo; sinto meu corpo projetar-se no espaço, ao som de gargalhadas que se distanciam; mergulho fundo no mar, e, enquanto bato as pernas para retornar à superfície, ouço um distante grito de dor. Quando estou prestes a vomitar, acordo, corpo molhado de sudorese.

O médico fazia anotações a lápis no bloco de notas, atento às expressões e palavras utilizadas por Lázaro para descrever o sonho. Após concluir os registros da narrativa, o doutor Artemidoro observou:

– O senhor introduziu elementos novos na narrativa: diz ter escutado barulhos, explosões próximas. Poderia descrevê-las com mais detalhes? Faça um esforço de memória para tentar identificar o que seriam essas explosões.

Lázaro voltou a fechar os olhos e a esfregar as solas dos pés no fundo da rede. Procurou escarafunchar a memória, no intento de rememorar, com mais detalhes, as imagens oníricas. Esforço inútil. Por mais que se concentrasse, não conseguia identificar a origem das explosões que relatara. Nesse ínterim, o doutor Artemidoro, deitado na outra rede, aguardava, paciente, enquanto pressionava fumo no forninho de um cachimbo. Em seguida o médico riscou um fósforo, aproximou a chama do

fornilho e, com vagar, acendeu o fumo, aspirando a fumaça pelo tubo do cachimbo.

Lázaro sentiu o cheiro forte da pólvora do fósforo queimado entrando pelas narinas e, de inopino, veio-lhe à mente a origem das explosões no sonho:

– Foram tiros! As explosões que ouvi foram tiros de uma pistola! – desabafou, bugalhos arregalados.

– Tiros? Disparados por quem? Em quem? Onde? – indagou o médico.

– No interior da turbolimusine. Alguém deu tiros em pessoas que estavam sentadas no interior do veículo.

Lázaro chegara tarde em casa – passara a noite e o início da madrugada na redação de *A Gazeta Carioca* supervisionando os preparativos para a cobertura jornalística das eleições presidenciais que se realizariam dali a dois dias. A mulher e as filhas já dormiam quando, insone e deprimido, serviu-se de uma dose de uísque, indo bebericá-la na varanda da sala. A noite estava magnífica: um luar de prata banhava a enseada de Botafogo; as luzes das praias de Niterói cintilavam, ao longe. “Perdi um bom emprego, e o que é pior: ainda fiquei com fama de bicha devassa...”, ruminou para si.

Da redação do jornal ligara para Sepúlveda Lobão, contando-lhe o episódio ocorrido, pela manhã, na Cosab. “Já imaginava que isso ia acontecer a qualquer momento. O seu seqüestro, nunca alimentei outra explicação, só podia ter a ver com chantagem de emprego: você não ocupa cargo político. Quanto ao seqüestro da Maria da Conceição, também não tenho dúvida: foi político. Mais dia menos dia vão chantagear o Antônio Péricles: estão apenas aguardando o momento mais propício. As diligências da gendarmaria sobre os dois seqüestros não evoluíram nada. Acredito que esteja rolando grana grossa por trás das investigações”, comentara o advogado, pessimista quanto à elucidação dos fatos.

Brasil, país do futuro, de Stefan Zweig, jazia sobre o criado-mudo quando Lázaro recolheu-se para dormir. A mulher, deita-

da ao lado, ressonava fortemente, virada para o lado oposto, olhos cobertos por uma máscara. Ainda insone, Lázaro acendeu a luminária sobre o criado-mudo, e resolveu ler alguns trechos do livro. A espátula ainda marcava uma página da introdução da obra.

[...] Não me é possível expender conclusões definitivas, predições e profecias sobre o futuro econômico, financeiro e político do Brasil. Os problemas do Brasil relativos à economia, à sociologia e à civilização são tão novos, tão especiais e, sobretudo, dispostos de modo tão indistinto, em consequência da vastidão do país, que cada um deles exigiria um grupo de especialistas para esclarecê-lo inteiramente. É impossível ter uma noção completa dum país que ainda não tem uma vista de conjunto completa de si próprio e se acha em crescimento tão rápido que toda estatística e todo relatório já estão atrasados quando impressos. Do grande número de aspectos quero salientar principalmente um que me parece o de maior atualidade e coloca hoje o Brasil numa posição especial entre todas as nações do mundo no que respeita ao espírito e à moral.

[...] Esse problema central que se impõe a toda geração, e, portanto, também à nossa, é a resposta mais simples e, apesar disso, à mais necessária pergunta: como poderá conseguir-se no mundo viverem os entes humanos pacificamente, uns ao lado dos outros, não obstante todas as diferenças de raças, classes, pigmentos, crenças e opiniões? É o problema que imperativamente sempre se apresenta a toda comunidade, a toda nação. A nenhum país esse problema, por uma constelação particularmente complicada, se apresenta mais perigoso do que ao Brasil, e nenhum o resolveu duma maneira mais feliz e mais exemplar do que a pela qual este o fez; é para gratamente testemunhar isso que escrevi este livro. O Brasil resolveu-o duma maneira que, na minha opinião, requer não só a atenção, mas também a admiração do mundo.

[...] O Brasil, pela sua estrutura etnológica, se tivesse aceito o delírio europeu de nacionalidades e de raças, seria o país mais desunido, menos pacífico e mais intranquilo do mundo. Nele ainda são nitidamente reconhecíveis, já nas ruas, as diversas raças e sub-raças, de que é constituída a sua população. Aqui viviam os descendentes dos portugueses que conquistaram e colonizaram o Brasil, aqui vive a descendência aborígene dos que habitam o interior do país desde

épocas imemoráveis, aqui vivem milhões provindos dos negros que nos tempos da escravidão foram trazidos da África, e milhões de estrangeiros, portugueses, italianos, alemães e até japoneses. Segundo o modo de pensar europeu, seria de esperar que cada um desses grupos assumisse atitude hostil entre os outros, os que haviam chegado primeiro contra os que chegaram mais tarde, os brancos contra os negros, os brasileiros contra os europeus, os de cor branca, parda ou vermelha, contra os de raça amarela, e que as maiorias e as minorias em luta constante pelos seus direitos e prerrogativas se hostilizassem. Com a maior admiração verifica-se que todas essas raças, que já pela cor evidentemente se distinguem umas das outras, vivem em perfeito acordo entre si e, apesar de sua origem diferente, porfiam apenas no empenho de anular as diversidades de outrora, a fim de o mais depressa e o mais completamente se tornarem brasileiras, constituindo nação nova e homogênea. Da maneira mais simples o Brasil tornou absurdo — e a importância desse experimento parece-me modelar — o problema racial que perturba o mundo europeu, ignorando simplesmente o presumido valor de tal problema. Ao passo que na Europa agora mais do que nunca domina a quimera de quererem criar seres humanos “puros”, quanto à raça, como cavalos de corrida ou cães de exposição, a nação brasileira há séculos assenta no princípio da mescla livre e sem estorvo, da completa equiparação de preto, branco, vermelho e amarelo. O que em outros países está teoricamente estabelecido apenas no papel e no pergaminho, a absoluta igualdade dos cidadãos na vida pública, bem como na vida privada, aqui existe de fato, na escola, nos empregos, nas igrejas, nas profissões e na vida militar, nas universidades, nas cátedras. É toçante ver já as crianças que apresentam todos os matizes de cor da pele humana, voltarem da escola de braço dado, e essa união de corpo e de alma se estende até as classes mais elevadas, nas academias e nos empregos públicos. Não há distinção de cores, exclusões, separações presunçosas. Ao passo que entre nós cada nação inventou uma palavra de ódio ou de motejo para aplicar à outra, como sejam, “Katzelmacher”, ou “Boche”, o vocabulário brasileiro absolutamente não encerra um termo depreciativo para o preto ou para o crioulo, pois quem poderia, quem quereria aqui jactar-se de ser de presumida raça pura? Se a afirmativa de Gobineau, de haver encontrado em todo o Brasil apenas um indi-

víduo de raça pura, o imperador D. Pedro II, pode ser exagero, o legítimo, o verdadeiro brasileiro tem certeza de ter no seu sangue algumas gotas de sangue indígena. Mas — coisa apreciável — não se envergonha disso, bem pelo contrário. A mescla, suposta destrutiva, esse horror, esse “pecado contra o sangue” na opinião dos nossos endemoninhados teóricos de raças, é aqui meio de união de uma civilização nacional, conscientemente utilizado. Sobre esse fundamento se tem erguido segura e constantemente, há quatrocentos anos, uma nação e — fato milagroso — a constante penetração e adaptação recíproca, sob o mesmo clima e as mesmas condições de vida, produziram um tipo absolutamente próprio, o qual de nenhum modo possui todas as qualidades “dissolutivas” proclamadas ostensivamente pelos fanáticos da mitológica pureza de raça. É raro que em qualquer outra parte do mundo se fossem ver mulheres e crianças morenas mais bonitas que essas criaturas gráceis e de maneiras tão suaves; é com alegria que se vê no semblante tostado de muitos estudantes inteligência unida a uma modéstia e polidez tão tranqüilas. Certa brandura e uma suave melancolia criam aqui um tipo muito próprio e oposto ao norte-americano, que é enérgico e mais ativo. O que aqui “se destrói” são apenas os contrastes fortes, e, por isso, perigosos. Essa dissolução sistemática dos grupos mais “nacionais” que “raciais”, que aqui são unidos e sobretudo unidos para a luta, facilitou extremamente a criação duma consciência nacional única, e é surpreendente que a segunda geração já se sinta só brasileira. Em geral, o filho do estrangeiro é nacionalista. São sempre os fatos, com sua força inegável e visível, que contraditam as teorias dos dogmáticos. Por isso, o experimento do Brasil com sua completa e consciente negação de todas as diferenças, presumidas e insignificantes, de raças e de cores, por seu resultado visível, é a contribuição talvez mais importante para dar cabo num desvario que, mais do que qualquer outro, acarreteu intranqüilidades e desgraças ao mundo.[...].²

— A verdade é filha do tempo... — balbuciou Lázaro para si, fechando o livro, e apagou a luminária.

A GAZETA CARIOCA

RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 7 DE OUTUBRO DE 2045 - ANO XXXI - Nº 10.063

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

PNV e PUCB vencem eleição no 1º turno

Os candidatos Miron Marian, do Partido da Purificação Nova Vida (PNV), com 40% dos votos válidos, e o senador Amadeu Boaventura, do Partido Ultraconformista Brasileiro, com 34%, venceram as eleições presidenciais, no primeiro turno, e vão disputar o cargo de presidente da República, em segundo turno, no próximo dia 15 de novembro de 2045. O resultado não surpreendeu os especialistas e confirmou as pesquisas de opinião realizadas após os debates na televisão, considerados decisivos para essa eleição. Os outros sete candidatos não chegaram a atingir, individualmente, o percentual de votos brancos e nulos, que foi de 10%. O terceiro colocado na apuração dos votos foi o bispo evangélico Laudelino

Cândido, do Movimento da Libertação das Almas do Brasil (Molab), com 6% dos votos válidos. Seguiram-se as votações do bispo evangélico Hieráclito de Carvalho, do Partido da Comunhão com Cristo (PCC), com 4% dos votos apurados, do coronel Anfílofio Secundino, do Partido dos Conformistas Militares do Brasil (PCM do B), com 3% dos votos apurados e do espiritualista Raimundo da Barroquinha, do Partido Conformista Socialista (PCS), com 2% dos votos apurados. Os três candidatos menos votados, todos de partidos inconformistas – o metalúrgico Lenine da Estação Finlândia, da Frente de Mobilização Revolucionária do Brasil (FMR do B), o deputado Cassiano Conceição, do

Partido Inconformista Brasileiro (PIB) e o engenheiro Antônio Péricles, do Partido Ecolaboral (Pecolab), totalizaram, juntos, 1% dos votos apurados. A taxa de abstenção nesta eleição – 39% da população votante – foi a maior verificada desde a promulgação da Constituição Federal de 2039, que aboliu a obrigatoriedade do voto no país. Analistas e observadores políticos esperam, já para a próxima semana, o anúncio das coligações partidárias para a constituição das chapas, com vistas às eleições em segundo turno. Conforme anúncio antecipado pelo bispo Miron Marian, o PNV fará convite ao engenheiro Antônio Péricles, do Pecolab, para que este integre, como candidato a vice-presidente da República, a chapa do candidato vencedor do 1º turno das eleições. A direção executiva do Pecolab ainda não se pronunciou sobre a proposta do PNV, tampouco o candidato derrotado Antônio Péricles emitiu qualquer manifestação a respeito, mesmo quando instado pelos repórteres dos jornais e televisões de todo o país. Observadores e analistas políticos

estimam que o senador Amadeu Boaventura, que disputará a eleição com o bispo Miron Marian, deverá formalizar, já nas próximas horas, convite ao bispo evangélico Laudelino Cândido, do Molab – terceiro colocado na apuração dos votos –, para que este concorra, como candidato a vice-presidente da República, na coligação PUCB/ Molab. Existe também a expectativa, em função de declarações feitas pelos candidatos Hieráclito de Carvalho, do PCC, e do coronel Anfílofio Secundino, do PCM do B, após o último debate na televisão, de que a eventual derrota de suas candidaturas no primeiro turno importaria no apoio a qualquer candidatura que disputasse as eleições contra o Partido da Purificação da Nova Vida (PNV), do bispo Miron Marian, caso este conseguisse passar para o segundo turno. Os partidos inconformistas (Pecolab, PIB e FMR do B), a princípio, não vão apoiar candidaturas para o 2º turno, de acordo com declarações de seus líderes, ainda que o Pecolab aceite o convite para integrar chapa coligada com o PNV.

NESTA EDIÇÃO

- 1 Flamengo contrata centroavante japonês e goleiro chinês para o torneio Rio-São Paulo.
- 2 Ministro da Saúde: "O brasileiro come demais. Deveria imitar o americano, que só janta e não almoça."
- 3 Taxa recorde de desemprego no Brasil em 2045: 50% da PEA.

10

SEXTA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO DE 2045, DEZ HORAS da noite. Mais de 95% dos votos eletrônicos já haviam sido computados, pelo TSE, em todo o país. A vitória dos candidatos do PNV e do PUCB, no primeiro turno, já era considerada irreversível pelos analistas e observadores políticos. Antônio Pércles acompanhava, pela televisão, em sua residência, transmissões dos últimos boletins das votações e entrevistas dos repórteres com personalidades do mundo político do Brasil, quando recebeu ligação telefônica do professor Leodegário Saquarema. O líder inconformista falava de um celular, em sua cela, no presídio de segurança máxima da Covanca VI, em Niterói:

— ... fique atento, Antônio Pércles: com a vitória já assegurada, o *passa-sacolinha* vai ligar para você, ainda hoje, formalizando o convite para uma coligação PNV/Pecolab, com vistas à formação de uma chapa para o segundo turno. Como os brasileiros, em geral, adoram ser surpreendidos quando tratados como pessoas importantes, ele, de cara, deve lhe oferecer, e colocar à sua disposição, um turbojatinho da Presidência da República para levá-lo a Brasília, preferencialmente de madrugada, e trazê-lo de volta para o Rio, no horário que você julgar conveniente. Para aquele pastoreca pusilânime, o jogo do poder começará com a mexida dessa primeira pedra. Parece até que estou ouvindo o mau-caráter do ministro Pernambuco Nata-

nael bichanando-lhe ao pé do ouvido: “Não existe brasileiro capaz de resistir a um convite dessa natureza, senhor presidente: imagine um negralhão como o Antônio Péricles, sindicalista, deficiente físico, que só viaja, quando viaja, em classe econômica de turbojato velho, mesmo assim em companhia aérea de segunda linha, tendo à sua disposição um *turbojet private*, recepcionado por uma comissária loura, que lhe fará companhia a bordo, tapete vermelho na pista, no embarque e no desembarque!” O *passa-sacolinha* vai se surpreender quando você, Antônio Péricles, desconsiderando olímpicamente o convite, o cumprimentará pela vitória e, em seguida, emprestando à voz a máxima indiferença que conseguir, vai declinar da proposta, alegando que os ideários dos dois partidos são diametralmente opostos, inconciliáveis, razão pela qual você não vê viabilidade política para formação de uma coligação partidária entre duas agremiações de ideologias e princípios tão antagônicos. Ao receber essa segunda raquetada, o grandessíssimo safado do Belmironeide Mariano, se é que eu conheço bem aquele pastoreca de bordel, vai refutar, com elegância, as alegadas, e nunca discutidas, divergências ideológicas entre os dois partidos, e imediatamente propor, em termos mais ou menos equivalentes a “Você vem até aqui a Brasília, traz as propostas que a direção do Pecolab considera minimamente essenciais para que sejam incluídas como compromisso de governo, e, aí sim, vamos avaliar, conjuntamente, se somos tão inconciliáveis assim...”, ou coisa que o valha. Nesse momento, Antônio Péricles, você fingirá ainda não ter tratado do assunto com a direção do Pecolab, e o pastoreca ladrão, do outro lado da linha, também fingirá acreditar nisso. Você dirá, então, precisar de mais tempo para levar e discutir a proposta com a Executiva do seu partido. Nesse momento da conversa, o *Camaleão Anfíbio Dourado* (parece até que eu estou vendo o baba-ovo, ao lado do *passa-sacolinha*, escutando a ligação pelo viva-voz, fazendo aquela cara que deveria ser obrigada a usar cueca, tão obscena ela é), comentar, baixinho, com o chefinho: “Bingo!” Para arrematar essa conversa de formiga com tamanduá (formiga você, tamanduá ele), o pastoreca sem-vergonha vai lhe alertar que só poderá esperar a resposta até o dia 15 de outubro, tendo em vista o prazo concedi-

do pelo TSE para registro de novas chapas, além de outras abobrinhas e filigranas que dirá para conferir pressa à decisão. Você dirá a ele, então, que em 72 horas retornará a ligação, propondo ir até Brasília, sob as expensas do Pecolab, obviamente, para lhe comunicar a resposta, pessoalmente. Com essa resposta, o pastoreca e o seu descaradíssimo conselheiro político saberão que a coisa vai ser difícil, mas tem jogo. É isso, meu filho, mais ou menos, o que presumo vá acontecer nas próximas horas, com alguma margem de erro, conhecendo aqueles dois filhos-da-puta, como eu conheço, de longa data. Você gostaria de fazer alguma pergunta, ou comentário, Antônio Péricles? – indagou o líder inconformista, concluindo seus aconselhamentos para o presidente do Pecolab.

– Não senhor, para mim está tudo claro: só falta aguardar e conferir. Manterei contato tão logo tenha alguma novidade. Posso ligar de madrugada para o senhor?

– Claro, o Miltão e seus colegas carcereiros me tratam muito bem aqui no presídio. Minha filha, quando me visita, vira e mexe traz umas garrafas de cachaça mineira de presente, lá de Bom Despacho, daquelas boas, para ele e para a turma dele. É um alvoroço desgraçado quando ela chega aqui com as *branquinhas* na mão!

Entrementes, no Palácio do Planalto, em Brasília, o bispo Miron Marian, acompanhado do ministro Pernambuco Natanael, ambos segurando taças de champanha – tinham acabado de sair de uma festa de confraternização, realizada no *hall* do Palácio – ingressaram, sozinhos, no gabinete de trabalho do presidente da República.

– Você acha mesmo, ministro Natanael, que devo ligar para o Antônio Péricles ainda hoje? Os boletins do TSE ainda não informaram a conclusão das apurações... – ponderou o bispo Marian, sentando-se na cadeira presidencial, olhos voltados para o aparelho de TV, em frente à secretária.

– Decerto, senhor presidente, acho profundamente oportuno. A vitória do senhor no primeiro turno já são favas contadas, não há que temer nenhuma surpresa de última hora, apesar de o

senador Boaventura exercer forte influência política no norte e no nordeste do país. Para azar dele, e sorte nossa, a maior concentração de redutos eleitorais do PNV está no sul e no sudeste, justamente os votos que ainda faltam ser apurados e totalizados.

O bispo Marian, ressumando semblante misto de temor e de ufania triunfalista, endireitou o camafeu (que exibia as armas da República), preso no colarinho plástico do seu impecável *slack-dólmã* cáqui, retirou um espelho de uma gaveta da secretária, ajeitou as laterais dos cabelos, cuidadosamente tratados, com os dedos das mãos, umedeceu a ponta do dedo mindinho na língua, passou-a sobre as sobancelhas, e soltou um suspiro:

– Está bem, ministro Natanael, essa ansiedade acaba me matando do coração: peça para a dona Edeltrudes fazer a ligação para o homem.

– Ainda são onze e meia, senhor presidente. Recomendo que aguardemos a hora grande. Acredite: nós, brasileiros, somos educados, desde a mais tenra infância, a temer e a respeitar essa hora mística, átimo de tempo fabuloso, reservado para as boas e as más notícias, hora fatídica que deixa qualquer brasileiro psiquicamente fragilizado quando atende a uma ligação telefônica. Compreender isso é também fazer política, senhor presidente!

– Está bem, ministro Natanael, vamos aproveitar esse tempinho, então, para repassar alguns pontos da nossa estratégia: oferecer um jatinho da Presidência da República, a essa hora da noite, para ir ao Rio de Janeiro, pegar e trazer o homem, não pode trazer problemas para nós? E se a imprensa favorável ao senador Boaventura descobrir?

– O benefício político advindo com a concordância do Antônio Péricles em vir até aqui será infinitamente superior ao custo político decorrente da exploração do fato pela imprensa adversária. O senhor é o presidente da República eleito, no uso dos direitos e prerrogativas constitucionais do cargo. Desde a Constituição Federal de 39 é assegurado ao presidente da República, candidato à reeleição, a continuidade, sem desimpedimento, do exercício pleno do cargo, permita-me lembrá-lo.

O bispo Marian permaneceu em silêncio, por alguns segundos, refletindo sobre as palavras do conselheiro político. Em seguida, batendo com a mão sobre uma das coxas, exclamou:

– Com efeito, ministro Natanael, o senhor está, mais uma vez, com a razão! Mas, e se o Antônio Péricles recusar o convite?

– Da oferta do jatinho ou da coligação?

– Do jatinho, homem. A essa altura da conversa telefônica ainda não deu tempo para formalizar o convite para a aliança partidária.

– Acho improvável ele rejeitar o convite para vir de jatinho a Brasília, ainda que o faça somente para dizer um rotundo não, com vistas, é claro, a tornar mais caro o preço da aliança, e barganhar mais poder para aceitar a coligação. Não devemos esquecer, senhor presidente, vamos ser francos: Antônio Péricles é um homem de cor, deficiente físico, de origem humilde, sindicalista, homem muito emotivo e sincero, chegado a rompantes logorréicos, suscetível a emoções que normalmente o levam às lágrimas, mesmo em palanques políticos! Já estudei a personalidade dele, seus hábitos e atitudes, com percuciência. Ele tem pouco controle emocional e padece, como todo brasileiro médio, de carências afetivas, provavelmente de infância, ainda não resolvidas. Só há uma hipótese para ele recusar o jatinho, embora isso não deva ser interpretado como uma recusa à possibilidade da coligação.

– E que hipótese seria essa, ministro Natanael?

– Ele ter conversado, ou ter feito consultas, sobre o assunto, com o professor Leodegário Saquarema.

– Mas esse homem está preso, ministro Natanael!

– O professor Leodegário Saquarema, apesar dessa infeliz circunstância, senhor presidente, ainda é o grande líder inconformista do Brasil! Nunca escondi do senhor minha discordância com a prisão dele, fato que o tornou um mártir, um ícone para os inconformistas brasileiros, e também para alguns inconformistas *cucarachas*, da América do Sul e do Caribe. Ele é o único preso político do Brasil!

– Mas o professor Saquarema não é um preso político, ministro Natanael! O homem, burramente, diga-se de passagem, incorreu em crime inafiançável, capitulado na Constituição Federal. O general Krammer procurou cercar-se de todas as cautelas jurídicas para conseguir colocar o homem na cadeia, e, aqui entre nós, o fez com muita competência, carregado de

razão: o velho inconformista e boquirroto, no seu poeminha canhestro, chamou os militares do Exército, da Marinha e da Aeronáutica de viúvas da *Redentora*, de filhotes de ditaduras, de colegas dos bicheiros, estatizados pela loteria federal, com quem dividem a condição de funcionários públicos da União!

— Não importa, senhor presidente. O professor Leodegário Saquarema é um intelectual que foi preso por ter cometido o crime de escrever um poema, esta é a avaliação do episódio feita pela maioria da sociedade brasileira, coincidente com a da opinião pública estrangeira.

— Não seja por isso: posso indultá-lo, comutar a pena, ou seja lá o diab..., perdão, ministro, foi involuntário, que os regulamentos e os juristas nos recomendem fazer para libertar o homem. Por certo auferiríamos dividendos políticos com essa decisão!

— E os militares, senhor presidente? Por certo não concordariam com essa decisão. Havia gente de alta patente que defendia, inclusive, o fuzilamento do homem, em praça pública!

— Ora, os militares. Eles, como quaisquer outros, também gostam de comer o seu pirãozinho. Convoco, para uma reunião no Palácio, o general Krammer, os almirantes Wanderklink e Verdesmares, e o brigadeiro Vilela, anuncio um aumento geral de soldos e proventos, prometo reaparelhar as Forças Armadas, crio umas empresas estatais para substituir esses incompetentes concessionários públicos privados, e distribuo, equitativamente, diretorias e presidências, entre militares da reserva remunerada, e estamos conversados, ministro!

— Temo que a liberdade do professor Leodegário Saquarema seja um dos pontos que o Pecolab exigirá, para fazer aliança política com o PNV para o segundo turno, senhor presidente.

— Que seja, então! Indulto-o no Natal, ainda este ano, e ofereço a liberdade dele como presente de Papai Noel para o Pecolab, e para toda a caterva de inconformistas *esquerdóides* deste país!

— Sim, alô! Antônio Péricles no telefone. Como vai, senhor presidente?

— Estou tentando falar com você, Antônio Péricles, há quase duas horas, mas todos sabemos muito bem a porcaria que é esse serviço telefônico, privatizado em fins do milênio passado! Nem no gabinete do presidente da República esses aparelhos infames funcionam! Como vai a família, dona Maria da Conceição e as crianças? Estimo que todos estejam gozando de plena saúde. Antônio Péricles, vou direto ao ponto: tendo em vista os resultados das eleições, cuja apuração está concluída pelo TSE, sinto-me liberado e em condições para conversar com você, com a maior urgência possível, sobre um assunto que a mídia tem veiculado com muita frequência, e sobre o qual eu próprio jamais fiz segredos, inclusive fiz questão de me pronunciar, publicamente, no último debate dos candidatos na TV. Tenho aqui, agora, estacionado na pista da base aérea de Brasília, um *turbojet* da Presidência da República, pronto para decolar e ir pegá-lo no Rio, e levá-lo de volta para casa, no horário de sua conveniência, para que eu possa, de viva voz e corpo presente, formalizar o convite, meu e do PNV, para que você seja o candidato a vice-presidente da República, em chapa coligada PNV/Pecolab, para o segundo turno das eleições. Você aceita?

— Senhor presidente, gostaria de expressar minhas congratulações por sua vitória nas eleições, no primeiro turno. O poder, quando conquistado pela vontade soberana do povo, no voto das urnas, reveste-se de sagrada legitimidade e inquestionável autoridade. Embora derrotado, mais uma vez, entendo que quem ganhou foi a democracia e o povo brasileiro, ao sufragar nas urnas sua vontade soberana. Parabéns! Quanto ao honroso convite formulado por Vossa Excelência, permita-me dele declinar em razão de não enxergar viabilidade política na coligação entre o PNV e o Pecolab, agremiações político-partidárias que guardam profundas diferenças ideológicas, são historicamente antagônicas, têm propostas de governo diametralmente opostas, diria mesmo que inconciliáveis.

— Meu caro Antônio Péricles: meus inimigos políticos, se é que os tenho, provavelmente são apenas adversários de forma de ver o mundo, podem me acusar de muitos defeitos; contudo, reconhecem, e creio você estar entre esses opositores sinceros, o

cumprimento da minha palavra empenhada. Vou, de novo, direto ao ponto: você vem aqui a Brasília, traz as condições e as propostas que o Pecolab considera indispensáveis, minimamente essenciais, requisitos para concretização da coligação PNV/Pecolab, para serem consideradas como compromissos de governo, e, aí sim, vamos avaliar, conjuntamente, se somos tão inconciliáveis assim. O que você me diz?

— Senhor presidente: jamais tratei ou discuti esse assunto com a Executiva do Pecolab, sequer com meus companheiros mais chegados de partido. Ainda que eu, *in pectore*, discorde da coligação proposta, precisaria de tempo para levar o assunto à apreciação da Executiva do Pecolab, realizar consultas às bases, cumprir os ritos e procedimentos que o senhor tão bem conhece, homem de partido que é.

— Nós, do PNV, somos mais práticos que vocês do Pecolab: entregamos tudo nas mãos de Jesus Cristo: Ele agiliza nossos canais decisórios, racionaliza nossos procedimentos, harmoniza nossas idéias. Provavelmente, por isso, vencemos eleições!

— É provável, senhor presidente. Nós, do Pecolab, desafortunadamente, entendemos que não devemos ocupar Jesus Cristo com nossos problemas, tão atarefado e assoberbado Ele deve estar com os dramas e tragédias sociais deste planeta. Talvez constitua um preconceito do nosso partido prescindir de tão ilustre assessoria, contrariamente ao que faz o PNV.

— Facécias à parte, meu caro Antônio Péricles, retornemos ao busílis da questão: hoje, deixe-me ver, já passam vinte minutos da meia-noite, estamos em pleno dia 7 de outubro, a exatos trinta e nove dias das eleições do segundo turno. Tenho até o dia 15 de outubro para decidir a composição da chapa com a qual concorreremos às eleições. Julgo ainda existir algum tempo, apertado, reconheço, embora factível, para que o Pecolab possa analisar e elaborar, com profundidade, uma proposta conjunta de plano de governo, com vistas a uma coligação com o PNV. O que você acha a respeito?

— Comprometo-me com Vossa Excelência a levar o assunto, ainda hoje, à consideração da Executiva do Pecolab. No decorrer da semana que se inicia amanhã, domingo, o partido terá, ainda que precariamente, condições de avaliar o convite do PNV.

Antes do dia 12 de outubro, feriado, retornarei a ligação para Vossa Excelência. O senhor pode contar com a minha palavra.

O doutor Artemidoro enfiara um CD de chorinhos de Ernesto Nazareth no aparelho de som instalado sobre o piso de tacos do seu gabinete de trabalho. Deixou o volume bem baixinho, deitou-se na rede, e preparou-se para responder à indagação de Lázaro das Dores – a aguardá-lo, estirado na rede oposta, para o início da sessão – sobre a eventual influência, nos sonhos, dos sons, cheiros ou luzes que ocorrem no ambiente, enquanto dormimos. A pergunta – Lázaro justificara – viera a propósito da lembrança que ele tivera, na última sessão, da ocorrência de tiros em seu sonho recorrente, suscitada a partir do cheiro de pólvora do fósforo riscado pelo médico.

– Burdauch, médico cientista do passado, descobriu que, mesmo no sono, a alma está em constante contato com o mundo extracorporeal. Sua indagação tem fundamento, senhor Lázaro: a ocorrência de ruídos característicos, cheiros pronunciados, luzes incidentes sobre os olhos, enquanto dormimos, provocam, nos sonhos, imagens oníricas correspondentes. Exemplo: se, durante o sono, enfiarmos a cabeça debaixo do travesseiro, geralmente sonhamos estar debaixo de uma pedra gigantesca, prestes a nos soterrar; os cardíacos costumam ter sonhos curtos, quase sempre com fins assustadores no momento de despertar: são sonhos que revelam angústias sofridas pelo indivíduo no estado de vigília. Um paciente relatou-me que sonhara ter sido seqüestrado: estava amarrado na própria cama, quarto imerso na escuridão, enquanto o seqüestrador, que ele não conseguia enxergar as feições, ficou sentado no chão, ao seu lado, cigarro aceso preso entre os dedos, durante toda a noite. Quando despertou, com a claridade da manhã iluminando o quarto, riu-se muito: a ponta do cigarro aceso nada mais era que uma espécie de espiral defumador, para matar mosquitos, que ele próprio colocara sobre o piso, e cuja ponta queimara, lentamente, durante a noite.

– E como se dá isso, doutor? Como se explica o fenômeno

de o mundo exterior, durante o sono, influir no material ideacional dos sonhos? – indagou Lázaro, demonstrando interesse crescente no assunto.

– São alucinações hipnagógicas, isto é, fenômenos visuais imaginativos. Logo que adormecemos, num quarto escuro, temos excitações retinianas intra-oculares, diferentes das fontes de estímulo para os sonhos, que ocorrem imediatamente antes do despertar, com a luz da claridade da manhã que penetra nos olhos – respondeu o médico.

– Sei que com essas perguntas, mais de repórter curioso que de paciente, não o estou ajudando muito, doutor. Atrapalho a terapia, com essas indagações?

– Não, apenas a prolonga. Objetivamente, o senhor poderia satisfazer todas essas curiosidades lendo *A interpretação dos sonhos*, do doutor Sigmund Freud. Nesta obra o senhor encontrará, com muito mais exemplificações e detalhes, toda a teoria científica sobre a matéria.

– Posso satisfazer uma última curiosidade, doutor? Sempre tive sobre os sonhos um julgamento, digamos, não muito sério. Considero-os devaneios, loucuras imaginadas sem censura, alucinações despropositadas que não teríamos coragem de viver em estado de vigília. Por que, então, essa material fantástico é tão importante para a psicanálise? – indagou Lázaro, tendo ao fundo o som de *Odeon*, tocado pelo piano de Ernesto Nazareth.

– O material ideacional dos sonhos é importantíssimo para a terapia de patologias psíquicas, senhor Lázaro, desde as mais leves até as mais severas. Em primeiro lugar, é preciso ficar assente: o que caracteriza o estado de vigília é o fato de que a atividade do pensar ocorre sob a forma de conceitos, e não sob a forma de imagens. Já os sonhos, pensam, essencialmente, por meio de imagens. Os sonhos dramatizam uma idéia, parecemos não pensar, mas ter uma experiência, atribuindo, durante o sonho, completa crença nas alucinações. Ao despertarmos, ficamos com a sensação crítica de que não tivemos nenhuma experiência, que estivemos apenas pensando de uma forma peculiar, isto é, sonhando. É esta distinção que diferencia os sonhos dos devaneios, que nunca se confundem com a realidade. O sono significa um fim da autoridade do eu. Perceba: os sonhos são

quase sempre desconexos, admitem as mais despropositadas contradições sem qualquer objeção, desconsideram aspectos que, para nós, têm grande importância na vida de vigília, e nos revelam como seres imbecis, éticos e morais. Se falássemos, na vida de vigília, como falamos nos sonhos, nos julgariam seres apalermados, débeis mentais. Cícero afirmou que *nada se pode cogitar de tão despropositado, tão confuso ou tão monstruoso que não o possamos sonhar*.¹ Fechner afirmou, a respeito de como as pessoas se comportam nos sonhos: “É como se a atividade psicológica tivesse sido transportada do cérebro de um homem sensato para o de um idiota.”

— Nos tornamos, por essas razões, mais puros nos sonhos?

— Não, pelo contrário. A consciência parece ficar silenciosa nos sonhos, embora a natureza moral da pessoa persista. Nos sonhos, não sentimos nenhuma piedade pelos outros, e podemos cometer os piores crimes, com completa indiferença, sem que fiquemos com quaisquer sentimentos de remorso — respondeu o médico, ao som de *Apanhei-te, cavaquinho!*.

— E para que sonhamos, então?

— Os sonhos são uma proteção contra a enfadonha monotonia da vida, senhor Lázaro. Eles libertam a imaginação de suas correntes, ridicularizam e quebram a rígida gravidade dos adultos com o brinquedo alegre das crianças. Isso é saudável: sem sonhar envelheceríamos mais cedo; os sonhos são uma dádiva, um bálsamo para as nossas duras vidas cotidianas. Muito bem, senhor Lázaro, terminemos com essa teoria por hoje, e voltemos ao seu caso. Peço que me narre, mais uma vez, o seu sonho recorrente.

— Outra vez, doutor Artemidoro? Será a quinta vez que o farei!

— Senhor Lázaro, acredite-me, não tenho o propósito de aborrecê-lo, tampouco de vencê-lo pelo cansaço. O doutor Freud alertava que o maior amante da verdade, e isso é da natureza humana, dificilmente consegue relatar um sonho sem mascará-lo, sem acrescê-lo, sem cometer omissões. A tendência humana de ver tudo ordenado e coerente é tão marcante, que a

¹ “*Nihil tam praepostere, tam incondite, tam monstruose cogitari potest, quod non possitius somniare.*” (*De Divinatione*, II, LXXI, 146)

memória é capaz de rearranjar as incoerências de um sonho incoerente. A pólvora do fósforo queimado, na sessão passada, evocou-lhe a lembrança de que as explosões relatadas nas primeiras versões do sonho, foram, na verdade, tiros de uma pistola. Peça que faça um esforço de memória, concentre-se nesse trecho do sonho e fale-me o que lhe vier à mente.

Lázaro cerrou as pálpebras, retomou a massagem dos pés descalços no fundo da rede, deixou-se enlevar pela melodia harmoniosa do piano de Nazareth, concentrando-se na recordação do sonho.

— No interior da turbolimusine em movimento, cercada por turbomotoqueiros, cerca de uma dúzia de pessoas, eu entre elas, conversavam animadamente. Pelas janelas do veículo era possível enxergar o mar, muito embaixo, distante; o dia estava nublado; o mar, pardacento; nuvens carregadas de chuva boiavam sobre as nossas cabeças; gaivotas planavam, paralisadas no ar, impotentes para vencer a força dos ventos contrários; o som de um *walkie-talkie* berrava ao meu lado; alguém, fardado, sentado nos bancos dianteiros, comunicava-se pelo aparelho, aos gritos; nesse ínterim os tiros pipocaram perto dos meus ouvidos; vi sangue, muito sangue, espalhar-se pela forração e pelo teto do veículo, um cheiro nauseante de pólvora... — Neste trecho, Lázaro interrompeu a narrativa, apertou as têmporas com as mãos, e descerrou os olhos. — Só consigo ir, hoje, até aí, doutor. Estou com uma forte dor de cabeça.

— Vou lhe dar um analgésico. Não se preocupe, foi o esforço de recordação a causa dessa cefaléia. Descanse, relaxe, fique um pouquinho na companhia de Nazareth, enquanto vou buscar um comprimido e um copo com água.

O carcereiro Miltão abriu o cadeado da porta gradeada de ferro, da sala de visitas para reclusos do megapresídio da Covanca VI, e por ela ingressou o professor Leodegário Saquarema. Sentados à volta da enorme mesa do recinto, cinco cidadãos, circunspectos, aguardavam a presença do líder inconformista: Antônio Pércles, Lázaro das Dores, Sepúlveda Lobão e dois car-

rancudos senhores: o metalúrgico Lenine da Estação Finlândia, presidente da Frente de Mobilização Revolucionária do Brasil (FMR do B), e o sindicalista (dos bancários) Cassiano Conceição, presidente do Partido Inconformista Brasileiro (PIB).

– Bom-dia a todos os senhores – cumprimentou-os Leodegário Ssquarema, com um sorriso sem jeito. – Folgo em revê-los, depois de tanto tempo, meus caros Lenine e Cassiano, companheiros de tantas lutas e jornadas. Agradeço suas presenças aqui, neste lugar tão infeliz, de recordações que gostaríamos de varrer das nossas memórias... – disse o líder inconformista abraçando os presidentes do PIB e da FMR do B, que haviam se levantado das cadeiras para cumprimentá-lo, sem desfazer as expressões severas.

– Espero que ninguém aqui repise a piada, de mau gosto, dos conformistas do passado, que nos tripudiavam pelo fato de as esquerdas brasileiras só conseguirem se reunir na cadeia... – advertiu o metalúrgico Lenine da Estação Finlândia, um velhinho ainda rijo, de alvíssimas cãs, rosto engelhado e pele tostada, voltando a sentar-se.

– Vocês aceitariam um café, uma água gelada? Miltão, meu filho, providencia para o tio Leo três garrafas de água mineral gelada, sem gás, e uma garrafa térmica com café, e uns copinhos de plástico, faça-me esse obséquio, por favor – pediu Leodegário Ssquarema ao carcereiro.

Miltão assoviou para um ajudante penitenciário, transmitiu a encomenda, e voltou a sentar-se na mesinha perto da porta de saída, retomando a leitura de um jornal. Ssquarema retomou a palavra:

– Meus caros, pedi ao Antônio Péricles que os convidasse para esta reunião, lastimando a circunstância de local e ambiente tão deprimentes, para que pudéssemos discutir um assunto que reputo da maior importância para todos os brasileiros, sejam eles *inocupacionais*, desassistidos pelos poderes públicos, espoliados, pobres, miseráveis, excluídos, analfabetos, sem-terra, sem-casa, sem-comida, sem-emprego, ou até mesmo os infelizes que sufragam nas urnas, há séculos, os seus próprios algozes. Enfim: para os brasileiros por quem sempre lutamos, à luz da nossa ideologia, princípios e crenças do ideário inconformista. Vou

poupá-los de historiar as circunstâncias e motivos, todos do conhecimento dos senhores, amplamente noticiados pela mídia, que levaram o Partido da Purificação da Nova Vida (PNV), vitorioso nas eleições de primeiro turno, a convidar o presidente do Pecolab, aqui presente, para candidatar-se ao cargo de vice-presidente da República, em chapa coligada PNV/Pecolab, com vistas às eleições do segundo turno. A par da repugnância, desprezo, constrangimento moral, repúdio ético, ódio, diria mesmo o profundo nojo que sempre nutri pelo PNV e, principalmente, por essa pústula desprovida de caráter que é o *passa-sacolinha* Belmironeide Mariano, julgo que vale a pena considerar, analisando a história deste país nos últimos cinquenta anos, a oportunidade política que se nos apresenta, não para alimentar pueris vaidades pessoais recalcadas, ou sublimar frustrações represadas por tantos anos de derrotas eleitorais sucessivas nas urnas: não! O que o destino está nos reservando é uma possibilidade concreta, única na história do Brasil, desde o advento da República, de os inconformistas poderem efetivamente interferir, substantiva e concretamente, nos planos de governo deste país, com nossas idéias, propostas e medidas de salvação nacional, com vistas à elevação do padrão de vida e da dignidade do povo brasileiro! Esta é a hora, companheiros, ainda que as circunstâncias nos obriguem a tapar os narizes!

– Mas, professor Saquarema – interveio Cassiano Conceição, do PIB, um cinquentão de tez clara, faces pálidas, contrastando com o cabelame negro que lhe caía sobre a testa –, o que o faz tão seguro e confiante de que o PNV colocaria em prática, efetivamente, os compromissos de governo por nós propostos, caso a coligação fosse eleita?

– A fiscalização do Parlamento Europeu! A auditoria do Eurobank, ambos preocupados com os vultosos empréstimos que nos seriam concedidos! Nosso comando da política monetária do Brasil, por meio do controle de um Banco Central, de atuação efetivamente independente! Tais compromissos de governo, Cassiano, poderiam ser registrados em cartórios, em âmbito nacional e internacional, no Tribunal de Haia, na ONU, até no Vaticano, se assim entendermos! – respondeu Saquarema.

– E o que o faz pensar que o PNV aceitará todas as impo-

sições do Pecolab, assegurando que elas sejam inclusas e compromissadas no plano de governo? – indagou o presidente da FMR do B.

– Diabos, Lenine! Você não percebe? O país está na bancarrota! Em concordata moral e financeira no concerto das nações! O Brasil não conseguirá sair dessa situação sem ajuda internacional! O mundo está todo globalizado: exportadores e importadores confundem-se com credores e devedores; os EUA e o Parlamento Europeu, os blocos mais ricos, detêm a primazia de, por decisão dos grandes capitais transnacionais apátridas, escolherem, a seu bel-prazer, as nações que devam receber os maiores e os menores investimentos produtivos. O PNV e o *passa-sacolinha* Belmironeide Mariano sabem disso, não têm opção: ou cumprem o que o FMI, Parlamento Europeu e o Eurobank determinam, ou vão ficar à míngua, nessa briguinha de *igrejas-partidos* para arregimentar e pastorar legiões de crentes esfaimados! Você sabe muito bem, Lenine, que de barriga vazia, e sem perspectiva de enchê-la, até o mais obsessivo e alienado dos crentes é capaz de jogar tudo para o alto, até a fê em Jesus Cristo! E, aí, meu filho, quando isso acontecer, babau! Essas *igrejinhas-partidos* começam a entrar em colapso, e uma nova ordem de liderança lhes toma o lugar. É desta ameaça que os *passa-sacolinhas* nutrem medo, pânico! – respondeu Saquarema, exaltado.

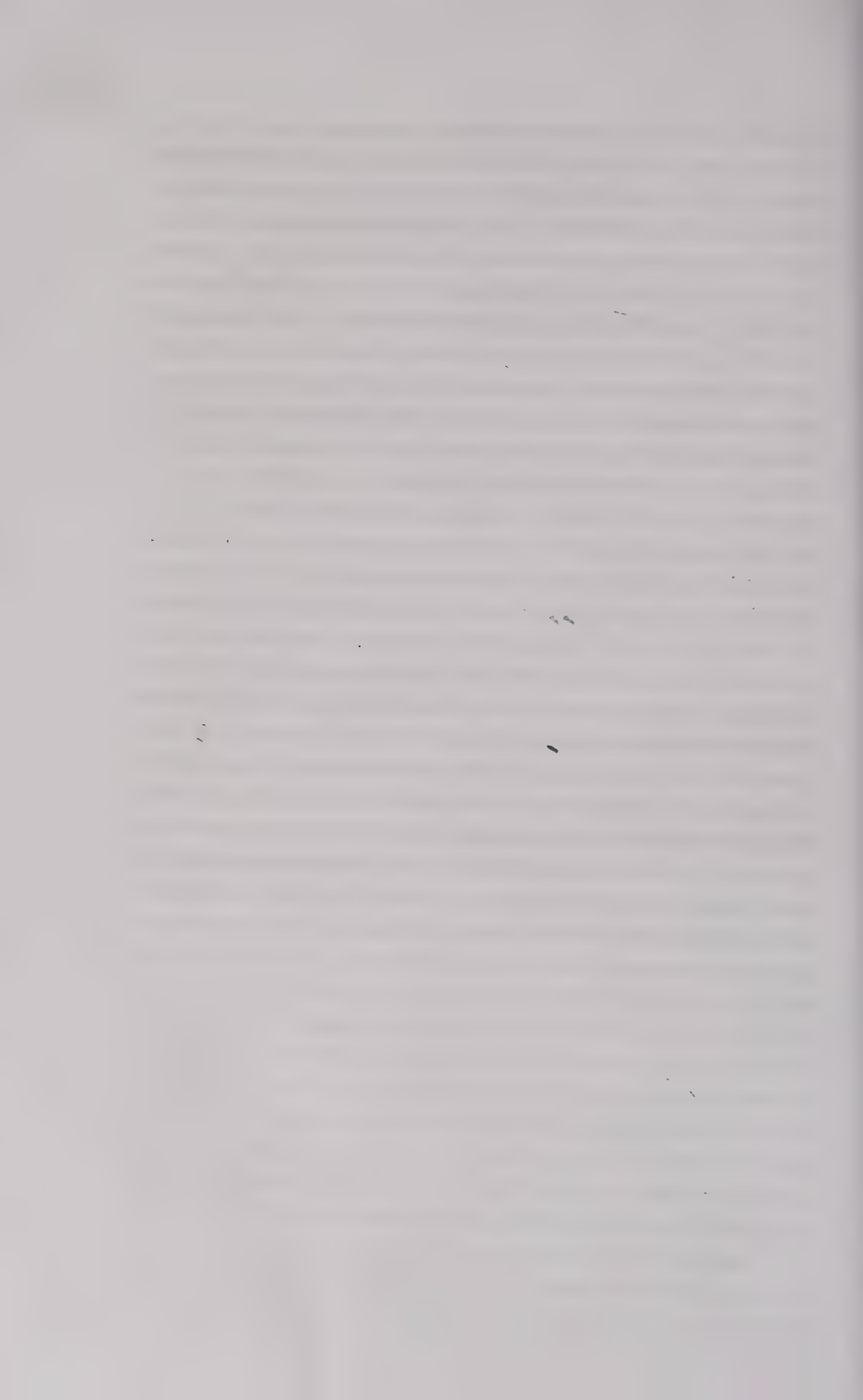
– Muito bem, Saquarema – redargüiu o metalúrgico Lenine da Estação Finlândia –, eu, e creio que falo pelo Cassiano também, estamos aqui atendendo a um pedido seu, e só comparecemos a esta reunião por essa exclusiva razão: pela grande consideração que temos a você. Você sabe muito bem que nós, da FMR do B e do PIB, jamais conseguimos sequer terminar uma reunião com os partidários do Pecolab que não fosse interrompida por brigas, cadeiradas, escândalos, e até com a intervenção da gendarmaria nacional, para nosso profundo desgosto. Dizem que temos afinidades ideológicas, mas confesso que desconfio muito disso: enquanto tento defender os interesses dos metalúrgicos brasileiros, cuja população é cada vez mais constituída de robôs industriais, e o Cassiano luta pelos bancários deste país, em quase sua totalidade representados por telas de microcomputadores, vocês do Pecolab ainda defendem o trabalhismo

getulista e a ecologia, institutos fantasmas, há muito extintos. Por que motivos, Saquarema, você, a quem tanto respeitamos e prezamos, nos pediu para vir até aqui? Para que a FMR do B e o PIB avalizem, legitimem, enfim, coonestem essa aventura política maluca que o Pecolab, pelo visto, pretende empreender com o PNV?

Leodegário Saquarema levantou-se da cadeira, preparando-se para peripatetizar, enquanto um ajudante penitenciário servia água mineral gelada e cafezinho para os presentes. Antônio Péricles, Lázaro das Dores e Sepúlveda Lobão – este, soltando as indefectíveis argolinhas no ar com a fumaça do cigarro – mantinham-se sentados, em silêncio, cientes de que ali estava acontecendo lavagem de roupa suja do passado, “briga de cachorro grande”: quem se metesse saía mordido. Quando o ajudante penitenciário ausentou-se da sala, Leodegário Saquarema passou a mão sobre a grenha grisalha que lhe caía sobre a testa, cruzou as mãos para trás, e respondeu:

– O histórico e eterno erro das esquerdas brasileiras, meus caros, foi sempre cometer a estupidez de pugnar-se entre si, notadamente às épocas de eleições, quando as alianças políticas eram o caminho mais inteligente e estratégico para enfrentar as hostes conformistas. O que nos salta aos olhos, examinando a trajetória do inconformismo brasileiro, sem paixões, desde meados do século passado, desde o Estado Novo getulista? Fogueiras, fogueirinhas e fogueirões de vaidades! Jamais nos unimos, pelo contrário: sempre nos preocupamos, as mais das vezes, em estabelecer fronteiras, divisórias, limites, para clivar nossas práticas político-partidárias, galvanizar nossas sutis diferenças ideológicas. O Brasil, companheiros, caso único no mundo, chegou a ter, em passado não tão remoto, três partidos comunistas (PCB, PC do B e PPS) e o Partido dos Trabalhadores (PT), uma das origens do Pecolab, chegou a computar mais de duas dezenas de alas e dissidências internas, para grande escárnio e regozijo de nossos adversários políticos comuns: os conformistas, sempre conchavados e unidos entre si, somente antagônicos na hora do butim, da partilha, na hora de decidir para quem ia o filé mignon, para quem ficava a carne de peixe. Nesse momento histórico que vivemos, companheiros Lenine e Cassiano, não lhes estou con-

citando a negociar poder ou cargos políticos com o Pecolab, mesmo porque o partido, com a coligação, não terá autoridade hierárquica no governo do PNV, caso a chapa seja vitoriosa. Estou, sim, humildemente, com o espírito desarmado, olhando para o povo sofrido, espoliado e manipulado deste país, pedindo que o PIB e a FMR do B participem conosco da formulação das exigências e condições que apresentaremos ao PNV, ajudando-nos a conceber uma plataforma mínima e estratégica de compromissos de governo, que consulte os interesses políticos, econômicos e sociais do povo brasileiro, com vistas a não deixar passar essa oportunidade de contribuir para o progresso e melhoria de vida de nossos concidadãos. Tapemos o nariz, aprendamos a conviver, para mais tarde derrotá-los, com a humilhação de participar de um governo constituído por gente sem escrúpulos, já que este é o preço para que salvemos o nosso povo de outra desgraça coletiva que se avizinha. Os militares brasileiros, saudosos do poder, estão há sessenta anos fora dele, mobilizam-se nos quartéis, prontos para assumi-lo, a qualquer momento, pela força das armas. Sabem-se eles ruins de urnas, razão pela qual são mais chegados a quarteladas para tomar o poder. Depois que dão o golpe militar, convocam a caterva de políticos civis, mais afeitos a ditaduras do que a regimes democráticos, para lhes auxiliar; seduzem juristas bajuladores, para revestir de miçangas jurídicas a ditadura que vão implantar; criam instituições e institutos políticos de arremedilho; batizam isso tudo de revolução, e estamos todos conversados. Não podemos deixar que isso aconteça de novo com este país!



11

— **C**REIO QUE, ENFIM, ALCANCEI A PERFEIÇÃO LITERÁRIA a que sempre me propus atingir, Lázaro! — exclamava Astrid Junqueira no telefone, emocionadíssima. — Preciso mostrá-la a alguém: faço questão de que seja você a primeira pessoa a vê-la, folheá-la, senti-la! Acabei de concluí-la, há uma hora, depois de mais de um ano de trabalho insano, de fins de semana sem lazer, de noites insônes, dela escoimando impurezas, desbastando excrescências, expurgando repetições, eliminando frases, aplainando parágrafos, removendo capítulos inteiros, na busca incessante e obsessiva de uma obra literária consentânea com os valores do povo brasileiro dos nossos tempos!

— Parabéns, Astrid! Que coisa boa de se ouvir, no meio do inferno que está, hoje, a redação deste jornal. Você não está ouvindo a balbúrdia que está isso aqui?

— Estou. O que está havendo por aí? Aconteceu alguma coisa importante?

— Aconteceu, Astrid, algo inimaginável, em se tratando de Brasil.

— O que foi?

— Os partidos inconformistas acabaram de fechar um acordo histórico e vão apoiar a coligação PNV/Pecolab para o segundo turno! Estamos preparando a primeira página para uma edição extra!

– Ora, veja: até que enfim! Sempre ouvi falar que os inconformistas só se reuniam na cadeia, e mesmo assim para distribuir tarefas entre os reclusos. Fulano: aula de marxismo, todas as manhãs; beltrano: teoria de guerrilha urbana, dia sim, dia não, às tardes; cicrano: socialismo, experiência cubana, aos sábados; Zé das Couves: seu dia de limpar os banheiros...

– Não seja cruel, Astrid. Deixe os inconformistas em paz e fale-me um pouco mais sobre essa obra-prima que você acabou de concluir.

– É uma surpresa, Lázaro. Quero que você mesmo a avalie, e seja a primeira pessoa a emitir um julgamento sobre ela.

– Confesso que estou um pouco surpreso: você ainda não me havia falado sobre essa obra. Nem sabia que estava há tanto tempo trabalhando nela. É um romance?

– Também é.

– Também é? O que significa isso?

– É romance, conto, ensaio, novela, poesia, crônica, tese, memorial, manifesto, enfim, é, ao mesmo tempo, uma síntese de todas as formas de composição literária!

– Interessante, não sei como você conseguiu isso. Estou curioso: qual é o título?

– !

– Não ouvi, Astrid.

– O título não tem fonema que possa expressá-lo, Lázaro: não posso traduzi-lo num som fonético. Só vendo.

– Como assim, Astrid?

– Escuta aqui, Lázaro: trata-se de obra que pretendo revolucionária, e como tal não pode ser explicada de forma convencional, tradicionalista. Pelo que sabemos, acharam *Ulisses* uma porcaria quando Joyce o lançou. Logo depois, foi considerada a obra literária do século XX! Acho que (estou fazendo o impossível para não parecer presunçosa!), guardadas as devidas proporções, este meu livro causará, aqui no Brasil, impacto semelhante ao que ocorreu, em 2031, com o lançamento dos dois livros póstumos do Trajano Hipólito, *O manifesto esotérico* e *Memórias de um autólatra autofílico*.

– Mais conhecidos, aqui na redação, como *O manifesto de exercícios literonistas* e *Memórias de um autônimo apatetado*.

– Não seja cruel, Lázaro. Cada um daqueles livros vendeu mais de um milhão de exemplares, só no Brasil. Quem inventa essas zombarias e desdenha do pujante mercado brasileiro de obras esotéricas e de auto-ajuda são *intelectualóides* recalcados e preconceituosos, que mal conseguem vender uma primeira edição de três mil exemplares! Esse deboche tem origem e nome, Lázaro: inveja! Quase um terço dos autores brasileiros de livros esotéricos e de auto-ajuda vivem exclusivamente da literatura que produzem, como eu. Que gritaria é essa que está acontecendo aí?

– Recebemos a notícia, aqui na redação, de que todos os partidos conformistas acabaram de fechar acordo e vão apoiar o PUCB, do senador Boaventura, em oposição à coligação PNV/Pecolab.

Após manhã e tarde inteiras de agitação e de correrias, na redação de *A Gazeta Carioca* – os telefax das agências despejavam notícias sobre o segundo turno das eleições, em grandes quantidades –, Lázaro conseguira, enfim, reunido com o conselho editorial, fechar a primeira página da edição extra do jornal. Refestelou-se na poltrona de sua mesa de trabalho – entulhada de textos, fotos, edições de jornais concorrentes – e abriu o correio eletrônico do seu computador de mesa.

LÁZARO: PASSE AQUI EM CASA, AINDA HOJE, EM QUALQUER HORÁRIO!
QUERO COMPARTILHAR COM VOCÊ A MINHA ALEGRIA PELA CONCLUSÃO DA
OBRA QUE CONSIDERO O ÁPICE DA MINHA CARREIRA COMO ESCRITORA.
ASTRID.

Lázaro leu as outras mensagens, respondeu as mais urgentes, orientou o encarregado da edição sobre a chegada de eventuais notícias importantes de última hora, e levantou-se da mesa para sair da redação.

– *Lazarillo!* – gritou Bienvenido Pavan, esbaforido, entrando na redação. – *Tengo notición increíble! Fenómeno! Acabo de vender, por bom precio, um caserón de frente para la playa!*

– Parabéns, Pavan! Nos tempos que correm, vender um imóvel, aqui no Rio, é uma façanha! – elogiou-o Lázaro, enquanto fechava as gavetas da secretária. – Em que praia foi?

– *Eso es que es fabuloso, fantástico! En la playa de Ramos!*

– Você está brincando comigo, Pavan! Aquele lugar, há mais de um século, nem praia mais é: é esgoto pastoso e malcheiroso! Quem foi o idiota que caiu nessa maracutaia?

– *Una pareja de cónyuges europeos, recién casados.*

– Há gente idiota para tudo neste mundo! De que país é esse casal de pacóvios?

– *Lazarillo: prometa que não amonestará El Negrero! Los compradores son una pareja de viejos portugueses.*

– Você não tem vergonha, não, Pavan? Abusando da boa-fé de um casal de velhos? Com que cara-de-pau você se apresentou a esses pobres inocentes?

– *Fenómeno! Eso es que es fabuloso!* Vendi el caserón pela Internet, *Lazarillo!*

– O quê? Você se abasileirou com espantosa rapidez, Pavan! Para mim, chega por hoje de trabalho e de novidades! Até mais, Pavan! Ponha a mão na consciência, homem, e desfaza essa tramóia que você armou para o casal de velhinhos inocentes. *Vergüenza* na cara, Pavan! – desabafou Lázaro, contrariado, deixando a redação.

Lázaro dirigia seu turbocarro pela avenida Rio Branco, em direção à zona sul, com a intenção de passar no apart-hotel de Astrid Junqueira antes de ir para casa. A principal artéria do centro da cidade regurgitava de gente nas calçadas. Uma multidão de vendedores ambulantes disputavam-nas com os transeuntes, em ambos os lados da via pública. Como os espaços não eram suficientes para todos – somente os vendedores mais fortes mantinham pontos fixos nos locais de maior fluxo de transeuntes –, a maioria dos vendedores era constituída por crianças, velhos e deficientes físicos – *camelôs de trajeto*, como eram conhecidos – a gritar por seus produtos em incessantes ires-e-vires, da Cinelândia à praça Mauá, e vice-versa, acompanhando as correntes humanas de passantes.

Lázaro parara o veículo em um sinal de trânsito, em frente às ruínas históricas – cercadas por tapumes do Ministério do Desporto, Lazer e Cultura – do que um dia fora a Biblioteca Nacional, na Cinelândia. Um magote de meninos, adolescentes e velhos precipitara-se sobre os turbocarros parados no sinal, para mercar latinhas de refrigerantes e de cerveja, biscoitos de polvilho, jornais, balas, doces, caixinhas de lenços de papel, frutas da época, celulares de dez ligações, miçangas, cadeirinhas de praia, redes para dormir, cigarros, jornais e revistas, pequenas peças de vestuário e outras bugiarias. No meio da pequena multidão de vendedores que, aos berros, batia nos vidros fechados dos veículos, Lázaro identificou – para seu grande pesar e constrangimento – a filha mais nova de um antigo colega jornalista, o qual suicidara-se, depois de muito tempo desempregado. A jovem, uma adolescente de olhar perdido e desesperançoso, era empurrada por ambulantes e esmoleres, na disputa da atenção dos motoristas, enquanto tentava vender pulseirinhas e colares, feitos de carocinhos esmaltados de frutas. A cena suscitou-lhe, de imediato, a lembrança das duas filhas. “Teriam elas o mesmo futuro dessa pobre infeliz?”, indagava-se. “Que diabo de país era esse, cuja economia ufanava-se de alardear índices crescentes de produtividade, cada vez a desempregar mais e a empregar menos gente? Faltava pouco para anunciarem, com fanfarras, a prescindibilidade do trabalho humano! Acostumaram-nos a aceitar, a conviver com máquinas, computadores, *self-services*, robôs industriais, porteiros e recepcionistas eletrônicos, no lugar de seres humanos... Os bancos nem mais agências tinham, tudo era virtual: dinheiro, conta, depósitos, pagamentos... Mas a fome não se virtualizava!”, ruminava Lázaro para si, mãos presas no volante. O sinal vermelho abrira – à brasileira –, liberando os carros para o tráfego.

Enquanto dirigia pelas pistas do Aterro do Flamengo – vidros do turbocarro fechados, ar-condicionado ligado, para evitar os olores pestilenciais dos efeitos da cheia da maré na baía –, Lázaro refletia sobre as conseqüências da crônica crise de desemprego do país, a qual completaria cinquenta anos, desde a inserção da economia brasileira, em fins do milênio passado, no mundo das economias globalizadas: taxas crescentes de inocupa-

ção social; redução progressiva da massa salarial; excessiva informalidade (batizada de *flexibilidade*, pelos governantes) nas relações trabalhistas; perversa temporariedade dos empregos; velhice para o trabalho, considerada a partir dos 35 anos de idade; proletarização crescente da classe média; aumento progressivo das taxas de concentração de renda; esvaziamento e emudecimento do movimento sindical; entre outros maléficos efeitos econômicos e sociais. Os governos brasileiros, desde o início do terceiro milênio, não mais planejavam a economia do país tendo como fim colimado a população, e sim metas pós-neoliberais internacionais de desempenho econômico, índices de excelência capitalista, otimização de taxas de produtividade e de retorno dos capitais. O problema, gravíssimo, da distribuição de renda do país – que remontava aos primórdios da República –, não fora enfrentado por nenhum governo brasileiro, a sempre justificar a necessidade de perseverar na prática da estratégia econômica que a população havia batizado de “teoria do bolo com pouco fermento”.¹ Durante os primeiros quartéis do século XXI, a taxa de mortalidade infantil, no Brasil, só fizera agravar-se (62 natimortos por mil habitantes); o número de pobres, no mesmo período, atingira a cifra de 40% da população; a taxa de analfabetismo atingira vergonhosos 38%, a maior da América Latina. “E os caras-de-pau ainda haviam transformado dízimo em imposto! E a população aceitou, acarneiramente!”, grunhiu Lázaro para si, mal-humorado, parado em um sinal verde de trânsito, na praia de Botafogo.

Astrid Junqueira recepcionara Lázaro, na porta do apartamento, com um longo abraço e um beijo apaixonado.

– Estou emocionadíssima, querido. Talvez tanto quanto Michelângelo quando concluiu a estátua de Davi! – sussurrou-lhe no ouvido, enquanto o cingia nos braços. – Vou preparar uma bebida para brindarmos a isso.

¹ Política econômica lançada pelos militares e economistas da *Redentora* (1964-1985), que preconizava a necessidade de “primeiro fazer crescer o bolo da economia” (aumentando a poupança e concentrando a renda), para depois dividi-lo com a população.

Lázaro afrouxou o colarinho, baixou o nó da gravata e tirou o paletó, jogando-o sobre o sofá da sala.

– Tive um dia de trabalho exaustivo, Astrid. Estou aos tapas. Você há de convir: a união entre partidos inconformistas no Brasil é fato tão raro quanto honestidade entre banqueiros...

– Você nem avalia quanto tempo eu levei, e o quanto eu sofri, para engendrar esse livro, Lázaro... – devaneava a escritora, no bar, de costas para o amante, enquanto preparava as bebidas.

– ... e o que é mais incrível, Astrid: o Pecolab, o PIB e a FMR do B conseguiram fechar um acordo de dez pontos, como compromisso de governo da chapa PNV/Pecolab... – soliloquiava Lázaro, desatento à amante, refestelado no sofá.

– ... quase um ano, Lázaro! A arte, na literatura, não está na construção da escrita, e sim na desconstrução! A *Pietà*, não se deve olvidar, era um bloco amorfo de pedra-mármore antes de ser esculpida! Foi desbastando esse bloco, cortando-o, martelando-o, cinzelando-o, que Michelângelo forjou aquela obra-prima! Tal como na escultura, escrever com arte não é somente cortar palavras, como asseverava o poeta, no passado: é muito mais que isso! É necessário cinzelá-las, desbastá-las, verrumá-las, poli-las, aplainá-las, reduzi-las ao mínimo, de forma a perseguir...

– ... sem grandes discussões. Estou pasmo com a façanha conseguida pelo professor Saquarema, Astrid. Talvez, não sei, os tenha inspirado a circunstância de o acordo ter sido feito no interior de um presídio, quem sabe? A máxima, alardeada pelos conformistas, sobre a única possibilidade de reunião entre inconformistas, talvez tenha lá o seu viés de razão...

– ... na escumalha do ferro, do bronze, da pedra, das palavras, caídas no chão, jogadas no lixo, é que a arte surge como uma fênix, imortal, ressurgindo dos restos, das sobras, mínimas, admiráveis, feracíssimas...

– ... e eu deveria ter gravado aquele discurso do Saquarema, enquanto ele argumentava com o Lenine e com o Cassiano. Que palavras admiráveis! Dignas de um Cícero! De um Demóstenes! Quanta justeza de raciocínio, quanta lucidez!...

– ... sim, Lázaro, claro: lucidez também! A arte precisa ser lúcida! – concordou a escritora, retornando para o centro da

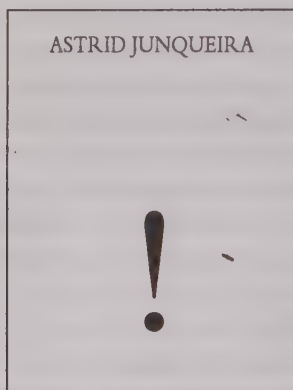
sala, com dois copos de uísque. — Inconcebível a literatura sem lucidez!...

— ... o quê? Ah, sim, Astrid! Claro! Literatura com lucidez! Não a concebo de outra forma... A propósito: e o livro?

— Estávamos falando dele até agora, ué! Vou lá no quarto buscá-lo: acabei de encadernar os originais, na gráfica da esquina. Prometi levá-los, amanhã, para a editora!

A escritora retornou do quarto com um cartapácio de 350 folhas A-4, encadernadas em uma fornida pasta. Estendeu-a a Lázaro, emocionada.

O jornalista pegou a pasta, com as mãos espalmadas, para lhe suportar o peso, e olhou, surpreso, para o título impresso na capa.



— Que tal o título? — indagou a escritora, coração aos pulos. Lázaro esboçou um sorriso desajeitado nos lábios:

— Agora entendi o motivo de ele ser impronunciável... É esse mesmo, o título? Um ponto de exclamação?

— Não é genial, Lázaro? Impossível título mais compacto, mais pós-moderno, mais terceiro-milenista para uma obra literária! É perfeito!

— Ele é impronunciável, Astrid! Como é que os compradores vão pedi-lo nas livrarias?

— Ora, que pergunta mais sem sentido, Lázaro! Eles vão perguntar, simplesmente: “Vocês têm o livro!, de Astrid Junqueira?”

Estupefacto, Lázaro esforçou-se para identificar, na contração facial feita pela escritora, o trejeito que representava, ou trazia, o título do livro.

— Astrid: você poderia repetir a expressão facial que fez para mimicar o título do livro?

— Claro! “Vocês têm o livro! de Astrid Junqueira?”

— Por acaso esse tremelique no lábio superior e nos cantos dos lábios, acompanhados desse arregalar de olhos, é a pantomima para pronunciá-lo?

— Você percebeu? Não é um charme?

Lázaro apoiou o calhamaço sobre os joelhos, abriu a capa, impressa em papel de 180g, e começou a folheá-lo. De início, percebendo as primeiras páginas em branco, imaginou estar sendo vítima de alguma brincadeira da escritora. Às ânsias, folheou com mais rapidez as demais páginas da pasta, à procura do início do texto, ou melhor, de alguma coisa escrita. Debalde fora a procura. Na centésima página em branco (sim, elas estavam numeradas!), Lázaro desistiu de folhear a pasta. Imaginando a expressão apatetada que deveria estar fazendo, abriu a última página, e verificou que ela também estava em branco, embora contivesse uma particularidade que a distinguia das outras: no centro da página estava impresso “FIM”, para agravo de sua estupefação.

Antes de emitir qualquer comentário que traduzisse seu estado de perplexidade, de pasmo absoluto, Lázaro procurou verificar se não teria ocorrido algum erro de impressão passado despercebido pela escritora, no embaraço da emoção. Para seu maior espanto, Lázaro constatou que as folhas ímpares continham o ! impresso no cabeçalho; nas folhas pares, o nome da autora.

— Astrid: esta pasta contém 350 páginas em branco! Isso é assim mesmo ou você não verificou o material que recebeu da gráfica? — indagou Lázaro, emprestando à voz a entonação mais polida possível.

— Lázaro! Liberte-se do seu convencionalismo burguês literário! Deixe voar a sua imaginação! Você tem às mãos o resultado do trabalho de purificação de uma obra que estava pejada de excrescências textuais, de excessos palavrosos! Muni-me de cinzel, martelo, facas e verrumas e procurei esculpir a obra máxima

da escola literária, da qual os intelectuais brasileiros afirmam eu ser uma de suas mais lúdimas representantes!

— Astrid, sem querer contrariá-la, longe de mim querer provocar polêmicas com você sobre literatura, mas você há de convir: uma obra literária precisa ter conteúdo explícito para ser entendida! Vá lá que na forma você desconstruiu, revolucionou, quebrou as regras tradicionais das técnicas narrativas, mas, objetivamente: de que trata este livro, Astrid?

A escritora arrebatou a pasta das mãos de Lázaro, indignada:

— Pela primeira vez o leitor terá a oportunidade de também ser autor, *in totum*, de uma obra literária! Pela primeira vez o leitor será convocado a, sob forma absolutamente revolucionária, de vanguarda, povoar as páginas de um livro com sua própria criatividade, com seus próprios personagens, suas próprias histórias, com as tramas extraídas da sua própria imaginação! O ! — careteou repetindo a contração facial — poderá ter infinitas leituras, e de um mesmo leitor! — exclamou, sacudindo a pasta com ambas as mãos. — Eu não tenho a menor dúvida que ! será um enorme sucesso literário! Todo brasileiro culto, informado, *up to date* com a cultura pós-moderna terceiro-milenista, vai querer tê-lo em sua biblioteca, Lázaro!

— Você já conversou sobre essa experiência literária de vanguarda com alguém, Astrid? — indagou Lázaro, preocupado com a repercussão que a obra poderia ter no meio literário.

— Não vejo por quê. Sou adepta do experimentalismo em todos os ramos da arte. O experimentalista gosta de surpreender, chocar, arrancar interjeições de pasmo para a sua ousadia artística. Repito para você, Lázaro: o ! vai revolucionar o cenário literário brasileiro!

Passava da meia-noite quando Lázaro entrou no seu turbo-carro, na garagem do apart-hotel da escritora, e tomou o caminho para Botafogo. As ruas do Leblon estavam quase desertas — à exceção das legiões de mendigos e de miseráveis que se abrigavam sob marquises de lojas, debaixo de viadutos, em praças ainda não gradeadas. Somente prostitutas, traficantes, consumidores de drogas e marginais atreviam-se a andar pelas calçadas das ruas e avenidas àquela hora da noite. Os moradores e frequentadores dos bairros da zona sul recolhiam-se cedo nos

megaprédios residenciais; ou permaneciam nos interiores dos shopping centers 24 horas, vigiados pela Gendarmaria Nacional; ou divertiam-se, com maior risco, em casas de espetáculos e clubes fechados, cujas portarias eram verdadeiras casamatas, equipadas com armas de grosso calibre e milícias particulares. Ninguém se atrevia a andar pelas ruas e avenidas da zona sul do Rio de Janeiro, nos dias úteis, após a meia-noite. O próprio governo estadual, impotente para enfrentar e conter o avanço crescente do crime organizado, financiado pelo tráfico de drogas, fazia veicular mensagens, pelo rádio e pela televisão, recomendando à população evitar sair às ruas após as onze horas da noite, horário em que o policiamento era insuficiente para garantir a segurança dos cidadãos. A partir das dez horas da noite, somente a luz amarela dos sinais de trânsito funcionava, piscando incessantemente, alertando os motoristas para não parar nos sinais, a fim de evitar assaltos e violências.

Lázaro pisou fundo no acelerador, avançou todos os sinais, do Leblon até Botafogo, e sentiu um enorme alívio – o trauma do seqüestro de que fora vítima ainda o atormentava – quando entrou na garagem do seu prédio residencial.

Já no quarto, insone, como de hábito – a mulher, para seu alívio, dormia sem ressonar, usando máscara sobre os olhos –, Lázaro acendeu a luminária do criado-mudo, e resolveu concluir a leitura da introdução de *Brasil, país do futuro*, de Stefan Zweig:

[...] E agora se sabe por que o indivíduo sente a alma tão aliviada logo que pisa esta terra. Primeiramente, pensa que esse efeito calmante é apenas alegria dos olhos, e gozo dessa beleza sem-par que, por assim dizer, de braços abertos chama a si o indivíduo que acaba de chegar. Mas em breve se reconhece que essa disposição harmônica da natureza aqui se transmitiu ao modo de vida de uma nação inteira. Alguém que acabou de fugir da absurda exaltação da Europa, saúda aqui a ausência completa de qualquer odiosidade na vida pública e particular, primeiramente como coisa inverossímil, e depois como imenso benefício. [...] Todos os antagonismos, mesmo os sociais, aqui, são muitíssimo menos acentuados. [...] Aqui a política com todas as perfídias ainda não é o ponto cardeal da vida privada, não é o centro de todo o pensar e sentir. Logo que alguém

chega a esta terra, a primeira surpresa, que depois todos os dias felizmente se renova, é a de ver a maneira amistosa, e não fanática, pela qual os entes humanos vivem neste gigantesco território. Sem querer, respira ele de novo, sente-se bem por haver saído do ar mefítico do ódio entre raças e classes inimigas, e de se achar nesta atmosfera mais humana.

[...] Sem dúvida, há aqui menos intensidade na maneira de viver. Os seus habitantes, sob a influência imperceptivelmente depressiva do clima, desenvolvem menos força impulsiva, menos veemência, menos dinamismo, portanto desenvolvem menos, precisamente as qualidades que hoje em dia, numa superestimação trágica, se apregoam como os valores morais de um povo. Mas nós que experimentamos na nossa própria sorte as terríveis conseqüências dessas exaltações psíquicas, dessa avidez e ganância de poder, sentimos que essa forma mais suave e mais serena de vida é um benefício e uma felicidade.

[...] Longe de mim querer dar a ilusão de que no Brasil já tudo se acha no estado ideal. Muita coisa ainda se acha em início e em transição. A maneira de vida de uma grande parte da população ainda está muito abaixo da maneira de viver de grande parte da nossa. As atividades técnicas e as industriais desta nação de cinquenta milhões de habitantes, por enquanto, só são comparáveis às de pequenos países europeus. [...] Quem chega pela primeira vez ao país, terá que primeiramente adaptar-se, na vida cotidiana, a pequenas faltas de pontualidade e inexatidões, a certa deficiência de energia, e certos viajantes que vêem o mundo, observando-o do hotel e do auto apenas, podem dar-se ainda ao luxo de regressar do Brasil com a presunção da superioridade em civilização e de achar muita coisa neste país atrasada e deficiente.

[...] O Brasil parece-me um dos países mais modelares, e, por isso, um dos mais dignos de estima. É um país que odeia a guerra e, ainda mais, que quase não a conhece. [...] O seu orgulho e os seus heróis não são apenas guerreiros, mas estadistas, como Rio Branco e Caxias, que com prudência e firmeza souberam evitar e acabar guerras.

[...] O Brasil é uma nação em que não existiram perseguições religiosas sangrentas, nem fogueiras de inquisição. Em nenhum outro país os escravos foram tratados relativamente com mais huma-

nidade. Mesmo suas revoluções interiores e mudanças de regime se efetuaram quase sem derramamento de sangue. Os dois imperadores, que a vontade do Brasil de se tornar independente fez deixarem o país, dele se retiraram sem sofrer vexames e, por isso, sem ódio. Mesmo após rebeliões e intentonas que foram sufocadas, desde a independência do Brasil os cabeças não pagaram o ato de insurreição com a vida. Quem quer que governe o povo brasileiro, inconscientemente é forçado a adaptar-se a seu espírito de conciliação; não constitui uma casualidade o fato de o Brasil — que entre todos os países da América durante decênios foi a única monarquia — ter tido como imperador o mais democrata, o mais liberal de todos os soberanos. E hoje, que o governo é considerado como ditadura, há aqui mais liberdade e mais satisfação individual do que na maior parte dos nossos países europeus. Por isso na existência do Brasil, cuja vontade está dirigida unicamente para um desenvolvimento pacífico, repousa uma das nossas melhores esperanças de uma futura civilização e pacificação do nosso mundo devastado pelo ódio e pela loucura.

[...] E por isso escrevi este livro.²

Lázaro fez um esgar de espanto e cerrou as pálpebras, para melhor refletir sobre o que acabara de ler. *Tempora mutantur, nos et mutamur in illis*,³ boquejou para si, fechando o livro, ao presentir que uma opressão forte tomava-lhe conta do peito. A glote parecia entalada, a boca seca; engoliu a saliva amarga e engasgou-se. Foi acometido de forte acesso de tosse.

— Pára de tossir e de se mexer na cama, Lázaro! Apaga essa luz e me deixa dormir, droga! — guinchou a mulher, deitada ao lado, vistas tapadas pela máscara para dormir.

² Stefan Zweig, *Brasil, país do futuro* (op. cit.).

³ “Os tempos mudam, e nós mudamos com eles.”

A GAZETA CARIOCA

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 15 DE OUTUBRO DE 2045 - ANO XXXI - Nº 10.070

Pecolab, PIB e FMR do B juntos pela 1ª vez

• Os presidentes do Pecolab, PIB e FMR do B decidiram, em histórica reunião realizada, ontem, no megapresídio da Covanca VI, em Niterói, município do Estado do Rio de Janeiro, sob a coordenação do líder inconformista, professor Leodegário Saquarema — cumprindo sentença de prisão, naquela casa de reclusão —, apoiar a coligação partidária PNV/Pecolab, para as eleições presidenciais, em segundo turno, de 15 de novembro deste ano. O acordo foi selado com a aprovação de um plano emergencial de medidas prioritárias e consideradas de salvação nacional pelos partidos inconformistas — conhecido como “Plano de 10 Pontos” —, assumido como compromisso de governo pelo presidente Miron Marian e pela cúpula do PNV. O plano aprovado contempla as seguintes medidas: 1) aprovação e execução, no 1º trimestre do próximo ano, do projeto de transposição das águas do rio São Francisco, para combate à seca na região nordeste; 2) aprovação e execução, no 1º semestre de 2046, de um Plano Nacional de Renda

Mínima, com vistas a retirar 65 milhões de brasileiros do estado de miséria absoluta; 3) aprovação e execução, no 2º trimestre de 2046, de um Plano Nacional de Alfabetização, pelo método Paulo Freire, em escolas de regime de funcionamento em horário integral, e que forneçam, gratuitamente, três refeições por dia aos alunos, a saber: café da manhã, almoço e jantar; 4) gratuidade do ensino de 1ª e 2ª graus, a partir de 1º de janeiro de 2046, em toda a rede de escolas públicas e privadas, sendo estas ressarcidas das despesas pelo Fundo Nacional de Educação, com recursos originários da arrecadação do dízimo tributário; 5) assentamento de 25 milhões de brasileiros sem-terra, até dezembro de 2046, por meio da desapropriação de latifúndios improdutivos e terras mantidas para especulação imobiliária, em todo o território nacional; 6) elevação do salário mínimo para US\$ 200, em 1º de maio de 2046, e para US\$ 400,

em 1º de maio de 2047; 7) aprovação de um Plano de Substituição de Importações, até o fim do 1º semestre de 2046, para revitalização, incremento e reativação da indústria nacional, com incentivos e financiamentos do BNDES, com vistas à geração de 10 milhões de postos de trabalho, no quinquênio 2046/2050; 8) instalação de restaurantes populares, para fornecimento de café da manhã, almoço e jantar, com todas as refeições ao preço único de CRN\$ 0,50, cada, em todos os municípios brasileiros com mais de 50.000 habitantes, até 31 de julho de 2046; 9) atendimento hospitalar gratuito, a partir de 1º de janeiro de 2046, em todos os hospitais particulares do país, para crianças de 0-10 anos e adultos acima de 60 anos de idade, com as despesas pagas pelo Fundo Nacional de Saúde; 10) lançamento, no primeiro quadrimestre de 2046, dos Programas de Despoluição da baía de Guanabara e do rio Tietê.

NESTA EDIÇÃO

- 1 CBF contrata técnico tailandês para a seleção brasileira.
- 2 Estupro sem morte: projeto de redução de pena proposto por deputado paulista.
- 3 Nepotismo no Judiciário e no Legislativo agora tem amparo legal.
- 4 Parlamentar não reeleito terá imunidade equiparada à de dirigente sindical.

**Reunião entre líderes
inconformistas sela
acordo histórico para as
eleições presidenciais.**

Página 22

12

BRASÍLIA, GRANJA DO TORTO, 15 DE OUTUBRO DE 2045, domingo. Onze horas da manhã. Fazia muito calor no Planalto Central. O sol parecia um braseiro suspenso no céu. O ar, seco e rarefeito, queimava as narinas quando inspirado com força. A taxa de umidade relativa do ar estava inferior à normal, de hábito já baixa. Em volta da piscina da residência oficial do presidente da República, na capital federal, estavam reunidos – para um *almoço-churrasco* – todos os ministros do Conselho de Segurança da República, a cúpula diretiva do PNV, os líderes do governo, na Câmara e no Senado, além dos três ministros militares, do ministro da Justiça e da Ordem Social (Chefe da Gendarmaria Nacional), do ministro-chefe da CBI, e do ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República.

O presidente Miron Marian, por sugestão do ministro Pernambuco Natanael, havia convocado todos (convite não extensivo às esposas e companheiras) para uma reunião de trabalho, a despeito de ser um churrasco à beira da piscina, e do inusitado traje exigido para o encontro: bermuda, calção de banho ou sunga. O calor, insuportável, obrigou todos os presentes – à exceção dos garçons, trajados de *summer*, e dos *maîtres*, de *smoking* – a exibirem os aveluscados corpos em frouxos trajes de banho, numa grotesca reunião de rotundos e proeminentes ventres, adiposidades, calvas, varizes, corpos engelhados e branque-

los – típicos de quem só tirava paletó e gravata para dormir ou tomar banho. O único presente que destoava nos trajes era o ministro Pernambuco Natanael, que usava discreta bermuda (que lhe batia no meio das canelas), camisa de meia, tênis branco e meia soquete. Fartas doses de uísque 45 anos, além de canapés e petiscos finos variados, iam e vinham, em torno da piscina, em bandejas transportadas por discretos e circunspectos garçons, pertencentes ao cerimonial do Palácio do Planalto.

De sunga verde-oliva e camisa de meia que exibia o brasão da arma de cavalaria, o general Érico Krammer, sentado debaixo de um guarda-sol, inflava e desinflava as bochechas, a intervalos curtos, enquanto reclamava, indignado, com o ministro Pernambuco Natanael, da aprovação do “Plano de 10 Pontos”, acordado pela cúpula do PNV com a Executiva do Pecolab, com vistas à coligação partidária para o segundo turno.

– Uma ignomínia! – trovejava o general Krammer, bufando de irritação.

– Não tivemos alternativa, general. A Executiva do Pecolab e o próprio Malfeito nos encostaram na parede e fincaram pé em posição irredutível, desde o início da reunião, intransigentes com a inegociabilidade do Plano! Era pegar ou largar! – tentava explicar o ministro Natanael, copo de leite desnatado preso à mão.

– Mas vocês concederam tudo, diabos! Arriaram as calças para aqueles *comunais*! Os *esquerdóides* conseguiram, de uma só vez, nos obrigar a fazer uma megarreforma agrária, a distribuir comida, escola, transporte e saúde de graça para vagabundos, a implantar uma reforma educacional, com pedagogia de viés comunista! Isso sem falar no vexame que passaremos frente aos nossos tradicionais aliados e parceiros comerciais, principalmente os EUA, para justificar esse famigerado e subversivo Plano de Substituição de Importações! Os miseráveis inconformistas, com uma só canetada, lograram conseguir aqui mais que os bolcheviques na Rússia, em outubro de 1917, onde precisaram assassinar multidões de inocentes cidadãos para implantar o comunismo!

– Mas, general, não devemos esquecer que sem o Pecolab na Vice-Presidência da República, não conseguiremos os vinte bilhões de euros do Eurobank, isso sem falar na circunstância de

que nossas chances de derrotar o senador Boaventura, no segundo turno, sem o Pecolab a nos apoiar, seriam inexistentes! — redargüiu o ministro Natanael, protegendo a pele branca do sol inclemente, debaixo do guarda-sol.

— Veja, ministro Natanael — grunhiu o militar, dedo em riste, enquanto sorvia generosa dose de uísque —: respeito sua competência e a do presidente Marian como negociadores políticos, mas devo alertá-lo de que esse famigerado “Plano de 10 Pontos” repercutiu muitíssimo mal nos quartéis, notadamente junto ao oficialato das três Forças Armadas! Sabem muito bem os senhores do meio civil, o quanto de repúdio, ojeriza, intranquilidade e mal-estar causam, entre os militares, expressões como “reforma agrária”, “desapropriações de terras de particulares”, “pedagogias de viés comunista”, “concessão de títulos de propriedade para sem-terra”, “descumprimento de acordos e parcerias com os EUA”, e outros tantos temas, bizarros e desconfortáveis, que constituem, há séculos, bandeiras de luta dos *esquerdóides* vermelhos e barbudinhos, com o fito exclusivo de nos irritar!

— Os militares serão recompensados, general, as contrapartidas serão consideráveis e virão oportunamente, posso assegurar. O presidente Marian não faltará, no seu terceiro mandato presidencial, com os que lhe foram sempre leais e fiéis! — replicou o ministro-chefe da Casa Civil.

— Assim esperamos, ministro Natanael! Mas, advirto: essas contrapartidas não podem mais ser do tipo “abono salarial compensatório”, não, ouviu? Já estamos fartos desses *cala-bocas* mixurucas, que os políticos se acostumaram a oferecer aos militares para aliviar as tensões. Queremos algo *pari passu* e *quantum satis* com esse famigerado “Plano de 10 Pontos!”.

Pernambuco Natanael, espantado, sorveu, de um só gole, o copo de leite desnatado, arregalou os bugalhos e, olhando de sorrate para os lados, boquejou:

— Tranqüilize-se, general. As contrapartidas virão, amplamente compensatórias, posso lhe assegurar. É muito provável que o presidente Marian as revele, ainda hoje.

— E por falar nisso: o presidente ainda vai demorar? — indagou o general Krammer, irrequieto, dardejando um olhar de esconso para o interior da Granja do Torto.

Pernambuco Natanael engoliu em seco, sorveu mais um gole do leite desnatado, olhou para o anel-relógio, e respondeu:

– Mais dez minutos e a massagem matinal na coluna do presidente estará terminada. O doutor Tanaka é muito rigoroso com as sessões de fisioterapia. Por acaso o general não está escutando uns gemidos de dor, vindos da sala de massagens?

– Esse fisioterapeuta paulista nipônico tem fama de ser muito debochado e gozador, ministro Natanael: denunciaram-me que ele é o autor da minha alcunha de general *La Pasionaria*. Dizem que ele se diverte em arrancar lágrimas de dor dos seus pacientes, fazendo deboches do tipo “Tá *cholando*, san? Comer pimenta, tendo *hemolóida*, é muito pior, viu?” Fosse eu o paciente, e cometesse ele esse atrevimento comigo, dava-lhe dois tabefes na cara e um chute nos colhões!

Nesse ínterim, a porta de vidro da sauna abriu-se e dela saiu – envolto num roupão branco atalhado –, sentado numa cadeira de rodas, empurrada por um dos garçons, o vice-presidente da República Belmiro Mariano, pai do bispo Marian. Alquebrado pela avançada idade, além de abatido pela má nova que trazia para a reunião, o velho pastor conseguira animar-se, por um átimo, com a ruidosa e carinhosa recepção de que fora alvo por parte dos convidados à reunião.

O almirante Jackson Wanderklink, ministro-chefe da CBI, fanático torcedor de futebol, conseguira, com algum custo (em face de seus cento e trinta quilos de peso), sair da piscina, onde se banhava, na parte rasa, na companhia do ministro da Marinha, almirante Teodósio Verdesmares, do pastor Bruno Cardoso, titular da pasta da Justiça e Ordem Social, e do ministro da Reengenharia da Coisa Pública e da Qualidade de Vida da Cidadania, pastor Adaauto Júnior.

– Caríssimo vice-presidente! Que prazer em revê-lo! Diga-me lá as boas novas! E então? Ganhamos o torneio de *masters*, na África? – indagou o rotundo ministro-chefe da CBI, arfante, aproximando-se da cadeira de rodas do bispo Belmiro Mariano.

– Infelizmente não, almirante. Fomos esbulhados pelos árbitros europeus, argentinos e uruguaios, escalados pela Fifa para a competição... – lamentou-se o vice-presidente da República.

– Mas, como? O que aconteceu? Esses nigerianos não se

contentam com os três títulos mundiais conquistados pela sua seleção principal, na Divisão de Honra da Fifa? Em que colocação ficou o Brasil nesse torneio, senhor vice-presidente?

– Em 12º lugar, almirante. A campeã foi a Nigéria.

– Cruz-credo! Em 12º lugar? E quantas seleções participaram desse torneio, senhor vice-presidente?

– Doze, almirante.

– Pelas barbas do profeta! Os *masters* do Brasil ficaram em último? Mas que urucubaca! Que horrorosa quadra de tempo essa que passamos... Além da Nigéria e do Brasil, que outras seleções participaram do torneio, senhor vice-presidente?

– Zimbábwe, Tanzânia, Botswana, Mauritânia, Sudão, Quênia, Zaire, Serra Leoa, Libéria e Uganda, almirante.

– E conseguimos tirar em último lugar, jogando contra os velhinhos dessas seleções? Avalie se jogássemos contra as seleções principais desses países, senhor vice-presidente! E os placares das partidas, foram apertados, pelo menos?

– Perdemos todos os jogos de goleada, almirante, desafortunadamente.

– Mas como pôde acontecer isso, meu Deus? Estamos, realmente, precisando fazer uma reforma profunda no futebol brasileiro! Isso é uma vergonha! – desabafou o ministro-chefe da CBI.

O ministro Pernambuco Natanael e o general Krammer aproximaram-se do grupo de convidados que cercava a cadeira de rodas do vice-presidente da República.

– Queira aceitar meus votos de solidariedade e irrestrito apoio nesse difícil transe, senhor vice-presidente – consolou-o o ministro Natanael, contrito, copo de leite escondido atrás do corpo.

O general Krammer, agastadiço, não conseguira reprimir um comentário maldoso:

– Se a CBF comprasse um circo, no dia seguinte o anão começava a crescer e a mulher barbada passava a escanhoar a barba todos os dias...

O ministro dos Cultos Evangélicos, pastor Altamirando Serra, resolvera intervir na conversa, enquanto enxugava o corpo com uma toalha felpuda:

– Os problemas com o futebol brasileiro não são nada, senhores, perto da ameaça que é o crescimento assombroso das igrejas evangélicas inconformistas, em todo o país! Isto, sim, constitui uma ameaça ao *establishment*!

– O que o senhor está querendo dizer com isso, ministro Serra? – interveio o almirante Wanderklink. – Por acaso não considera séria a crise do futebol brasileiro, cujo jejum de títulos internacionais já está comemorando bodas de ouro?

– Este é o ponto, almirante: o Brasil, no passado, já foi o país do futebol; hoje é o país das igrejas e das vocações religiosas! Pergunte a qualquer moleque de *região confinada*¹ o que ele quer ser quando crescer. Antigamente, a resposta era: “Jogador de futebol!” Hoje é: “Pastor de igreja evangélica!”. E quando lhes perguntamos a razão, respondem, sem titubear: “É a única profissão com futuro, no Brasil! Dá estabilidade no emprego, *tíquete-praia*, vale-transporte, vale-saúde, vale-educação, salário e gratificação por trabalho em feriado religioso!”

– O fenômeno é perfeitamente explicável, ministro Serra – aparteu o pastor Adaúto Júnior: – nós, do Ministério da Reengenharia da Coisa Pública e da Qualidade de Vida da Cidadania, também fizemos um estudo sobre o assunto. Desde cem anos atrás, os moleques de *região confinada*, antigamente chamados meninos de rua, invadiam os logradouros públicos para prestar serviços de engraxates, limpadores de pára-brisas de veículos, empurradores de carrinhos de feira, vendedores de fichas de aparelhos públicos de telefonia, lavadores de autos, vendedores de amendoim, e outras ocupações marginais. Hoje, ministro, não se fabricam mais sapatos de couro; os pára-brisas dos turbocarros são autolimpantes; as compras de feira são feitas pela Internet, e entregues a domicílio por turbomotoqueiros adultos; não mais existem aparelhos telefônicos públicos, dado que até aqueles moleques já possuem celulares descartáveis; as carrocerias dos veículos de ontem, chamados automóveis, eram lavadas com água e

¹ Denominação dada, à época, às favelas, morros e periferias urbanas, regiões dominadas pelos traficantes de drogas. Nas *regiões confinadas* residiam, principalmente, *inocupacionais*, sem-terra, perseguidos políticos e religiosos, marginais e excluídos sociais de todo gênero.

espuma de sabão, contrariamente aos turbocarros de hoje, que são limpos pelos próprios proprietários, com pistolas a raio *laser*, ou por meio de banhos de luz ultravioleta, nas garagens dos prédios residenciais; os amendoins naturais de antigamente, torrados em latas que continham pedras de carvão em brasa, eram consumidos, à farta, nas ruas, em bares e choperias; hoje, só dispomos de amendoins sintéticos, vendidos em quiosques eletrônicos de conveniência, por meio de máquinas automáticas. Nestes últimos cinquenta anos, com a globalização das economias dos países em todo o planeta, sofisticamos o cotidiano de nossas vidas, aumentamos o conforto doméstico e laboral, mas, por outro lado, suprimimos milhares de alternativas de trabalho, e, por consequência, a renda dos moleques de *região confinada*. E a população deles cresceu, geometricamente, no período.

— Não podemos chamar aquelas atividades marginais de trabalho, ministro Adauto Júnior! — protestou o general Krammer, depois de molhar a goela com generosa dose de uísque. — Tratavam-se de subocupações mundanas, infames! Aqueles meninos de rua eram vítimas da exploração barata da mão-de-obra infantil! Aquela escumalha mirim só fazia consumir drogas e cheirar cola de sapateiro, com os ganhos de suas atividades marginais. Raros eram os que ajudavam em casa! Convenhamos!

— Posso até concordar com essa avaliação, ministro Krammer, mas quais tipos de atividades e ocupações, geradoras de renda, a economia brasileira, nestes dois primeiros quartéis de século, possibilitou-lhes exercer, para retirá-los das ruas? — retorquiu o pastor Adauto Júnior.

— É impossível retirar essa corja mirim das ruas, ministro! — trovejou o general. — Já fizemos tudo para solucionar o problema dos moleques de *regiões confinadas*! Todas as ações de governo resultaram infrutíferas! Chega! Eles querem continuar nas ruas, a praticar vandalismos? Pois, que fiquem! Podemos viver, tranqüilamente, em nossos ambientes fechados (residências, shopping centers, teatros, cinemas, casas de shows, praias privadas, hotéis-fazenda, escolas e universidades), fortemente vigiados por gendarmes e seguranças privados! Há muito defendo a tese de que deveríamos considerar as ruas e logradouros públicos das megacidades, legal e administrativamente, como *regiões*

confinadas. Quem sabe não esteja aí a solução do problema? Sem a nossa presença nas ruas, esses moleques não teriam a quem violentar e achacar, e aí, quem sabe?, passariam a eliminar-se, mútua e reciprocamente!

Nesse momento, o presidente Marian – envolto em um roupão atalhado de cor pastel – assomou à porta da residência que dava acesso à área da piscina, tendo atrás de si o fisioterapeuta nipônico. O sorriso enigmático do médico contrastava com a cara de sofrimento exibida pelo presidente da República. Os alto-falantes espalhados pela área da piscina passaram a transmitir a sonata *La Folia*, op. 1 nº 12, de Vivaldi, anunciando a presença do mais alto mandatário do país no recinto.

Ressumando expressão tranqüila (embora qualquer esforço ou movimento mais brusco lhe causasse fortes dores na coluna), o bispo Marian dirigiu-se a todos os presentes, cumprimentando-os efusivamente.

Para imitar os trajes do presidente, os convidados vestiram, à pressa, os roupões sobre os calções de banho, calçaram as sandálias de borracha, e dirigiram-se, todos, para o amplo bar da piscina, onde o *maître-d'hôtel*, de *smoking*, sacudia, com entusiasmo só visto em comercial de TV, uma garrafa metálica de coquetéis.

– Proponho um brinde ao inédito concerto político-partidário, recentemente acordado entre o PNV e os partidos inconformistas do Brasil, que resultou no “Plano de 10 Pontos”, entendimento suprapartidário que, faço votos, nos leve à vitória no segundo turno! À vitória! – exclamou o bispo Marian, erguendo a taça, gesto imitado por todos.

– Sentem-se, prezados companheiros de trabalho. O nosso querido Turcão Medonho (referia-se ao churrasqueiro da Granja do Torto) vai começar a servir o mais macio e delicioso bife de *chorizo*, de vaca argentina estabulada, que o atual *conductor* portenho envia para mim, todas as semanas, infalivelmente, em reciprocidade à caixa de *branquinhas*, de alambiques artesanais da cidade de Bom Despacho, Minas Gerais, que lhe envio todos os domingos – complementou o presidente.

Logo em seguida, o ministro Pernambuco Natanael – municiado de mais uma dose de leite desnatado – aproximou-se

do presidente Marian e sussurrou-lhe algo ao pé do ouvido. Essa cena teve o condão de desviar os olhares furiosos que o general Krammer – envolto num felpudo roupão verde-oliva, que exibia o brasão da arma da cavalaria no bolso superior esquerdo – dardejava para o fisioterapeuta nipônico do presidente, ainda ali presente para avaliar as reações da coluna do seu mais famoso paciente.

Após os convidados acomodarem-se nas cadeiras que rodeavam a churrasqueira da piscina, o presidente Marian levou a mão à boca, limpou a garganta e, de pé, iniciou um discurso:

– Caríssimos: gostaria de anunciar, de plano, que caso a coligação PNV/Pecolab saia vitoriosa da eleição no segundo turno, todos os atuais ministros, além dos quadros do PNV lotados nos 1º, 2º e 3º escalões do meu governo, serão mantidos nos cargos que ocupam. É também minha intenção, caso a nossa vitória se concretize, criar, já a partir de 1º de janeiro de 2046, o Ministério do Futebol, entregando o comando dessa nova pasta ao bispo Belmiro Mariano, meu estimado e caríssimo pai, sem prejuízo da manutenção do Ministério do Desporto, Lazer e Cultura, com vistas a pôr termo a essa sucessão de fracassos e humilhações internacionais do futebol brasileiro, nosso mais lídimo e adorado esporte, glória das gerações do passado. Este novo ministério encarregar-se-á da organização da Copa do Mundo da Fifa, em 2050, em nosso país. Pretendo, também, criar o Ministério do Carnaval, no intento de conferir suporte institucional específico à ação do governo na organização e gestão do maior espetáculo da Terra, o brasileiríssimo carnaval, nossa cara para o mundo, que passará a ter a duração de 15 dias consecutivos, conforme já é do conhecimento de todos. Ainda não tenho um nome para titular dessa nova pasta, mas acredito que não teremos dificuldades para a escolha de alguém, vinculado à nossa base partidária, identificado com as folias momescas. Afinal, nosso país não tem carência de cidadãos com perfil de carnavalesco profissional, trabalhador e honesto! Por último, tenho a intenção de criar o Ministério do Ambiente Inteiro, feliz expressão cunhada pelo nosso jovem ministro Adauto Júnior, sepultando, para sempre, a fragmentada, gasta e banalizada expressão *meio ambiente*, símbolo do nosso fracasso na preser-

vação da ecologia do Brasil. A principal missão desse novo ministério será gerir os programas de maior impacto ambiental no país, quiçá no mundo: a despoluição da baía de Guanabara e do rio Tietê, com aporte de vultosíssimos recursos financeiros internacionais, atendendo sugestão dos nossos aliados políticos do segundo turno. Para comandar esta pasta, convidei o almirante Lírio Maranhão, atual chefe do laboratório de pesquisas oceanográficas da Marinha, pesquisador sério, estudioso e profissional da área, antítese do perfil desses *ecobobos* inconformistas, teóricos logorréicos de nossos mares e matas.

Enquanto o presidente Marian discursava, o churrasqueiro Turcão Medonho, auxiliado por três ajudantes de cozinha, todos enfiados em impecáveis uniformes brancos, começaram a servir aos convidados as olfativas e macias carnes portenhas, em pratos de porcelana. Os garçons do cerimonial do Palácio do Planalto, pressurosos e atenciosos, iam e vinham, da cozinha para a piscina, portando bandejas carregadas de copos de cerveja, uísque, vinho branco e coquetéis variados.

— Também entendo como prioritário, e urgente, o emprego de um esforço, jamais praticado por qualquer governo brasileiro, de reaparelhamento e profissionalização de nossas três Forças Armadas e da Gendarmaria Nacional — prosseguiu o presidente Marian. — Para o nosso glorioso Exército, já analisei e aprovei a compra de 1.500 turbocarros de combate americanos, modelo *Tiger*, de última geração, além da implantação de uma fábrica de fuzis automáticos e de metralhadoras, em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em homenagem à terra natal do general Érico Krammer; para a nossa gloriosa Marinha, já aprovei a aquisição de dois porta-aviões franceses, de porte médio, e de 150 novas fragatas, moderníssimas, além da instalação de uma unidade fabril de submarinos atômicos, modelo *Shark*, no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro; para a nossa não menos gloriosa Aeronáutica, já aprovei a compra de 150 turbocaças *Eagle*, ingleses, moderníssimos, adaptáveis para também funcionar como turbocópteros de ataque e para apoio logístico; para a nossa eficiente e respeitada Gendarmaria Nacional, já está prevista a compra de 450 turbourutus e de 500 novos carros de patrulhamento urbano, além da modernização dos quartéis gen-

darmes. Para coroar esse esforço, que podemos chamar de guerra, decretarei, com vigência a partir de 1º de janeiro de 2046, um reajuste linear dos soldos e proventos, de todos os militares e gendarmes, da ordem de 45%, com vistas a corrigir suas vilipendiadas e desatualizadas remunerações.

Nesse momento do discurso de presidente Marian, o general Krammer desviou, mais uma vez, os insistentes e raivosos olhares que dirigia para o fisioterapeuta nipônico (que mantinha o enigmático sorriso pregado na cara), e cruzou olhares com o ministro Pernambuco Natanael. Este levantou, a distância, o copo de leite desnatado preso à mão, à guisa de brinde, gesto que foi imitado pelo ministro da Segurança Interna, com o seu copo de uísque.

— Como palavra final, caros irmãos e companheiros de trabalho — concluiu o presidente Marian —, devo aduzir que não deverá ser objeto de preocupação, para os nossos tradicionais e leais aliados políticos, o pacto de governo, conhecido como “Plano de 10 Pontos”, que o PNV selou com o Pecolab, com o apoio dos demais partidos inconformistas brasileiros, com vistas às eleições do segundo turno. Nossos políticos do passado acreditavam, santa tolice, que fazer política era a arte do possível. É mais do que isso, caríssimos: política é a ciência da conveniência, da arte da conciliação de interesses entre aliados e antagonísticos, para exercício eficaz do poder. Não há o que temer. Somente duas coisas na vida movem o homem: o medo e o interesse, como dizia, mui apropriadamente, Clemenceau. Bem trabalhadas, e eficazmente geridas, essas duas fraquezas humanas são capazes de gerar prodígios! Tenho fé em Deus que lograremos atingir nosso desideratô político. Tenho dito.

ADMIRÁVEL BRASIL NOVO

Foi por volta do ano de 1995 – já era eu, então, um jovem idealista, com vinte e cinco anos de idade, bacharelando do curso de sociologia da UFRJ – quando li duas obras literárias que me causaram comoção e impacto inesquecíveis: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, e *1984*, de George Orwell. Eram dois romances de ficção científica, se assim posso classificá-los, publicados em anos remotamente distantes das épocas futuras em que suas narrativas se desenvolviam. O primeiro satirizava um estranho mundo futuro, prisioneiro do progresso científico e do excepcional avanço tecnológico, cujos triunfos das ciências exatas haviam prevalecido sobre as chamadas ciências humanas, biológicas e psicológicas, responsáveis pelo surgimento de uma humanidade imune à dor, infensa às emoções, indiferente ao amor. O segundo retratava um mundo futuro que desconhecia a democracia: o Estado, totalitário, tudo controlava, inclusive os pensamentos dos seres humanos; determinava o tipo de liberdade de cada indivíduo; proibia, com severas sanções, o amor entre os seres humanos; fiscalizava a vida privada, por meio de *teletelas* instaladas nas residências, em logradouros públicos e ambientes de trabalho. Ambos os romances, obras-primas da literatura mundial, alertavam a humanidade para a ameaça do surgimento de Estados despóticos, opressivos, resultantes, principalmente, da alienação e da indiferença dos cidadãos pela participação na vida política, pelo desinteresse em discutir as formas e os meios pelos quais os governos dos países concebiam e executavam suas políticas econômicas e sociais, sempre voltadas para o atendimento do interesse de minorias privilegiadas, das elites e de seus acólitos e serviçais, em

detrimento da avassaladora maioria dos governados, vítimas de espoliações, esbulhos e injustiças sociais, perpetrados pela classe dominante. É importante ressaltar que tais violências institucionais ocorriam com amplo e irrestrito amparo e respaldo legais, no estrito cumprimento de leis elaboradas por legisladores, a soldo das classes dominantes, cujo cumprimento, sempre coercitivo, era exercido por um judiciário corrupto, comprometido com os interesses da minoria de exploradores da sociedade.

Não imaginava eu, hoje, passados cinquenta anos da leitura daqueles centenários romances, ter sido possível a muitos dos Estados atuais, entre eles o Brasil, conseguir transformar em realidade os pesadelos ficcionais retratados naqueles pungentes libelos premonitórios. E o fizemos com significativa adesão popular, ressalte-se, além de acen-tuado requinte e de ousadas concessões do³ governantes. Fomos capazes de permitir – país do carnaval, que sempre fomos – que os Estados brasileiros, desde a eclosão da *Redentora* (1964-1985), até os dias de hoje, fossem tão opressores e despóticos quanto os retratados naqueles romances, embora com significativas e sutis diferenças, além da adoção de importantes e modernos aperfeiçoamentos: inventamos a ditadura em sistema de rodízio, com o Congresso aberto, e a prática de uma democracia, dita relativa, para espanto do mundo; concebemos o *socialismo de direita*, em que a classe média, cooptada pelo régimen ditatorial, foi obsequiada com a compra da casa própria, inclusive em regiões de veraneio, a preços módicos e prestações a perder de vista, tudo respaldado por um sistema nacional de habitação garantido pelo Estado. De lá para cá, a

sofisticação dos governos brasileiros atingiu contornos ainda mais apreciáveis: o Estado, que a humanidade levou séculos para laicizar, permitiu o retorno triunfante da Igreja, sob o beneplácito do próprio Criador, segundo *eles*. Conseguiram *eles* descobrir e desenvolver, pasmem, a fórmula que permite a manutenção de elevados níveis de opressão, arbítrio e despotismo governamentais, a despeito de as franquias democráticas estarem em plena vigência, congresso aberto e funcionando, povo escolhendo livremente os seus governantes e legisladores, através do meio mais democrático até hoje inventado pelo homem – impensável nos governos de 1984 e de *Admirável mundo novo*: o voto, universal e secreto. Nosso povo vai às ruas (embora nem sempre volte), brinca o carnaval, lota os estádios de futebol, enche as praias para assistir a shows esportivos, musicais e espirituais, e eu pergunto: como conseguem?, de onde vem essa felicidade?, que estranha força é essa que permite ao cidadão brasileiro, cotidianamente oprimido, sem emprego, desbeneficiário de uma Previdência ridícula, vítima de violências nas ruas, refém dos desmandos e pusilanimidades dos traficantes de droga e marginais achacadores, imperadores dos logradouros públicos, ainda conseguir sorrir, demonstrar alegria, achar que está tudo bem à sua volta? Admirável

Brasil Novo! Nem Huxley seria capaz de idealizá-lo! Foi com a finalidade de combater esse estado de coisas, ainda que perplexamente submetidos a esse surrealista modo de exercer a cidadania dos brasileiros, que os partidos inconformistas (Pecolab, PIB e FMR do B) decidiram dar um grito de alerta para a sociedade brasileira, com a corajosa proposição do que se convencionou chamar “O Plano de 10 Pontos”, nossa contrapartida inconformista para participar, pela primeira vez na história do Brasil, de um governo federal, em consequência da irremovível exigência do Parlamento Europeu para que o Eurobank nos libere recursos financeiros, fundamentais para livrar o povo brasileiro de suas principais e atávicas mazelas: o analfabetismo, a miséria, a insidiosa e manipulada seca nordestina, a precária saúde do povo, a deterioração de nosso sistema ecológico, a superação dessa chaga social do desemprego entre as nações globalizadas. Acreditem: o Brasil tem jeito! Quem sabe não poderíamos adotar, pelo menos como atitude e postura comportamental, a Constituição Federal proposta, mas nunca promulgada, pelo eminente Capistrano de Abreu? Talvez resida, na sua obediência continuada, a solução dos problemas do povo brasileiro.

Leodegário Saquarema – Sociólogo e ex-professor universitário.

A GAZETA CARIOCA

RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 8 DE NOVEMBRO DE 2045 - ANO XXXI - Nº 10.095

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

Senador Boaventura acusa presidente Marian de covardia

O senador Amadeu Boaventura, candidato à Presidência da República pelo PUCB, em coligação com todos os demais partidos conformistas, reagiu com indignação à recusa do presidente Miron Marian, seu adversário nas eleições de segundo turno, da próxima quarta-feira, em participar de um debate na TV, no domingo vindouro, dia 12 de novembro. "Trata-se de mais uma demonstração da extrema covardia desse *Passa-Sacolão Tributário*, explorador do povo humilde que frequenta a igreja mercantilista e sonegadora de impostos que ele preside. Ele não consegue esconder o medo pânico de ser desmascarado, ao vivo, para todo o povo brasileiro. Compareceri sozinho ao debate, se for convidado, e vou abrir a minha pasta que contém mais

de vinte quilos de papéis de acusações contra ele e seus acólitos, todas fundamentadas com provas materiais: são práticas de falcatuas, de atos de improbidade administrativa, enriquecimento ilícito, e até de seqüestro de adversários políticos e de prática de feitiçaria, sendo certo que também não me escusarei a revelar detalhes das estranhas e, digamos, pouco ortodoxas relações que o *Passa-Sacolão Tributário* mantém com um fisioterapeuta japonês, que o visita, quatro vezes por semana, em Brasília, tudo isso às expensas do contribuinte. Farei um governo voltado para o retorno da moralidade pública, o governo da ética, da exação administrativa, que sepultará, para sempre, esse poder religioso e mercantilista que tomou conta do país. Farei o governo

das CPIs, dos inquéritos judiciais; colocarei na cadeia todos os corruptos, de forma a expurgar da sociedade brasileira essa onda de imoralidade pública a que estamos submetidos. Hei de recuperar os valores da família brasileira, do respeito irrestrito à propriedade, do retorno às nossas mais lídimas e honradas tradições. Só assim teremos condições de implantar o *socialismo de direita* no Brasil.

Presidente Marian reage com indiferença às acusações do senador Boaventura

O presidente Miron Marian reagiu com indiferença às acusações do senador Amadeu Boaventura sobre a recusa do candidato da coligação PNV/Pecolab em participar de um último debate na TV. "Trata-se de velho político, fanfarrão e irresponsável, que nunca teve projeto político, cuja única preocupação é ameaçar seus adversários políticos com acusações elucubradas em reuniões etílicas, que promove na sua fazendacasmata, nas cercanias de Salvador, fortaleza que já deu abrigo e coito a dezenas de ditadores sul-americanos e caribenhos. O povo brasileiro sabe, há muito, quem ele é, e também me conhece. Não por acaso fui eleito para dois mandatos presidenciais consecutivos. E estou a caminho do terceiro mandato, com a ajuda de Deus."

NESTA EDIÇÃO

- 1 STF: somente juízes e professores podem acumular aposentadorias no serviço público.
- 2 Ônibus, gasolina, escolas, energia e água mais caros, a partir de amanhã.
- 3 Banco Central salva mais três bancos estrangeiros da falência.
- 4 Trajano Hipólito é homenageado na ABL.
- 5 CPI dos precatórios: prefeitos de 12 cidades são absolvidos das acusações de desvio de verbas.

13

-POR QUE O SENHOR INSISTE EM QUE EU REPITA TANTAS vezes a descrição do meu sonho recorrente, doutor Artemidoro? – indagou Lázaro, deitado na rede, de costas para o psicoterapeuta.

O médico ajustava o volume do aparelho de som, agachando sobre o piso do quarto-consultório. A melodia orquestrada do *Trenzinho caipira*, de Villa-Lobos, invadiu, suavemente, o aposento. Ato contínuo, o doutor Artemidoro deitou-se na rede oposta à de Lázaro, segurou o bloco de notas e o lápis, e respondeu:

– Artemidorus de Daldis, sábio da Antiguidade de quem herdei o nome, escreveu que a técnica de interpretação das imagens vistas em sonhos é muito complexa, porque o sonho é um conglomerado que necessita ser fragmentado, dividido em partes, as quais, por sua vez, devem ser esmiuçadas em todos os seus detalhes e pormenores. Afirmava ele que o interpretador de sonhos, para levar a bom termo a análise das imagens descritas pelo sonhador, deveria acompanhá-las desde o começo até o fim, e voltar, desde o fim até o começo, tantas vezes quanto necessário. Lembre-se, senhor Lázaro, das inúmeras vezes que encarei o seu esforço para rememorar fragmentos das imagens do seu sonho, como foi o caso das explosões que viraram tiros, da banda que tocava os acordes do Hino Nacional, do imenso veículo que o transportava, da altura incomum do local em que

o veículo estacionara, do mar pardacento e distante que se espantifava contra os rochedos.

– E ocorreu-me, agora, o horrível mau cheiro do local, doutor! – interrompeu-o Lázaro, inopinadamente.

– Mau cheiro? Esse dado é novo, senhor Lázaro! – surpreendeu-se o médico, folheando as anotações passadas do bloco. – De onde o senhor evocou esse mau cheiro no sonho?

– Creio que estimulado pelo bodum que está entrando pela janela deste quarto, doutor. Alguém está limpando o chiqueiro do quintal da sua casa?

– Sim, a minha mulher. Hoje é segunda-feira, dia de limpeza no quintal e nos criatórios dos bichos. Senhor Lázaro: vamos aproveitar essa sua instantânea lembrança: feche os olhos, massageie as solas dos pés na rede e concentre-se. Procure descobrir de onde provinha o mau cheiro do seu sonho.

Lázaro procedeu como lhe recomendara o médico. Ajudado pela inhaca que entrava pela janela do quarto-consultório, escarafunchou a memória, pálpebras cerradas, em busca da resposta. Imagens esparsas e fragmentadas apareciam e sumiam, com espantosa rapidez. Conforme iam surgindo em sua mente, relatava-as de imediato, com a maior fidedignidade possível. As discussões e gritos entre os ocupantes da limusine assomaram-lhe à mente:

– Um militar de alta patente, fardamento agalado, sentado no assento dianteiro do veículo, tronco voltado para trás, empunhava uma pistola de grosso calibre, enquanto vociferava, em altos brados, em um *walkie-talkie*. A algaravia tensiva de gritos e vozes, no interior do veículo, revelava situação de terror e pânico. Um tiro ensurdecedor (a limusine estava com o ar-condicionado ligado e os vidros fechados) explodiu perto do meu ouvido; depois outro; e mais outro. Sangue e pedaços da massa encefálica da vítima espalharam-se pela forração, teto e assentos do veículo. “Saíam todos!”, gritou o militar agalado, arma ainda fumegante presa à mão. “Tirem esse merda daqui!”, trovejou, apontando-me a arma. Dois brutamontes, com os ternos salpicados de sangue, seguraram-me pelos braços e arrastaram-me para fora do veículo. Tão logo me vi fora da limusine, senti, de imediato, um fartum pestilencial, enjoativo, que impregnava o

ar. Percebi que os músicos da banda, os turbomotoqueiros e os militares ali postados usavam máscaras contra gases. Uma horrível sensação de enjôo, acompanhada de irreprimível ânsia de vômito, tomou conta de mim – disse Lázaro, e calou-se.

– E então, o que aconteceu em seguida? – indagou o médico, após aguardar, por alguns instantes, que Lázaro retomasse o relato.

– Só consigo lembrar até aí, doutor. A partir desse ponto, dá um apagão na minha memória.

– Está bem, relaxe um pouco. Em relatos anteriores o senhor já conseguiu ultrapassar esse ponto: lembra-se que o arrastaram até a beira do abismo, e o jogaram lá de cima, às gargalhadas? que seu corpo projetou-se no espaço? que mergulhou no mar bravio? que ouviu um distante grito de dor?

O *Trenzinho caipira* chegara à estação. A orquestra imitava os sons da locomotiva aliviando-se, ruidosa e intermitentemente, de seus vapores.

O médico, enquanto Lázaro recuperava o ritmo normal da respiração, resolvera distraí-lo com algumas informações sobre a técnica de interpretação dos sonhos:

– O simbolismo é um método auxiliar na interpretação dos sonhos, senhor Lázaro, daí o meu interesse pelos detalhes dos relatos, fragmentos do material onírico que a censura do consciente, em estado de vigília, procura escamotear, dissimular.

– Os símbolos utilizados pelos sonhos também têm significados, doutor?

– Sim, claro. Eles já foram muito estudados no passado, por grandes pesquisadores, principalmente o doutor Freud: sonhos de estar voando, por exemplo, são sonhos eróticos, típicos dos homens, são sonhos de ereção, pela aparente suspensão das leis da gravidade; sonhos em que se cai de alturas, são reveladores de sofrimento de angústias na vida de vigília; estar nadando e furar ondas, outro exemplo, são sonhos de pessoas que urinavam na cama e que repetem, nos sonhos, o prazer de que aprenderam a se abster; sonhar com a penetração em espaços estreitos, ou abrir portas fechadas, são tentativas de *coitus a tergo*, isto é, de penetração da vagina por entre as nádegas; sonhar que se está partindo numa viagem, é um dos símbolos mais comuns e reco-

nhecidos de preocupação com a morte: é como se o inconsciente, onde é produzido o material onírico, estivesse lhe dizendo: “Não se preocupe, você não vai morrer, você vai partir.” Repito: sonhamos com imagens, nunca com palavras.

— E existem sonhos premonitórios, doutor? — indagou Lázaro, repentinamente.

A pergunta desconcertara o médico, mas Lázaro não percebeu, porque estava de costas para ele.

— Por que o senhor está fazendo essa pergunta? Tem algo a ver com o seu sonho recorrente? — replicou o médico, voz cava.

— Não sei, doutor: tem e não tem. Isso tudo é muito estranho e confuso para mim. Sinto como se estivesse tendo um sonho dentro de outro sonho, uma espécie de antevisão sobre algo que ainda está por acontecer, uma premonição.

— O que o faz acreditar nisso?

— Não sei, é um pressentimento. Como já lhe disse, doutor, jamais presenciei um assassinato em minha vida; tampouco alguém atirou perto de mim, a curta ou a longa distância. Se os sonhos, como o senhor explicou, referem-se sempre a experiências e fatos passados na vida de vigília do sonhador, não tenho como explicar as imagens e símbolos que aparecem no meu sonho. A pessoa que é assassinada, no interior da limusine, por certo priva da minha amizade, ou é alguém por quem nutro algum tipo de afetividade, porque a minha reação com a sua morte é de profunda tristeza e dor. Com esses relatos e o material de que o senhor dispõe, já é possível interpretar o meu sonho, doutor?

— Ainda é prematuro para isso. O que posso adiantar é que a altura do local em que o sonho se desenvolve é reveladora de estado de extrema angústia em sua vida de vigília. Por certo trata-se de lugar que o senhor conhece, ou por que passa, ou passou, com frequência, não tenho dúvida. Mas não vamos nos precipitar, nem nos preocupar, agora, com a interpretação precisa de seu sonho: mais cedo ou mais tarde chegaremos a uma avaliação satisfatória. Em alguns casos, como escreveu Freud, os pensamentos oníricos têm de superar um grau especialmente elevado de resistência endopsíquica para poder obter representação. O seqüestro de que o senhor foi vítima, a perda do emprego na Cosab, as relações cotidianas com a família e com a

amante, as tensões decorrentes do cargo que o senhor exerce no jornal em que trabalha, sua vida político-partidária, além das preocupações existenciais e ideológicas com o futuro do país, constituem as matérias-primas para as imagens do seu sonho, e todas elas sofrem uma espécie de condensação, de deslocamentos, no inconsciente, para a produção do material onírico. Na grande maioria dos casos, o indivíduo simplesmente dá continuidade, durante a noite, e nos sonhos, àquilo que esteve revolvendo na mente durante o dia. Geralmente os sonhos são curtos, insuficientes e lacônicos. Se eles fossem escritos, não ocupariam mais que meia página de uma folha de caderno escolar.

– E quanto ao caráter premonitório? Os sonhos são capazes de prever ou antever o futuro?

– Só na crença popular é que os sonhos prevêem o futuro. Na verdade, o futuro que o sonho nos mostra não é o que ocorrerá, mas o que desejaríamos que ocorresse. A alma popular, no sonho, comporta-se exatamente como na vida de vigília: acredita fortemente no que deseja, no que aspira, no que sonha.

– Sinto-me como santo Agostinho, que vai cumprir missão que Lhe foi confiada por Deus para sanear o Inferno... – ironizou Antônio Péricles, nas presenças do professor Leodegário Saquarema, do prefeito do Rio de Janeiro, pastor Bastos Freitas, do advogado Sepúlveda Lobão e do jornalista Lázaro das Dores, reunidos na sala de visitas dos reclusos do megapresídio de segurança máxima da Covanca VI.

– Ora, Antônio Péricles, não dramatize! – retrucou o professor Leodegário Saquarema, dando-lhe um tapinha nas costas. – Semana que vem você será eleito, tenho absoluta convicção disso, vice-presidente da República Federativa do Brasil! Em toda a história republicana, tirante João Goulart, jamais o povo brasileiro elegeu um vice inconformista, e o que é mais insólito: pela primeira vez o Banco Central do Brasil não terá como presidente um economista a gosto e referendado pelo FMI! Nosso prefeito do Rio de Janeiro, aqui presente – disse passando o braço sobre as costas do pastor Bastos Freitas –, inaugurará

a presença da caridade, da generosidade e da honestidade entre os banqueiros, acontecimento inédito na história do ocidente capitalista: vai presidir o Banco Central do Brasil! Ele, sim, Antônio Péricles, é que poderia estar se sentindo como uma santa Edwiges comandando as finanças do Reino do Mal!

— Dispense esses comentários faceciosos, professor! — reagiu, com educação, o prefeito do Rio de Janeiro. — Ademais, sou um pastor evangélico e inconformista: os santos da Igreja Católica para mim, e para as ovelhas do meu rebanho, nada significam. Aceitarei a missão de presidir o Banco Central do Brasil com o mesmo espírito com que me desincumbi das obrigações do meu ministério pastoral, em Vilar dos Teles. Confesso que a minha única preocupação, diria até que medo pânico, é com a circunstância, caso se concretize a vitória da chapa PNV/Pecolab, em que se verificará a minha saída da prefeitura da cidade.

— Lá vem Vossa Excelência, de novo, prefeito Bastos Freitas, com essa sua inquebrantável implicância e siderúrgica má vontade contra o doutor Stalin Guevara, seu vice-prefeito! Só porque o homem foi, em passado remoto, guerrilheiro ultra-inconformista em uma dúzia de países africanos, caribenhos e sul-americanos, o senhor vai estigmatizar o rapaz para o resto da vida? — replicou o professor Leodegário Saquarema.

— Esse doutor Stalin Guevara é um herege, um ateu furioso, professor Saquarema! — reagiu, irritado, o pastor Bastos Freitas, perdendo o controle emocional. — Trata-se de um anarquista, dos mais virulentos e perigosos, que escolheu os religiosos de qualquer crença, os militares, os latifundiários, os fazendeiros, os banqueiros, os industriais, os comerciantes, os conformistas de toda sorte e natureza, até as freiras e as internas do colégio Sion, como seus inimigos mortais! O destrambelhado do homem é contra tudo e contra todos! Até hoje, confesso, ainda não descobri do quê, ou de quem, é aquela criatura a favor ou nutre algum respeito!

— Acalme-se, prefeito, olhe as coronárias, hein! — ponderou o professor Saquarema. — O Stalin Guevara sempre foi homem honrado, destemido e companheiro leal. Um grande quadro do Pecolab! Admito que ele radicalizou, um pouco, na sua luta por uma sociedade coletivista. Convenhamos: sendo ele brasileiro,

residente no Brasil, optou por enfrentar desafio só comparável às vicissitudes sofridas por Jó, Sísifo e Tântalo!

— O senhor classifica como “radicalizar um pouco” o fato de aquele iconoclasta pérfido ter vestido a estátua de São Sebastião, na madrugada do dia das comemorações do padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, com uma fantasia de baiana, para vergonha e humilhação de todas as autoridades civis, militares e eclesiásticas presentes à solenidade? E o que o senhor me diz do episódio escabroso, com humilhante e irreparável repercussão internacional, negativa para o país e para a cidade, quando aquele infeliz engendrou o diabólico plano de paralisar o bondinho do Pão de Açúcar, por duas horas, no meio do percurso, lotado com membros das diretorias do FMI e do Federal Reserve Bank, que visitavam o Rio, oportunidade em que um acólito daquele alucinado, infiltrado na cabine, o único a portar máscara contra gases, acendeu uma centena de barbantinhos de cheiros pestilenciais, conhecidos como *peido-alemão*? — reagiu, exasperado, o prefeito do Rio de Janeiro.

— Bem, digamos que o doutor Stalin Guevara foi um pouco além da conta do que recomenda a cartilha da guerrilha, prefeito. Mas não devemos esquecer que o vice-prefeito eleito do Rio de Janeiro é, antes de tudo, um carioca da gema, um gozador atávico, tem lá ele suas maneiras pouco ortodoxas de protestar... — tentou minimizar o professor Saquarema.

— O que o vice-prefeito Stalin Guevara é, professor Saquarema, desculpem-me a expressão chula, é um porra-louca completo e acabado! O Rio de Janeiro estará entregue nas mãos de um irresponsável! Só desisti de condicionar minha aceitação em assumir a presidência do Banco Central, à renúncia daquele Bakhunin reencarnado no cargo de vice-prefeito desta pobre cidade, em face de seus insistentes e candentes apelos, professor Saquarema! Sempre defendi a estratégia de um licenciamento médico forçado para aquele alucinado, de modo a possibilitar a assunção à prefeitura do presidente da Câmara Municipal, para completar o resto do meu mandato!

— O senhor está se referindo ao vereador Geraldinho da Falange, do PNV, mais conhecido como *somando dá nove*? — reagiu o professor Saquarema.

Antônio Péricles, até então em silêncio, embora fazendo um esforço hercúleo para não explodir em gargalhadas – a exemplo de Sepúlveda Lobão e de Lázaro das Dores, ambos a tapar as bocas com as mãos –, resolveu intervir na conversa:

– Essa é nova para mim, professor Saquarema. Qual a razão para esse apelido do presidente da Câmara Municipal?

– É da lavra do doutor Stalin Guevara, que diz ter cansado de chamá-lo pela alcunha antiga, também da sua autoria: 171!

Nem o carcereiro Miltão resistiu. À exceção do prefeito Bastos Freitas, que manteve a carantonha fechada, caíram todos em ruidosas gargalhadas.

Lázaro da Dores passeava pela *região confinada* dos sobradões oitocentistas da praça XV – como habitualmente fazia no final das tardes das sextas-feiras –, para não perder o contato com os freqüentadores do local, conhecidos como os *descontemporâneos* – assim chamados, pelos *emergentes*, porque cultivavam, talvez como forma de resistência cultural, costumes do passado, há muito abandonados pelos cariocas: reunir-se em botequins, para beber e falar mal do governo; passear, despreocupados, nas ruas apertadas, tomadas por mesinhas de bar; sentir o cheiro dos petiscos do passado, fritos na rua, em improvisadas trempes; jogar conversa fora sobre safadeza, futebol, mulheres, piadas, cinema, literatura, sociologia urbana e outros assuntos, para aliviar as tensões do dia e da vida. No meio daquele burburinho tranqüilo e benfazejo, que lhe era muito agradável, Lázaro lembrou-se de dar uma passada no sebo Brasil, na travessa do Comércio, para comentar com o seu Jaime as impressões que tivera do livro *Brasil, país do futuro*, de Stefan Zweig, cuja leitura acabara de concluir (a filha não lera nem a orelha do livro: ganhara um sorteio, entre os colegas da faculdade, para saber quem só assinaria – sem trabalhar – o trabalho de grupo de resenha da obra).

Ao parar em frente à fachada do sobradão em ruínas que abrigava a antiga livraria, Lázaro levou um susto: o andar térreo, antes bolorento e mortificamente alumiado, havia se transformado num improvisado e profusamente iluminado salão de máqui-

nas de jogos e brincadeiras eletrônicas, freqüentado por *inocupacionais* e executivos (reconhecíveis pelos ternos, gravatas e malas metálicas coloridas).

– O senhor poderia me informar, por favor, para onde se mudou o sebo que havia aqui neste lugar? – indagou Lázaro a um bem-apegoado executivo, meia língua de fora, à banda, entretido com uma luta eletrônica virtual entre um ninja e um minotauro gigantesco.

– Não atrapalha, porra! Não vê que estou quase batendo o recorde de pontos dessa merda? – vociferou o homem, sem tirar os olhos das imagens exibidas na tela da engenhoca eletrônica.

Lázaro repetiu a indagação para uns e outros, no interior do salão – ao meio de uma ensurdecadora algaravia de sons e zumbidos eletrônicos, que imitavam socos, tiros, explosões, colisões de veículos e aeronaves de guerra, misturados com exclamações de arrebatamento e raiva, vociferadas pelos jogadores à frente das máquinas.

Após ouvir uma dezena de negativas e grunhidos aborrecidos como respostas, Lázaro, já desanimado, enxergou um velhinho, no fundo do salão, atrás de um guichê de venda de fichas para os aparelhos.

– Quem? *Seu Jaime*? Soube não? Ele morreu, semana passada. Os netos dele decidiram transformar o sebo num salão de jogos eletrônicos, como o senhor está vendo. Quer comprar uma fichas para o senhor se distrair? – respondeu o velho, genívas à mostra, exibindo um sorriso desprovido de dentes.

Lázaro agradeceu a informação e saiu do salão, atônito. Dirigiu-se ao bar em frente, pediu um chope, e começou a beber, em pé mesmo, costume ainda preservado pelos *descontemporâneos*, na *região confinada* da praça XV. A travessa do Comércio estava cheia de freqüentadores, como era comum no final das tardes das sextas-feiras. Um grupo ruidoso, formado por pessoas humildes, a maioria *inocupacionais*, bebericava copos de cerveja barata, e degustava sardinhas fritas, moelas de galinha e salsichões fatiados, todos em pé, no balcão do bar. Um senhor mais idoso, espirituoso e bem-falante, divertia a todos com suas tiradas:

– Sou de 1970, meu filho! Nasci e moro nesta cidade há 75

anos, e posso falar de cadeira: isso aqui sempre foi uma tremenda esculhambação! Está vendo aquela estátua ali, em frente ao Arco do Teles? É a do general Osório, que deveria estar na praça que leva o seu nome, em Ipanema, onde só há um chafariz desativado. Outro exemplo: a estátua de D. João VI, que fica mais adiante da do Osório, no cais às margens da baía do “bate-merda”, não tem nada a ver com a Praça XV, que é uma homenagem à Proclamação da República! Outro exemplo da nossa bagunça com a história: a estátua do D. Pedro I fica na Praça Tiradentes!, e a deste fica na rua 1º de Março, que é uma homenagem ao fim da Guerra do Paraguai! A única localização certa, mesmo, nesta cidade, de monumento ou prédio público, coerente com a história oficial, é a do prédio da Assembléia Legislativa do Estado: ele fica exatamente onde era a Casa da Cadeia, no tempo do rei velho. Aquele infame e infeliz lugar, consentaneamente com o seu passado, continua a abrigar ladrões e descuidistas de toda a espécie e natureza! – concluiu o senhor idoso, estalando uma gargalhada, que foi acompanhada por todo o grupo.

Lázaro ainda ria dos gracejos do velho, quando se engasgou com a bebida ao deparar com a visão de uma senhora, pobremente trajada, que circulava na rua, entre os freqüentadores, vendendo balas e doces em um tabuleiro.

– Dona Felicidade? – exclamou Lázaro, surpreso.

A mulher, constrangida, baixou os olhos e prosseguiu no seu caminho, indiferente.

– Espere, não se vá! Posso falar-lhe? – insistiu Lázaro.

A mulher estancou a caminhada, virou-se, e, no meio da rua, caiu em prantos, ao encarar o antigo chefe.

Lázaro pagou-lhe uma refeição, numa mesinha nos fundos do bar, onde os dois se sentaram, distantes do grupo ruidoso do balcão. Dona Felicidade, enquanto comia, relatara que fora despedida da Cosab, no dia seguinte à saída de Lázaro da empresa. Rodolfo *dos Biceps* assumira a chefia da Assessoria de Publicidade, e a havia substituído por um marombeiro halterofilista, cheio de tatuagens pelo corpo. Desde então, ela não conseguira nova colocação, nem qualquer tipo de emprego: estava com 59 anos, idade em que, segundo afirmou, “os empregadores e

patrões deste país gostariam que as pessoas fizessem o favor de se aposentar ou de morrer”.

— Aqui está meu cartão, com o endereço do jornal onde trabalho. Procure-me lá; vou tentar lhe conseguir ocupação mais regular e menos sofrida — confortou-a Lázaro, estendendo-lhe o cartão.

Após terminar a refeição, dona Felicidade agradeceu, abraçou Lázaro, comovida, e despediu-se, olhos lacrimosos.

Lázaro pediu mais uma *tulipa* antes de sair do botequim. A boquinha da noite, de céu estrelado, estava calorenta; os bares e as ruas da praça XV, apinhados de gente. Numa das esquinas, um cidadão, de terno e gravata, trepado sobre um caixote, bramia no ar uma Bíblia aberta, para dois assistentes, enquanto vociferava “Aleluia!”, repetidas vezes, no mesmo tom que chamaria a polícia para socorrê-lo de um assalto. Na outra esquina, um homem de meia-idade, alcoolizado, esbravejava, ao meio de um bate-boca entre bebuns: “Somos o único povo do mundo que faz a apologia de bandidos, em detrimento dos homens de bem!” Não satisfeito, subiu em uma cadeirinha, sem largar o copo de cerveja, e arrematou: “Perguntem para um brasileiro quem foi Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, o doutor Abreu, inventor da abreugrafia, Augusto Ruschi, Nise da Silveira, Pedro Ernesto ou Miguel Couto, grandes figuras do passado. Duvido que ele saiba! Agora, perguntem a ele quem foi Lampião, Gregório Fortunato, Tião Medonho, Cara de Cavalo ou Madame Satã, grandes bandidos do passado. Ele não só sabe, como responde na lata, sem pestanejar!”, trovejou, carótida aos pulos, sob aplausos do grupo.

Lázaro resolvera bater pernas pelas ruelas das redondezas, para observar a patuléia de noctívagos da região, sempre divertida. Despertavam-lhe a curiosidade aquelas figuras identificadas como “os últimos cariocas típicos”, arquétipos que ele somente conhecia de leituras de velhas crônicas de jornais e de revistas do passado. Enquanto circulava pelos bares e ruelas do centro antigo do Rio, atento aos assuntos suscitados nas discussões, debates e tertúlias étlicas mantidas pelos *descontemporâneos*, Lázaro constata-
ra um fenômeno, há muito por ele observado: num dos raros núcleos de resistência cultural do país, ninguém mais discutia

política, ninguém mais falava mal ou bem do governo, e o Brasil estava a cinco dias de eleições presidenciais. “Que país é esse, meu Deus?”, perguntava-se, surpreendendo-se com a indagação *déjà vu*, recorrentemente utilizada pelos cronistas do passado. Entregue a divagações dessa natureza, Lázaro assustou-se quando, inopinadamente, alguém, às suas costas, segurou-lhe o braço:

— *Lazarillo! Usted acá? Cambiaste*, enfim, para a banda dos *borrachos*? — exclamou Bienvenido Pavan, já meio alto, abraçado a uma mulata nadegada, enfiada num minúsculo vestido.

— Você está em condições para esse ajantarado, Pavan? — ironizou Lázaro, cumprimentando a mulher, polidamente.

— *Por supuesto! Soy argentino, macho y ecuménico!* De dia, *me gusta bife de chorizo; en la noche, feijoada brasileña!* — respondeu o fotógrafo, dando uma palmada no fornido *trasero* da companheira.

— Pois lembre-se que os jornais também saem aos sábados, e amanhã é dia de trabalho, Pavan!

— Mas que *desgraciada* lembrança, *Lazarillo! Estoy acá, contento, satisfecho*, e vem *usted* com essa conversa de *trabajo, hombre*?

— Onde está a máquina fotográfica, Pavan? Lembre-se que, embora de folga, divertindo-se, os fatos e as notícias não escolhem hora nem lugar para acontecer! — advertiu-o Lázaro.

— Está na bolsa da *Concepción*, não é *verdad, maravilla negruzca*?

A mulata deu um tapa na mão do argentino, que tentara beliscar-lhe a popa da bunda. Ato contínuo, suspendeu e sacudiu a bolsa para Lázaro, abrindo um largo sorriso, para confirmar a afirmação do fotógrafo.

— *Lazarillo es mi jefe, Concepción!* Mas um *jefe macanudo!* *Me gusta mucho trabajar con ello!* *Lazarillo es* um inconformista, *como yo!* — exclamou Pavan para a mulata, que aparentava pouco entender o que ele dizia. — Vamos tomar umas *tulipas* juntos, *jefe*?

— Estou com o corpo quebrado, Pavan. Fica para outro dia. Vou para casa descansar — declinou Lázaro do convite, batendo às costas do argentino. — Foi um prazer conhecer você, *Conceição*. Gostaria que tomasse conta do meu amigo, mas cuidado com ele, viu? O apelido dele lá no jornal é *El Negrero!* — brincou Lázaro, e despediu-se da dupla.

O TEMPORA, O MORES!

Era recorrente, no passado, afirmam os cronistas da época, o uso de uma expressão popular, principalmente a partir do término da Segunda Guerra Mundial, há cem anos, portanto, quando a humanidade passou a experimentar extraordinário avanço nas ciências de um modo geral: "vivemos novos tempos", dizia-se amiúde. A tecnologia moderna provocava crescentes evoluções e aperfeiçoamentos na indústria, na infra-estrutura urbana das cidades, nos transportes, na construção civil, na eletrônica, na aeronáutica, cujos efeitos resultavam em transformações sociais significativas, em âmbito mundial – as relações trabalhistas e sindicais entre elas. O trabalho humano, até então penoso, desabrigado da lei, exercido quase sempre sob condições insalubres e perigosas – à mercê dos humores e idiossincrasias dos empregadores –, passou a ser alvo da preocupação dos governos dos países, à época da constituição da ONU, oportunidade em que consideraram a necessidade de serem formuladas leis que protegessem, minimamente, os trabalhadores em geral. Os sindicatos e os movimentos de trabalhadores, até então tímidos, de atuação episódica, a maioria clandestinos e marginais – as mais das vezes considerados pelos governos e pelos empregadores antes um caso de polícia do que um problema social –, passaram a pugnar, sob a proteção da lei, pela dignificação do trabalho humano, cujo acesso e exercício foram considerados, a partir de então, um direito humano fundamental. A luta dos trabalhadores e o reconhecimento, por parte do mundo civilizado, da importância do trabalho humano como requisito para desenvolvimento da humanidade, tiveram o aval

da Igreja, dos cientistas sociais e políticos e, principalmente, dos governos e dos empregadores. Lamentavelmente, essa evolução social tão benfazeja passou a decrescer progressivamente de importância, a partir da última década do século passado, época do advento de nefasto fenômeno econômico, ocorrido em âmbito mundial, que ficou conhecido como globalização. Como se os gênios do mal, de todo o mundo, reunidos num congresso, tivessem resolvido eleger uma vítima para pagar por suas funestas e criminosas elucubrações – com vistas a possibilitar aumentos astronômicos nos seus lucros, e intergalácticos incrementos na velocidade de retorno de seus capitais –, o trabalho humano foi eleito, a partir de então, o principal vilão do mundo capitalista, agora "globalizado". Na ótica perversa dos grandes capitalistas e banqueiros internacionais de então, capitaneados pelos governos dos EUA e dos países europeus, o trabalho humano era o fator de produção que lhes causava mais custos, que importava em mais despesas, que lhes causava mais problemas de ordem econômica, social e política. Que fazer, então? perguntaram os homens do mal. A solução era simples e a resposta veio rápida: eliminar, progressivamente, a necessidade do trabalho humano, substituindo-o por máquinas, computadores, teletelas, robôs industriais, dispositivos eletrônicos e virtuais, de forma a reduzir exponencialmente os custos da produção e dos serviços, aumentando, intergalacticamente, os lucros. Mas, havia um grave problema a resolver, refletiram os gênios do mal: sem trabalho humano não haveria renda; sem renda não haveria consumo; sem consumo não

haveria mercado; sem mercado o sistema capitalista iria para o brejo. Como matar o trabalhador e manter vivo o consumidor? A solução, criminosa, contou com a ajuda e concurso dos governos dos países pobres e em vias de desenvolvimento, entre eles o Brasil. Resolveram privatizar tudo; desempregaram os trabalhadores; adquiriram máquinas e geringonças eletrônicas para substituí-los; revogaram (diziam que *flexibilizaram*) a legislação de proteção ao trabalho; esvaziaram os sindicatos; empurraram os desempregados para a economia informal; aumentaram a concentração de renda e a miséria; enfim, viraram o mundo de pernas para o ar. É de lamentar que os governantes e políticos brasileiros da última década do século passado, e os da primeira década deste século, já estejam todos mortos e não possam apreciar, hoje, o resultado de seus atos e ações irresponsáveis e criminosos para com os trabalhadores brasileiros. Provavelmente seus netos, bisnetos e trinetos estejam, hoje, entre as vítimas do holocausto social e trabalhista que promoveram. Legiões de desempregados, homens e mulheres, jovens e velhos, passaram a viver de trabalhos marginais provisórios, efêmeros, e perambulam, até hoje, pelas ruas das megacidades brasileiras, à mercê da violência (muitas vezes

a trabalho) de traficantes e de criminosos, sem esperança de uma vida melhor. O cinismo dos governantes e políticos brasileiros, desde então, também evoluiu, sofisticou-se: criaram neologismos (como a *novilíngua*, do romance 1984, de George Orwell). O Brasil não tem desempregados, e sim *inocupacionais*, legião de infelizes que insistem em permanecer vivos, apesar de os modelos econômicos praticados pelo governo não os alcançarem, nem os considerarem como cidadãos. Um dos presidentes do Brasil, de fins do século passado, chegou ao cúmulo de propugnar por partidos políticos que convergissem para um "pensamento único" (algo semelhante ao *duplipensar*, do famoso romance de Orwell). Pobres brasileiros, vítimas atávicas dos governantes que elegem seus eternos algozes. Pobres *inocupacionais*, que não conseguem entrar nas estatísticas do governo, nem na economia do Brasil. Teremos eleições presidenciais no próximo dia 15 de novembro de 2045. Pense nisso, quando estiver votando eletronicamente, em casa, pela Internet. Vivemos velhos tempos é a expressão mais aplicável para interpretar esta quadra de tempo. *O tempo-ra, o mores!*, como dizia Cícero.

Lázaro das Dores – Chefe de Redação.

A GAZETA CARIOCA

DIÁRIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 2045 - ANO XXXI - Nº 10.102

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

Diferença de mais de 30 milhões de votos dá vitória folgada ao presidente Marian no 2º turno

o candidato da coligação PNV/Pecolab e atual presidente da República Federal do Brasil, Miron Marian, foi reeleito para o terceiro mandato presidencial consecutivo com 48.536.320 votos, contra 17.456.879 votos dados ao candidato da coligação PUCB/Molab/PCM do B/PCS, senador Amadeu Boaventura. No rápido discurso, proferido no parlatório do Palácio Planalto, ontem à noite, em Brasília, tão logo foi anunciada a apuração dos votos em todo o país, o presidente Miron Marian declarou: "Quando o povo quer e quando Cristo apóia, não há força terrena capaz de vencer essa aliança!", sob os aplausos delirantes de correligionários e auxiliares. O vice-presidente da República eleito, engenheiro Antonio Péricles, presidente do Conselho de Estado, após o anúncio dos resultados finais do pleito presidencial, declarou, em entrevista concedida em sua residência, no Rio de Janeiro: "Sinto-me honrado por ser o segundo vice-presidente inconformista da República Republicana do

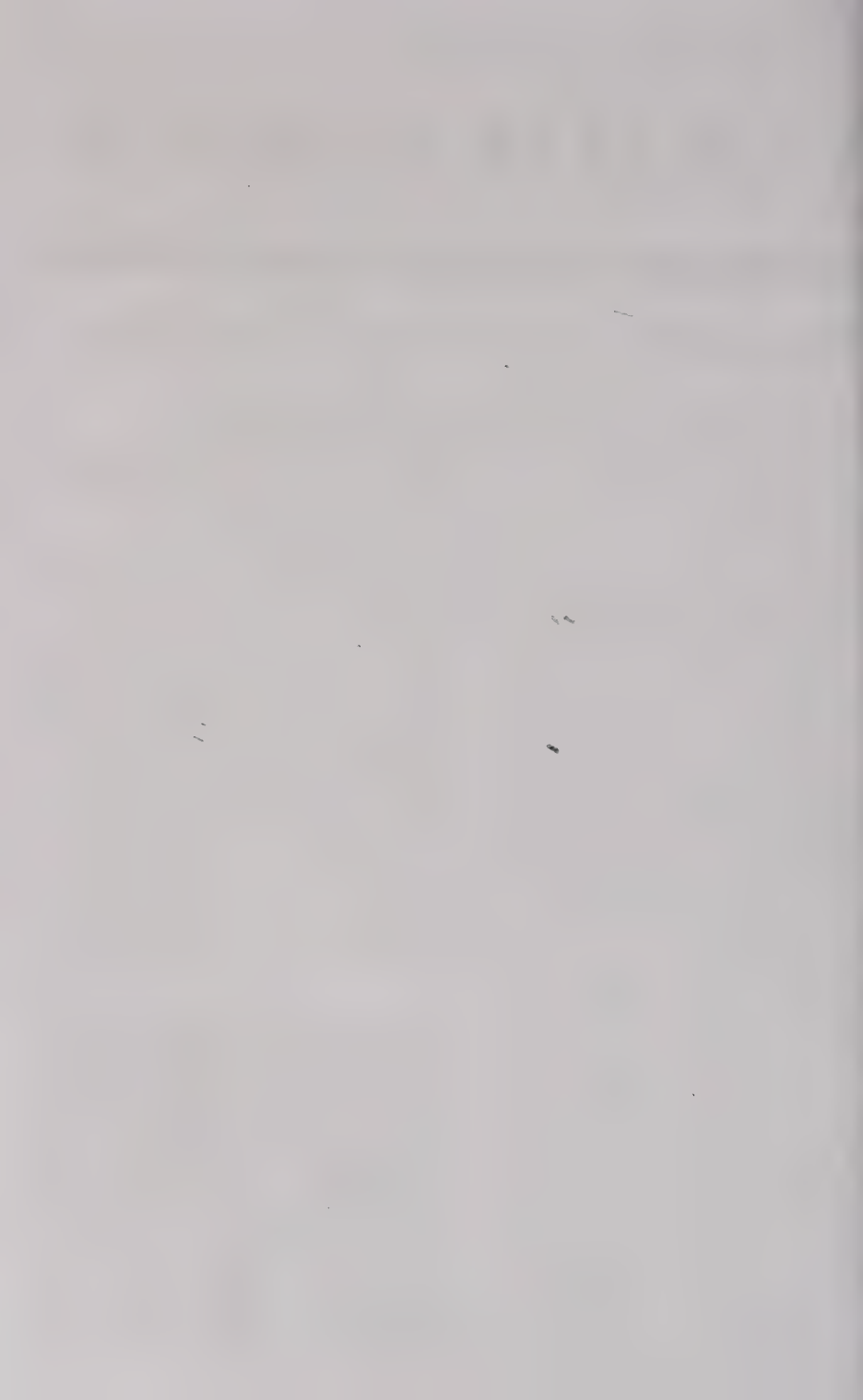
Brasil, oitenta e cinco anos depois da eleição de João Goulart para este cargo. Ao cumprimentar o presidente Marian por mais uma significativa vitória nas urnas, quero convocar o povo brasileiro para uma cruzada histórica, pacífica e ordeira, para retirar o nosso país da situação crítica em que se encontra, decorrente da escaridade econômico-financeira que nos é imposta pelos capitais transnacionais globalizados. O cumprimento do "Plano de 10 Pontos", programa de governo de salvação nacional da coligação PNV/ Pecolab, é uma garantia de esperança de uma vida melhor e mais digna para milhões de cidadãos brasileiros, hoje marginalizados, vivendo na miséria, sem possibilidades de acesso à educação e a condições nutricionais mínimas que lhe garantam uma existência digna. A esperança de uma vida melhor deixou de ser uma aspiração inatingível do povo brasileiro, para se constituir uma realidade viva, concreta, que exigirá o concurso de todos os que

vivem neste país, para a reconstrução da nossa sagrada e amada nação brasileira." O senador Amadeu Boaventura, candidato derrotado da coligação dos partidos conformistas, reconheceu a vitória do seu oponente, ainda ontem à noite, em sua fazenda, nas cercanias da cidade de Salvador, na Bahia. "Não pedirei recantagem dos votos, como querem os partidos que me apóiam, sob a alegação de ocorrência de fraudes em vários estados da Federação. A diferença de votos é bastante expressiva para

que eu tome uma providência dessa ordem. A despeito de não desacreditar das denúncias de corrupção eleitoral, que já se tornaram um hábito nas eleições no Brasil, devo aceitar, com tranquilidade e responsabilidade, a voz das urnas. Obviamente que continuarei na vida pública, na minha cadeira do senado, em oposição a este governo, fiscalizando suas ações, atos e práticas, além de observar, de longe, como se sairá essa estranha aliança do PNV com os inconformistas. Estarei vigilante!", declarou.

NESTA EDIÇÃO

- 1 Nova mortandade de peixes na lagoa de Araruama: poluição chegou a índices antes nunca observados.
- 2 Megaestacionamento da Rodrigo de Freitas já não atende à demanda de usuários. Já há projeto para estendê-lo para o terreno do Jôquei Clube.
- 3 Enchentes provocam desabamentos em Petrópolis e inundações nos subúrbios do Rio.
- 4 Morreu a última cotia do Campo de Santana.



14

NO DIA 1º DE JANEIRO DE 2046, O BRASIL ATRAÍRA AS atenções do mundo. Os noticiários das televisões, dos jornais e da Internet, da maioria dos países do mundo ocidental, veicularam, com grande estardalhaço, três inusitadas e curiosas notícias originárias do maior país da América Latina: a primeira, a cerimônia de posse do presidente da República – homem branco, rico, pastor evangélico, conservador de direita, ao lado do vice-presidente – homem negro, pobre, agnóstico, deficiente físico, ativista de esquerda; a segunda, a fantástica venda de 1.500.000 exemplares, em apenas dois meses, de um livro de 350 páginas, todas em branco, o mais recente *best-seller* de Astrid Junqueira, afamada escritora nativa; a terceira, a exibição inaugural da *agachabundinhaxé*, a mais nova dança baiana, criada para comemorar o primeiro carnaval de 15 dias consecutivos, em fevereiro de 2046, promessa de campanha do candidato Miron Marian, reeleito presidente da República.

– O mundo só consegue nos noticiar como um povo bizarro... – desabafou, amargurado, o advogado Sepúlveda Lobão, sentado ao lado de Lázaro das Dores e do fotógrafo Bienvenido Pavan, em frente ao telão de TV, na redação de *A Gazeta Carioca*.

– O mundo nos vê como realmente somos, Sepúlveda: bizarros! – redargüiu Lázaro. – Todas as vezes que tentamos inovar, aparentar modernos, parecemos mais velhos. Somos a vanguarda do atraso!

– *Fenómeno!* – berrou Bienvenido Pavan, segurando-se nos braços da cadeira, quando o telão exibiu a evolução dos avantajados glúteos de uma dupla de dançarinas de *agachabundinhaxé*, uma loura e uma morena, demonstrando, de Salvador para o mundo, os passos da nova dança. – Em matéria de *expresión corporal*, *las brasileñas* são imbatíveis! Se *las argentinas* tentassem sacudir suas *asentaderas* como fazem *las brasileñas*, seriam todas hospitalizadas, com destroncamentos *dobles*, da coluna e das nalgas, *por supuesto!* – complementou, admirado, sem tirar os olhos do telão.

– Você ficou com a impressão, como eu, de um Antônio Péricles abatido, na cerimônia de posse? – perguntou o advogado a Lázaro, acendendo um cigarro.

– Preocupado, eu diria – respondeu o jornalista. – Não é para menos: a cobrança pela implantação do “Plano de 10 Pontos” recairá toda sobre ele, como vice-presidente da República. E, diga-se de passagem, os ministros responsáveis pela implantação e execução das medidas são todos do PNV, subordinados ao presidente Marian. Péricles não terá controle nem poderes de fiscalização sobre eles.

– Você acha, Lázaro, que o governo Marian vai empurrar a execução do “Plano de 10 Pontos” com a barriga?

– Não sei, mas tenho minhas desconfianças. O que eu não tenho dúvida é quanto à prioridade que o presidente Marian vai dar à implantação das medidas populistas que anunciou no debate da TV: carnaval de 15 dias, redução da jornada semanal de trabalho, e a organização da Copa Mundial de Futebol de 2050, além da regulamentação e execução da lei Miron Marian de cultura, que está me cheirando a um grande *oba-oba* cultural. Infelizmente, para nós, ele sabe que foram essas promessas de campanha as responsáveis diretas por sua reeleição.

– Ora, Lázaro, vá lá que sejam medidas populistas, espertamente engendradas pelo ministro Pernambuco Natanael, que conhece como ninguém a cabeça do brasileiro médio; mas elas são todas de fácil e rápida execução, à exceção das relativas à organização da Copa do Mundo de Futebol. Tais medidas não teriam fôlego para enganar e preencher todo o tempo de um mandato! – redarguiu o advogado.

– Tenho informações seguras, de fonte fidedigna, que o

bispo Marian e o ministro Natanael tiveram que cortar um dobrado para contornar uma grave crise de insatisfação entre os militares, general Krammer à frente dos insatisfeitos, para convencê-los da necessidade de aprovação do “Plano de 10 Pontos”. O *cala-boca* para os milicos não deve ter sido barato. Não tenho a informação do que foi prometido, mas com certeza o pagamento dessa dívida será prioridade do governo Marian.

– Você tem receio de que a execução do “Plano de 10 Pontos” seja cozinhada, lentamente, em banho-maria, durante o mandato do governo Marian? – indagou o advogado.

– Lembra da piada da vaca que dá uma carona, para a travessia de um rio, a um escorpião, que prometera não picá-la? Ao chegar à outra margem o escorpião aferrou-a, mortalmente, no cachaço. A vaca, moribunda, queixou-se da traição e da falta de caráter do venenoso bicho. “É da minha índole picar. É atávico nos da minha espécie, não me leve a mal”, justificou-se o escorpião, vendo-a morrer. Assim é o comportamento de um conformista brasileiro, Sepúlveda, principalmente quando está no poder.

– *Fenômeno!* – gritou o fotógrafo argentino, dando um salto da cadeira, quando o telão exibiu um libidinoso e lento agachamento de uma mulata nadejada, usando um biquíni fio-dental, por cima da lente da câmera da TV, estrategicamente colocada sobre o chão.

– Alguma novidade quanto às gestões do presidente Marian junto ao presidente do Supremo, para antecipar a liberdade do professor Saquarema? – indagou Lázaro do advogado, que soltava rosquinhas de fumaça de cigarro.

– O Antônio Péricles pediu absoluto sigilo sobre este assunto: ele não quer que o professor Saquarema venha a tomar conhecimento dessas gestões, prometidas pelo bispo Marian à cúpula do Pecolab, quando das negociações para a coligação partidária com o PNV.

– Por que, Sepúlveda?

– O professor Saquarema é contra. Entende ele que a sua saída da prisão, antecipadamente à data de conclusão da pena, seria vista como uma manobra espúria e compensatória, do PNV para o Pecolab, reforçando, negativamente, o sentimento

do povo brasileiro de que somos o país da impunidade, de que tudo por aqui termina em pizza.

– O professor Saquarema prefere cumprir a pena até 2048?

– Foi o que ele manifestou para o Antônio Péricles. Saquarema quer preservar a imagem de honestidade, dignidade e de obediência à Constituição Federal, do Pecolab e dos outros partidos inconformistas, como gesto de respeito à execução do “Plano de 10 Pontos”. O homem é de uma integridade moral exemplar – comentou o advogado.

– *Por Jehovah! Mas que judería!* – espantou-se Pavan, quando a TV mostrou as dançarinas puxando uma dupla de senhores idosos para o palco, com o intuito de ensinar-lhes os passos da nova dança baiana.

O *fardão* de imortal da Academia Brasileira de Letras caíra esplendidamente no curvilíneo corpo de Astrid Junqueira. Essa foi a impressão de Lázaro das Dores quando a viu saltar de um turbotáxi, em frente ao antigo prédio do *Petit Trianon*, na avenida Trajano Hipólito (ex-Presidente Wilson), no dia de sua posse. Com certeza, admitira Lázaro para si, Astrid era a primeira imortal a usar um *fardão* com a barra da saia quatro dedos acima dos joelhos, sem falar nos generosos rasgos laterais da roupa – subiam até a metade das coxas, torneadas e esguias. O impactante sucesso editorial de *!*, em todo o território brasileiro, fora decisivo na eleição da escritora para a cadeira pertencente ao escritor Calógeras Rampante, pseudônimo literário do general Alcebíades Peixoto, beletrista falecido há quatro meses.

O salão nobre da ABL estava, como comentara um romancista português presente à solenidade, “a rebentar pelas costuras de tanta malta”. Os acadêmicos – todos muito velhinhos: o mais novo nascera no dia da deflagração da *Redentora*, no século passado – receberam a jovem escritora à entrada do salão nobre, excitados e assanhadíssimos com as exuberantes formas da mais nova colega de imortalidade, embora tais arrebatamentos não fossem compartilhados pelas acadêmicas – eram oito, à época –, que a cumprimentaram, sisudas, a dardejar olhares de

reprovação para os arrojados trajes da romancista, todas enfiadas em *fardalhões* que lhes iam até os tornozelos, como convém a senhoras de idade.

Lázaro cumprimentou Astrid a distância – a escritora estava acompanhada dos pais e de dois ex-maridos – e percebera que ela o fitara, emocionada, por um fragmento de tempo, deixando-se levar, em seguida, para o interior do salão nobre, por uma pequena multidão formada por jornalistas, convidados e acadêmicos.

O discurso de posse de Astrid Junqueira, em homenagem ao ex-titular da cadeira, fora longo e palavroso – a antítese da literatura que a fizera famosa –, a despeito de ter sido interrompido, em várias oportunidades, por aplausos da seleta platéia.

Já passava da meia-noite quando Lázaro resolvera ligar, da varanda do seu quarto – a mulher ressonava tão forte que se ouvia do lado de fora –, para a escritora.

– Como foi o jantar em sua homenagem? – perguntou à escritora, após cumprimentá-la pela posse na ABL.

– Foi ótimo! Diverti-me à farta, na companhia de meus pais, dos meus ex-maridos e de um bando de velhinhos assanhados, meus colegas de imortalidade! Você não fez falta! – respondeu Astrid, com um travo de rabugem.

– Não faça ironias comigo, Astrid. Combinamos que eu não iria ao jantar para evitar aborrecimentos. Seu último marido já nos causou grandes constrangimentos, em público, por conta do ciúme que ele ainda nutre por você!

– Lázaro: ontem, foi o dia mais importante da minha vida, não o estrague! Essa não foi a primeira, nem será a última desfeita que você me fará! Deixa eu curtir a minha felicidade: ainda não tenho 40 anos e já consegui sentar em uma cadeira da ABL!

– Nunca aquela cadeira deu assento a um traseiro tão lindo! Você estava maravilhosa, Astrid. Achei o máximo da ousadia você comparecer à solenidade com aquelas lindas pernas de fora, sem meias, enfiada naquela provocante e sedutora minissaia negra. Sabe quem você me lembrou? Cid Charisse, ou

Esther Williams, não me recordo bem, vestida de generala, num dos famosos filmes musicais de Hollywood.

– Não tenho esse filme na minha filmoteca, nem me lembro de o ter visto. Você gostou, mesmo, do meu *fardão*?

– *Fardão*, Astrid? *Fardinha*, você quer dizer, não é? Precisava ver os olhares de reprimenda e os cochichos que suas colegas imortais faziam entre si. Tenho a impressão de que você não vai levar boa-vida com elas na Academia, não!

– Os meus colegas acadêmicos vão me proteger, com certeza. Nunca tive tantos fãs reunidos num mesmo local! Por sinal, um deles me confidenciou que venci a eleição por 31 votos a 8, estes dados à minha concorrente, *tia* Maria Ofélia, uma velhinha simpática da literatura de culinária. Engraçado, agora que você falou da reação das velhinhas acadêmicas, fico imaginando de quem foram aqueles oito votos contrários! Por falar nisso, Lázaro, a *Littera*, minha editora, já recebeu três propostas de tradução do ! (a escritora usou a expressão “meu último livro”): a primeira, das Ilhas Cayman; a segunda, de Madagáscar e a terceira, do Paraguai.

– Tradução, Astrid? O que eles pretendem traduzir, se o livro tem todas as páginas em branco!

– Lázaro: não recomece, hein! – esbravejou a escritora, e desligou o telefone, irritada, sem se despedir.

Ao som do *Carinhoso*, de Pixinguinha, o doutor Artemidoro de Daldis – deitado na rede – relia as anotações sobre o material onírico de Lázaro das Dores, ressumando expressões ora de preocupação, ora de espanto. Nesse ínterim, Lázaro, de costas para o médico, massageava os pés descalços no fundo da outra rede, olhos cerrados, enquanto esgaravatava a memória em busca de novos pormenores de seu sonho recorrente.

A interpretação do sonho de Lázaro – por quem o psicanalista passara a nutrir indisfarçável simpatia – estava se constituindo num inusitado desafio para os conhecimentos médicos do doutor Artemidoro. As narrativas do paciente sucediam-se, progressivamente, a cada encontro, mais ricas de detalhes e por-

menores, ausentes ou omitidos nas descrições anteriores. O médico, intrigado, resolvera fazer uma revisão na literatura freudiana sobre a técnica de interpretação dos sonhos, em razão das absurdas conclusões a que sempre chegava sobre o material onírico relatado por Lázaro. “Não existem sonhos premonitórios!”, ruminava o médico para si, acabrunhado, em todas as vezes que as avaliações convergiam para uma conclusão daquela natureza – e em todas as tentativas que fizera, a resultante confluía, o mais das vezes, para aquela impossível e absurda interpretação. Nenhum fato, ou episódio ocorrido no cotidiano da vida de vigília do paciente – e o doutor Artemidoro acreditava na sinceridade dos depoimentos de Lázaro –, tinha correlação ou mantinha a mais remota correspondência com o material ideacional daquele estranho sonho. Os acordes do Hino Nacional, tocados por uma banda, cujos músicos usavam máscaras contra gases, e a presença de turbomotoqueiros fardados eram circunstâncias oníricas reveladoras de uma cerimônia oficial de governo; mas Lázaro não era um homem de governo. O *locus* onde se desenrolava o sonho, bastante elevado, fustigado por fortes ventanias, acima do mar pardacento que se espantava nos rochedos, só poderia ser o vão central da ponte Rio-Niterói, local de passagem habitual e obrigatória de Lázaro, quando visitava o professor Leodegário Saquarema, no megapresídio da Covanca VI; “mas que diabo de cerimônia oficial poderia se realizar naquele local, no meio da ponte mais congestionada do mundo?”, perguntava-se o médico. A limusine que transportava Lázaro, na companhia de outras pessoas, era reveladora da possibilidade de que ele viajava com alta autoridade governamental. Mas quem? E por quê? A ocorrência de um crime bárbaro (tiros à queima-roupa), no interior da limusine, era absolutamente inverossímil, à luz da descrição feita por Lázaro de sua vida cotidiana.

Entretanto, as preocupações do doutor Artemidoro não paravam por aí: ele também cogitara de uma interpretação alternativa, mais fantástica e absurda que a primeira: poderia estar perante o enigma de um sonho ocorrendo dentro de outro sonho, como o próprio paciente desconfiava. O médico exasperara-se com esta hipótese: ele próprio poderia estar fazendo

parte, como mero personagem, de um sonho produzido pelo inconsciente de Lázaro. “Absurdo!”, expectorara para si.

A revisão da literatura sobre a *Interpretação dos sonhos*, do doutor Sigmund Freud – percucientemente levada a efeito pelo médico –, negava, peremptoriamente, a mais remota possibilidade de interpretações daqueles jaezes. Freud registrara que “o absurdo no sonho significava a presença, nos pensamentos oníricos, de contradição, escárnio e ironia”; Strümpell concluía que “as estruturas oníricas estão, por assim dizer, alçadas acima do piso de nossa vida mental, e flutuam no espaço psíquico como as nuvens no firmamento, dispersas pelo primeiro sopro do vento”; Delboeuf apontara que “no sono, excetuando-se a percepção, todas as faculdades mentais (inteligência, imaginação, memória, vontade e moralidade) permanecem essencialmente intactas; são meramente aplicadas a objetos imaginários e instáveis. O sonhador é um ator que desempenha, a seu bel-prazer, os papéis de loucos e sábios, de carrascos e vítimas, de anões e gigantes, de demônios e anjos”; Purkinje chegara a uma instigante conclusão: “as funções curativa e revigorante dos sonhos são executadas especialmente pelos sonhos produtivos. Eles são o livre curso da imaginação e não têm ligação alguma com os assuntos do dia. A mente não tem nenhum desejo de prolongar as tensões da vida de vigília; procura relaxá-las e recuperar-se delas. Produz, acima de tudo, condições contrárias às da vigília. Cura o pesar com a alegria, as preocupações com esperanças e imagens de amena descontração, o ódio com o amor e a amizade, o medo com a coragem e a previdência; mitiga a dúvida com a convicção e a confiança sólida, e a vã esperança com a realização. Muitas das feridas do espírito, que são constantemente abertas durante o dia, são curadas pelo sono, que as cobre e resguarda de novos danos. A ação curativa do tempo baseia-se parcialmente nisso”.

– Consegui identificar uma das pessoas no interior da limusine, doutor Artemidoro! – exclamou Lázaro, de inopino, interrompendo as reflexões do médico.

– Sim? Como o senhor conseguiu descobrir?

– Ele fuma e solta argolinhas de fumaça no ar – respondeu, Lázaro, olhos cerrados.

— É pessoa amiga ou inimiga?

— Amiga. O senhor a conhece: Sepúlveda Lobão, consultor jurídico do Pecolab e advogado do professor Leodegário Saquarema. Tenho com ele uma relação muito estreita de amizade. Foi ele quem me indicou o senhor.

— Sim, eu o conheço: ele já foi meu paciente. O senhor consegue recordar qual a atitude que ele tem no sonho, se hostil, amistosa, ou qual a reação dele com o assassinato da vítima, no interior da limusine?

Enquanto Lázaro retornara a escarafunchar a memória, para responder à indagação, o doutor Artemidoro afundara-se na rede, macambúzio, tomado por maus presságios. Não tinha boa lembrança do paciente Sepúlveda Lobão. Aliás, a imagem que dele ficara era muito desfavorável: indivíduo com terríveis falhas de caráter, espírito mesquinho e vingativo, um ser com instintos assassinos, encobertos e habilmente dissimulados por um comportamento equilibrado, aparência sempre tranqüila, não-reagente a emoções, de uma frieza atitudinal que o assustara. “Como esses inconformistas continuavam ingênuos! Como conseguiam confiar num homem desses?”, perguntava-se, enquanto atualizava seus registros no bloco de notas. As preocupações do doutor Artemidoro transformaram-se em aflição quando se lembrou do sigilo profissional e ético a que estava obrigado, sobre as informações da personalidade e do caráter do expaciente. Nem à polícia poderia revelá-las, salvo por determinação judicial.

— Não consigo lembrar, doutor. Lamento. Só me vem à lembrança as rosquinhas de fumaça boiando no interior da limusine — desabafou Lázaro, interrompendo as reflexões do médico.

— O senhor saberia precisar, ao menos, onde estava sentado o advogado Sepúlveda Lobão, no interior da limusine?

— Ao meu lado, também de costas para a vítima.

— E quando agarraram e arrastaram o senhor para fora do veículo, o que ele fazia no momento? — insistiu o médico, ansioso.

Lázaro não conseguira responder a essa última indagação: uma dor aguda sobreviera-lhe à cabeça, causada pelo esforço de rememoração.

Na noite daquele dia, o doutor Artemidoro, insone, só conseguiu conciliar o sono de madrugada, quebrando o hábito de dormir sonos reparadores. Seus pressentimentos de que o sonho recorrente de Lázaro poderia ser uma advertência antecipada de fato que ainda estaria por acontecer tornaram-se mais fortes. Entretanto, não afastara do pensamento, de todo, a estranha interpretação de que o sonho de Lázaro poderia estar embutido dentro de outro sonho. E essa possibilidade o deixara mais atemorizado ainda.

O PAÍS DAS FILAS

Filas: hoje elas existem para tudo nas megacidades brasileiras. Há filas até para nascer; em maternidades públicas, é claro. Dizem que o brasileiro sempre nutriu gosto especial por filas, sendo capaz, inclusive, de as enxergar como um eficaz indicador seletivo: se a fila de um restaurante está muito grande, é sinal de que a comida é barata, e, com sorte, boa, dizem; se uma multidão enfileira-se na portaria de um cinema: o filme deve ser bom, provavelmente com muita pancadaria e safadeza; se ela dá voltas em torno de um prédio: é sinal de que algo raro está sendo ofertado ali: emprego; se estão dispostas, uma ao lado das outras, nos supermercados, são indicativas de promoções baratíssimas; se deparamos com uma em frente a um quiosque eletrônico de venda de jornais, freqüentada quase exclusivamente por executivos engravatados, não há dúvida: saiu o último exemplar de revista de mulher pelada, com uma *socialite* ou uma modelo na capa. Mas as maiores filas, justiça seja feita, são as que ficam em frente dos caixas, ou melhor, das máquinas dos bancos. Os nossos banqueiros, primando pelo habitual respei-

to que dispensam aos seus clientes, digamos, não-preferenciais, a patulêia, foram responsáveis pela introdução em nosso país, em fins do milênio passado, de dois dispositivos de segurança que remontam a épocas jurássicas: a cancela-curral eletrônica, para permitir (dificultar) o acesso às dependências bancárias, ilustrativas do verdadeiro horror e ojeriza que sentem pelo contato físico com aquele tipo de clientela; as morosíssimas máquinas eletrônicas bancárias, que somente assim agem para a liberação de saques, em velocidade equivalente à de uma carroça rolando em terreno atoladiço, mas que são extremamente rápidas para aceite de depósitos e pagamentos. O Brasil moderniza-se, dizem, resgatando o passado. Crescemos como rabo de cavalo, para baixo. Enquanto nos outros países do mundo às novas conquistas da tecnologia são colocadas a serviço do conforto dos cidadãos, aqui dá-se o contrário: são usadas para o desconforto, para o constrangimento. Não por coincidência, no Brasil, em plena era da informática sensorial, os processos na Justiça e na Previdência Social continuam morosos (em 95%

deles, os réus são da elite burguesa, e os autores das ações são das classes pobres). À margem desses anacronismos da indústria das filas neste país – que existem não por coincidência, importante frisar –, surgem alguns tipos curiosos, como é o caso do “furador compulsivo de filas”, típica figura encontrada nas cercanias desses alinhamentos humanos existentes na cidade.

Homem ou mulher, normalmente chega de mansinho, com jeito de songamonga, faz uma perguntinha tola lá atrás, se acerca como quem não quer nada, vai até a frente, diz uma gracinha ou uma frivolidade para o primeiro da fila e – quando você menos espera – ei-lo(a) sendo atendido(a) na frente de todo mundo. Um amigo psicanalista – eles ainda existem, apesar das multidões de terapeutas espirituais, hoje na moda – tem uma explicação científica para tal comportamento: diz ele que esses “furadores compulsivos de filas” são paranóides vítimas da paranóia (ou síndrome?) conhecida como “Necessidade Compulsiva de Querer Levar Vantagem em Qualquer Coisa”, patologia psíquica só observável no Brasil. Outra figura arquetípica surgida com o fenômeno das filas é o “ambulante de trajeto”, geralmente um *inocuo* de raro e incrível instinto, capaz de farejar uma fila ou um engarrafamento de turbocarros à considerável distância. Sabem eles, pela experiência adquirida com a prática do comércio de trajeto, que as filas e engarrafamentos constituem mercados potenciais para vendas de produtos que têm pouca saída nos quiosques eletrônicos de conveniência – sacos de bis-

coito de polvilho, sucos de frutas de origem duvidosa, jornais e revistas, aparelhos de barbear, saquinhos de amendoins sintéticos, balinhas de essência de tamarindo, e que tais. Com a psicologia que aprenderam nas ruas, sabem que os indivíduos presos em filas, ou em engarrafamentos, ficam irritadiços, aborrecidos, suscetíveis de comprar qualquer coisa para quebrar a monotonia da espera, para compensar a perda de tempo. Neste país das filas – sintoma da incúria dos governantes, banqueiros e comerciantes –, sucedeu curioso fato verídico, numa cidadezinha do interior de Minas Gerais: num posto de atendimento do INSS, no meio de uma fila de espera que se postava em frente a um guichê, uma urna funerária – apoiada nos ombros de quatro indivíduos – também aguardava atendimento. Alertado do fato pelos gendarmes, o chefe do posto, incrédulo, dirigiu-se a um dos indivíduos que carregavam o caixão nos ombros, e inquiriu-lhe sobre a razão daquele procedimento. “Sei não, doutor. Só estou aqui para carregar o defunto, que era meu amigo. O filho dele tá sentado ali, óia” (disse espichando o beijo na direção de um cidadão, chapéu à mão, sentado no banco de espera). Indagado a respeito, pelo chefe do posto, o filho do defunto respondeu, com humildade: “Me exigiram, ontem, aqui mesmo, doutor, atestado de vida e residência do meu pai para que eu pudesse receber o pecúlio. Como o delegado não quis dar, trouxe o próprio, *mode* comprovar.”

Lázaro das Dores – Chefe de Redação.

15

RIO DE JANEIRO, SAMBÓDROMO DA BARRA DA TIJUCA, 19 horas. Primeira quarta-feira de carnaval, 14 de fevereiro de 2046. Cumprindo promessa de campanha, o presidente Miron Marian comparecera ao camarote presidencial do sambódromo da avenida Sernambetiba, na Barra da Tijuca, para inaugurar uma nova era nos festejos de Momo no Brasil: o carnaval de quinze dias, que agora comportaria três quartas-feiras, espirituosamente batizadas pelos cariocas: de *fogo* (a primeira), de *brasa* (a segunda) e de *cinzas* (a terceira).¹ A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, protestara, veementemente, junto aos três poderes da República – o próprio papa enviara carta ao presidente Miron Marian lamentando a decisão do governo brasileiro de desconsiderar o calendário dos dias santificados – no sentido de que fossem respeitados os feriados religiosos tradicionais do carnaval. O Ministério das Relações Exteriores enviara resposta ao Vaticano, com cópia para a CNBB, acatando as sugestões de manutenção do calendário religioso para o carnaval,² mas somente para o ano de

¹ As três terças-feiras do carnaval de 15 dias também foram objeto de curiosos batismos. Os cariocas passaram a denominá-las de *magra* (a primeira), *cheinha* (a segunda) e *gorda* (a terceira).

² A solução encontrada pelo governo brasileiro, para conciliar a decisão governamental com o calendário religioso, era iniciar, a partir de 2047, o novo período de festejos momescos no décimo primeiro dia imediatamente anterior ao tradicional sábado de carnaval, previsto no calendário religioso.

2047, em face dos vultosos investimentos já feitos pela indústria brasileira de turismo para o ano de 2046.

Envergando um *slack-dólmã* cor de canela, de mangas curtas, colarinho esporte, o presidente Marian foi delirantemente ovacionado pelo público que lotava as arquibancadas do sambódromo – “Ei, ei, ei, o bispo Marian é nosso rei!”, gritavam, em uníssonos, foliões, jornalistas, convidados estrangeiros e turistas, que tomavam as dependências das cadeiras de pista e dos camarotes. Os apitos de mais de duas dezenas de transatlânticos, feericamente iluminados, fundeados na praia da Barra da Tijuca, em frente ao sambódromo da Barra, misturaram-se ao espoucar de fogos pirotécnicos, mandados soltar pela Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, de espetacular efeito na noite estrelada. Visivelmente emocionado com a calorosa recepção, o presidente Marian não resistiu e caiu em choro convulso, enquanto acenava em agradecimento para o público, mãos espalmadas para o alto, por cerca de uma dezena de minutos.

Os tradicionais ranchos e sociedades carnavalescas – que não desfilavam há mais de sessenta anos no carnaval do Rio de Janeiro – resolveram homenagear o presidente da República com um desfile especial, para comemorar a primeira quarta-feira de fogo do carnaval de 2046. No camarote presidencial, faziam companhia ao presidente da República cinco ministros de Estado – o general Krammer, Pernambuco Natanael, Godofredo da Baiana (o ministro do Carnaval), Adauto Júnior e o almirante Jackson Wanderklink, ministro-chefe da CBI, além do médico particular e fisioterapeuta do presidente da República, doutor Tanaka, todos acompanhados de suas respectivas esposas.³

A Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro preparara uma homenagem, para o presidente da República, digna de um espetáculo hollywoodiano. Antes do desfile do primeiro rancho, o rei Momo, acompanhado da rainha do carnaval (mulata que faria Bienvenido Pavan virar abastêmio) e da sua primeira princesa (uma loura que há muito não se via nem em comercial de

³ O vice-presidente da República, Antônio Péricles, e o prefeito do Rio de Janeiro, Stalin Guevara, convidados a participar do evento, declinaram do convite, alegando impedimentos de ordem pessoal.

cerveja na TV), foi conduzido até o camarote presidencial, ao som da bateria da *Unidos da Gamboa*, e dos acordes do hino Cidade Maravilhosa. O rei Momo, com gestos solenes, entregou ao presidente Marian uma grande chave de prata da cidade e, dobrando o joelho sobre o piso, beijou-lhe a mão, sob aplausos dos presentes. A rainha e a primeira princesa do carnaval não se fizeram de rogadas: para constrangimento das esposas do presidente e dos ministros, beijaram o mais alto mandatário do país nas duas faces, borrando-as de batom, enquanto, sem a menor cerimônia, aconchegavam os espetaculares corpos semidespidos no do presidente Marian, abraçando-o pela cintura. Emocionadíssimo, o presidente Marian já nem tinha voz: gaguejava coisas ininteligíveis nos intervalos da dispnéia que o acometera. O doutor Tanaka, preocupado com o estado de saúde do presidente, desmanchara do rosto o sorriso que mantinha constantemente pregado nos lábios: o presidente Marian exalava profusa sudorese, por todo o corpo. O médico nipônico, sob ostensivos olhares de má vontade do general Krammer, conseguira, a custo, abrir um círculo em volta do presidente; fizera-o sentar numa cadeira, e providenciara uma garrafa de água mineral gelada. Inconformadas com o afastamento compulsório que lhes fora ordenado pelos agentes de segurança, a rainha e a primeira princesa do carnaval ainda tentaram um esforço final de reaproximação do presidente, oferecendo-se para abaná-lo e enxugar-lhe o suor do rosto, no que foram energicamente impedidas, pessoalmente, pelo general Krammer, que convocou o oficial ajudante-de-ordens e ordenou-lhe, asperamente:

— Tire essas duas piranhas daqui!

Em seguida, o general Krammer virou-se para o presidente da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro e ordenou-lhe que comesse imediatamente o desfile, para que o camarote presidencial ficasse aliviado das pessoas ali presentes, inclusive dos jornalistas e cinegrafistas, brasileiros e estrangeiros, que insistiam em filmar e fotografar as faces besuntadas de batom do presidente Marian.

Confortado pela esposa — que o abanava com um leque de papelão —, o presidente Marian foi recuperando, aos poucos, a

respiração normal, enquanto ingeria, com vagar, copos de água mineral gelada, e o doutor Tanaka media-lhe a pressão arterial. Os agentes de segurança haviam conseguido, com rapidez, esvaziar o camarote presidencial de intrusos, ajudados pelo início do desfile da primeira sociedade carnavalesca, *Os Inocupacionais do Leblon*, a mais nova entidade carnavalesca do Rio de Janeiro.

À passagem de cada sociedade carnavalesca, a porta-bandeira e o mestre-sala paravam em frente ao camarote presidencial para evoluções especiais. A pedido do presidente Marian, o ministro Pernambuco Natanael descia até a pista e, em nome do presidente da República, beijava a barra do pavilhão da entidade; o mestre-sala, em agradecimento, macaqueava uns salamaleques, e em seguida afastava-se, saltaricando em volta da porta-bandeira.

Em torno das onze horas da noite, quando o último rancho desfilou pela pista do sambódromo da Barra, a Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro deu início à solenidade de encerramento do primeiro dia de desfile do “novo carnaval do século”, como já estava sendo chamado pelo povo carioca: todos os refletores que iluminavam o sambódromo foram desligados, oportunidade em que a banda dos Fuzileiros Navais entrou na pista, iluminada por canhões de luzes postados sobre a marquise das arquibancadas, marchando garbosamente e tocando *Cidade Maravilhosa*. Em frente ao camarote presidencial, a banda deu alto, direita volver, e começou a tocar o Hino Nacional Brasileiro. Nesse ínterim, um possante canhão de iluminação a raio laser projetou sobre o céu do sambódromo uma gigantesca effigie virtual do presidente Miron Marian, que encimava os seguintes dizeres:

**SALVE O NOSSO GRANDE IRMÃO
PRESIDENTE MIRON MARIAN
O GENEROSO PAI DA PÁTRIA!**

Enquanto os presentes ao camarote presidencial escutavam, perfilados e emocionados, os acordes do Hino Nacional, maravilhados com as cores e luzes que cruzavam o céu, e com a emocionante homenagem ao presidente da República, o presidente Marian expectorou um grito de dor, levou a mão ao peito, e caiu estatelado, de costas, sobre a mesa do *buffet*, bugalhos arregalados de pavor, acometido de um infarto fulminante.

Lázaro das Dores fora acordado de madrugada, em casa, pelo plantonista da redação de *A Gazeta Carioca*, que o informou, por telefone, sobre o incidente com o presidente da República, no sambódromo da Barra.

– O presidente está vivo? – indagou Lázaro.

– Não tenho condições de informar. Todos os jornalistas e cinegrafistas presentes no sambódromo souberam do incidente meia hora depois que o presidente já tinha sido transportado, de turbocóptero, para o Hospital Central do Exército – respondeu o plantonista.

– Ninguém viu o presidente ser embarcado? – indagou Lázaro, apreensivo.

– A informação que temos até agora, não confirmada, é que o general Krammer teria agido rapidamente: consta que ele ordenou a prorrogação da solenidade de encerramento do desfile, que requeria a escuridão de todo o sambódromo, por se tratar de um espetáculo de luzes e de imagens projetadas no céu. Quando as luzes foram acesas, o presidente Marian e todos os ministros presentes ao camarote presidencial já haviam se ausentado do sambódromo, em turbocópteros da FAB.

– Os repórteres e fotógrafos da *Gazeta*, que estavam no sambódromo, já se dirigiram para o HCE?

– Sim, senhor. O Dines, o Pavan e o Villas Boas já foram para lá.

– Diga ao Peixoto para segurar o fechamento da primeira página. Em meia hora estarei aí na redação – disse Lázaro, e desligou o telefone.

Uma hora da madrugada, 15 de fevereiro de 2046, quinta-feira. O prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Stalin Guevara, localizara, pelo telefone celular, após várias tentativas infrutíferas, o vice-presidente da República, Antônio Péricles, na residência oficial do Jaburu, em Brasília.

– Tenho a informação, não-oficial, de que o presidente Marian está morto. A notícia está sendo negada pelo Ministério da Segurança Interna e pela CBI, não é difícil imaginar os motivos. Alguns motoristas, além de auxiliares subalternos do governo federal, que estavam no sambódromo da Barra, ontem à noite, ouviram o general Krammer, aos berros, mandar prender todos os que presenciaram o corpo do presidente ser conduzido, em uma maca, à pressa, para o turbocóptero presidencial. Um desses auxiliares, que testemunhou tudo, conseguiu escapar da repressão escondendo-se debaixo de um desses quiosques da praia da Barra. Ele afirmou que o rosto do presidente estava cinza, olhos abertos, arregalados, e que não tinha dúvida que ele já estava morto – falou o prefeito Guevara, arfante, pelo telefone.

– Vou providenciar minha ida imediata para o Rio de Janeiro, Guevara! – redarguiu Antônio Péricles.

– Não faça isso! Esses fascistas já devem estar atentos aos seus deslocamentos, Antônio Péricles! Seria muito fácil para eles provocar um acidente com o avião que o transportaria para cá! Fique aí mesmo, na residência do Jaburu, porque a situação é grave, e exige toda a nossa precaução! Vou entrar em contato com algumas pessoas de nossa confiança, aí em Brasília, para assegurar a sua segurança física e a de sua família. Por favor, não acate nenhuma sugestão, nem mesmo das pessoas que lhe são mais chegadas, aí em Brasília, para se ausentar da residência, nas próximas 24 horas! Só fale pelo celular particular, e ligue para o meu se desconfiar de alguma coisa que fuja da rotina, aí na residência do Jaburu. Não se esqueça que o vice-presidente da República só deve obediência ao presidente da República, e a ninguém mais! Nos impedimentos do presidente, e ao que parece está se configurando essa situação constitucional, o vice-presidente da República assume de imediato! – exclamou o prefeito do Rio de Janeiro.

Hospital Central do Exército, Rio de Janeiro. Duas horas da madrugada, 15 de fevereiro de 2046, quinta-feira.

– Precisamos ganhar tempo, ministro Natanael! – vociferou o general Krammer, nervoso, fechado numa sala do HCE com os ministros das três Forças Armadas, o ministro-chefe da CBI, além do ministro-chefe da Casa Civil. – Não informaremos a morte do presidente Marian antes de decidirmos, aqui, sobre o destino que vamos dar ao negralhão baderneiro que está lá em Brasília!

– Será impossível ocultar esse grave fato por mais tempo, general. A essa altura, os inconformistas já devem desconfiar da morte do presidente, e mobilizam-se para transmitir a informação aos presidentes do Congresso e do Supremo Tribunal Federal! – ponderou o ministro Pernambuco Natanael.

– Não passarão! Ninguém conseguiu enxergar nada com aquela escuridão no sambódromo da Barra! E quem acidentalmente viu, está recolhido, incomunicável, no Forte de Copacabana, até ulterior ordem minha! Por via das dúvidas, e para nos assegurar mais tempo para tomar uma decisão, ordenei que o corpo do presidente fosse deitado num leito do CTI deste hospital, rosto coberto por uma máscara de oxigênio; determinei, ainda, que tirassem umas fotos dele, naquela posição, por gente da nossa confiança. A essa hora os flagrantes estão sendo distibuídos, *clandestinamente*, na portaria do HCE, para os jornalistas que lá estão.

– Uma tomada do poder pela força das armas, general, violando a Constituição, traria repercussões internacionais negativas para o Brasil, inviabilizando a possibilidade de um governo de exceção! – replicou, ponderadamente, o ministro Natanael.

– Não estou cogitando uma saída inconstitucional, pelo menos por enquanto, ministro Natanael. Quero examinar com os senhores uma alternativa, dentro da lei, para esse impasse, que evite a transmissão do cargo de presidente da República, pura e simplesmente, para aquele negralhão baderneiro! – grunhiu o general Krammer.

O almirante Wanderklink, ministro-chefe da CBI, falava no celular com um subordinado, e interveio na conversa:

– Estou sendo informado de que a notícia da morte do presidente já está correndo pelas agências internacionais! Algum

fotógrafo estrangeiro, com uma câmera infravermelha, bateu um flagrante do presidente sendo transportado de maca para o turbocóptero. A foto é reveladora da expressão de *rigor mortis* do presidente!

– Filhos-da-puta! Como o mundo seria melhor sem imprensa e sem jornalistas! – trovejou o general Krammer. – Brigadeiro Vilela, precisaremos do emprego de uma solução técnica para resolver esse grave problema!

– Solução técnica, general? – indagou, confuso, o ministro da Aeronáutica.

– Sim, solução técnica! O que vou propor, aqui e agora, compromete todos os presentes com a proposta: não podemos admitir que um inconformista arruaceiro assuma o mais alto cargo desta nação, há apenas dois meses de um mandato presidencial de cinco anos, tempo mais que suficiente para que esses inconformistas filhos-da-puta transformem o Brasil numa república bolchevique! Precisamos evitar, por todos os meios possíveis, que tal desgraça aconteça com este país! Temos duas alternativas de solução técnica para o problema: preparar ou derrubar o *turbojet* que transportaria o Antônio Pêricles para o Rio, após o anúncio oficial da morte do presidente Marian. Qual a alternativa que mais dificultaria a perícia dos escombros e a elucidação do acidente, brigadeiro Vilela? – indagou o general Krammer, encarando todos os presentes, olhar vítreo, incisivo.

– Não haveria outro meio, digamos, menos traumático que um acidente aéreo, com perda de vidas, para resolver esse impasse, general? – ponderou o ministro da Força Aérea.

– O senhor tem alguma sugestão alternativa, tão rápida, limpa, tecnológica e difícil de ser deslindada, legal e tecnicamente, como essa, brigadeiro? – replicou o general Krammer.

Fez-se um comprido e agônico silêncio na sala. A comoção de todos transparecia nas faces angustiadas, conscientes da gravidade do momento. O tempo, inexorável, corria, constituindo-se num inimigo que se robustecia com o passar das horas. Todos naquela sala tinham consciência disso. O ministro Pernambuco Natanael resolvera intervir, apresentando uma solução conciliatória:

– Poderíamos tentar, como já ocorreu no passado, uma

solução política para o impasse: uma emenda constitucional poderia ser votada, em regime de urgência urgentíssima, pelo Congresso, implantando o sistema parlamentarista de governo no Brasil: aceitaríamos o Antônio Péricles como presidente, mas ele atuaria, apenas, como uma espécie de “rainha da Inglaterra”, e elegeríamos um primeiro-ministro, do PNV, para chefiar o governo: temos tranqüila maioria parlamentar no Congresso para assegurar o sucesso dessa proposta.

– Para depois os filhos-da-puta realizarem um plebiscito nacional e recolocarem o negralhão no poder, com mais legitimidade ainda que antes? Convenhamos, ministro Natanael, estamos no Brasil, o país e o povo não estão preparados para conviver com regimes de governo de inspiração européia! Também já li o livro de história do Brasil que o senhor leu! – retorquiu o general Krammer.

Um batalhão da Polícia do Exército cercava o prédio do HCE, às primeiras horas da manhã do dia 15 de fevereiro de 2046, quinta-feira, impedindo o acesso de jornalistas, curiosos e populares às dependências do hospital. As notícias sobre a gravidade da enfermidade do presidente Marian eram descontraídas: um boletim, apócrifo, da administração do hospital, fora afixado numa das paredes do portão externo, nos seguintes termos: “O presidente da República Miron Marian deu entrada no CTI deste nosocômio militar às vinte e três horas e quarenta e dois minutos, do dia 14/2/2046, acometido de acentuada arritmia cardíaca e dificuldades respiratórias.”

Lázaro das Dores, permanecera na redação de *A Gazeta Carioca*, desde as primeiras horas da quinta-feira, mantendo conversações telefônicas com o professor Leodegário Saquarema, com o advogado Sepúlveda Lobão e com o prefeito do Rio de Janeiro, Stalin Guevara; antes de decidir-se pela oitiva do conselho editorial do jornal, deu uma última espiada na tela da Internet para checar as notícias transmitidas pelas agências internacionais. Em seguida, comunicou-se, pelo celular, com os repórteres da *Gazeta*, de plantão na portaria do HCE. De posse das informações disponíveis até aquele momento (cerca de duas

e meia da manhã, da quinta-feira), ouviu o conselho editorial do jornal e decidiu-se pela manchete da primeira página:

PRESIDENTE MARIAN SOFRE ATAQUE DO CORAÇÃO NO SAMBÓDROMO DA BARRA

Lázaro das Dores não conseguira comunicar-se com Antônio Pércles, embora o prefeito Guevara o tivesse tranqüilizado, informando-o da conversação que mantivera com o vice-presidente da República, na residência oficial do Jaburu, às primeiras horas da quinta-feira. A cabeça de Lázaro fervilhava, às seis horas da manhã, na redação do jornal. Ao seu lado, olhos atentos na imagem da foto refletida na tela do computador, Bienvenido Pavan esquadrinhava, detidamente, a imagem do rosto do presidente Marian, deitado na maca que o transportara para o turbocóptero. Aquele flagrante havia sido distribuído para todo o mundo pelas agências internacionais de notícias.

— *Tiene la expresión de un muerto, Lazarillo, de un hombre que ya está sin vida, por supuesto!* — avaliou o fotógrafo.

— Não posso noticiar a morte de um presidente da República sem a confirmação da notícia, Pavan. O prefeito Guevara tem a convicção de que os militares estão escondendo a morte do presidente, para ganhar tempo, em face da vacância do cargo representar a ascensão automática do vice-presidente da República, assegurada pela Constituição. Segundo o prefeito do Rio, a circunstância de um inconformista sindicalista estar assumindo a Presidência da República deve estar levando os milicos ao desespero.

— E se o presidente *ya está muerto, hombre?* — indagou o fotógrafo.

— Já tenho uma edição extra pronta para sair, basta que a notícia seja confirmada! — redarguiu Lázaro.

— *Fenómeno!* O Brasil é um país fantástico! *Hasta la muerte de una persona es fruto de negociación!*

Nesse ínterim, os noticiários da Internet passaram a transmitir as primeiras repercussões da notícia na Europa e nos EUA. Os comentários eram todos cautelosos e tinham a evidente preocupação de não antecipar versões não confirmadas dos acontecimentos. Entretanto, uma declaração de uma autoridade do Departamento de Estado dos EUA despertara em Lázaro a desconfiança, quase certeza, de que o presidente Marian já estava morto: “O Brasil é uma nação soberana que saberá encontrar, na sua Carta Magna, a solução constitucional para este grave momento.”

– Eles são sempre os primeiros a saber de tudo que se passa no mundo, antes mesmo das autoridades governamentais do país onde sucedeu o fato... – boquejou Lázaro para si.

Hospital Central do Exército, Rio de Janeiro. Cinco horas da manhã, 15 de fevereiro de 2046, quinta-feira.

– O vice-presidente da República não foi localizado em Brasília, general Krammer. Há informes, oficiosos, que ele teria embarcado em avião particular e deixado a Capital Federal, com destino ignorado, na companhia de políticos e militares simpáticos ao Pecolab – informou o almirante Wanderklink, a um já aquebrado e cansado ministro da Segurança Interna.

– E agora, ministro Natanael, o que faremos? – indagou o general Krammer ao ministro-chefe da Casa Civil.

– Se não puderes derrotar o inimigo, alia-te a ele. Creio que é o momento, general, em face das circunstâncias a que estamos submetidos, de pôr termo a essa alternativa, digamos, não-ortodoxa, de impedimento do provimento do cargo vago de presidente da República pelo vice-presidente eleito. O assunto está capitulado na Constituição Federal, com todos os *efes* e *erres* – ponderou o ministro Natanael. – Aconselho que o senhor autorize, agora, o anúncio oficial da morte do presidente Marian, pelo porta-voz da Presidência, alegando que a demora da informação deveu-se à esperança e aos ingentes esforços do corpo médico deste hospital para salvar a vida do presidente da República, que não resistiu e veio a falecer. Seria também de

bom alvitre que o general ordenasse a libertação, com pedidos de desculpas, das pessoas que testemunharam o traslado do corpo do presidente para este hospital, e estão detidas no Forte de Copacabana. Mais tarde, haveremos de, com a cabeça fresca, a par da nova disposição das peças no tabuleiro, encontrar uma saída oportuna, política, para esse impasse – acrescentou, batendo nas costas do militar, confortando-o.

A GAZETA CARIOCA

RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO DE 2046 – ANO XXXI – Nº 10.195

MIRON MARIAN MORRE E ANTÔNIO PÉRICLES ASSUME A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO (AN) – O presidente Miron Marian faleceu, hoje, às quatro horas e dezesseis minutos, vítima de infarto agudo do miocárdio, conforme boletim médico expedido pela direção do Hospital Central do Exército (HCE) às seis horas desta manhã. O conteúdo integral do comunicado médico é o seguinte: *O presidente da República Miron Marian deu entrada, no Centro de Tratamento Intensivo deste nosocômio militar, às vinte e três horas e quarenta e dois minutos, do dia 14/2/2046, apresentando sintomatologia de acentuada arritmia cardíaca e dificuldades respiratórias. Tendo sido empregados todos os recursos médicos e tecnológicos, disponíveis neste hospital, e apesar dos ingentes esforços da equipe médica que o atendeu, o presidente Miron Marian não resistiu à grave lesão cardíaca, resultante de um infarto agudo do miocárdio, e veio a falecer às quatro horas e dezesseis minutos do dia 15/2/2046. Professor Doutor General Médico Nicodemus Santiago. Diretor do HCE.*

O anúncio oficial do falecimento do presidente Miron Marian foi feito pelo portavoz da Presidência da República, pastor Luís Felipe Britto, no *hall* do Hospital Central do Exército, para uma pequena multidão de jornalistas e cinegrafistas que aguardavam, desde as primeiras horas do dia de hoje, na portaria daquele hospital – cercada por soldados de um batalhão da Polícia do Exército, que impedia o acesso às dependências daquele nosocômio – a confirmação do estado de saúde do presidente da República. O presidente Miron Marian começou a sentir-se mal no camarote presidencial do sambódromo da Barra da Tijuca, na zona oeste desta cidade, durante as solenidades comemorativas da inauguração do novo carnaval de quinze dias, na noite de ontem, quarta-feira (14/2), cumprindo promessa que fizera na campanha para as eleições presidenciais realizadas no ano passado. Testemunhas presentes no sambódromo da Barra da Tijuca declararam que o presidente Marian ficara profundamente emocionado com as homena-

gens que lhe foram prestadas pela Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. No momento em que se apagaram os refletores que iluminavam a pista de desfile, um canhão de luzes multicoloridas, a raio *laser*, projetou no céu uma gigantesca effigie virtual do presidente Marian, encimando os dizeres: SALVE O NOSSO GRANDE IRMÃO PRESIDENTE MIRON MARIAN, O GENEROSO PAI DA PÁTRIA. Quando os refletores foram religados, após quase trinta minutos de espetáculo de luzes e fogos pirotécnicos, o presidente Miron Marian, e toda a comitiva de ministros e autoridades que se encontravam no camarote presidencial, já haviam se retirado do sambódromo, em turbocópteros da Força Aérea Brasileira. A partir desse momento, instalou-se grande confusão no sambódromo, com os organizadores da solenidade e as autoridades convidadas aturdidos com o desaparecimento da comitiva presidencial, a indagar de uns e de outros o destino do presidente e dos ministros de Estado ali presentes.

BRASÍLIA (AN) – O vice-presidente da República, Antônio Péricles, foi avisado, por telefone, do acontecido com o presidente Miron Marian, na residência oficial do Jaburu, na Capital Federal, às primeiras horas do dia de hoje (15/2), pelo prefeito do município do Rio de Janeiro, Stalin Guevara. Em conformidade com a Constituição Federal em vigor no país, o vice-presidente da República, no impedimento temporário ou vacância do cargo de presidente da República, passa a ocupar, automaticamente, o cargo de mais alto mandatário do país, a partir do anúncio oficial da morte do presidente Miron Marian, feito às seis horas da manhã de hoje (15/2). O próprio presidente Antônio Péricles – que decretou luto oficial de oito dias em todo o território nacional – deverá presidir a realização das cerimônias fúnebres de sepultamento do corpo do presidente Miron Marian, no Rio de Janeiro. Presidentes e chefes de governo de países da América do Sul e do Caribe já confirmaram suas presenças nas cerimônias exequiais.

16

NO TRANSCORRER DO PERÍODO DE LUTO OFICIAL, APÓS as exéquias do ex-presidente Marian, o presidente Antônio Péricles mantivera numerosos contatos políticos, no Palácio do Planalto, com as lideranças dos partidos inconformistas, direção do PNV, presidentes da Câmara dos Deputados, do Senado Federal e do Supremo Tribunal Federal, além de ter se reunido com todos os ministros nomeados pelo ex-presidente Marian. Ouvira, ecumenicamente, na qualidade de mais alto magistrado da nação, o presidente da CNBB, líderes de igrejas evangélicas, representantes da umbanda e de outras seitas religiosas, além das mais representativas lideranças da sociedade civil organizada. Ao fim e ao cabo de dez dias de intensas conversações, que chegaram a lhe tomar catorze horas diárias de trabalho, resolvera acatar o conselho político que lhe fizera o velho professor Leodegário Saquarema, por telefone, da sua cela no presídio da Covanca VI:

– Mantenha nos cargos, nesse primeiro instante, os ministros nomeados pelo ex-presidente Belmironeide Mariano. Para sua equipe pessoal, auxiliares *in pectore* como se diz, sugiro que Vossa Excelência convide o jornalista Lázaro das Dores, para porta-voz da Presidência da República, o advogado Sepúlveda Lobão, para secretário da Presidência da República, e confirme o Bastos Freitas para o Banco Central. Tal atitude seria vista como um gesto de concórdia, principalmente pelos setores mais

conservadores do país, ainda muito apreensivos com a assunção de Vossa Excelência ao cargo de presidente da República. Mais tarde, ânimos políticos já serenados, a sociedade demonstrando confiança no governo, poder-se-ia examinar a possibilidade de uma reforma ministerial, substituindo os ministros que, eventualmente, não tivessem logrado boa atuação, ou tivessem cometido ato de improbidade, ou revelado incompetência na condução da respectiva pasta. Gostaria, apenas, de mais uma vez alertar Vossa Excelência, como já o fiz em outras oportunidades, para redobrar a atenção e os cuidados com os ministros Érico Krammer, Pernambuco Natanael e Jackson Wanderklink, porque estes, mais que os outros, lhe serão sempre infiéis, pelo ativismo de suas convicções ideológicas, conjugado com suas personalidades de homens radicais.

Dos três auxiliares indicados pelo professor Leodegário Saquarema, somente Lázaro das Dores resistira, inicialmente, ao convite para ser o novo porta-voz da Presidência da República:

– Vossa Excelência sabe da minha dificuldade em lidar com políticos, presidente Antônio Péricles: eles me causam engulhos, principalmente aqueles que só trabalham em favor de seus interesses pessoais, que posam e falam, cinicamente, em nome do povo. Muito apreciaria que Vossa Excelência me dispensasse desse honroso convite – ponderara Lázaro, no gabinete presidencial do Palácio do Planalto.

– Lamento, Lázaro, mas não posso concordar com seu pedido. Eu o estou convocando para uma missão, para um desafio patriótico! Entenda o momento grave que estamos vivendo e o irrenunciável dever que nós, os inconformistas, temos para com o povo brasileiro. Não deixe o seu amigo, de horas tão difíceis, nesse momento crucial para os destinos do nosso país – encareceu o presidente, emocionado.

O doutor Artemidoro de Daldis recepcionara Lázaro na porta de sua residência, subúrbio do Rocha, repetindo o procedimento do primeiro encontro. Como da primeira vez, conduziu Lázaro para o quintal da casa, em vez de levá-lo para o quarto-consultório. Lázaro já antecipara ao psicanalista, por

telefone, a contingência de ter de suspender a terapia, em face da necessidade de se transferir para Brasília. O médico concordara, compreendendo a situação, e convidara Lázaro para tomar um suco de graviola, ao som de músicas de Tom Jobim, esquecido músico do passado, para um encontro de despedida.

– Acreditava Aristóteles que os sonhos são de natureza “demoníaca” e não “divina”, que eles não decorrem de manifestações sobrenaturais, mas seguem as leis do espírito humano, embora este seja afim do divino. Mas, confesso, senhor Lázaro, neste nosso último encontro, que espero não seja a última oportunidade em que vamos nos ver, como amigos é claro, que o seu sonho recorrente tem me tirado o sono – desabafou o médico, sentado no banco de madeira, ao lado de Lázaro.

– Talvez, doutor, o senhor esteja conferindo uma dimensão extraordinária ao meu sonho, em face das limitações que tive para descrevê-lo com mais pormenores, ou até mesmo explicá-lo, apesar de meus esforços – redargüiu Lázaro.

– Freud escreveu que “o julgamento simplista de vigília feito por alguém que tenha acabado de acordar, presume que seus sonhos, mesmo que não tenham eles próprios vindos de outro mundo, ao menos o haviam transportado para outro mundo”. Desconfio, seriamente, que o cenário onde ocorre o seu sonho recorrente seja um mundo ainda por acontecer, embora eu reconheça que esse julgamento é absolutamente inverossímil, despropositado, não consulte nenhuma lógica, muito menos a teoria freudiana de interpretação dos sonhos.

– E o que o faz pensar assim, doutor?

O médico levantou-se para pegar o cágado que se evadira do cercado de telas de arame, recolocou-o dentro do galinheiro, e voltou a sentar-se ao lado de Lázaro.

– O grito que o senhor ouve, ao final do sonho, quando é jogado do abismo e cai no mar, confesso que me intriga. Importa-se de ainda falar sobre o assunto?

– Não, doutor, o que o senhor gostaria de saber?

– Esse grito, que o senhor reconhece que não é seu, tampouco de alguém que tenha ficado lá em cima do abismo, é emitido por uma voz que lhe soou amiga ou hostil?

– Amiga, com certeza. Revelava forte preocupação com a

minha queda. Poderia classificá-la como um grito familiar, de pessoa muito próxima a mim – respondeu Lázaro.

– E quando o senhor cai na água, qual é a sensação que lhe invade? Sente dor? frio? que está morrendo? – indagou o médico, com um travo de ansiedade na voz.

– Não, ao contrário. Sinto tepidez, sensação de conforto, bato as pernas no fundo do mar, enquanto sinto que o corpo sobe, lentamente, para a superfície.

– E que tipo de sensação lhe provoca a água, senhor Lázaro?

– Como assim, doutor Artemidoro?

– É fria ou quente? Límpida ou viscosa? Ruidosa ou silenciosa?

Lázaro desviou o olhar para uma sabiá-laranjeira, que pousara sobre um galho da mangueira, antes de responder:

– É tépida, como já disse. Não é límpida, embora eu não a enxergue, mas sinto-a espessa, não sei como descrevê-la, viscosa não é bem o termo...

– Como se fosse um líquido amniótico? – interveio o médico.

– Não chegaria a tanto, é como se fosse um suco substancioso. Ah! ouço um barulho surdo, compassado, ao longe.

O doutor Artemidoro fizera questão de acompanhar Lázaro até o portão da residência, quando se despediram. Presenteara-o com um CD de chorinhos, música de um passado remoto, que ninguém mais ouvia, e o povo já esquecerara.

– Espero que ainda nos encontremos, um dia, doutor Artemidoro. Foi um grande prazer conhecê-lo.

O médico abraçou Lázaro, emocionado, e boquejou-lhe:

– Nós ainda nos veremos, prezado amigo, com certeza ainda nos veremos, um dia.

Foram operosos e difíceis os dois primeiros meses do governo do presidente Antônio Péricles, a despeito de as ações governamentais, no período, terem sido julgadas positivas pelas pesquisas de opinião. Para grande pasmo dos políticos brasileiros – principalmente senadores e deputados federais –, Antônio Péricles

não se utilizara de medidas provisórias, nem uma vez sequer, para baixar atos de governo, fenômeno inédito na História Republicana do país, desde o advento dessa modalidade de instrumento decisório, do Executivo, nas Constituições Federais. Tirante o Plano Nacional de Alfabetização, pelo método Paulo Freire (políticos conformistas, majoritários na Câmara e no Senado, insistiam em discutir propostas pedagógicas alternativas), o Plano de Substituição de Importações (dirigentes da Fiesp e da Firjan recalcitravam fortes resistências em adotá-lo, ainda em 2046), e a desapropriação de terras improdutivas para assentamento de milhões de brasileiros sem-terra (a UDR ainda questionava, juridicamente, o conceito de latifúndio improdutivo, além de defender a legalidade e a legitimidade da especulação imobiliária de terras não cultivadas), o governo do inconformista Antônio Péricles conseguira implementar sete dos dez pontos do “Plano de 10 Pontos” – consequência direta da agilíssima liberação, por parte do Eurobank, da primeira parcela (no valor de dez bilhões de euros) do empréstimo aprovado pelo Parlamento Europeu, graças aos esforços do *premier* Federico Calegari.

Para esse esforço hercúleo de governo, em tão curto espaço de tempo, o presidente Antônio Péricles não medira sacrifícios: participara da inauguração e lançamento da pedra fundamental do projeto de transposição das águas do rio São Francisco; aprovara e liberara, para todos os municípios brasileiros, recursos mensais de CRN\$ 8 bilhões, para custeio do Plano Nacional de Renda Mínima, retirando do trabalho semi-escravo, no campo e nas cidades, cerca de 40 milhões de brasileiros (principalmente crianças e idosos); havia comparecido à inauguração das fundações de 10 dos 150 megarestaurantes populares, com previsão de conclusão das construções para o fim do primeiro semestre (e estimativa de conclusão de mais 150, para o fim do 2º semestre de 2046, e mais 300 para o exercício de 2047); e anunciara a data de 21 de abril de 2046, feriado nacional, para a solenidade de lançamento dos projetos de despoluição da baía de Guanabara e do rio Tietê.

Não obstante tanto esforço empreendedor, em tão pouco tempo, o presidente Antônio Péricles criara uma área de atrito e de insatisfação com os militares e gendarmes: ao verificar os

vultosos recursos financeiros que seriam despendidos com a implementação do Plano de Reaparelhamento e Profissionalização das Forças Armadas e da Gendarmaria Nacional, decidira-se pelo adiamento de sua execução – até que o Congresso Nacional aprovasse de onde seriam retirados os recursos orçamentários para aqueles fins –, além de ter transformado o reajuste de 45% nos soldos e proventos dos militares, prometidos pelo ex-presidente, num aumento real de 15% para todos os trabalhadores do país, inclusive para os funcionários públicos, civis e militares. Ademais, os recursos provenientes da liberação da primeira parcela do empréstimo concedido pelo Eurobank tinham sua aplicação adstrita ao custeio e financiamento das medidas, projetos e programas constantes do “Plano de 10 Pontos”, não sendo remanejáveis para outros fins. Tais decisões tiveram o condão de provocar as primeiras reuniões de rebeldia no Clube Militar, no Rio de Janeiro.

Informado – por políticos de partidos inconformistas – da realização crescente de conciliábulos e conspiratas, principalmente entre militares e gendarmes da reserva remunerada, o presidente Antônio Péricles convocara uma reunião, no Palácio do Planalto, com os ministros das três Forças Armadas, o ministro da Segurança Interna, o ministro-chefe da CBI e o ministro da Justiça e Ordem Social (chefe da Gendarmaria Nacional), para tratar do assunto.

Sentados em torno da mesa oval da sala de reuniões ministeriais do Palácio do Planalto, os ministros convocados aguardavam a presença do presidente da República. O general Érico Krammer – faces afogueadas, olhares rútilos de ódio – inflava e desinflava as bochechas, sem conseguir disfarçar o seu constrangimento.

O presidente Antônio Péricles, acompanhado do secretário Sepúlveda Lobão, adentrou a sala de reunião, exatamente no horário marcado, sem que fosse antecedido por nenhum alarde ou anúncio, fato que surpreendeu os ministros ali presentes, habituados a protocolos mais sonoros.

– Bom-dia a todos os senhores – cumprimentou-os Antônio Péricles, sentando-se, de imediato, na cadeira destinada ao presidente da República. – A agenda desta reunião, senhores

ministros, é curta, pois só trataremos de dois assuntos: em primeiro lugar, do ajuste que fomos obrigados a fazer no Plano de Reaparelhamento e Profissionalização das Forças Armadas e da Gendarmaria Nacional, acordado com os senhores ainda no governo do presidente Marian; em segundo lugar, das informações que têm chegado à Presidência da República, de manifestações de insatisfação dos militares e gendarmes, em decorrência dos ajustes levados a efeito no Prefag.¹ Alguém dos senhores, antes de começarmos a tratar desses assuntos, gostaria de fazer alguma consideração preliminar?

O general Krammer, olhando fixamente nos olhos do almirante Jackson Wanderklink, sentado à sua frente, levantou o dedo.

Sem conseguir disfarçar seu estado de irritação, o general limpou a garganta e, sem virar-se para o presidente da República, observou:

– Há uma rigorosa diferença, senhor presidente, entre os conceitos de *informação* e de *informe*, cuja aplicação os civis fazem, indistintamente, sem muito cuidado. O que o senhor pode estar chamando de informações sobre a insatisfação de militares e gendarmes, provavelmente, devem ter sido observações do tipo “consta que”, tão ao gosto de certa imprensa brasileira.

– Ministro Krammer – replicou o presidente Antônio Péricles –, sei perfeitamente que uma informação traduz conhecimento fundamentado, resultante da análise de combinação de vários informes, e que estes constituem, apenas, subsídios contributivos para a elaboração e validação daquela. Deixemos essas preocupações semânticas, e passemos a considerações objetivas sobre os fatos concretos que pretendo tratar, agora, com os senhores.

Todas as partes visíveis do corpo do general Krammer (cabeça, pescoço e mãos) foram tomadas por uma coloração avermelhada só encontrada em tomates maduros. O almirante Jackson Wanderklink, sentado à frente do ministro da Segurança Interna, devolveu ao general Krammer, à guisa de provocação, um olhar irônico, debochado, que este recebera como se o cole-

¹ Plano de Reaparelhamento e Profissionalização das Forças Armadas e da Gendarmaria Nacional.

ga lhe houvesse dito: “Krammer: o negralhão baderneiro e *esquerdóide*, além de esculhambá-lo em público, ensina a você, em português castiço, o uso correto de conceitos militares!”

O presidente Antônio Péricles, ato contínuo à velada admoestação ao ministro da Segurança Interna, deu início à reunião:

— Preliminarmente, quero dizer aos senhores que nunca fui homem de cultivar rancores, ainda que provocado por desafetos políticos, tampouco sou político movido a revanchismos mesquinhos. O alto cargo público que ocupo, além das graves responsabilidades que tenho para com o povo brasileiro, impedem-me, por dever de ofício, de me ocupar de questões de somenos, nesta crítica quadra de tempo por que passa o Brasil. Exijo de mim mesmo, e também de meus auxiliares, profunda reflexão e avaliação crítica antes da tomada de quaisquer decisões ou da sanção de atos de governo. Temos que ños esforçar, presidente e ministros, para assegurar que, em todos os escalões do governo, nossas decisões tenham sempre por objetivo alcançar e beneficiar o maior contingente possível de cidadãos brasileiros; para tanto, temos que adotar, rigidamente, como princípio e rotina de trabalho, a exação de nossos procedimentos e condutas, o uso racional, ético e amplamente justificável dos recursos públicos. O Plano de Reaparelhamento e Profissionalização das Forças Armadas e da Gendarmaria Nacional, nos termos e números que foram aprovados pelo ex-presidente Marian, por sugestão dos senhores, é absolutamente inexequível, além de sua proposição não ter consultado os princípios de trabalho aos quais me referi.

Após este intróito, o presidente encareceu ao secretário Sepúlveda Lobão a distribuição de cópias, aos ministros presentes, de uma estimativa global de dispêndios para a implementação do referido plano.

ESTIMATIVA DE DISPÊNDIOS TOTAIS COM O PREFAG

ITEM	UNIDADES	CUSTO UNITÁRIO (EM US\$ 1.000)	GASTO TOTAL (EM US\$ 1.000)
a) Turbocarros de combate modelo TIGER	1.500	500	750.000
b) Fábrica de fuzis automáticos e metralhadoras (PELOTAS)	1	100.000	100.000
c) Porta-aviões franceses, de porte médio (usados)	2	40.000	80.000
d) Fragatas (vasos de guerra) (novas)	150	15.000	2.250.000
e) Fábrica de submarinos atômicos modelo SHARK	1	200.000	200.000
f) Turbocaças (novos) modelo EAGLE	150	10.000	1.500.000
g) Turbourutus	450	100	45.000
h) Turbocarros de patrulhamento	500	20	10.000
GASTOS TOTAIS ⇨			4.935.000

— Senhores ministros, a implemetação do Prefag, nos termos e números em que foi especificado, custaria perto de 5 bilhões de dólares aos cofres da nação, e o que é mais importante ressaltar: estas cifras referem-se somente à compra de armamentos, material bélico e de aeronaves, navios e veículos de guerra e de transporte, não estando o Brasil em guerra, sequer na iminência de um conflito com qualquer país estrangeiro! Com esses vultosos recursos, senhores ministros, seria possível construir um milhão de casas populares! Ademais, não considere, no cômputo desses números, os acréscimos de despesas, na folha da União, decorrentes da eventual concessão de um reajuste linear de 45%, nos soldos e proventos de militares e gendarmes, ativos e inativos. A considerar tratar-se de um contingente em torno de 5 milhões de pessoas, com rendimentos médios *per capita* da ordem de US\$ 1.000, tal reajuste, se praticado, importaria em um incremento mensal, na folha de pagamentos da União, da ordem de 2,25 bilhões de dólares! Se

somarmos este valor ao estimado para aquisição dos equipamentos e materiais bélicos, chegaremos à astronômica cifra de 7,185 bilhões de dólares, quantia superior a todo o empréstimo que nos foi concedido pelo Eurobank! – acrescentou o presidente Antônio Péricles.

Os ministros entrefitaram-se, pasmos, surpresos com as cifras apresentadas. Era perceptível o constrangimento de todos: sequer haviam discutido aqueles números no âmbito do Conselho de Segurança da República.²

– Algum dos senhores ministros gostaria de fazer alguma consideração sobre essa estimativa simplificada de gastos com o Prefag, antes de prosseguirmos? – indagou o presidente aos presentes.

Um comprido e acabrunhado silêncio fora a resposta. O general Krammer, estarrecido com aqueles números, que lia e relia, inconformado – conferia-os no seu relógio de calcular de pulso –, passou a inflar e desinflar as ruborizadas bochechas com mais velocidade; o almirante Jackson Wanderklink, agastadiço, mexia, nervosamente, o corpo obeso na cadeira; os ministros da Marinha e da Aeronáutica, almirante Teodósio Verdesmares e brigadeiro Túlio Vilela, constrangidos, mantinham os olhos pregados na folha de papel; o ministro da Justiça e Ordem Social, pastor Bruno Cardoso, resolvera fazer uma observação:

– Quero crer, senhor presidente, sem querer depreciar essa estimativa de dispêndios com o Prefag, que tais cifras podem estar superdimensionadas: refiro-me aos custos unitários de aquisição desses equipamentos e materiais bélicos, em razão de que os fornecedores da União, tanto os nacionais como os estrangeiros, têm o mau costume de majorar seus preços, significativamente, quando apresentam especificações de seus produtos e serviços ao governo federal brasileiro.

– Somente por essa razão, senhor ministro, essa estimativa de dispêndios deveria ter sido exaustivamente analisada e discutida, antes de ser submetida à aprovação do presidente da República. No entanto, mesmo desconhecendo essa má praxe dos fornecedores para com o governo federal, o presidente do

Banco Central, Bastos Freitas, a meu pedido, teve o cuidado de entrar em contato telefônico pessoal com os presidentes do Eurobank e do Federal Reserve, para que eles nos auxiliassem a levantar, junto aos fabricantes, os menores preços possíveis praticados para aqueles itens, em face do volume das encomendas. Esses custos de aquisição, senhor ministro, foram obtidos dessa forma: entre as autoridades monetárias dos países envolvidos com a transação. Mais exação, impossível! Caso não existam mais considerações a serem feitas, passemos ao segundo ponto da agenda desta reunião: a insatisfação dos militares e dos gendarmes, decorrente do adiamento da implantação do Prefag. Gostaria de ouvi-los, todos, agora, a respeito, por favor.

Palácio do Planalto, Brasília, gabinete do presidente da República. Onze horas da noite. Reunido, informalmente, com o porta-voz da Presidência da República, com seu secretário e com o presidente do Banco Central, o presidente Antônio Péricles desabafava:

– Não agüento mais a resistência passiva desses ministros! Sinto que se torna cada vez mais urgente proceder a uma ampla reforma ministerial, se quisermos salvar a implantação do “Plano de 10 Pontos”. Concordei com o professor Saquarema, de início, que a manutenção do ministério nomeado pelo ex-presidente Marian seria interpretada como um gesto que repercutiria bem junto ao povo brasileiro, e tranqüilizaria banqueiros, industriais, militares e os políticos conformistas deste país. Malgrado a curta convivência de 45 dias com esses ministros, sinto que todos eles, sem exceção, revelam absoluto descompasso com minhas orientações, e o que considero mais grave: des-caso e resistência passiva com a execução das medidas, projetos e programas do “Plano de 10 Pontos”. Tratam-no como se fosse um “plano feito pelo inimigo”, ao qual sentem-se obrigados a tolerar, mas não a colaborar. Não posso mais conviver com auxiliares que não se sintam compromissados com o programa de governo, que eles próprios aprovaram quando o presidente Marian ainda estava vivo.

Sepúlveda Lobão acendeu um cigarro, serviu-se de mais uma dose de uísque e, ressumando preocupação, indagou:

— É decisão já pensada e tomada, ou ainda é possível uma revisão quanto a essa reforma ministerial, presidente?

— Ainda vou conversar, amanhã, pelo telefone, com o professor Leodegário Saquarema, para ouvi-lo sobre o assunto. Mas quanto à reforma ministerial, é decisão já amadurecida, Sepúlveda. Só estou cogitando a data em que devo implementá-la — respondeu Antônio Péricles.

— E quanto à escolha dos novos ministros, presidente? É seu pensamento consultar o PNV, Pecolab e os partidos inconformistas que constituem a base partidária do governo? — insistiu Sepúlveda Lobão.

— Sem dúvida, Sepúlveda: é impossível governar sem uma base partidária no Congresso. No entanto, na escolha dos novos ministros quero priorizar o aproveitamento de profissionais de reconhecida competência e de políticos experientes, de reputação ilibada, que tenham o perfil adequado para a tarefa de concluir, com êxito, o “Plano de 10 Pontos”.

— E as articulações políticas no Congresso, presidente, seriam feitas por quem? — indagou Lázaro das Dores.

— Estou cogitando em convidar o deputado Vladimir Prestes, da FMR do B, para assumir a Chefia da Casa Civil. Se ele aceitar, vou incumbi-lo dessa articulação política para composição do novo ministério.

Já passava da meia-noite quando Sepúlveda Lobão e Bastos Freitas, alegando compromissos às primeiras horas da manhã, despediram-se. Lázaro também pretendia voltar para o hotel (ainda não se decidira a morar em um apartamento funcional), mas o presidente Antônio Péricles pediu que ele ficasse por mais alguns instantes. Quando estavam a sós, Antônio Péricles indagou do auxiliar:

— Qual a sua avaliação, Lázaro, do momento político que estamos vivendo?

O porta-voz levantou-se da poltrona, caminhou até a parede envidraçada do gabinete do presidente da República, olhou para a iluminada Praça dos Três Poderes, retornou para o interior da sala, e respondeu:

— Este local já foi palco de muitas crises e de momentos críticos da história republicana do Brasil, presidente. Por este gabinete já passaram JK, Jânio, Jango, os cinco generais da ditadura, e civis de quem não guardamos boa memória. Não preciso lhe dizer que o seu governo, nestes primeiros 45 dias, já fez mais para o povo brasileiro que muitos dos seus predecessores não foram capazes de realizar em 5 e 10 anos de mandato. No entanto, julgo que, há muito, perdemos o direito de nos iludir, fazendo uma análise fria da história, sobre o reconhecimento do povo brasileiro relativamente aos benefícios que lhe são propiciados pelo governo. Considerável parcela da população deve achar que isso tudo que está sendo feito “já vem tarde”; outros, também em expressivo contingente, devem estar analisando: “o Getúlio e o Jango também tentaram fazer coisa semelhante, e o Brasil deu no que deu”. De certa forma, presidente, não tiro a razão do povo: se olharmos para trás, e avaliarmos, com isenção de espírito, a fieira de maus governantes que já dirigiram os destinos deste país, não é para se ter mesmo muita confiança no futuro. Nosso passado nos condena. O senhor me pede para fazer uma avaliação do momento político que vivemos: só posso dizer que a interrupção, intempestiva, de uma seqüência de governos evangélicos, com a ascensão de um vice-presidente inconformista, que não foi votado para ocupar o mais alto cargo público do país, em decorrência de um acidente do destino, não é fenômeno ou acontecimento que possa ser assimilável, sem grandes traumas, principalmente pelos segmentos que se sentiram mais prejudicados com os acontecimentos: os evangélicos e os militares. É com eles que o senhor tem de se preocupar; é deles que virá a reação. Nunca aliementei a esperança que esse ministério lhe fosse fiel.

— Você faria agora, Lázaro, estivesse no meu lugar, essa reforma ministerial?

— Eu nem teria mantido esses ministros, presidente. Concordo que para assegurar a implantação exitosa do “Plano de 10 Pontos” o senhor deve, sem perda de tempo, proceder a uma completa reforma ministerial.

Antônio Péricles ergueu-se da cadeira, massageou as palmeiras cerradas com os nós dos dedos, soltou um bocejo, e comentou:

– No próximo dia 21 de abril, feriado de Tiradentes, daqui a três semanas, pretendo anunciar a composição do novo ministério, Lázaro.

– Alguma razão especial para a escolha dessa data?

– Sim: será o dia do lançamento dos únicos programas ainda não iniciados do “Plano de 10 Pontos”: a despoluição da baía de Guanabara e do rio Tietê. Entendo que seria justo que o atual ministério participasse das solenidades de lançamento desses programas. Afinal, foram esses ministros que, concordando ou não, participaram da aprovação do “Plano de 10 Pontos”.

Brasília, Palácio da Alvorada, residência oficial do presidente da República. Primeiras horas da manhã do dia 4 de abril de 2046, quarta-feira. Lázaro das Dores fora convocado, ainda cedo, para reunir-se com o presidente, com urgência, na sala de despachos do Palácio da Alvorada. Encontrara-o abatido, barba por fazer, usando um robe sobre o pijama, sentado numa poltrona da sala de despachos.

– Bom-dia, senhor presidente. Aconteceu alguma coisa? – perguntou Lázaro, preocupado com a aparência deprimida de Antônio Péricles.

Arriado na poltrona, ombros caídos, o presidente da República estendeu-lhe um envelope pardo.

– Veja essas fotos – grunhiu, acabrunhado. – A chantagem demorou, mas chegou.

Antes de abrir o envelope, Lázaro recordou o drama por que passara no gabinete do diretor-superintendente da Cosab. Não lembrara ter vivido cena de maior humilhação em toda sua vida. A mesma face da vergonha, do ultraje, estava estampada no rosto de Antônio Péricles.

À semelhança das circunstâncias da situação vivida por Lázaro, o envelope continha uma dúzia de fotos, tamanho 20x30 cm, que exibiam a primeira-dama do país completamente despida, deitada numa cama, na companhia de uma dupla de musculosos jovens brancos, também nus (usavam disfarces sobre os olhos e as cabeças), exibindo alentados e intumescidos órgãos

sexuais, nas mais bizarras e extravagantes poses eróticas. Em todas as fotos, avultavam as faces inexpressivas de dona Maria da Conceição Péricles — era perceptível que estava drogada —, retratada de frente para a câmera, para que não houvesse dúvida de quem era aquela mulher negra.

— Não havia mais nada além das fotos? Nenhuma carta ou mensagem, presidente? — indagou Lázaro, enquanto reintroduzia as fotos no interior do envelope.

— Não, Lázaro. Quem fez isso tem consciência que eu saberia identificar o objeto da chantagem — respondeu Antônio Péricles, rosto coberto pelas mãos espalmadas.

— Como esse envelope chegou às suas mãos, presidente?

— Pelo correio mesmo, postagem simples. Fico pasmo em imaginar do que essas pessoas são capazes na briga pelo poder... Que ousadia! Pelo correio! — desabafou o presidente.

— O senhor já participou a mais alguém sobre a existência dessas fotos?

— Não, Lázaro, ou melhor, o Sepúlveda Lobão deve estar para chegar, também o convoquei para vir até aqui, mas ele ainda não sabe do que se trata.

Lázaro depositou o envelope com as fotos sobre uma mesa de centro. Neste instante, o garçom do Palácio da Alvorada adentrou a sala de despachos empurrando um carrinho, trazendo chá, café, sucos, torradas e biscoitos. Serviu uma chávena de chá de camomila para o presidente, a pedido deste, e um cafezinho para Lázaro. O garçom indagou do presidente se ele desejava mais alguma coisa. Antônio Péricles agradeceu e o dispensou.

— O objeto claro da chantagem, Lázaro, é a reforma ministerial, não tenho dúvida. Ninguém, em sã consciência, chantageia o presidente da República por dinheiro: mata-se uma barata com um chinelo, não com um tiro de canhão. O que eu tenho para eles, de mais valioso, é o poder, sem dúvida.

— Se há alguma coisa que eu possa dizer neste momento difícil, presidente, para confortá-lo, é que já passei por essa dificuldade: é horrível, ultrajante, nos invade um irreprimível sentimento de revolta. Devo dizer, no entanto, que o que mais desnorteia e horroriza um chantagista é saber que o chantageado

não se atemoriza perante a chantagem, pelo contrário, arrosta-a. O que está em jogo, no seu caso, não é a honorabilidade da sua família: sua vida privada e familiar já foram suficientemente dissecadas, pelas mídias nacional e internacional, para que as pessoas duvidem dela, ou achem crível que qualquer julgamento contrário não constitua uma leviandade. O que seus adversários pretendem, com esse ato ignominioso, é a sua submissão ao jogo de interesses pessoais deles, porque essa gente não consegue ver o mundo, e a coletividade que o habita, como valores que estão acima dos seus mesquinhos interesses individuais. Desconsidere essa ameaça tosca, baixa e vil. Anuncie a reforma ministerial já, como resposta a esses infames! — opinou Lázaro.

Antônio Péricles ainda refletia sobre as palavras ditas por Lázaro, quando ergueu-se da poltrona, mãos trêmulas, e, inadvertidamente, derrubou a chávena de chá sobre o envelope que continha as fotos, ao tentar depositar a xícara na mesa de centro. Solícito, Lázaro rapidamente ergueu o envelope molhado de chá, limpou-o com um guardanapo de pano, e retirou as fotos de seu interior (guardando-as dentro da pasta da agenda presidencial). Após limpar o envelope, Lázaro dobrou-o e o colocou debaixo da pasta da agenda presidencial.

— Estou muito nervoso e deprimido. Nenhum ser humano está preparado para suportar, com equilíbrio, uma afronta dessa natureza — desculpou-se o presidente.

— Dê a eles resposta rápida e certa: anuncie a reforma ministerial! — insistiu Lázaro.

A chegada de Sepúlveda Lobão fora anunciada pelo mordomo do Palácio da Alvorada. O secretário do presidente reagira com indignação quando o presidente mostrou-lhe as fotos:

— Absurdo! Que ousadia! Eu já desconfiava que isso podia acontecer, desde a ocorrência daqueles seqüestros, ainda sem solução! — exclamou Sepúlveda Lobão.

O presidente Antônio Péricles, recuperando o equilíbrio emocional, solicitou aos dois auxiliares:

— Não quero que nenhuma providência investigativa seja tomada a respeito, tampouco que o conhecimento desta chantagem saia desta sala. Não vou comentar o assunto nem com a minha mulher, para poupá-la. Conto com a lealdade e a discri-

ção de vocês dois, auxiliares em quem confio, para manter esse assunto no mais absoluto sigilo!

Lázaro das Dores e Sepúlveda Lobão haviam resolvido seguir, juntos, para o Palácio do Planalto, no mesmo turbocarro oficial, quando saíram do Palácio da Alvorada. No interior do veículo, durante o trajeto, evitaram tocar no assunto, em face da presença do motorista. Quando chegaram ao destino, Sepúlveda Lobão convidou Lázaro para um cafezinho na sua sala, antes de começarem o expediente: ainda não eram nove horas da manhã. Após terem sido servidos pelo garçom, ficaram a sós, e Sepúlveda Lobão puxou a conversa:

– Temos de nos precaver, Lázaro: se eles são capazes de cometer um gesto de desespero como esse, para mim fica claro não haver limite para o próximo ato!

– Se o presidente baixar a cabeça e se intimidar, as consequências serão piores, Sepúlveda. A melhor defesa contra covardes é o ataque: acho que todo esse ministério, sem exceção, deve ser demitido já, e substituído por gente honesta, competente, confiável e decente!

– Tenho minhas dúvidas, Lázaro, se essa seria a melhor decisão a ser tomada. O presidente Antônio Péricles, e nós poderíamos ajudá-lo nessa tarefa, deveria refletir mais sobre as possíveis consequências e efeitos negativos que uma medida política, tão radical como essa, poderia trazer para seu governo.

– Não entendo assim, Sepúlveda. Os autores dessa ignomínia têm de ser desestimulados a cometer atos semelhantes, doravante. É demissão já! Que revista, canal de TV, a mais conservadora e inescrupulosa mídia marrom, cometeria a burrice de divulgar aquelas fotos? Alguma vez você soube, ou tomou conhecimento, na história da República deste país, de alguma reportagem, ou mesmo da existência de um livro apócrifo, clandestino, que tratasse da vida sexual de um presidente da República, ou da sua família?

– Lázaro: vivemos em tempos medíocres, época de surgimento das mais graves e perniciosas seqüelas da globalização: governantes e políticos transformaram-se em negociantes ines-

crupulosos, sem ética, frios, apologistas de índices econômicos e de dados estatísticos, em detrimento do sacrifício dos cidadãos de seus próprios países! É gente insensível, de baixa extração, capaz até de enviar chantagem pelo correio!

— E onde você quer chegar com esse raciocínio, Sepúlveda? Que é chegada a hora, enfim, de desistir de lutar pela recuperação da dignidade no exercício da vida pública, de nos rendermos a essas irresistíveis e invencíveis forças reacionárias, de nos locupletar, de entrar na dança? — expectorou Lázaro, dando um soco no braço da poltrona.

Após desculpar-se com Sepúlveda Lobão, pela elevação do tom de voz em sua última observação, Lázaro despediu-se do colega de trabalho, e dirigiu-se para o seu gabinete, no Palácio do Planalto. Sentindo-se nervoso, tenso, engoliu meio comprimido de um ansiolítico, com um copo de água gelada, e ficou postado, em pé, frente à parede envidraçada de sua sala, admirando o sol da manhã que branquejava as edificações da Catedral, da Câmara dos Deputados e do Senado. Turbocarros e turbocoletivos de passageiros rolavam, em expressivo número, pelas pistas do principal eixo rodoviário da capital federal; turbocópteros de passageiros e oficiais cruzavam o céu azul-ferrete de Brasília, desprovido de nuvens, prenúncio de dia seco e de muito calor.

Inopinadamente, Lázaro deixou cair o copo de vidro no piso da sala, onde espatifou-se com estrépito: tomara-se de grande susto quando lhe ocorreu a lembrança da observação final de Sepúlveda Lobão, na conversa que tivera há quinze minutos: “... É gente insensível, de baixa extração, capaz até de enviar chantagem pelo correio!” Lázaro voltou-se para o interior da sala e sentou-se na cadeira da secretária. “Diabos! Como Sepúlveda sabia que as fotos haviam sido enviadas pelo correio? Antônio Péricles não tocara no assunto, nem eu, e o envelope, com os registros do correio, ficou todo tempo escondido debaixo da pasta da agenda presidencial...”, ruminou para si, sobresaltado com a descoberta.

A GAZETA CARIOCA

RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2046 - ANO XXXI - Nº 10.251

REFORMA MINISTERIAL

Base partidária está sendo ouvida

O presidente Antônio Péricles promoverá uma ampla reforma em seu ministério, cujos novos ministros terão novos nomes e as denominações das respectivas pastas anunciadas no próximo feriado de Tiradentes, dia 21 de abril de 2046, de acordo com informação do porta-voz da Presidência da República, jornalista Lázaro das Neves. Os atuais 35 ministérios serão reduzidos para apenas 20 pastas. Serão atingidos pela reforma os ministérios ligados às atividades de doutrinação e fomento de cultos religiosos, os do Futebol e do Carnaval, além do retorno do Ministério da Defesa, extinto em 2029, medida que importará na extinção dos atuais ministérios do Exército, da Aeronáutica, da Marinha, da Segurança Interna, além da Central Brasileira de Inteligência (CBI), esta também em nível de ministério. Prevê-se também o retorno das pastas da Reforma Agrária e da preservação da Natureza e do Meio Am-

biente. As novidades da reforma ministerial estariam na criação das pastas de Alfabetização e do Ensino Fundamental, de Obras Contra a Seca, e a de Nutrição e Alimentação, às quais o presidente Antônio Péricles pretende conferir a maior autonomia de gestão possível, com vistas a propiciar a conclusão, com êxito, dos principais projetos do seu plano de governo, conhecido com "Plano de 10 Pontos". O porta-voz da Presidência da República também anunciou o desmembramento do atual ministério da Indústria e do Comércio, em três novos ministérios: do

Fomento à Indústria Nacional, do Comércio e do Turismo, pastas em que ele pretende concentrar esforços para geração de 5 milhões de novos empregos, somente no ano de 2046. Estes três novos ministérios, em conjunto com os ministérios da Economia e do Trabalho — que serão mantidos —, integrarão o Conselho de Geração de Emprego, Renda e Ocupação (Conger). Esta base ministerial terá como meta a redução gradativa da taxa de desemprego dos atuais 50% para 10% da PEA, no quinquênio 2046/2050, de acordo com o porta-voz da Presidência da República.

Despoluição da baía de Guanabara e do rio Tietê

Rio de Janeiro (AN) — Os programas de despoluição da baía de Guanabara e do rio Tietê serão lançados no próximo dia 21 de abril de 2046, feriado de Tiradentes, em solenidades presididas pelo presidente da República, na ponte Rio-Niterói, no Rio, e na marginal do Tietê, em São Paulo. De acordo com declaração do presidente Antônio Péricles, estes são os dois últimos programas do "Plano de 10 Pontos" que ainda não haviam sido implementados no seu governo. O mais alto mandatário da República, em ambas as solenidades, fará uma homenagem ao atual ministério, na qual reconhece e agradece a efetiva participação dos ministros, todos desmissionários, em face da ampla reforma ministerial noticiada nesta edição.

NESTA EDIÇÃO

- 1 Congresso volta a trabalhar três vezes por semana (às 3^{as}, 4^{as} e 5^{as} feiras).**
- 2 Poder Judiciário aprova novo aumento de salário para os Juizes Federais.**
- 3 Previdência Social diz que não suporta salário mínimo de US\$ 200.**
- 4 Turbocarros nacionais têm o quinto reajuste de preços em 12 meses.**
- 5 Bancos não vão mais restituir valores de saques fraudulentos se correntista não pagar seguro, agora obrigatório.**

Rio de Janeiro, 21 de abril de 2046, sábado. Base Aérea do Galeão. Dez horas da manhã. O turbojato *Samba I*, da Presidência da República, pousara no horário previsto, procedente de Brasília. A bordo, enquanto a aeronave presidencial taxiava na pista do Aeroporto Internacional Tom Jobim, o presidente Antônio Péricles, na companhia do porta-voz Lázaro das Dores e do secretário Sepúlveda Lobão, tomava conhecimento da agenda das solenidades de lançamento dos programas de despoluição da baía de Guanabara e do rio Tietê.

— Após a solenidade aqui no Rio, prevista para daqui a uma hora, no vão central da ponte Rio-Niterói, retornaremos para a base aérea do Galeão e embarcaremos para São Paulo, às 13 horas. O almoço será a bordo do *Samba I*, presidente — disse o secretário Sepúlveda Lobão, estendendo ao presidente da República a *schedule* da programação dos eventos.

— Só não entendi a necessidade da realização dessa solenidade no vão central da ponte Rio-Niterói: isso deverá acarretar, com a interdição da ponte, um enorme transtorno para os usuários — lamentou-se Antônio Péricles.

— De acordo com o ministro Krammer, presidente, o vão central da ponte é local equidistante dos municípios do Rio e de Niterói. Com vistas a não acirrar disputas políticas, e não incentivar a exploração eleitoreira da cerimônia entre os prefeitos do Rio (Pecolab) e de Niterói (PUCB), inimigos figadais, resolveu-se por essa solução salomônica — justificou Sepúlveda Lobão.

— Considero-me um sujeito de sorte: se o acidente geográfico que divide os dois municípios fosse a cratera de um vulcão, não tenho dúvida que o ministro Krammer me obrigaria a ir até o fundo dela, para cumprir o cerimonial! — ironizou Antônio Péricles.

— E se ele pudesse, presidente, lá o deixaria — gracejou Lázaro das Dores, provocando risos.

Ao pé da escada da aeronave presidencial — estacionada na base aérea —, aguardavam o presidente da República: o governador do Estado do Rio de Janeiro, Capistrano Moreira (PNV), o prefeito do Rio de Janeiro, Stalin Guevara (Pecolab), o prefeito de Niterói, Tales de Freitas (PUCB), os ministros

Érico Krammer, Jackson Wanderklink, Teodósio Verdesmares, Túlio Vilela, e o titular da pasta do Ambiente Inteiro, almirante Lírío Maranhão.

Uma elegante e comprida turbolimusine negra, de 14 lugares, exibindo duas bandeirinhas nacionais sobre os pára-lamas dianteiros, estava estacionada perto da escada da aeronave. O presidente da República, sucedido pelos seus dois auxiliares imediatos, desceu as escadas e cumprimentou, uma a uma, todas as autoridades civis e militares que o aguardavam, perfiladas, lado a lado, sobre extenso tapete vermelho estendido na pista. Em seguida, seguranças abriram, par em par, as seis portas da turbolimusine, para que a comitiva tomasse os assentos no interior do veículo. Dezenas de batedores, encarapitados sobre possantes turbomotocicletas, acionaram as sirenes e arrancaram à frente, aos lados e atrás do veículo presidencial, que disparou, em grande velocidade, pela Linha Vermelha, em direção ao vão central da ponte Rio-Niterói. O presidente Antônio Péricles sentou-se no último assento traseiro do veículo, ladeado pelo governador do Estado, pelo prefeito do Rio de Janeiro e pelo prefeito de Niterói; os ministros de Estado, à exceção do da Segurança Interna, sentaram-se nos bancos laterais e no assento em frente ao presidente da República; nos assentos dianteiros, de costas para o presidente, acomodaram-se o ministro Érico Krammer, Lázaro das Dores e Sepúlveda Lobão, nesta ordem.

– Ministro Krammer! – gritou o presidente Antônio Péricles, do fundo do veículo em movimento. – Só porque hoje é o seu último dia de trabalho, o senhor resolveu fazer má-criação e sentar aí na frente, longe e de costas para o presidente?

O general Krammer, segurando um *walkie-talkie* à mão, virou-se para trás e respondeu, sorrindo:

– Sentei-me aqui porque não quero incomodá-lo, senhor presidente, com as barulhentas transmissões deste abominável equipamento de comunicação. Vossa Excelência, como todos os civis, aborrecer-se-ia com a oitiva dos sucessivos e enfadonhos “câmbio”, “positivo”, “okapa”, “no aguardo”, “negativo”, “viatura” e outras tantas expressões, tão ao gosto dos meus companheiros de farda – respondeu o militar, provocando risos no interior do veículo.

Lázaro das Dores, sentado entre Sepúlveda Lobão e o general Krammer, entreteinha-se com a vista da baía, quando teve sua atenção despertada para as mãos excessivamente trêmulas do secretário da Presidência da República, que gastara cinco fósforos, e não conseguira acender o cigarro preso nos lábios.

– Você está se sentindo bem, Sepúlveda? – indagou Lázaro, intrigado.

Sem virar-se para Lázaro, Sepúlveda Lobão balançou a cabeça, afirmativamente, ao tempo que conseguira, enfim, acender o cigarro.

No fundo do veículo presidencial, o presidente Antônio Péricles provocava gargalhadas entre os que o cercavam, ao contar as estripulias do prefeito Stalin Guevara, quando ainda militante do Pecolab, nos famosos episódios do bondinho do Pão de Açúcar e da homenagem ao padroeiro da cidade do Rio de Janeiro.

Nesse ínterim, Lázaro ouviu o general Krammer boquejar no *walkie-talkie*:

– Fala Águia 1: Viatura PR no início da ponte. Deflagrar MTC e MTU, nos dois sentidos. Operação Palmares em 12 minutos. Câmbio!

Lázaro das Dores voltou-se para Sepúlveda Lobão e o percebeu ainda mais intranquilo – mãos tremelicantes apoiadas sobre os joelhos, expressão pálida, olhar fugidio –, embora tentasse disfarçar o nervosismo soltando, pela boca, rosquinhas de fumaça do cigarro.

– Está acontecendo algo de errado, Sepúlveda? – insistiu Lázaro, enquanto o veículo, em grande velocidade, aproximava-se do vão central da ponte.

Sepúlveda Lobão não respondera à indagação de Lázaro: mantivera o olhar para fora do veículo, indiferente ao que se passava em seu interior.

Após alguns instantes, o general Krammer deu novas instruções pelo *walkie-talkie*:

– Fala Águia 1: Banda militar iniciar função. Posição do MTC e MTU. Câmbio!

– “Fala Águia 2: MTC e MTU em posição. Bloqueio nos dois sentidos. Guarnições RJ em alerta. Operação Palmares em

execução, sem retorno, em todo o BR. Câmbio!” – respondeu o *walkie-talkie*.

Intrigado com os estranhos comportamentos do general Krammer e do secretário do presidente, Lázaro voltou-se para trás, buscando o olhar de Antônio Péricles, intentando chamá-lo a atenção para o fato de que alguma coisa errada estava acontecendo. Antônio Péricles não percebera o gesto de Lázaro, tampouco sua expressão de preocupação: o prefeito Stalin Guevara o divertia com um episódio inédito e jocoso sobre o presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, o vereador *somando dá nove*.

Os acordes da banda militar, postada no topo do vão central da ponte, já eram ouvidos no interior do veículo presidencial, quando o *walkie-talkie* do general Krammer transmitiu:

– “Fala Águia 2: Operação Palmares: fase final! Viva o Brasil!”

Ato contínuo, o general Krammer abriu um compartimento ao lado do assento, retirou uma pistola automática do seu interior, voltou o corpo para trás, apoiou o cano da arma sobre o encosto do banco, e disparou quatro tiros certos: os dois primeiros atingiram a cabeça do presidente Antônio Péricles; os outros dois a cabeça do prefeito Stalin Guevara. Grande quantidade de sangue, misturada com pedaços das massas encefálicas das vítimas, espirraram e grudaram no teto do veículo, respingando nos trajes do governador do Estado do Rio de Janeiro e do prefeito de Niterói. Os ouvidos de Lázaro zumbiam, o interior do veículo recendia a forte odor de pólvora, quando a turbolimusine estacionou no topo do vão central da ponte.

– Tirem esse filho-da-puta do carro e joguem-no na baía! – vociferou o general Krammer, arma apontada para Lázaro. Bugalhos arregalados de pavor, Lázaro olhou para Sepúlveda Lobão, em busca de uma explicação para o que estava acontecendo.

– Você é a vaca da piada, eu sou o escorpião. É da minha índole picar, lembra-se? Adeus, Lázaro, não me leve a mal... – murmurou Sepúlveda Lobão, sem encará-lo, dando uma forte tragada no cigarro.

As portas da turbolimusine se abriram, e dois brutamontes seguraram Lázaro pelos braços, arrancando-o do veículo, com

violência. Do lado de fora do veículo, a banda militar tocava o Hino Nacional, e todos os militares, usando máscaras contra gases, batiam continência, perfilados, em posição de sentido.

Lázaro teve o corpo levantado por quatro seguranças, rostos escondidos por máscaras contra gases, que o ergueram para o alto, sustentando-o pelas costas – átimo de tempo em que o jornalista, de barriga para cima, viu um bando de gaivotas paradas no ar, fustigadas por fortes ventos contrários –, e o levaram até a mureta da ponte, onde, às gargalhadas, arremessaram o corpo na baía. Lázaro sentiu o corpo ser projetado no espaço, de grande altura, e viu, horrorizado, o mar pardacento aproximar-se com incrível velocidade. Ao furar a crosta pastosa que cobria a superfície, sentiu o corpo mergulhar, profundamente, no mar escuro, embora não chegasse a tocar o fundo da baía. Como se estivesse próximo ao fim de um pesadelo, constatara que, milagrosamente, ainda estava vivo, enquanto o corpo retornava, lentamente, em direção à superfície. Agoniado com o ar que lhe faltava, Lázaro iniciou um desesperado bater de pernas para subir com mais velocidade. Nesse instante, enquanto já vislumbrava a claridade da superfície que se aproximava, ouviu um distante e lancinante grito de dor.

– Aiiiiiiiiiiiiiiiiiii! – gritou a mulher, despertando, sobressaltada, protegendo com as mãos, instintivamente, a barriga que abrigava o filho, no último mês de gravidez.

– O que foi, das Dores? Meu Deus, calma! Você teve um pesadelo, mulher! Agora acabou, tenha calma, relaxa! – confortou-a o marido, deitado ao seu lado.

– Esse sem-vergonha me deu o mais violento chute da temporada! Nossa! Aliás, um não, vários! Parecia que batia as pernas lá dentro, nadando! – reclamou a mulher, estremunhando, enquanto o marido sorria e enxugava-lhe a testa, molhada de suor.

– Que horas são? – perguntou a mulher.

– Seis e quarenta da manhã. Já está na hora de me levantar: tenho de sair cedo para procurar emprego – respondeu o homem, erguendo-se da cama.

– Vá fazer a barba e tomar o seu banho, enquanto eu passo

um café, para você não fazer despesa na rua — disse a mulher, sentando-se na cama, com esforço, segurando a barriga proeminente.

No banheiro do apartamento modesto, no 8º andar do edifício Rajá, na praia de Botafogo, Rio de Janeiro, o homem olhava-se no espelho e não gostara da imagem refletida. Espumou a cara com um pincel, rapou a barba com um aparelho de barbear — cuja lâmina estava cega de tanto uso —, cortou o rosto aqui e ali, e grunhiu umas rabugens de desânimo.

— Uma ducha fria e uma xícara de café preto me tiram desse torpor... — ruminou para si, enquanto ligava o rádio de pilha para ouvir o noticiário da manhã, fechando a cortina, de plástico, do box do chuveiro:

... você está sintonizando o grande matutino da CNB, a rádio que só transmite notícia, as 24 horas do dia, e que anuncia, agora, os destaques das principais notícias da edição desta manhã de sexta-feira, 21 de abril de 2000, feriado de Tiradentes: o presidente da República, na companhia do presidente de Portugal, comemorará, amanhã, em Porto Seguro, no litoral da Bahia, os 500 anos do Descobrimento do Brasil. A solenidade marcará o encerramento das festividades sobre a efeméride, cujos eventos comemorativos ocorreram em todo o primeiro quadrimestre deste ano. Os 4 mil índios das diversas tribos que estão participando da Conferência das Nações e Organizações Indígenas, em Coroa Vermelha, município de Porto Seguro, rejeitaram o convite para uma reunião com o presidente da República, no dia do descobrimento. A proposta da audiência com o presidente foi recusada, com vaias, pelo plenário da Conferência Indígena. A nau capitânia, réplica da embarcação de Pedro Álvares Cabral, não ficou pronta para a solenidade, e custou R\$ 3,5 milhões. “O Clube Naval, no ano de 2000, não conseguiu construir direito e a tempo uma caravela do século XVI, tarefa que Portugal, um país pobre, com 1,5 milhão de habitantes, fazia rotineiramente em 1500”, escreveu o articulista de um grande jornal carioca. Maiores detalhes desta notícia, no final desta edição... Os líderes do PFL e do PT, apoiados pelo presidente do Congresso Nacional, insistem na aprovação de um salário mínimo nacional

de US\$ 100, a partir de 1º de maio de 2000. A liderança do PSDB no Congresso concentrará esforços para que o valor de R\$ 151,00, aprovado pelo presidente da República, por meio de medida provisória, não seja modificado. O ministro da Previdência Social afirmou que um salário mínimo de US\$ 100, se aprovado, quebraria a maioria dos municípios do país, além de estourar o orçamento, já deficitário, da Previdência Social... A Unicef divulgou relatório que aponta o Brasil como um dos países que possuem uma das mais altas taxas de mortalidade infantil do mundo, a despeito de ter apresentado sensíveis melhoras na erradicação de doenças como a poliomielite... O técnico da seleção brasileira de futebol reafirmou que o empate do Brasil com a Colômbia, sem gols, na estréia das eliminatórias para a Copa do Mundo de 2002, foi um excepcional resultado para o futebol brasileiro. Acrescentou que a seleção de futebol do Equador, próximo jogo do Brasil nas eliminatórias, será um adversário muito difícil, apesar de o jogo ser em São Paulo...

—Lázaro! Sai debaixo desse chuveiro: o café já está na mesa! Olha a hora! — gritou a mulher, batendo na porta do banheiro.

O homem deixava a água do chuveiro cair sobre a cabeça, único momento do dia em que não a sentia fervilhando de preocupações. Estava desempregado, há 14 meses, do jornal em que trabalhara, como gráfico, por 15 anos consecutivos. “Consequência da globalização...”, justificara o supervisor, que nada pudera fazer para impedir sua demissão. Desde então, vendia bugigangas no camelódromo da estação Uruguaiana do metrô. A mulher, grávida, dali a uma semana lhe daria o primeiro filho, cujo nome já haviam escolhido de comum acordo: Lázaro das Dores.

A milhares de quilômetros dali, naquele exato instante, no interior da Paraíba, um agricultor sem-terra, negro e miserável, ao lado da mulher grávida, contemplava, desolado, a terra estorricada na qual plantara, clandestinamente, uma incipiente e perdida lavoura de subsistência para a família. Se o próximo filho nascesse mulher, decidira, daria o nome de Esperança; se fosse homem, Antônio Péricles, homenagem ao primeiro filho homem, que não vingara.

O menino Artemidoro de Daldis – no mundo há cinco anos – brincava, naquele momento, de soltar pipa, numa rua de Marechal Hermes, subúrbio do Rio de Janeiro.

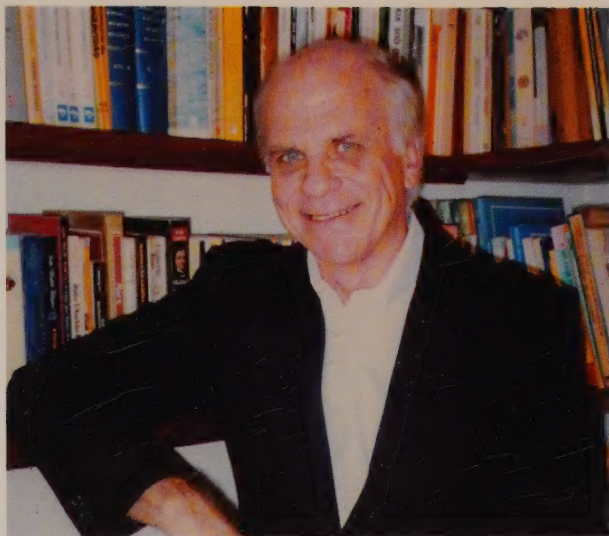
Os três herdariam o Brasil e a esperança de construir um futuro melhor para o país; se por ele lutassem, é claro.

Rio de Janeiro e Iguabinha,

5 de janeiro de 1999 a 28 de abril de 2000.

Este livro foi composto pela MG Textos Editoriais Ltda.
Av. Venezuela, nº 131/813

e impresso na Editora JPA Ltda. Av. Brasil, 10.600 - Rio de Janeiro - RJ
em fevereiro de 2001 para a Editora Rocco Ltda.



Ruy Tapioca nasceu em Salvador (BA), em 1947, e reside no Rio de Janeiro desde 1958. Exerceu cargos de gerência em empresas estatais de grande porte e foi professor universitário.

Aposentado, dedica-se atualmente à literatura. *A república dos bugres*, seu romance de estréia, foi agraciado com quatro prêmios literários.

Quem nunca passou pelo menos alguns minutos pensando como será o amanhã? O que o futuro reserva para a cidade, o país, o mundo em que vivemos? Munido desta preocupação, e de muito humor e sagacidade, Ruy Tapioça, autor de *A república dos bugres*, faz neste seu segundo romance a ponte entre o tempo em que estamos e a sociedade em que poderemos nos transformar.

Admirável Brasil novo não é um livro premonitório, absolutamente, mas uma ficção alegórica no mais alto estilo; a visão de um homem atento ao presente e às possibilidades que dele podem ser extraídas.

• • • • •

Comentários sobre *A república dos bugres*

"Se é verdade que os romances históricos camuflam certa falta de imaginação, este certamente é uma exceção. Tapioça criou instigantes personagens e deixou-os bem à vontade, ao lado de notáveis e de anônimos da nossa História."

Nelson Vasconcelos, *O Globo*

"*A república dos bugres* surge em um momento oportuno para uma reflexão sobre a história do país e a nossa formação como povo. Além de ser uma realização literária de fôlego."

Antônio Torres

"Louvado pela nossa crítica literária como excelente, *A república dos bugres* começou a proclamar mestre um escritor iniciante."

O Correio

ISBN 85-325-1230-4



9 788532 512307